

Freud: racionalidade, sentido e referência

Tese apresentada ao Concurso de Professor
Livre-Docente na área de Epistemologia do
Departamento de Filosofia do Instituto de
Filosofia e Ciências Humanas da Universi-
dade Estadual de Campinas

"Il est tout à fait significatif qu'il ait émis l'idée qu'en attendant cet âge hypothétique la meilleure chose à faire pour un philosophe serait peut-être de bien comprendre et faire comprendre ce qui passe dans une science déterminée."

(Jacques Bouveresse, Wittgenstein: La Rime et la Raison, p.29)

"Die Wissenschaft ist eben die vollkommenste Befriedigung vom Lustprinzip, die unseren psychischen Arbeit möglich ist."

(Sigmund Freud, Ueber einen besonderen Typus der Objektwahl beim Manne. Studienausgabe, Band I, p. 187)

Para Tatiana e Lúgia

Ágradeço aos meus alunos, orientandos e a todos os funcionários do CLE, em especial ao Marcos, a Eliana e a Maristela. E, com muito carinho, a Marta Cristina Ikeda Gondo.

Nota:

O presente trabalho é absolutamente inédito, apesar de recorrer em alguns capítulos a versões de algumas das minhas publicações. O capítulo 1 utiliza certo material da minha tese de Doutorado, mas na sua quase totalidade foi reescrito. O capítulo 2 baseia-se em notas inéditas da minha tradução comentada de *Entwurf einer Psychologie*. O capítulo 3 é totalmente novo e baseia-se em diversos cursos dados na UNICAMP sobre as teses freudianas presentes na correspondência Freud-Fliess. O capítulo 4 é uma versão corrigida e adaptada de *A Origem da Moral em Psicanálise*, publicada em Cadernos de História da Filosofia e da Ciência, série 3, 1 (2): 129-168, jul.dez, 1991, que, por sua vez havia aparecido como capítulo oito da versão preliminar de *Alice e a Metapsicologia*. O capítulo 5 é na sua concepção totalmente inédito, embora dê um novo sentido a dois temas tratados em *Exercícios em Psicomitologia*, Trans/Form/Ação, v.14, pp. 1-44, 1991.

Prefácio

Freud: racionalidade, sentido e referência é, antes de mais nada, uma tentativa de mostrar, a partir de uma série de recortes no interior da teoria freudiana, que ela pode ser pensada como uma teoria sobre os atos irracionais do homem, possibilitados pelas características da sua linguagem. Ao mesmo tempo procuraremos demonstrar que dado que tal teoria exige tão-somente uma teoria do sentido - a racionalidade é no fundo um problema de coerência, de consistência -, Freud, ao pensar que as palavras se comportam como nomes próprios, procurou fundamentar seu trabalho em uma certa teoria da referência que funcionaria simultaneamente como universal. Em outros termos, ele não se deu conta de que a psicanálise, desde o início, tomou como universal a própria prática lingüística. Não haveria nenhuma necessidade de elucidar o sentido a partir de uma suposta referência que desempenharia este papel na teoria psicanalítica.

Nossa tese pode ser vista como uma reconstrução de uma parte da teoria freudiana que assume certos pressupostos. Ela toma de forma axiomática as condições mínimas ditadas por Davidson que deveriam ser obedecidas por qualquer empreendimento teórico que pretendesse explicar atos irracionais e que ele acredita estarem presentes na psicanálise. Tal concepção teórica teria que lidar com dois princípios: o princípio de Platão, segundo o qual não há atos acráticos, e o de Medéia, que estipula que os atos acráticos podem ser não intencionais. Por conseguinte, estaremos procurando insinuar ao mesmo tempo como a obra freudiana efetivamente obedece aos preceitos citados por Davidson e tenta dar conta dos dois princípios

mencionados: o de Platão (não há atos irracionais) e o de Medéia (a ação de forças cegas torna os atos não intencionais; logo, não haveria mais sentido em se falar em atos irracionais).

A outra parte do trabalho consiste em indicar como a obediência a tais preceitos prescinde completamente de uma teoria da referência, dado que a irracionalidade aparente é apreendida pela falta de sentido presente no ato acrático. Contudo, Freud, parece endossar a hipótese de que uma teoria do sentido precisaria de uma teoria da referência. Para construir a última, foi necessário procurar numa origem - que não parou de recuar - o referente fundamental que seria responsável pelos discursos sensatos do ser humano.

Não podemos negar que as poucas e esparsas observações feitas por Wittgenstein a respeito da psicanálise influenciaram nossa leitura dos textos freudianos. Como ele, acreditamos que o interesse da teoria psicanalítica está em questionar nossas formas habituais de ver as coisas, na medida em que ela ressalta e enfatiza constantemente a polissemia presente na linguagem.

Em *Alice e a Metapsicologia* apresentamos diversos argumentos a favor da tese de que Freud recorre a uma teoria da significação baseada em definições ostensivas. Em certo sentido, o presente trabalho pode ser entendido como um prolongamento daquele. Contudo, acreditamos que a questão da racionalidade pode e deve ser diferenciada da questão da significação.

A escolha de Wittgenstein e de Davidson não é casual. Da mesma maneira que eles, também não cremos na cientificidade da psicanálise, não obstante todos os esforços freudianos de considerá-la uma ciência natural. Assim, não se trata de um trabalho de cunho epistemológico. Por outro lado, é evidente que algum leitor de inspiração fregeana poderia observar que todo nosso projeto de desacreditar uma teoria da referência em Freud é tão-somente uma consequência de nossa crença na sua falta de cientificidade, ou melhor, na impossibilidade de qualquer empreendimento semelhante obedecer aos ditames de uma teoria científica. Ele não estaria errado. Mas é preciso acrescentar que, ao exhibir as incoerências geradas pela busca de uma referência aceitável no caso em estudo, também estaremos justificando a impossibilidade de se ter uma psicanálise científica. Fato que só pode ser estarrecedor para aqueles que acreditam que a ciência possa trazer algum esclarecimento para os problemas humanos relevantes; em especial, o da racionalidade.

Em todo o caso, sustentamos que a leitura aqui proposta não é fruto de uma violência feita ao texto freudiano. Mesmo que ela aparente ser no fundo nada mais do que uma tentativa de oferecer a Freud uma boa teoria da linguagem, o leitor atento não deixará de notar todos os esforços que foram dispendidos no afã de indicar que ela estava dentro do campo de possibilidade de desenvolvimento da obra freudiana desde o seu início.

Introdução

Davidson em *Paradoxes of Irrationality* define ato irracional como "o fracasso, dentro de uma mesma pessoa, em ser coerente ou consistente dentro de um certo padrão de crenças, atitudes, emoções, intenções e ações" (p. 290); ou simplesmente "pelo fato de que há uma causa mental que não é uma razão" (p. 298) Ele acredita que uma teoria sobre os atos irracionais deveria obedecer a três teses - que ele reconhece como estando presentes na obra freudiana: conceber a mente como dividida em certas instâncias (T_1); as instâncias apresentam uma certa independência entre si (T_2); as relações causais entre as partes são não lógicas (T_3).

T_1 supõe que a mente não opera como um todo unificado. Sua justificativa reside em afastar a crença, chamada de *Plato Principle* por Davidson, de que os atos acráticos não existem. Toda situação em que se poderia afirmar que um agente estaria indo contra o seu melhor juízo dever-se-ia à ignorância, desde que "ninguém agiria voluntariamente contra aquilo que ele reconhece como sendo o melhor..." (p. 294). O argumento remonta a uma observação de Aristóteles sobre Sócrates, presente em vários diálogos platônicos, retirada do livro VII,3 da *Ética Nicomachea*: "Para ele, com efeito, ninguém age ~~em contraste~~ com aquilo que julga que seja o melhor, os que agem desta maneira é por ignorância." (p. 635)

T_2 também tem a mesma função, dado que cada uma das instâncias pode ter diferentes considerações sobre aquilo que poderia ser reconhecido como sendo o seu melhor juízo. Ou seja, está presente em T_2 a tese de

→ "Ninguém, exercendo o juízo, age contrariamente ao que acredita ser o melhor partido; seria só por ignorância que se agiria dessa maneira"

que há diversos candidatos a serem tomados como sendo o melhor juízo; ou seja, há uma diversidade de intenções. No caso em estudo, uma pluralidade de desejos que podem ser considerados como prioritários. Assim, estamos diante de um primeiro paradoxo: cada instância é racional, mas o resultado pode ser um ato acrático. Em outros termos, a irracionalidade supõe um núcleo de racionalidade. Se todas as instâncias forem intencionais, também estará afastado o segundo obstáculo que se coloca no caminho de uma teoria sobre os atos irracionais, denominado por Davidson de *Medea Principle*. Este reza que os atos acráticos seriam não-intencionais. Aqui o agente seria vencido por algo que lhe é externo, que se imporia como uma força alheia à sua vontade. T₂ também evita o argumento aristotélico de que o agente cometeu um ato acrático porque se esqueceu de que havia uma melhor alternativa. Embora Davidson pareça considerá-lo apenas para combater uma pretensa teoria substantiva do inconsciente em Freud, T₂ faz a forte suposição de que haveria um conflito entre atos intencionais oriundos de instâncias diferentes.

T₃ merece um tratamento mais cuidadoso. Ela está ligada à concepção davidsoniana da anomalia do mental: este não pode ser subsumido a leis, ou seja, não há leis nem psicológicas, nem psicofisiológicas. Os eventos mentais seriam idênticos aos eventos físicos. Em qualquer um dos casos, são pensados como particulares, individualizados pela sua ocorrência no espaço e no tempo. Mas os eventos podem ser descritos ou de forma mentalista - e, neste caso, coloca-se a questão da racionalidade -, ou de forma fisicalista onde a questão não se põe, mas há leis. (Ver *Donald Davidson*, de Simon Evnine) Portanto, T₃ propõe que as partes da mente, descritas em uma linguagem fisicalista, seriam nomológicas. Contudo, se as descrevermos

seriam leis

não entendo a redação!

há ou não leis?

há ou não causas?

5
eventos físicos e eventos mentais
ou eventos mentais descritos como
eventos físicos?

em termos mentalistas, T_3 poderá ser vista como a suposição de que "no caso de irracionalidade, a relação causal permanece, enquanto a relação lógica está ausente ou está distorcida" (p. 298), isto é, quando ela é descrita em termos mentais, ela produz contra-sensos.

Por conseguinte, dado que se trata de usar as três teses como matrizes para reconstrução de certas partes da teoria freudiana - a discussão sobre os problemas técnicos da filosofia de Davidson está completamente fora dos objetivos do trabalho proposto -, vamos reformular T_3 como a tese de que o resultado do conflito entre as instâncias é a produção de uma "causa mental que não é uma razão para o que ela causa" (p. 298), ou seja, de atos aparentemente irracionais.

Adequadas aos nossos objetivos, as teses poderiam ser refeitas da seguinte maneira:

T_1 - há uma divisão do aparelho psíquico em vários sistemas;

T_2 - em cada sistema há uma forma particular de organizar o desejo;

T_3 - atos aparentemente irracionais resultam do conflito entre os desejos presentes nos diversos sistemas.

Para exemplificar o uso que faremos de tais teses, vamos recordar que Freud acreditava que as propriedades que governam as relações entre ações e enunciados públicos a respeito das mesmas são idênticas tanto nos estados normais quanto nos estados patológicos. (*Zur Psychotherapie der Hysterie*, p. 293) Elas só seriam rompidas no caso de lesões cerebrais. (*Traumdeutung*, p. 535) Por conseguinte, toda vez que um proferimento P_1 for um contra-senso, haverá um proferimento P_2 dotado de sen-

tido. No *Entwurf einer Psychologie*, Freud descreve o caso Emma. Esta paciente acreditava que não podia entrar em uma loja sozinha porque os balconistas iriam rir do seu vestido. Podemos descrever a crença de Emma, seguindo uma indicação do próprio texto, como a conclusão do seguinte silogismo prático:

P₁ - Emma pretende que não riam do seu vestido.

P₂ - Emma considera que pode impedir que riam do seu vestido desde que não entre em uma loja sozinha.

C - Emma não entra sozinha em uma loja.

À análise descobre que no lugar do proferimento "riam do seu vestido" deveria estar "o confeitheiro violentou-me" e no lugar de "entrar em uma loja sozinha", "entrar em um local onde se é violado". Ou seja, existiu uma alteração de sentido que torna a crença de Emma aparentemente irracional: o riso dos vendedores, apresentado como causa mental, não pode ser a razão para ela temer entrar em uma loja sozinha. A relação lógica entre os termos não se sustenta, ela é inconsistente, incoerente.

Entretanto, Freud acredita que só poderá resolver a relação de inconsistência, portanto, uma relação de sentido, se for capaz de encontrar a referência dos proferimentos iniciais. Quando eles são descobertos, o temor de Emma pode ser apresentado de uma forma que o torna racional:

P₁ - Emma não deseja ser violada.

P₂ - Emma acredita que pode impedir a violação desde que evite um local onde ela possa ser violada.

C - Emma não entra neste local.

Como Freud pretende construir uma teoria científica, ele vincula sua teoria sobre o contra-senso, ou seja, sobre atos irracionais, com uma teoria da referência. Portanto, poderíamos reconstruir sua metodologia como se ele tratasse a proposição "Emma teme entrar em uma loja sozinha" como uma função de dois argumentos: (a) teme (b), onde 'a' indica nomes de pessoas e 'b' objetos de temor. Quando a e b recebem como argumentos o par 'Emma' e 'entrar em uma loja sozinha', o valor da função é V apenas para este par e F para qualquer outro. Mas se b recebe como argumento "ser violado", o valor da função é V para qualquer par em que "ser violado" seja o segundo elemento. Toda estratégia freudiana estará voltada para encontrar a referência que permitiria desfazer o contra-senso.

O primeiro capítulo investiga a relação entre a descoberta de Anna O de que a fala curava sintomas histéricos e os ensinamentos ministrados pelos sintomas de Cécilie M. que indicavam que a fala formava sintomas histéricos. Para dar conta de ambas, Freud recorreu a uma teoria quantitativa herdada de Charcot. Assim, descrevemos o percurso inicial freudiano como a tentativa de encontrar um vínculo satisfatório entre fala e quantidade.

O segundo capítulo, uma análise detalhada de *Entwurf einer Psychologie*, procura mostrar que se Freud recorreu à concepção de que o sintoma é uma espécie de ato acrático, ele foi incapaz de construir uma psicologia quantitativa que conseguisse fundamentar suas descobertas clínicas, ou seja, que o sintoma resultava de um conflito intencional.

O terceiro capítulo indica como o fracasso de *Entwurf* levou a

uma reformulação do aparelho psíquico. Este passou a ser visto como uma série de instâncias que sofriam transcrições de tempos em tempos. Agora, a linguagem determinava o destino da quantidade, e as três teses propostas por Davidson eram completamente satisfeitas. Contudo, a questão sobre a origem do sintoma levou Freud a procurar uma referência que justificasse os deslocamentos de sentido que ele encontrava na clínica.

O quarto capítulo apresenta o percurso freudiano na direção de uma referência, ou seja, seu desejo de formular uma teoria da significação que desse às palavras a função de nomes próprios. Na teoria da sedução, presente no *Entwurf*, a referência estava na própria cena de sedução. Com seu abandono, e a introdução das noções de fantasia, sexualidade infantil e Complexo de Édipo, a procura por uma referência vai recuar até a pré-história, objeto de *Totem und Tabu*.

Como sugestão, no último e quinto capítulo, propomos que a universalidade da teoria freudiana sempre esteve nas práticas lingüísticas e na racionalidade que lhe é inerente. Em outros termos, a psicanálise sempre teve (à) sua disposição a noção de verdade enquanto consistência interna. Foi apenas o ponto de partida inicial de Freud - certas concepções retiradas da filosofia de J. Stuart Mill -, que o levaram a procurar uma referência externa e a adotar uma noção de verdade enquanto correspondência que, no seu caso, fundamenta-se em definições ostensivas. Mas se cremos que é suficiente uma teoria do sentido, poderemos recorrer à teoria de Austin sobre os atos de fala e indicar as condições totalmente *a priori* que ela colocaria para a própria escuta analítica. O que permitirá reunir novamente a prática clínica e a metapsicologia, que foram na história da psicanálise

progressivamente se distanciando até se separarem de forma quase absoluta, transformando-se em uma mera linguagem utilizada por todos, mas despida de sentido.

Na conclusão propomos, para uma pesquisa futura, que, talvez, a introdução das noções de *compulsão à repetição* e *pulsão de morte* na teoria freudiana tenha dado um basta a essa busca incansável pela origem. Não haveria mais como recuar. Contudo, - e é apenas uma suspeita - podemos nos interrogar se ainda seria possível se furtar às conseqüências do princípio de *Medéia*. Se ambas as noções forem não-intencionais e apontarem para fenômenos que agem de forma cega, então a teoria freudiana sobre os atos irracionais deixaria de crer que todo contra-senso é um proferimento aparentemente irracional. As conseqüências seriam duplas. No plano clínico, não haveria mais como desfazer o sintoma. No plano de uma antropologia filosófica, os atos acráticos teriam sempre um resto irremovível de irracionalidade.

capítulo 1

O primeiro momento de nossa reconstrução é mostrar como o caso Anna Ó, e especialmente o de Cécilie, revelaram a Freud que a fala, portanto, a linguagem, desempenhava um papel essencial na constituição e na dissolução dos sintomas histéricos. Por outro lado, teoricamente, o elemento chave e articulador repousava sobre o princípio da constância. O desafio a ser enfrentado era encontrar uma forma de relacionar a linguagem com este princípio econômico. As soluções oferecidas por Breuer foram descartadas por encerrarem o fenômeno histérico no domínio do fisiológico. A teoria dos estados hipnóides, se contribuía para pensar uma divisão da mente, acabava por ignorar qualquer dimensão do conflito.

Freud, ao contrário, vai pesquisar teoricamente os dois elementos. Tanto a linguagem como o princípio da constância vão merecer uma série de estudos. A noção de conflito vai ter dois desenvolvimentos: as representações contrastantes e a teoria da defesa, que irão culminar na teoria da sedução. É neste cenário que o *Entwurf* deveria fornecer a articulação que faltou a Breuer. Seu fracasso, desenvolvido no segundo capítulo, levará Freud a reconsiderar vários de seus pressupostos. Mas ele já estava na direção de construir uma teoria dos atos irracionais.

1. O cenário inicial

Freud formou-se dentro da tradição da anatomia patológica alemã

que, por sua vez, era de inspiração francesa e que, como Foucault sugeriu em *Naissance de la Clinique*, inaugurou uma nova forma de clínica médica. Ela visava estudar, através de técnicas anatômicas, as diversas patologias. Ora, a histeria parecia desafiar este enfoque, dado que não se encontravam no exame de cadáveres de pacientes histéricos quaisquer modificações anatômicas que justificassem os sintomas que eles exibiam.

O breve encontro de Freud com Charcot, não mais do que quatro meses, afeta os interesses do jovem médico vienense. Ele abandona suas pesquisas anatômicas e passa a dedicar-se ao estudo das neuroses dentro do programa de investigações traçado por Charcot. Este visava estabelecer os sinais somáticos (o estigma histérico) que determinassem em bases positivas um diagnóstico de histeria. O fenômeno histérico, apesar de suas múltiplas formas, seria regular e ordenado. Havia, desta maneira, um duplo deslocamento nas pesquisas freudianas: passavam do estudo das doenças orgânicas para as neuroses (em especial, a histeria e a neurastenia) e do uso de técnicas anatômicas para a hipnose. Logo, é dentro do quadro fornecido pela neuropatologia francesa que se deve entender o início da *démarche* freudiana.

Dentro deste enfoque, um caso para ser caracterizado como de histeria traumática, o tipo privilegiado por Freud na teoria de Charcot, deveria satisfazer às seguintes condições: a presença do estigma histérico - certos sintomas somáticos exibidos pelo paciente não são de origem orgânica -; de traumas - na origem de alguns dos sintomas pode-se apontar acontecimentos traumáticos -; e da predisposição histérica. São estas noções que fornecem os primeiros instrumentos para a construção de uma

nova teoria sobre o fenômeno histérico.

No verbete *Hysterie* defende-se a tese de que a histeria é uma doença nervosa cujo único fundamento reside em modificações fisiológicas: "... e caberia expressar sua essência através de um fórmula que levasse em conta as relações de excitabilidade das diferentes partes do sistema nervoso." (pp. 72-3) [Encontramos aqui a primeira indicação do que será, mais tarde, denominado de ponto de vista econômico. O essencial da tese reside no fato de que a expressão "modificações fisiológicas" não se refere a mudanças de caráter anatômico, mas a desequilíbrios neurodinâmicos nas relações de excitabilidade entre diferentes partes do sistema nervoso.] A crença na possibilidade de construir-se uma fórmula que apreendesse as modificações funcionais age como um dispositivo heurístico, dirigindo o enfoque da pesquisa para a busca de invariantes funcionais e não anatômicos. Portanto, em todo processo histérico deve existir um distúrbio que altera a dinâmica do funcionamento do sistema nervoso, mas atribuído à disposição hereditária. Qualquer outra interferência é apenas um fator precipitador, desde que possa provocar um aumento de excitação. Logo, o trauma, além de ser apenas um entre muitos fatores que poderiam alterar o equilíbrio dinâmico, age como um impacto, como um choque sobre o sistema nervoso. Todavia ele possui uma certa especificidade na teoria de Charcot: aponta para uma concepção sintomática da histeria e para a relação entre histeria e hipnose. No caso da histeria traumática, é constatável que a parte do corpo afetada pelo trauma torna-se o lugar de um sintoma histérico, se o trauma for suficientemente intenso para despertar a predisposição histérica, latente até aquele momento.

A concepção acima está vinculada à crença na existência de um distúrbio funcional: as representações ligadas ao trauma trabalhariam com um acréscimo de excitação sobre o sistema nervoso. Todavia supô-lo implica em crer que haja uma ampliação da influência dos processos mentais sobre processos fisiológicos. Para apreciá-la, é preciso determinar o estatuto de representações com acréscimo de excitação.

Na segunda resenha, feita por Freud, a propósito de um texto de Forel sobre a hipnose, encontra-se uma avaliação sobre as diversas teorias existentes: Mesmer, Charcot e Liébeault. A do primeiro autor não desperta interesse por ser alheia "... à forma contemporânea do pensamento científico". (p. 133) Entretanto, nas considerações tecidas a respeito das restantes, surge uma tese nova. A hipnose deveria ser pensada como um fenômeno simultaneamente somático e psíquico.

A teoria de Charcot considera que a hipnose resulta de uma disposição especial do sistema nervoso aliada a certos estímulos produzidos pelo hipnotizador. Eles só são eficientes devido à existência da disposição histérica; pensada, por conseguinte, como condição *sine qua non* para a produção da hipnose. Só os pacientes histéricos podem ser hipnotizados. Em suma, para Charcot, o fenômeno hipnótico fica restrito à esfera fisiológica, sendo, assim, de natureza somática. A relação trauma-predisposição histérica resolve-se na crença de que apenas o segundo fator é fundamental, sendo o primeiro meramente precipitador.

Berneheim, discípulo de Liébeault, tem uma outra teoria: a hipnose resulta de sugestões dadas ao paciente pelo hipnotizador. Em princípio

qualquer pessoa pode ser hipnotizada, independente de ser ou não histérica. A explicação da hipnose desloca-se, portanto, do campo da fisiologia para o da psicologia uma vez que "todos os fenômenos da hipnose são efeitos psíquicos, efeitos de representações provocadas no sujeito hipnotizado com ou sem intenção" (p. 134) isto é, efeitos de sugestões.

Freud parece oscilar entre as duas concepções e acaba por recusar ambas e insinuar uma terceira onde se acredita que a hipnose seja o resultado de uma auto-sugestão, portanto, de processos psíquicos que se inserem entre um estímulo externo e a condição nervosa produzida pela própria atividade do sujeito - que não precisa ser histérico; processos que não estão sob o domínio completo da consciência, e são fisiológicos.

Assim, a concepção freudiana da hipnose supõe que estamos diante de um fenômeno simultaneamente somático e psíquico. Somático na medida em que depende, de maneira relevante, de condições de excitabilidade no sistema nervoso; psíquico porque tais condições são fixadas dentro de certos limites pela sugestão, entendida como um elemento representativo irredutível; isto é, a representação não é equivalente a nenhum outro tipo de estímulo. [A noção de auto-sugestão parece ter um ar misto, fisiológico-psicológico, uma vez que suas condições de aplicação dependem tanto de fatores somáticos (a existência de uma disposição especial do sistema nervoso) como de fatores psicológicos (o aspecto representacional da sugestão).]

O impacto dessa concepção da hipnose sobre a teoria da histeria é imediato: Freud sugere que são as auto-sugestões que levam à produção

das paralisias histéricas e que se pode caracterizar a histeria como uma inclinação a auto-sugestões. [Logo, o primeiro passo freudiano parece ser o de criar um solo em que quantidade e linguagem, pensada como fala que descreve estados mentais, poderiam transitar sem grandes esbarrões. Em outras palavras, a articulação só poderá ser feita com um tipo de descrição que procure 'ignorar' possíveis diferenças ontológicas existentes entre eles.]

O germe dessas idéias pode ser encontrado no verbete *Hysterie* onde há uma exposição sobre as diferentes formas de tratamento utilizados nos casos de histeria, em especial, o do tratamento dos sintomas que ou são o produto de uma excitação especial ou o resíduo de uma histeria aguda já passada. É possível removê-los desde que se consiga extinguir a excitação especial através de hipnose. Há duas formas muito diferentes de usar procedimentos hipnóticos. Pode-se recorrer ao método de Breuer e investigar a origem da causa excitante ou sugerir ao paciente algo que elimine o sintoma. Ambos as formas só são inteligíveis quando "... se procura as causas da histeria na vida representativa não consciente". (p. 89) [O representacional começa a abandonar o domínio da consciência e, desta maneira, as descrições sobre o agente não poderão ser feitas em primeira pessoa, mas apenas em terceira pessoa.]

2. O cenário Breuer

O exame do método de Breuer exige que se analise alguns dos aspectos de sua teoria. Podemos estudá-los a partir do caso Anna O, onde

se defende a tese de que certos sintomas histéricos surgem de complexos representativos que se formam em um segundo estado de consciência, denominado estado hipnóide. A tese não abarca todos os sintomas porque se acredita que alguns deles não decorrem de processos psíquicos, mas do fundamento somático da histeria. Os complexos representativos teriam constituído-se a partir de produtos espontâneos da imaginação, de estados afetivos de medo resultantes de alucinação ou de acontecimentos que produzem um estado hipnóide a partir de uma inibição ativa por parte do sujeito. Neste caso, a histeria resultante seria uma histeria de retenção, postulada tanto por Breuer como por Freud, mas que não é a forma mais importante dessa doença para nenhum deles. Entretanto, a primeira origem coloca, de imediato, uma questão: a alucinação já supõe um segundo estado de consciência? Breuer considera que o estado de segunda consciência surgiu em Anna O devido ao fato dela entrar freqüentemente em estado de devaneio, motivado por uma vida monótona, que a impedia de dispor dos acréscimos de energia decorrentes da sua própria constituição. Tais estados criaram o fundamento para que a presença de certos estados afetivos, como o medo, transformassem a ausência temporária em alucinação. [Em outras palavras, a alucinação já é vivida em estado hipnóide. Assim, toda situação vivenciada em estado hipnóide, ou seja, fora da consciência do sujeito, teria como resultado a formação ou o reforço de certos sintomas.]

A tese é retomada em maiores detalhes no terceiro capítulo dos *Studien über Hysterie, Theoretisches*, escrito por Breuer. Ele começa por questionar-se se todos os sintomas seriam de natureza representativa. A resposta, como já vimos acima, é igualmente negativa: a his-

teria é um quadro clínico descoberto empiricamente que apresenta uma etiologia variável. O essencial para sua caracterização é a existência de uma excitabilidade anormal no sistema nervoso, permitindo que representações assim como estímulos não psicológicos produzam efeitos patológicos. A histeria é definida empiricamente porque não há uma base anatômica que a sustente. Por outro lado, ela apresenta uma determinação dupla: representativa-somática. A análise hipnótica só investiga os fenômenos de origem representativa; a base somática é atribuída à hereditariedade. [Tudo se passa como se a essência da histeria fosse distinta de algumas de suas manifestações, ou seja, dos sintomas produzidos a partir de representações. Para elucidar a forma de sua produção, é preciso entender o que se passa no sistema nervoso, isto é, como as representações alteram suas condições de excitabilidade.]

Breuer procura justificar o "axioma" da constância a partir da distinção entre estados de vigília e de sono, pólos opostos de um contínuo, determinado pela quantidade de energia mobilizada pelo organismo. No estado de vigília, ela é máxima; no de sono, ela está bem reduzida, sem ser nula. Se o organismo não a gastar de uma forma adequada, surgirá um sentimento de desprazer, que se expressará pela necessidade de removê-la; atestando a presença de uma "tendência no organismo para manter constante a excitação intra-cerebral". (p. 256) Os possíveis excessos de excitação ou irão romper o "isolamento" entre as diversas partes do sistema nervoso ou levarão a "curtos-circuitos". O excesso é entendido como excitação, como um aumento não uniforme da energia livre que leva a uma tendência a "descarregar a excitação de modo mais ou menos violento que quase é, ou é, patológico". (p. 257) Segundo Breuer, a base psico-física

dos estados afetivos é constituída exatamente pelas excitações. O exame das causas fisiológicas do aumento de excitações indica que elas são, no que se refere à sua origem, de dupla natureza. Elas decorrem ou das necessidades e impulsos maiores do organismo (oxigênio, água, alimentação) ou de excitações sexuais, vista como a "fonte mais poderosa de aumentos persistentes de excitação (e, como tal, de neuroses)". (p. 259)

O problema com os estados afetivos reside no aumento de excitação que lhes é inerente, e que não pode ser utilizado pela atividade psíquica, uma vez que restringem a associação entre representações e impedem que ocorra uma liberação energética através de atividade associativa. Quando isso ocorre, a quantidade de excitação continua a aumentar até provocar uma descarga patológica. As reações afetivas anormais só são histéricas quando resultam de recordações que revivem o estado afetivo original. A força de reação depende do grau de desgaste sofrido pela representação e da ab-reação do estado afetivo original. Breuer enfatiza que na gênese dos fenômenos histéricos há uma representação afetiva que não foi nem desgastada pelos processos normais, nem perdeu seu valor afetivo através do contato com outras representações. O resultado da reação anormal é a conversão da excitação psíquica ligada à representação em fenômeno somático. O que justifica o fato do sintoma histérico ter uma aparência somática quando, na realidade, sua raiz é psicológica. No entanto, a relação entre o estado afetivo e seu reflexo nem sempre é diretamente observável, ela é geralmente mediada por uma seqüência de representações, associadas entre si. Ela é determinada por um simbolismo "onde a união é feita através de jogos de palavras ou associações fônicas...". (p. 267) [Breuer procura, desta forma, encontrar uma articulação entre fala

e princípio da constância. Sua sugestão é culpar a divisão da consciência pela ausência de perda do valor afetivo da representação. O efeito seria uma espécie de truncamento na capacidade comunicativa da histérica, motivada pela perda do poder expressivo da fala, que seria recuperado via hipnose, propiciando uma forma de descarregar a tensão acumulada.]

Os sintomas histéricos de origem representativa poderiam ter uma origem triplíce: sintomas traumáticos - determinados por traumas psíquicos -, sintomas decorrentes da inibição do fluxo de associações com representações conscientes e sintomas de retenção - determinados pela impossibilidade do sujeito de diminuir a excitação através da fala, seja por razões sociais, seja por medo. No primeiro tipo de sintoma, não se trata de uma mera generalização da concepção de histeria traumática, derivada de Charcot. A noção de trauma sofreu uma modificação relevante. O fator físico não é determinante, mas o estado afetivo, ou mais propriamente, a representação afetiva despertada a partir da cena. A noção de trauma refere-se agora a um estado mental.

Os sintomas decorrentes de inibição correspondem ou ao mecanismo de defesa (Freud) ou à formação dos estados hipnóides. Aqui se dá a diferença essencial entre os dois investigadores. Para Breuer, o estado hipnóide é anterior ao trauma; para Freud, o trauma produz o estado hipnóide. [A tese de que o trauma produz a divisão da consciência encerra a crença de que haveria, como veremos mais adiante, um conflito psíquico na gênese do fenômeno histérico.]

Para que esses mecanismos sejam efetivos, é preciso considerar as

variáveis que interferem na produção de sintomas, ou seja, a predisposição neurótica (fator inato), o medo intenso, a irrupção da sexualidade na sua forma mais crua (os casos de sedução), e o fator determinante específico que varia de caso para caso. As variáveis funcionariam de forma aditiva indicando que o sintoma é sobredeterminado, fato que Breuer ilustra através de diversos casos. Por exemplo, uma jovem de 17 anos que tem o seu primeiro ataque histérico após um gato ter pulado no seu ombro no escuro. A análise revela que ela havia sofrido antes um ataque sexual que a excitara. Este era o trauma real que o ataque pelo gato tornou efetivo. Em outras palavras, Breuer acredita que foi a concorrência de vários fatores - a predisposição inata, o medo causado pelo ataque, a tentativa de sedução, o fato dela ter ficado excitada - que levaram a uma inibição no fluxo associativo com a consciência normal. A inibição resultou em um ataque histérico. [Cumprir assinalar como Freud vai na obra *Entwurf* seguir de perto a seqüência descrita por Breuer: é a excitação sexual produzida no ataque que torna um segundo acontecimento aparentemente efetivo.]

Mas há duas maneiras de inibir, ou seja, de excluir representações, de evitar que elas entrem em associação com representações conscientes. Pode ser através de defesa, pensada como uma "supressão deliberada de representações penosas" (p. 272), ou pela emergência de representações em estado hipnóide. Ele acredita que embora a primeira maneira seja de grande importância para a patologia não nos é muito familiar, pois "não podemos ... entender como uma representação possa ser deliberadamente reprimida da consciência". (p. 273) Portanto, Breuer pretende estudar só os estados hipnóides, uma vez que eles "parecem ser da mais alta impor-

tância para a doutrina sobre a histeria". (p. 274) [Breuer compreende a teoria freudiana do conflito como resultado de um conflito consciente, ou seja, o sintoma resultaria de uma vontade de esquecer a existência do próprio conflito. Esta teoria realmente está em Freud, ela só se altera a partir do caso Katharina.]

Os estados hipnóides são importantes porque tornam possível a conversão de excitação psíquica em somática, impedindo que as representações vinculadas sofram qualquer desgaste. Assim, o trabalho de desgaste de uma representação é produzido pelo contraste entre representações no estado de consciência normal. Por sua vez, as representações presentes no estado hipnóide têm como referente o acontecimento que suscitou o trauma psíquico, elas agem como um agente contemporâneo eficaz, como um "corpo estranho", porque está apartado da consciência normal, sem nunca ter tido quaisquer vínculos com essa. (p. 280) Não são conscientes, o que leva Breuer a postular que "existem representações que não são conscientes e que são eficazes" (p. 280). Elas não estão isoladas, mas organizadas em complexos. Para encontrá-los, é preciso investigar cada sintoma, recuando até o momento da sua formação. Uma vez que eles são entendidos como multideterminados, torna-se indispensável percorrer cada uma de suas séries na ordem inversa em que surgiram. A noção de multideterminação aponta para uma múltipla origem que desempenha um papel causal. Por exemplo, um sintoma de Anna O era não ouvir. Ele só foi removido quando se conseguiu encontrar suas sete origens. Cada uma delas tinha formado uma série que ia de 12 até 108 repetições. (pp. 234-5)

Tais considerações colocam de imediato uma questão: como represen-

haveria

tações tão intensas - é isto que as torna patológicas - podem ser não conscientes? Breuer, para responder, recorre a outro pressuposto: o que determina se uma representação será ou não consciente é o sentimento de desprazer que ela despertará a partir de sua quota de afeto. Representações muito intensas devem despertar desprazer de acordo com o princípio da constância. Por conseguinte, ~~haveriam~~ representações de grande intensidade que seriam "inadmissíveis à consciência"; logo, para Breuer a divisão da consciência surge como o fenômeno básico para a produção de sintomas histéricos de natureza representativa. A existência de estados hipnóides impede a comunicação de representações traumáticas com representações da consciência e dota-as de alta intensidade afetiva.

Desta maneira, Breuer acredita ter justificado a adoção do "axioma" da dissociação. Ele decorreria de acreditar-se na existência de representações que, embora ativas, não estão presentes na consciência e organizam-se em certos complexos. A postulação do axioma permite, inicialmente, mostrar como fenômenos - que na aparência eram exclusivamente somáticos -, podem remontar a representações não conscientes. Em segundo lugar, explica como os ataques histéricos são o resultado, em certa medida, de complexos representativos não conscientes. Por fim, dá conta de certas características psíquicas da histeria, como a fraqueza da mente e o alto grau de sugestionabilidade presente nos histéricos. Elas explicam-se pela ausência de contato entre representações não conscientes e conscientes que as leva a se apropriar da maior parte da excitação psíquica do sistema nervoso. Neste sentido, a fraqueza da mente observada por Janet é explicada pela pouca excitação psíquica que a consciência teria ^à sua disposição, tornando a pessoa incapaz de coordenar adequadamente seus pen-

samentos. O modelo baseado em vasos comunicantes também permite entender a sugestionabilidade dos histéricos. Eles não reduzem o valor afetivo das novas representações que entram na consciência através de um trabalho associativo eficaz, deixando, assim, que as representações influenciem-nos. Todavia, para explicar a transformação de uma representação em percepção real dos sentidos, freqüente na histeria, precisamos, além do "axioma" da divisão da consciência, da suposição de que haveria uma predisposição inata para um excesso de excitação no sistema nervoso. Segundo Breuer, a existência de um excesso permite uma certa ação da memória sobre a percepção. Ele considera que as funções menemônica e perceptual são realizadas em sistemas diferentes dado que "o espelho de um telescópio de reflexão não pode ser ao mesmo tempo uma chapa fotográfica". (p. 248) Metáfora que indica que a percepção supõe para seu funcionamento um sistema que tenha a propriedade de retornar ao estado inicial após a passagem de uma excitação. A memória, por outro lado, está baseada na crença de que ela seria afetada permanentemente após a ocorrência de cada excitação. Tais exigências, por serem antagônicas (não-alteração e alteração, respectivamente para percepção e memória), só podem ser satisfeitas se forem realizadas por sistemas diferentes. O modelo de Breuer explica a alucinação como uma retrogradação da excitação da memória para o aparelho perceptual, o que indica que ele está simultaneamente supondo a existência de uma via preferencial da percepção para a memória.

A alucinação é também pensada como condição indispensável para a cura do sintoma na situação terapêutica. A ab-reação só ocorre através da revivência alucinada da cena. Por exemplo, no caso *Anna O* encontramos a seguinte observação de Breuer: "eu já descrevi o fato espantoso

de que, do início ao fim da doença, todos os estímulos, que se originaram a partir do segundo estado e suas conseqüências, foram permanentemente removidos quando lhe era dada a palavra durante a hipnose... ; contudo, isto surpreendeu-me completamente, e só desenvolvi uma técnica terapêutica a partir daí, quando se sucederam uma série de sucessos espontâneos". (p. 243) [A concepção de Breuer guarda um certo parentesco com a teoria de Charcot ao conceder ao trauma um papel na gênese dos sintomas e ao aceitar que na histeria há uma excitabilidade anormal do sistema nervoso. Contudo, inverte a tese do sábio francês de que a hipnose é uma histeria artificial quando observa que a histeria é uma certa forma de hipnose. A noção de trauma também já não é a mesma: ele envolve uma certa natureza representativa, embora não consciente. Todavia, ao dar ao estado hipnóide o papel determinante na produção do fenômeno histérico, ela acaba por esvaziar a própria noção de representação. Pois, em Breuer, o que leva ao aumento de excitação é a pura vivência de estados afetivos em estado de consciência alterada. Assim, por exemplo, Anna O perde o poder da fala como resultado de um estado de medo durante uma alucinação. A segunda consciência, a hipnóide, é responsável tanto pelo aumento da excitação como pela ausência da sua liberação. Em outros termos, fora da concepção da histeria de retenção não há em Breuer uma dimensão propriamente intencional. Suas referências à sexualidade têm como objetivo expor a teoria de Freud. Como conseqüência, sua teoria é incapaz de justificar o papel evocativo da fala na cura, só lhe concedendo a possibilidade de liberador de estados emotivos represados porque vividos em estado hipnóide. Tampouco fundamenta o fato da repetição da situação traumática na cura poder ser apenas simbólica; portanto, realizada por meio da fala, na medida em que remove sintomas ao permitir que encon-

trem sua expressão e a intenção que os presidia. O caso da jovem de 17 anos nos leva a entender que a fala surge na histeria tanto ao nível da gênese de certos sintomas (foi justamente por que algo escapou ao circuito da fala que se formou o sintoma) como da terapia (o repetir só é possível devido à existência da fala da histérica). Entretanto, ao privilegiar o estado hipnóide, Breuer permanece preso a um esquema médico que não reconhece a dimensão intencional do sintoma, na medida em que as diversas menções que faz do termo 'inconsciente' são todas em um contexto somático e não mentalista. Em suma, sua concepção ainda é fisiológica. Nada mais estranho ao exame do caso Anna O do que a dimensão do conflito. Ele desconsidera a hipótese de Freud porque não entende como uma pessoa poderia de forma deliberada esquecer algo. Mas é precisamente aí que Freud inaugura uma nova via: ele já reconhece uma dimensão na qual existem oposições entre representações. Oposições que se forem da mesma natureza que as presentes entre os normais permitirão explicar o duplo papel que a fala desempenha na histeria. É preciso abrir espaço para a suposição de uma continuidade entre normal e patológico - que torne o sintoma histérico um aparente ato irracional -, assim como acreditar que as representações sejam duplamente organizadas, pelo sentido e pela força, e, desta forma, homólogas às relações lingüísticas. Eis um rol mínimo de exigências que devem ser satisfeitas para se poder justificar as descobertas inauguradas por Anna O. e Cécilie M. Por outro lado, a influência exercida por Breuer sobre Freud é digna de nota: basta lembrar as considerações sobre o aparelho psíquico, a noção de que a terapia envolve uma espécie de repetição da situação de produção do sintoma, a idéia de que encontrar a origem é determinar sua causa, e, assim, pensar que a referência explica o sintoma. De qualquer maneira, Freud, desde muito cedo,

começou a enfocar a questão a partir da crença de que seria preciso pensar uma oposição entre representações.]

3. A primeira teoria do conflito

A segunda maneira de remover sintomas de origem traumática consistia no uso da hipnose como forma de sugestão. Freud vai esboçar uma teoria justificadora dessa prática terapêutica em *Ein Fall von hypnotischer Heilung*. Nele, é feito um longo desenvolvimento da noção de representação. A partir de *representação contrastante*, ele procura descrever diversos quadros patológicos. Evidentemente, o que vai determinar o destino da oposição presente entre representações é ainda a hereditariedade.

Uma *representação contrastante penosa* resulta de uma tese sobre a ligação entre certos grupos representativos e um estado afetivo de expectativa. Seriam ou intenções ("representações de que virei a fazer isto ou aquilo") ou expectativas propriamente ditas ("representações de isto ou aquilo ocorrerá comigo"). O estado afetivo criado a partir delas é função de duas variáveis: "o grau de importância que o resultado tem para mim" e "o grau de incerteza inerente ao resultado". (p. 8) A incerteza subjetiva é representada, no aparelho psíquico, por um grupo representativo, onde algumas são representações contrastantes penosas.

A mente normal é aquela onde a *Selbstbewusstsein* se acha fortalecida. Em tal estado, as representações contrastantes penosas ou es-

tão suprimidas ou inibidas; ou seja, estão afastadas de associação com o grupo de representações que constitui o eu. Portanto, a pessoa normal seria aquela que realiza uma supressão ou inibição eficaz dessas representações; se ela não ocorrer, a *Selbstbewusstsein* ficará debilitada e o grupo de representações penosas se tornaria efetivo. As diversas neuroses seriam uma função do tipo de ligação que pode ocorrer entre as representações penosas e as intenções e expectativas. Por exemplo, a fobia dos neurastênicos resultaria de uma expectativa a partir de uma associação entre representações penosas e certas sensações. Se no lugar da neurastenia estiver presente um estado nervoso simples, um estado de excitação, o sujeito terá tendência a ser pessimista. Entretanto, os casos mais interessantes são aqueles onde se trata de intenções e não de expectativas. Neles, se as representações penosas ligarem-se a uma intenção em um único ato de consciência, haverá uma subtração no poder dessa intenção, levando a uma "fraqueza da vontade", característica da neurastenia. Na histeria, como há uma dissociação da consciência, as representações contrastantes estariam afastadas das representações conscientes, e *a fortiori* das intenções. Contudo, elas continuariam a existir a partir da sua objetivação no corpo do paciente; ou seja, o sujeito desejaria algo que o seu próprio corpo impediria; haveria, por assim dizer, uma "perversão da vontade", originária da emergência de uma "contra-vontade", responsável pela atitude de estranheza que o histérico manifesta em relação aos seus sintomas, como se eles fossem emanados de uma outra vontade que não a sua.

O mecanismo de formação de sintomas histéricos é apresentado a partir do estudo de um único caso: certa mãe incapaz de amamentar fi-

lhos, apesar de todos os esforços para fazê-lo. A situação de incapacidade ocorreu três vezes e, nas duas últimas, o tratamento seguido foi a da sugestão hipnótica. Através dele, Freud fez sugestões que visavam eliminar representações contrastantes penosas da vida psíquica da paciente. Ele também acredita que a presente teoria é corroborada por outros casos onde foi "possível estabelecer diretamente o funcionamento de um mecanismo psíquico semelhante aos sintomas histéricos, através da investigação sob hipnose dos pacientes". (p. 12) [Sem dúvida, ele se refere aqui ao método de Breuer, mas já lhe conferindo novas características.]

Haveria duas possibilidades para o desenvolvimento de representações contrastantes penosas: ou o conteúdo delas seria adequado à disposição afetiva da neurose ou o solo da neurose seria propício ao aparecimento dessas representações. A segunda possibilidade refere-se à concepção de Breuer; pois, como já vimos, a emergência de estados hipnóides seria propícia para o desenvolvimento de representações penosas, na medida em que não haveria inibição ou supressão delas por parte do eu. Porém, Freud prefere destacar a primeira possibilidade quando observa: "Não é por acaso que o delírio histérico de freiras durante as epidemias da Idade Média consistiam em blasfêmias violentas e em um linguajar erótico desenfreado..." e, um pouco mais adiante, "talvez a condição histérica possa ser *produzida* a partir de uma supressão trabalhosa". (p. 14) Portanto, a duplicidade dos estados se constitui *a posteriori*. No caso sob exame, a incapacidade de amamentar resultaria da objetivação no corpo de uma representação contrastante penosa referente à incerteza subjetiva ligada à intenção de amamentar. Assim, haveria um conflito entre a intenção (consciente) de amamentar e a representação contrastante penosa (não consci-

ente). Todavia o conflito não é consciente e não dá nenhuma especificidade à histeria, dado que ele também aparece nos normais. A disposição hereditária faz com que a representação contrastante penosa trabalhe com um acréscimo de excitação. Como consequência, ela não permanece no seu *Schattenreich* (p. 15) [metáfora que talvez sugira o caráter sistemático de tais representações]; ela objetiva-se no corpo da histérica de uma forma que escapa à compreensão de todos, incluindo aí a própria paciente. Apenas o médico sabe que, por trás do sintoma somático, está uma representação, isto é, que o sintoma é um símbolo de uma representação que expressa o receio - no caso em estudo -, de ser incapaz de amamentar seu filho. As ordens dadas sob hipnose visam suprimi-la: elas executam o trabalho que deveria ter sido feito pelo próprio agente, caso não existisse a disposição. [O paralelo traçado por Freud entre o mecanismo da histeria e do coprolalia (p. 16) visa mostrar que o campo da sexualidade é muito favorável ao aparecimento de representações contrastantes penosas, isto é, ao surgimento de conflitos entre intenções.]

Se a linguagem presentifica-se na remoção dos sintomas (a cura é obtida através de diretivas verbais dadas pelo médico), ela também comparece na formação dos sintomas, dado que cada um deles origina-se a partir de representações contrastantes penosas. [De forma ainda precária, porém já com um certo nível de elaboração, Freud começa a desenvolver uma "teoria" sobre os sintomas enquanto atos irracionais. T_1 comparece sob a forma de uma divisão entre o eu, entendido como conjunto de representações conscientes, e um suposto reino das sombras, habitado por representações contrastantes penosas. T_2 também é contemplada, pois em ambos os casos está presente a natureza intencional das representações.

T₃ aparece sob a forma de um conflito *a priori*: a toda representação de uma expectativa ou intenção corresponde uma representação contrastante penosa. Contudo, o papel dado à hereditariedade, afasta toda possibilidade de privilegiar o aspecto intencional. A "teoria" proposta está mais próxima da tese aristotélica: a mãe histérica não cometeria um ato acrá-tico porque ela não conhece um de seus juízos, ele não está presente sob a forma de uma intenção, mas sim enquanto sintoma que se exprime em seu corpo. Mas já há algum lugar para a fala, porque a sugestão hip-nótica traz em seu bojo as práticas lingüísticas. Quando o médico sugere algo, a sugestão requer uma compreensão por parte do agente da ordem recebida. Por outro lado, o fato da pesquisa freudiana emergir no meio de um cenário médico implica em analisar o outro sempre em terceira pessoa. Em outros termos, sua investigação afasta qualquer descrição em primeira pessoa. O próprio histérico é incapaz de saber que, por trás de seus sintomas, há intenções. Uma análise introspectiva é, assim, condenada desde o início. O elemento que recupera a intenção perdida é a fala. Freud já havia estudado a linguagem teoricamente antes, em 1891, na obra *Zur Auffassung der Aphasien*.

4. A histeria como afasia

Em *Sobre a concepção da afasia e da histeria: notas sobre a relação entre anatomia e linguagem nos primórdios da teoria freudiana*, procurei mostrar como Freud, a partir do modelo desenvolvido em seu estudo sobre a afasia, substitui a anatomia pela linguagem enquanto universal para sua teoria sobre o fenômeno histérico. Eu termi-

nava o texto com as seguintes palavras: "A ausência de lesões anatômicas não significa que o fenômeno histérico não seja objetivo, capaz de ser investigado cientificamente. Sua objetividade está dada pelas lesões dinâmicas, cujas perturbações são fixadas pela linguagem natural. O sintoma histérico é entendido, agora, como uma forma de afasia, a afasia assimbólica." (p. 197)

A afasia assimbólica é definida como uma perturbação na associação entre representação de palavra e de objeto. (*Zur Auffassung*, p. 80). Representação de palavra, por sua vez, é compreendida como "um complexo representativo, que se revela como composto de elementos acústicos, visuais e cinestésicos" (p. 75), organizado pela imagem acústica. Representação de objeto designa "um complexo associativo de representações dos mas diferentes tipos, visuais, acústicas, táteis, cinestésicas e outras", organizadas pela imagem visual. (pp. 79-80) Se o sintoma histérico for entendido como afasia assimbólica, então deve ter ocorrido uma cisão entre a representação de palavra e a representação de objeto. Para precisar este desenvolvimento teórico é preciso estudar a quarta parte do *Étude comparative des paralysies motrices organiques et hystériques*. Nele Freud "toma a palavra 'lesão funcional ou dinâmica' no seu sentido próprio: 'alteração de função ou de dinamismo', alteração de uma propriedade funcional" (p. 51)

Com o objetivo de esclarecer a natureza da lesão, ele recorre a uma série de situações retiradas da vida social. Por exemplo, "... conta-se uma história cômica de um súdito leal que não queria mais lavar sua mão porque ela fora tocada pelo seu soberano". A razão do estranho compor-

tamento está no fato de que "a relação desta mão com a idéia de soberano parece tão importante para a vida psíquica do indivíduo que ele se recusa a deixar esta mão entrar em outras relações". Mecanismo semelhante também se manifestaria quando "... quebramos o copo no qual brindamos à saúde de recém-casados". Em tais casos o "valor afetivo que atribuímos à primeira associação de um objeto cria repugnância a deixar entrá-la em nova associação com outro objeto e, conseqüentemente, torna a representação desse objeto inacessível à associação". (p. 53)

Assim, o mecanismo responsável pela função de criar símbolos encontra suas analogias na vida cotidiana. Nela, a existência de certos sentidos apreendidos pela comunidade lingüística permite a ocorrência de deslocamentos semânticos e o estabelecimento de novas associações entre objetos. Quando o súdito não lava mais as mãos porque elas foram tocadas pelo soberano, estão pressupostas significações trocadas entre súditos e soberano. Em outras palavras, o não lavar a mão é atravessado por práticas sócio-históricas. Se o súdito for ridicularizado, é por levar um pouco longe demais a sua lealdade pelo rei. Por outro lado, na histeria, devido à existência de dois estados de consciência, haveria a perda da relação entre substrato material e concepção. O histérico não sabe, pelo menos ao nível da consciência normal, que a paralisia de uma parte do corpo tomou o lugar da palavra. Em outras palavras, o símbolo histérico difere do símbolo normal pelo fato do histérico desconhecer a existência de uma relação entre o símbolo e o seu referente. Ou, para expressar o mesmo na terminologia do texto sobre a afasia, uma representação de palavra perdeu sua ligação com uma representação de objeto. [Freud parece mostrar que o símbolo histérico é um "símbolo privado", ou seja, ele é al-

go que não é partilhado por ninguém, inclusive pelo histérico. Ele só pode ser decifrado quando se consegue encontrar a situação que originou a ruptura entre representação de objeto e de palavra. Trata-se, portanto, de investigar como se formam os símbolos históricos para poder encontrar os seus referentes.]

A mesma tese de que na histeria haveria a formação de símbolos privados é retomada no necrológio *Charcot*. Freud defende inicialmente a crença de que divisão da consciência seria a melhor via para compreender o fenómeno histérico. A divisão está apoiada na observação de que há uma diferença de comportamento entre históricos e normais que poderia elucidar sobre o que ocorre na histeria. As pessoas normais são capazes de relatar qual a impressão psíquica que as levou a expressar um estado afetivo penoso, o que não ocorre com os históricos. Estes comportam-se como se não conhecessem os processos psíquicos responsáveis pelas suas manifestações. Não seria um simples desconhecimento de certos processos, mas haveria uma perda simultânea da capacidade de relatar seu resultado. [Todo acontecimento psíquico que ocorre no interior do corpo é trivialmente privado; mesmo que se seja incapaz de descrevê-lo, pode tornar-se público seu resultado ao narrá-lo a uma outra pessoa. É evidente que a narrativa pode despertar uma série de representações subjetivas no ouvinte, mas sempre estará presente um sentido necessariamente intersubjetivo.]

Freud justifica a dupla perda a partir da hipótese de que na histeria haveria um estado especial da mente no qual as impressões psíquicas não se associam com a consciência normal. [Explicação que, devidamente

qualificada, tornaria possível entender como uma recordação pode expressar seu estado afetivo por meio do corpo sem que o eu saiba sobre sua existência ou seja capaz de intervir para impedi-la.] A distinção entre estados de consciência também apresenta-se na relação entre sono e vigília. [É importante atentar que os textos iniciais falam sempre em divisão da consciência e não da mente ou da memória.]

A noção de símbolo histérico também apareceu em *Ueber den psychischen Mechanismus hysterischer Phänomene (Vortrag)*. Nesta palestra, Freud pede que suponhamos "o caso de um indivíduo que nunca esteve doente antes, que talvez sem ter qualquer tara hereditária, fosse sujeito a um trauma". (p. 184) Após examinar as diferentes condições a serem satisfeitas para que um acontecimento pudesse ser considerado como traumático, Freud interroga-se sobre como poder-se-ia explicar o fenômeno. O fator relevante não estaria no impacto físico, mas na auto-sugestão que ocorreria ao indivíduo na situação traumática, ou seja, os sintomas históricos derivariam de impressões psíquicas que não foram completamente ab-reagidas. Ele postula que sempre que uma pessoa sofrer a ação de uma impressão psíquica, haverá um aumento na quantidade de excitação no sistema nervoso (postulado da excitação) e uma tendência no organismo para manter constante a soma de excitação (postulado da constância). Quando se produzir uma impressão psíquica, ocorrerá um aumento de excitação que deverá ser descarregado. Quando isto não ocorrer, a impressão psíquica se transformará em trauma psíquico. Ambos os postulados valem tanto para a normalidade como para os casos patológicos. [Neste sentido, sua vigência assegura a tese da continuidade e fixa uma direção de funcionamento para o sistema nervoso. Mas não nos ensina

sobre as razões que impediram que houvesse a liberação de excitação. Nas pessoas normais, ela pode produzir-se de três formas distintas: através de ações, de representações contrastantes e da palavra pensada como "... substituta de atos, e em algumas circunstâncias (por exemplo, na confissão) a única substituta". (p. 192) Todas elas evidentemente atestam o trabalho da linguagem.]

Na histeria, as impressões não perdem seu valor afetivo ou devido à natureza das próprias impressões ou ao estado em que elas são vivenciadas. No primeiro caso pode ser que as impressões sejam muito intensas e o sistema nervoso seja incapaz de mitigar seu valor afetivo. Em outras ocasiões, o fator decisivo pode estar em razões de ordem social que impeçam qualquer uma das reações adequadas. Finalmente, é possível que as impressões tenham como referente representações eróticas que no estado normal de consciência o sujeito rejeitaria, inibiria, suprimiria, mas que na histeria ele não reage. [Freud ao descrever essas possibilidades múltiplas tem em mente as diversas teorias sobre a histeria. Assim, quando menciona o estado em que se vivencia a impressão, a referência é a histeria hipnóide de Breuer. Quando descreve a natureza da impressão, temos inicialmente a histeria traumática de Charcot devidamente interpretada para assegurar que o fator decisivo seja representativo. O segundo caso é a histeria de retenção, e o terceiro, uma histeria essencialmente representativa que se origina de um conflito.]

Em qualquer uma das suas modalidades, a terapia é a mesma e consiste em levar o paciente a reviver o acontecimento traumático em toda a sua realidade original de modo que possa dar a palavra ao estado afetivo.

[O que mostra que a linguagem está presente enquanto forma de expressão de estados emocionais. A função proposicional - descrição da origem do sintoma -, está completamente subordinada à função evocativa.] Na terapia procura-se restaurar a unidade entre palavra e estado afetivo, perdida devido à dissociação da consciência. [Freud, apesar de não esboçar ainda uma teoria que veja os sintomas como atos irracionais, abre espaço para pensá-la na medida em que crê que a segunda consciência é o resultado de um conflito de natureza representativa. Em outros termos, Charcot e Breuer, ao reduzirem todos os fatores causais à hereditariedade, romperam com qualquer possibilidade de resolverem a questão posta pelo caso de Anna O. A histérica age como se fosse realmente controlada por forças desconhecidas que vencem quaisquer propósitos que ela se possa dar. As referências feitas por Freud a Bernheim, nesta palestra, parecem sugerir que o mecanismo de alguns sintomas histéricos seja psicológico, embora não o da sugestão. Faltaria esta noção condições que tornem possível utilizá-la como um fator universal que substituiria seja a anatomia (perspectiva da neuropatologia alemã) seja a hereditariedade (predisposição histérica (Charcot) e estado hipnóide (Breuer)). Ela deve ser explicitada por meio de uma teoria do conflito. Se antes o par predisposição-trauma era suficiente para elucidar as hipóteses de Charcot e Breuer, para apreender a novidade freudiana devemos reter apenas o trauma. Mas, como já repetimos, ele se refere a uma representação afetiva. Por conseguinte, é no interior de uma teoria do conflito que Freud buscará elucidar a teoria sobre o simbolismo histérico e sua relação com o postulado da constância. Já sabemos que a representação é condicionada pelo conhecimento lingüístico presente no agente, que, portanto, a linguagem aparece como condição necessária, mas não suficiente, para a produção de sintomas de

base representativa, uma vez que se deve considerar também o estado hipnóide; este ocupa agora, devidamente reinterpretado, o lugar que era antes da predisposição hereditária. Portanto, o que Freud precisa indicar é como a suposição de um conflito dissolve o estado hipnóide e permite erguer no seu lugar algo que possa ser pensado como universal para a nova teoria que está sendo esboçada.]

5. A segunda teoria do conflito

A segunda concepção explícita de conflito aparece no texto *Die Abwehr-Neuropsychosen* (1894), onde há uma preocupação etiológica que visa diferenciar diversas patologias e mostrar como todas resultariam de uma tentativa de resolver uma oposição entre representações incompatíveis e o eu, isto é, eles surgiriam de um processo de defesa por parte do eu. [É a primeira referência de Freud à concepção de defesa. O conflito é nitidamente entre intenções que se opõem. Há uma diferença relevante em relação à primeira concepção de conflito: as duas intenções são inicialmente conscientes para o agente; na anterior, apenas uma delas era consciente; a representação contrastante abandonava o seu "reino de sombras", que seria o seu lugar natural nos normais, e presentificava-se no corpo.]

Em todas as patologias examinadas, Freud recorreu a uma hipótese auxiliar: "Cabe diferenciar algo nas funções psíquicas (cota de afeto, soma de excitação que tem todas as propriedades de uma quantidade - embora não tenhamos meios de medi-la -, algo capaz de aumento, diminuição, des-

locamento e descarga^v, espalhada sobre os traços de memória de representações, algo como uma carga elétrica sobre a superfície de um corpo". (p. 74) [A hipótese quantitativa recebe uma formulação mais precisa: em todo funcionamento psíquico tem de ser considerada uma certa quantidade ligada às representações. Se o conflito for de natureza intencional, o resultado será uma alteração na distribuição quantitativa sobre os traços de memória que, por sua vez, estão ligados à linguagem, dado que ela está presente na formação dos sintomas. Portanto, o tópico do presente capítulo, a relação entre quantidade e linguagem, começa a ser claramente delineado]

A esta hipótese quantitativa alia-se uma outra diretamente ligada ao conflito. De acordo com ela, o eu esforçar-se-ia para libertar-se de uma representação incompatível. O esforço origina-se do fato da representação estar ligada a um estado afetivo tão penoso que o sujeito preferiria esquecê-la por não se julgar capaz de resolver a contradição existente entre a representação e o eu. [Portanto, Freud define o eu como um sistema de representações compatíveis que tem a função de afastar outras.] Em certas ocasiões, surgiriam representações que, por serem incompatíveis com as primeiras, acabariam por serem expulsas da consciência. Neste segundo estado, elas formariam um novo grupo psíquico. Só se teria acesso a ele através da hipnose, que suspenderia a distribuição de excitação sobre a qual se baseia a vontade da consciência. [Logo, o fundamento da técnica continua o mesmo da de Breuer: através da hipnose procura-se a origem do sintoma (da sua referência), mas ele resulta de uma oposição intencional que produz um novo estado mental, onde as representações são não conscientes.] Freud observa que o processo de defesa pode ser descrito, por meio das "abstrações psicológicas atuais", como uma forma que o eu encon-

tra para resolver uma tarefa. Ele tem diante de si uma representação incompatível que gostaria de tratar como se ela não existisse. Ora, isto é impossível, ela está lá. Sua alternativa é transformá-la de representação intensa em representação fraca, o que ele consegue ao despojá-la de sua soma de excitação. A representação, a partir daí, não faz mais exigências ao trabalho associativo. Apesar do processo ser desencadeado por um ato de vontade do sujeito, seu resultado não é consciente. Só pode ser suposto, não havendo maneira de comprová-lo a partir da anamnese do paciente, pois escapa à auto-percepção do agente, ou seja, a sua capacidade introspectiva. Freud crê que "talvez fosse mais correto dizer: esses processos não são de modo algum de natureza psíquica, mas processos físicos, cujas conseqüências psíquicas apresentam-se assim: como se o que fosse expresso através de 'separação de uma representação de seu afeto e conexão falsa do último' efetivamente ocorresse". (p. 67). [A diferença entre representação intensa e fraca é dada pela quantidade que lhe é associada. O processo de defesa, embora motivado por uma oposição consciente, produz resultados que, sendo inconscientes, obrigam Freud a conservar a descrição sobre o agente em terceira pessoa. Ele estabelece uma vinculação entre representação e afeto: existem representações que levam a estados afetivos penosos, ou seja, que aumentam a excitação. Portanto, é a partir de relações de sentido que se pode iniciar um processo patológico. A elevação da excitação é sentida como desprazerosa pela consciência. Prazer e desprazer, como estudamos em Breuer, são qualidades conscientes que decorrem do princípio da constância. Os efeitos do conflito são atribuídos à quantidade que se separa da representação. Por outro lado, Freud pareceria aproximar-se da perspectiva davidsoniana quando acredita estar descrevendo em termos mentalistas processos que só existem enquanto processos físicos.

Tal forma, "as abstrações psicológicas atuais", implica em supor, na gênese do fenômeno histérico, fóbico e compulsivo, um conflito de natureza intencional.]

Esse tipo de representação surge especialmente na esfera sexual. Em todos os casos investigados, foi sempre a sexualidade que deu origem aos estados afetivos penosos. Teoricamente, contudo, Freud ainda acredita que a origem dessas representações poderia ser outra. Ele justifica sua presença pelo fato de que "... é precisamente a vida sexual que traz consigo os motivos mais do que suficientes para emergência de representações incompatíveis". (p. 66) O ato psicológico não é tão-somente o esforço de vontade por parte do eu de esquecer a representação incompatível, é também a união desse esforço com uma disposição patológica não necessariamente identificável com uma degeneração individual ou hereditária. A disposição serve para diferenciar os diversos quadros patológicos encontrados na clínica. No caso da histeria, ela se caracteriza por conversão, descrita como "aptidão psico-física de transpor grandes somas de excitação em inervação corporal". (p. 65) Disposição não significa retornar à disposição hereditária, pois "esta aptidão não exclui, em si mesma, a saúde mental; e só leva à histeria no caso de incompatibilidade psíquica ou de acúmulo de excitação". (p. 65) [O conflito é resolvido pela neutralização da representação incompatível: sua cota de afeto é transformada em sintoma somático. Através da conversão, o eu liberta-se da contradição. Contudo, o agente acaba por formar um símbolo mnêmico privado que tem como suporte material seu próprio corpo.] Quando novas impressões psíquicas rompem a barreira formada pela defesa, elas dão origem a traumas auxiliares. Em outros termos, é possível que se estabeleçam conexões entre a representação incompatível

e novas impressões. [Se elas forem de natureza semântica, também geram efeitos quantitativos, uma vez que dotarão a representação de novas quantidades de excitação.] O resultado varia entre a intensificação do sintoma e o aparecimento de um ataque histérico.

A terapia da histeria consiste em fazer com que a conversão dê-se em sentido oposto. A excitação deve ser conduzida da esfera corporal para a esfera psíquica. Quando se obtém este resultado, o sujeito "é coagido a resolver a contradição através do trabalho do pensamento e descarregar a excitação através da fala". (p. 64) [Continua valendo o preceito do método catártico: dar a palavra ao afeto.]

Nas representações obsessivas e fobias, a disposição patológica expressa-se como um deslocamento de estados afetivos para representações compatíveis com o eu, criando uma falsa conexão. O processo resulta em um esvaziamento de afeto da representação incompatível, que fica fora de qualquer associação com a consciência, e passa a fazer parte de um novo agrupamento psíquico que só é acessível através da hipnose. A representação que recebeu o afeto, devido à falsa conexão, permanece na consciência e torna-se obsessiva. Para que haja transposição de afeto, a representação que vai recebê-lo ou é adequada ao tipo de afeto ou apresenta vínculos com a representação incompatível. [Todas estas exigências são inequivocamente de natureza intencional, o que indica que Freud já iniciou um processo irreversível na sua teoria: estender o termo 'intencional' para a esfera psíquica não consciente.] Da mesma forma que na histeria, as representações incompatíveis achadas pela clínica também apresentam conteúdo sexual: uma representação obsessiva é "um substituto ou sub-rogado de

uma representação sexual incompatível que tomou seu lugar na consciência". (p. 67) Ao comentar o seu terceiro exemplo de obsessões, Freud observa que a "retradução das representações obsessivas em termos sexuais obteve sucesso". (p. 71) [O problema reside em desenvolver um modelo teórico que justifique o por quê da retradução ter sido efetiva na remoção do sintoma. Mais uma vez somos confrontados com a necessidade de encontrar-se uma articulação entre a fala e princípios quantitativos.]

A última síndrome analisada é a confusão alucinatória. Não se trata mais de uma neurose, mas de uma psicose. Não há repressão da representação incompatível com modificação de seu estado afetivo, mas rejeição, por parte do eu de ambos os fatores. A consequência é a produção de um estado em que tudo se passa "como se a representação nunca tivesse se apresentado ao eu". (p. 72) Ocorreu uma "fuga para a psicose". Nela, o eu arranca de si a representação, mas, ao fazê-lo, destaca de si mesmo, parcial ou completamente, a realidade, uma vez que a representação estava ligada de forma inseparável a um pedaço de realidade. O efeito é tornar as outras representações, ameaçadas pela representação incompatível, dotadas de vivacidade alucinatória. Por exemplo, uma mãe rejeita a representação de que seu filho morreu e transforma um pedaço de madeira na criança amada, e exerce em relação a ele todos os cuidados maternos. (pp. 73-4) Este quadro exhibe de forma exemplar o papel conferido à linguagem na organização do psíquico e o caráter holista dos atos mentais. O efeito do conflito - algo que se produz a partir de uma relação de sentido -, é o aumento quantitativo e uma aparente perda da natureza holista do mental. O agente, dada sua necessidade de ser racional, procurara explicar o seu sintoma, mas de uma forma que trai sempre sua inadequação. Para explorar os dois

←
não entendi
pq isto se
refere à ling.

determinismos, o do princípio da constância e o fixado pela normatividade dos atos mentais, examinaremos os casos expostos por Freud em *Studien über Hysterie*.]

O caso inicial apresentado por Freud, Emmy von N, atesta o primeiro uso do método catártico, embora não de forma sistemática nem exclusiva. O procedimento terapêutico foi extremamente variado e dá uma indicação sobre o arsenal que a medicina tinha na época para lidar com as doenças nervosas. Freud recorreu a banhos mornos, banhos de farelo, massagens duas vezes ao dia, eletroterapia (utilização da escova farádica), hipnose sob a forma de sugestão e o próprio método catártico. A indeterminação sobre a forma de terapia a ser utilizada é decorrência, naquele momento, 1889, da inexistência de uma teoria que pudesse ser assumida com exclusividade. Vemos desfilar a concepção de Charcot, a da histeria de retenção sob a forma de representações contrastantes e a da histeria hipnóide, sem que uma consiga adquirir primazia sobre a outra. Daí serem utilizados desde procedimentos que visam a diminuir o efeito das excitações como os diversos tipos de banho, passando pela hipnose como sugestão até a hipnose como forma de descobrir o acontecimento traumático. A indefinição teórica sobre o quadro da histeria torna-se transparente quando nos detemos sobre os problemas que surgem quando se usa a hipnose como sugestão e na forma do método catártico. Na primeira, visa-se ~~remover~~ remover impressões psíquicas que atormentam o paciente. Na segunda, investiga-se a cena inicial e objetiva-se a remoção do estado afetivo vinculado à representação da cena. Portanto, em um caso a representação é retirada da vida psíquica do sujeito, no outro ela é exaurida de seus efeitos patogênicos. O primeiro uso da hipnose é justificado por Freud: "estava completamente sob a influ-

ência do livro de Bernheim sobre sugestão...". (p. 130) [A partir daí, é lícito suspeitar que, através de Bernheim, ele teria começado a enfatizar o papel da representação. Contudo, não nos deixa supor que haveria uma adesão à teoria da sugestão, uma vez que de novo são enfatizadas contra ela as características universais da hipnose, que só se explicam pelas práticas lingüísticas. É preciso, como assinalamos antes, repor a noção de sugestão pela de auto-sugestões, mas em um contexto que não seria mais o dado por Charcot. Ele não seria mais fisiológico, sem ser por isso psicológico no sentido de Bernheim.]

O caso Lucy R. traz uma série de novidades em relação ao de Emmy, seja no nível teórico seja na parte prática. Freud passa a usar a técnica da pressão como alternativa à hipnose. Uma vez que não conseguia colocar a paciente em estado hipnótico, pediu que a mesma "deitasse, fechasse os olhos e se concentrasse". Em tal estado perguntou: "desde quando você tem este sintoma?", "qual a sua origem?" Quando ela respondeu que não sabia, Freud colocou a mão sobre a fronte de Lucy, segurou sua mão e disse-lhe: "você pensará sobre isso sob a pressão de minha mão. No momento em que relaxar minha pressão você verá algo na sua frente ou algo lhe ocorrerá. Segure-o. Será o que estamos procurando. Bem, o que você viu ou o que lhe ocorreu?" (p. 168) A técnica era repetida até que algum material fosse produzido. Caso contrário, a suposição de Freud era de que a paciente não havia relaxado sua faculdade crítica. [Apesar da técnica ter surgido como resposta a uma dificuldade clínica - a impossibilidade de hipnotizar pacientes -, ela está relacionada a uma recordação freudiana das demonstrações feitas por Bernheim em sua clínica quando este se esforçava em mostrar que era possível receber uma ordem no estado de hipnose e, ainda as-

sim, recordá-la posteriormente, desde que houvesse uma insistência suficiente por parte do hipnotizador. A noção de transferência, pode-se conjecturar, surgiria, dado o quadro examinado até agora, do papel dado por Charcot à autoridade do médico e dos fatores presentes que facilitam a recordação. Contudo, Freud já acredita que a justificativa da técnica da pressão decorra das considerações feitas no texto sobre a afasia onde ele aprendeu que "reconhecer algo é mais fácil do que pensar nele espontaneamente". (p. 169) O que indica que ele está supondo que a memória seja um sistema que funciona na histeria de uma forma que torna o histérico incapaz de uma recordação voluntária. Mas através de uma estimulação direta, para mantermos o vocabulário do texto sobre a afasia, isso é perfeitamente possível. Por enquanto, essas metáforas indicam apenas que, no caso da histeria, trata-se de representações inconscientes, e que a técnica da pressão parece possibilitar condições de recordação. Contudo, marcam a grande diferença entre a concepção da histeria como defesa e da histeria hipnóide. Em Breuer, tanto o trauma como o tratamento ocorrem em estado hipnóide. A consciência não conhece as vivências nem quando ocorrem nem quando são recordadas. Aqui, ao contrário, elas foram inicialmente conscientes e após o tratamento retornam à consciência, abrindo espaço teórico para pensar a oposição entre intenções antagônicas.] O caso Lucy também revelou a Freud a necessidade de considerar-se dois traumas na produção de um sintoma histérico: a repressão age desde que exista uma "predisposição ainda não conhecida" diferente da hereditariedade e que na histeria leva a uma conversão da excitação psíquica em excitação somática. [Em outras palavras, como no caso Emmy, o mecanismo da histeria está na conversão. Também se insiste em desconsiderar a hereditariedade e estender a noção de conflito entre intenções para o domínio do não-inconsciente e usá-la pa-

ra descrever, como na primeira teoria do conflito, um conjunto de quadros patológicos. Assim, Freud procura encontrar um fator, decorrente de uma vivência do sujeito, que explique o por quê de certas pessoas, em uma situação de conflito, serem conduzidas à repressão, ou seja, no caso da histeria, à conversão. A repressão resulta de uma intenção do paciente: ele intencionalmente reprime da sua consciência a representação incompatível, que fica excluída, desta maneira, de qualquer modificação associativa. Não há mais representações contrastantes penosas, mas representações incompatíveis.]

A mesma crença apresenta-se no caso de Elizabeth von R. onde aparece uma metáfora freudiana que se tornará célebre. Ele descreve o procedimento terapêutico como: "... despejar camada por camada o material patogênico, que nós prazerosamente comparamos com a técnica de escavar uma cidade enterrada". (p. 201) Também se crê que a paciente tinha consciência das razões de sua doença; "que ela, portanto, tinha na consciência um segredo e não um corpo estranho". (p. 200) [A analogia com um corpo estranho é adequada à teoria do estado hipnóide de Breuer (há uma completa ruptura entre a consciência normal e a hipnóide), mas não à concepção de Freud sobre a defesa. A paciente conhece o motivo da doença, todavia não sabe que possui tal conhecimento; a situação de conflito levou-a a reprimir certas representações eróticas que se dissociaram do eu e converteram-se em excitação somática. A quantidade despreendida das representações foi utilizada para intensificar um sintoma orgânico já existente, isto é, o corpo é usado como suporte material para a criação de símbolos privados. Na verdade, pode ler-se Freud como demonstrando que o sintoma é um símbolo privado, e como tais símbolos são indecifráveis para quem os cria, ou seja,

símbolos privados não funcionam como símbolos para a consciência do agente que os formou.] No caso Elizabeth von R, Freud observa que "a resistência que ela havia colocado repetidamente à reprodução das cenas efetivamente traumáticas corresponde de fato à energia com a qual a representação incompatível tinha sido forçada para fora das associações". (pp. 222-3) [Portanto, a impossibilidade de hipnotizar Elizabeth não decorre de uma inabilidade por parte de Freud, mas da natureza da própria neurose. Voltaremos a esse ponto quando examinarmos *Zur Psychotherapie der Hysterie*, último capítulo de *Studien*. Repete-se a tese de que a produção de sintomas exige dois traumas. O primeiro não provoca nenhum resultado. É apenas no segundo que o sintoma aparece, indicando um efeito, em termos quantitativos de somação. Daí a tese de que a conversão pode resultar de traumas recordados. A patologia ocorre porque há um ponto além do qual o organismo não consegue tolerar uma tensão afetiva sem enfermar. Ponto de vista que, para Freud, "nada mais faz do que aproximar o comportamento das histéricas dos normais". (p. 242) [Portanto, a hipótese quantitativa é comum a todos, normais ou neuróticos. Nos últimos, a quantidade está distribuída de forma incorreta. Se for possível corrigi-la, os sintomas desaparecerão. Tanto o princípio da constância como a tese de que na raiz da histeria existe um conflito psíquico contribuem para pensar-se na continuidade entre o normal e o patológico. Porém permanecem estas questões: por que há uma distribuição incorreta da quantidade? Como ela se relaciona com uma solução inadequada de um conflito por parte de pacientes histéricos?]

O caso Katharina apresenta uma resposta diferente da apresentada no caso Elizabeth. A origem dos sintomas não está mais em um ato de vontade, mas em uma impossibilidade de recordar. Embora não se trate de uma

paciente regular - houve uma única sessão feita em uma estalagem de veraneio -, Freud acredita que ele sirva para mostrar como é possível traduzir proferimentos de uma histérica de uma forma tal que eles adquirem sentido para todos, incluindo a própria histérica. Por exemplo, quando ele traduz "estou enjoada" por "senti repugnância". O mais notável neste caso é a eliminação da hipnose aliada a uma ausência da técnica da pressão. Em outros termos, a tradução permite o prosseguimento do trabalho de análise. Certamente, Freud ainda não teoriza sobre o fato. Ele apenas assinala o que chama de "adivinhar com sorte" acompanhado do pedido de que Katharina deveria dizer tudo o que lhe ocorresse. O procedimento teria dado certo porque a paciente era diferente das "damas púdicas" que freqüentavam sua clínica, para quem todas as coisas naturais são torpes. (p. 192) A novidade teórica explícita reside no conteúdo das representações submetidas à repressão. São todas de natureza sexual e referem-se a uma cena de sedução. A insuficiência do primeiro trauma para produzir sintomas é atribuída ao fato dele formar apenas um núcleo traumático, pois, quando as cenas foram vivenciadas, elas não foram entendidas como cenas de natureza sexual. Elas só se tornaram traumáticas ao serem compreendidas, isto é, reconhecidas como recordações de vivências sexuais. Para Freud, não é ponto pacífico se a divisão da consciência produzida aqui é da mesma natureza ou não daquela que ocorre nos outros casos, uma vez que não se trata de ato de vontade, mas tão-somente de uma ignorância. Aceitar que o caso Katharina é generalizável equivale a explicitar a teoria da sedução e encontrar numa certa vivência o fator que vai explicar a má distribuição de quantidades na histeria. Ao mesmo tempo consiste em tomar a noção de sexualidade como noção fundamental para explicar a neurose. No caso da histeria, reside em mostrar que as representações afetivas surgiriam apenas

no domínio da sexualidade.]

O caso de Cécilie M., apresentado em fragmentos para salvaguardar a identidade da paciente, foi descrito por Freud como "o meu caso que eu tenho direito de chamar de mais difícil e instrutivo" (p. 245) e como aquele que levou à publicação de *Vorläufigen Mitteilung*. (p. 247) Tudo isso deveu-se ao fato de Cécilie deixar patente que a fala tinha um papel fundamental na formação e dissolução de sintomas. Alguns deles derivavam diretamente de expressões lingüísticas do tipo: "foi como um tapa na cara" (*Das war mir wie ein Schlag ins Gesicht*) ou "o olhar perfurante da avó" (*die Großmama habe sie so 'durchdringend' angeschaut*). Em *Notas sobre o conceito freudiano de símbolo*, eu mostro o contexto intencional de todos estes exemplos. Se o conjunto dos casos apresentados por Freud serviu para exhibir uma série de indícios que apontam para a necessária convergência dos temas relacionados à fala, à quantidade, à continuidade normal/patológico e à sexualidade, é em *Zur Psychotherapie der Hysterie* que encontraremos a forma como eles serão dispostos, ou seja, como o projeto freudiano encaminhou-se para justificar as descobertas de Anna O e repetidas no caso Cécilie M. Cabe assinalar que assistiremos a um novo papel conferido à fala: ela deixa de ser um meio para expressar estados emotivos represados e transforma-se em veículo para narrar a cena de sedução, ou seja, a função proposicional torna-se prioritária em relação à função evocativa da fala.]

Zur Psychotherapie der Hysterie pode ser considerado o final do caminho inaugurado pelo método catártico. Deste restarão apenas dois vestígios: solucionar um sintoma é encontrar sua origem, sua referência, e

o método funciona porque dá a palavra ao afeto. Mas desaparecem as concepções de estado hipnóide e o uso da hipnose. Escrito em março de 1895, pretende oferecer ao leitor uma nova visão das neuroses. Não é, como se poderia esperar, um capítulo dedicado exclusivamente à prática clínica. As divergências entre Freud e Breuer haviam chegado ao ponto de ruptura. Como aquele não apreciava o capítulo teórico escrito por este, ele vai expor suas concepções teóricas antes de apresentar os procedimentos terapêuticos. Assim, são pontos de vista alternativos que o "levam, pelo menos em parte, a interpretar e agrupar diferentemente o material factual". (p. 255) A fonte das mudanças decorre de conseqüências clínico-teóricas que resultaram da aplicação sistemática do método catártico: descobriu-se que nem todos os histéricos podiam ser hipnotizados (A) e tornou-se necessário diferenciar a histeria de outras neuroses (B).

B surge, aparentemente, da necessidade de se aferir o valor terapêutico do método catártico, uma vez que em *Vorläufige Mitteilung* este foi aplicado apenas aos casos de histeria. No entanto, a intenção freudiana é mais ampla: ele deseja construir uma teoria geral das neuroses, organizada em torno do conceito de sexualidade. De qualquer maneira, a legitimidade de B decorreria de dois resultados obtidos na prática clínica: existem histéricos que não podem ser tratados pelo método catártico [não se consegue hipnotizá-los] e certas neuroses, distintas da histeria, são passíveis de serem curadas através dele [ou seja, é através da busca da origem de sintomas que se consegue dar a palavra ao afeto]. Por conseguinte, é mantida a crença na essência do método - ele cura porque dá à palavra ao estado afetivo -, mas modificada a base sobre a qual ele se apóia, isto é, trata-se de desvinculá-lo da hipnose e da teoria do estado hipnóide. Ao

mesmo tempo encontramos uma exposição sofisticada da histeria como neurose de defesa, uma apresentação que não deixa margens a dúvidas sobre o caráter aparentemente irracional do sintoma (entendido como ato acrático), e uma primeira explicação sobre o fenômeno da transferência. No seu exame serão evidenciadas algumas características que permitirão que a transferência substitua certas condições fundamentais dadas pela hipnose no tratamento das neuroses de defesa; em especial, ela possibilita a repetição da cena traumática. Os resultados práticos alcançados obrigam Freud a tomar algumas decisões. Inicialmente, tratar todas as neuroses do mesmo modo que a histeria, ou seja, como possíveis candidatas a uma mesma terapêutica. Em seguida, investigar prioritariamente a etiologia e a natureza do mecanismo psíquico de cada neurose, procurando mostrar que na base de todas está sempre presente a sexualidade, embora, em algumas, o mecanismo possa ser psicológico. Por fim, definir, apenas ao término do tratamento, o quadro de histeria. A finalidade da segunda decisão torna-se óbvia quando atentamos para a observação freudiana de que "em primeiro lugar fui obrigado a reconhecer que, até onde se pode falar de uma causa através da qual as neuroses seriam adquiridas, caberia procurar a etiologia em fatores sexuais. Daí se seguiu a descoberta de que diferentes fatores sexuais, no sentido mais geral, também produzem diferentes quadros de doenças neuróticas". (pp. 254-5)

6. As neuroses devidas a causas atuais

Para precisar o sentido das expressões "aquisição de neuroses" e "etiologia devida a fatores sexuais" basta recorrer a uma série de textos contemporâneos a *Zur Psychotherapie der Hysterie*. Em *Obsessions*

et Phobias, Freud acredita que as obsessões decorreriam de um processo de defesa, enquanto as fobias seriam manifestações psíquicas da neurose de angústia, produzida por certas práticas sexuais nocivas. A análise psicológica das obsessões revela que o estado afetivo vinculado a elas está sempre justificado, uma vez que se descubra a representação original substituída pela obsessão [Ou seja, retroceder até a origem é desfazer o símbolo privado que se formou]. O caráter patológico da última resulta da perenidade do estado afetivo e da falta de adequação entre a obsessão e o estado afetivo. A representação original refere-se a impressões sexuais penosas que o sujeito tenta esquecer. O efeito do "esforço de vontade" do eu é a substituição da representação inconciliável por outra que se torna, então, obsessiva ao estabelecer uma "falsa conexão" com o estado afetivo da representação original. Portanto existe um mecanismo duplo: transposição do afeto e substituição de uma representação por outra. [Estão presentes as crenças no conflito, na sexualidade, na falta de racionalidade do sintoma enquanto o símbolo privado não for desfeito. Embora Freud acredite que a predisposição para a transposição seja hereditária, podemos constatar que o sintoma forma-se a partir de um conflito entre duas intenções: uma representada pela representação incompatível e outra pelo eu. A adequação entre estado afetivo e representação incompatível sugere algo mais de natureza semântica do que energética. Se o mecanismo de resolução do conflito envolver deslocamentos quantitativos, seus efeitos serão de natureza lingüística: uma perda de adequação entre estado afetivo e representação substituta. Em suma, a quantidade determinaria o destino das relações de sentido.]

Mas não é tão-somente nas neuroses de defesa que se podem for-

↙ não entendi porque linguagem, sentido e representação são insistentemente postas como idênticos.

mar símbolos privados. O mesmo ocorre com as fobias onde também é possível criar uma "conexão falsa" entre um estado afetivo (que aqui é sempre de angústia) com representações apropriadas para se tornarem fóbicas. A angústia original decorre de práticas sexuais nocivas e atuais que produzem um acúmulo de tensão sexual, provocado por abstinência ou irritação dos órgãos genitais. A neurose de angústia - motivada pela prática do coito interrompido, impotência masculina, excitação sem satisfação -, gera fobias através de um mecanismo aparentemente fisiológico. [A sexualidade é vista como uma substância que se manifesta em dois níveis: somático e psíquico. A ausência de uma harmonia entre os dois planos, ou por falta ou por excesso, produz efeitos patológicos. Desta forma, torna-se mais precisa a tese de que a sexualidade seria uma fonte privilegiada de excitações. Sua importância está ligada a dois registros distintos. Enquanto descrita fisiologicamente, ela é uma substância capaz de aumento, diminuição, etc. Porém, descrita mentalmente, ela é fonte de representações incompatíveis com o eu que acarretam o aparecimento de símbolos privados. Também não podemos esquecer que, quando se fala em adequação entre angústia e suas representações, a conexão necessariamente é de natureza semântica, pois indica que o objeto que supostamente causaria a angústia é apropriado para a produção de tais efeitos.] O por quê do estado afetivo ser sempre o de angústia é justificado pelo fato dela ser o afeto que, normalmente, está presente em situações onde há perigo externo. Mas dado que o processo é interno, a solução está em constatar que todos pacientes com neurose de angústia costumam atribuí-la a objetos externos, sem se dar de conta de que a origem é interna. Por conseguinte, a angústia está suposta porque ela é o único estado afetivo que torna possível, aos pacientes com essa síndrome, atribuir uma origem externa para seus males. [Mais uma vez,

que quer dizer substância ?

p. 55 lb.

mesmo no caso de neuroses que não remontam a uma causa no passado, a descrição do quadro dá-se em terceira pessoa. A angústia está sempre ligada a algo que efetivamente não é a sua causa.]

Em *Ueber die Berechtigung von der Neurasthenie einen bestimmten Symptomenkomplex als "Angst-Neurose" abzutrennen*, encontramos a tese de que, com a maturidade do organismo, surgem excitações endógenas de natureza sexual que se originam nas vesículas seminais de forma contínua e que agem através de um processo de somação. Ao atingirem um certo limiar, tornam-se capazes de vencer a resistência que há entre o órgão sexual e a córtex cerebral. Toda vez que ela é vencida, manifesta-se como um estímulo psíquico, uma vez que o grupo de representações sexuais acha-se dotado de uma quantidade de energia, induzindo um estado de tensão libidinal. Para interrompê-la, é preciso realizar uma ação específica ou adequada. Se a ação não ocorrer, o processo de somação não será interrompido e surgirá, ao nível da consciência, um sentimento de desprazer. (pp. 334-5) [Esta descrição, feita em relação à excitação sexual, é posteriormente estendida em *Entwurf einer Psychologie* para todo tipo de estímulos internos, generalizando, assim, a tese de que uma descrição física dos processos patológicos deveria assinalar a existência de diferentes substâncias. No entanto, todas elas têm uma mesma propriedade: produzem efeitos quantitativos, ou seja, são capazes de aumentarem, diminuirerem, etc. Após o abandono da teoria da sedução, o esquema criado para as neuroses motivadas por causas atuais servirá também para descrever as pulsões sexuais e do eu. Esse quadro de patologias está organizado pelo princípio da constância, o que já indica que a quantidade refere-se sempre a uma quantidade de uma substância, cuja diversidade de natureza Freud só

pode conjecturar, como veremos em *Entwurf*. Em outros termos, a analogia com uma carga elétrica vai deixar de ser usada. Contudo, sua aplicação, no presente contexto, acaba por tornar a sexualidade, em qualquer uma das suas esferas, uma substância perigosa, porque cumulativa, e simultaneamente permite que se construa uma teoria das neuroses que a tome como elemento central. Por outro lado, é o próprio princípio da constância que justifica uma suposta harmonia entre as duas esferas: a somática e a representativa. Mas, não custa insistir, o determinismo energético deve harmonizar-se com a normatividade imposta pela racionalidade humana.]

Mais detalhes sobre as neuroses devidas a práticas sexuais atuais e nocivas encontram-se em *Zur Kritik der "Angstneurose"*, onde Freud defende as seguintes proposições: a etiologia das neuroses está na sexualidade (P_1) [ou seja, há sempre excesso ou falta, um muito antes ou um muito depois]; o que diferencia as neuroses entre si são fatores etiológicos específicos, havendo em todos os casos uma sobredeterminação de fatores (P_2) [falar em sobredeterminação é falar em multiplicidade de causas, ou seja, em múltiplas referências; a etiologia da neurose de angústia está em fatores que impedem que a tensão sexual somática seja expressa psicologicamente (P_3) e os fatores etiológicos específicos tomam o lugar da hereditariedade como causa exclusiva e comum a todas as neuroses (P_4). Para Freud, P_3 só seria falsa se existisse um caso de neurose de angústia acompanhado de uma vida sexual normal. Evidentemente, a determinação de anormalidade não é fácil: ela requer uma anamnese especial, semelhante em espírito a feita com portadores de sífilis ou mulheres solteiras grávidas, ou seja, uma anamnese que exige a revelação de segredos sexuais. A diferença está no fato de tratar-se de um segredo, uma prática sexual nociva

cujos efeitos o próprio agente desconhece.] Também não se pode esquecer que a sexualidade anormal só se torna patogênica a partir de uma certa intensidade, uma vez que age por somação. Ou seja, é possível que alguém pratique coito interrompido e não adquira uma neurose de angústia; embora, não seja impossível que um fator banal possa desencadeá-la. P₄ encerra uma opção metodológica: se não for possível constatar uma carga hereditária severa, deve supor-se que a neurose foi adquirida. P₂ assinala quatro fatores etiológicos distintos: condição (*Bedingung*), causa específica (*spezifische Ursache*), causa concorrente (*konkurrierende Ursache*) e a causa precipitadora ou desencadeadora (*veranlassung oder auslösende Ursache*). Esta pode ser equivalente a todas as outras, uma vez que só destaca qual delas precedeu ao aparecimento do efeito. Todas, sem exceção, referem-se diretamente a quantidades de excitação. São expressas em uma fórmula etiológica através de um somatório, uma "carga total", que, se superar a "capacidade de resistência" do organismo, irá produzir um quadro definido pela causa específica.

Com *L'hérédité et l'étiologie des Névroses*, podemos concluir o exame da teoria geral das neuroses organizada em torno do conceito de sexualidade. Os fatores etiológicos específicos são descritos em referência a problemas da economia nervosa do agente, seja através de prática sexual nociva atual (neurastenia e neurose de angústia), seja de prática sexual nociva passada (histeria e neurose obsessiva). A principal diferença entre os dois primeiros tipos de neurose e os dois últimos está na apreciação da natureza da sexualidade. Nos dois primeiros, ela é concebida como excitação somática; nos dois últimos, como excitação psíquica, ou seja, como representação afetiva. A distinção é fundamental porque ela permite diferenciar

a parte desempenhada pela histeria no quadro de uma neurose mista daquela devida à neurastenia, à neurose de angústia, etc., porque uma vez feita a distinção, Freud acredita que seja capaz de expressar o valor do método catártico. [Contudo, apesar de diferentes, as neuroses devidas a causas atuais e as de defesa são solidárias, como já sugerimos, de uma mesma hipótese: a harmonia em termos quantitativos da substância sexual nas esferas somática e psíquica. Na neurastenia e na neurose obsessiva há um déficit da esfera psíquica em relação à somática; na neurose de angústia e na histeria, o déficit é da esfera somática em relação à psíquica. No fundo, a diferença entre as neuroses devidas a práticas atuais e as de defesa reduz-se à época em que se manifesta a prática sexual nociva. Se ela for anterior ao aparecimento da sexualidade, a neurose, que poderá surgir, será de defesa; caso contrário, teremos um quadro de neurose de angústia ou de neurastenia.]

7. As neuroses de defesa

As observações feitas devem ter sido suficientes para precisar o uso freudiano das expressões "aquisição de neuroses" e "etiologia devido a fatores sexuais" para as neuroses decorrentes de práticas atuais. Em relação às neuroses de defesa, é necessário retornar às conseqüências decorrentes do uso freudiano do método catártico: (A) nem todos os histéricos eram hipnotizáveis e (B) o método aplicava-se a outras neuroses, distintas da histeria. [B só é válida para quadros patológicos cujo mecanismo de formação de sintomas é psíquico, sendo, assim, ineficaz em relação às neuroses de causa atual porque nelas o mecanismo é de natureza fisiológi-

ca. A serve para, ao mesmo tempo, introduzir uma concepção mais elaborada da teoria da defesa e explicitar o que vai tomar o lugar da hipnose na aplicação do método catártico.] A dificuldade no manejo da hipnose era dupla: existiam tanto pacientes que não conseguiam ser hipnotizados como os que não desejavam sê-lo. Freud acredita que os dois grupos expressam a mesma coisa, a saber, uma objeção psíquica à hipnose. Tal crença utiliza-se do conceito de defesa para sugerir que em ambos os grupos haveria uma resistência ao trabalho de investigação. Este pode ser entendido, então, como trabalho de vencer uma força psíquica que se opõe a que as representações patogênicas tornem-se conscientes; ela seria a mesma força que teria dado origem aos sintomas. Por conseguinte, o fracasso em obter um estado hipnótico é atribuído a um processo que decorre de características da própria neurose, ou seja, não se pode falar de fracasso, mas sim de obstáculo. Por outro lado, a introdução da concepção de resistência cria uma nova rede conceitual, totalmente diferente daquela presente em Breuer. Por exemplo, em relação ao tratamento, existem certas condições prévias para que se possa aplicar o método catártico - ou seja, dar a palavra ao afeto -, sem o uso da hipnose. Entre elas, Freud assinala uma que certamente deve ter soado de forma muito estranha para os médicos de sua época: "Não me poderia imaginar mergulhando no mecanismo psíquico de uma histeria de uma pessoa que me tivesse impressionado como grosseiro e repelente, e que num conhecimento mais íntimo não fosse capaz de despertar a simpatia humana; ao passo que posso manter o tratamento de um paciente de tabes ou de reumatismo, independentemente de uma aprovação pessoal desse tipo". (p. 264) Existe, assim, a necessidade de valorizar a relação médico-paciente. Mas ela também recai sobre o paciente. Este deve deixar que o médico influencie-o. Nas palavras de Freud: "... parece que uma influ- 1)

ência dessa espécie por parte do médico seria a condição, só sob a qual, pode haver uma solução do problema". Mais adiante, prossegue: "Mas é justo ressaltar que esses obstáculos [a referência é aos obstáculos que se colocam para que o paciente chegue a nomear o estado afetivo], embora inseparáveis de nosso procedimento, certamente não podem ser atribuídos unicamente a ele. Pelo contrário, é bem claro que se baseiam nas condições prévias das neuroses a serem curadas, e que estarão ligados a qualquer atividade médica em que haja preocupação intensa com o paciente e conduza a modificá-lo psiquicamente". (p. 265)

Entretanto, para entender tais considerações, é preciso passar pelo exame da conexão que a nova concepção freudiana mantém com a hipnose. Ela pode ser recuperada pelo exame de uma citação retirada do resenhista de uma conferência dada por Freud, em 4 de maio de 1892, sob o título *Über Hypnose und Suggestion*, para o Clube de Medicina de Viena. Nela, ele definiu sugestão como a produção de "uma representação que se aceita em razão de um motivo psicológico e não por uma razão lógica". A seguir, acrescenta: "para as outras espécies de sugestão, esta definição vale literalmente; na hipnose ocorre que não há nenhum outro motivo psicológico, além de um estado psíquico especial onde se cancela a resistência contra novas representações". (p. 172) [Em outras palavras, na hipnose, o sujeito aparentemente não resiste a novas representações sugeridas pelo hipnotizador. Acredito que seja precisamente esta crença de Freud que lhe permite colocar a pergunta: por que os pacientes estão resistindo à sugestão de que estão hipnotizados ou à sugestão de que a hipnose é uma forma adequada de tratamento? A metáfora da resistência leva, muito naturalmente, a uma outra metáfora: uma força que se opõe à sugestão. Não po-

demos esquecer que no texto *Ein Fall von hypnotischer Heilung*, da mesma época, defende-se a idéia de uma oposição entre representações para caracterizar os diferentes tipos de neurose. Se as duas concepções forem colocadas lado a lado, teremos não apenas a teoria sobre a defesa - algumas neuroses surgem de um confronto entre representações -, mas ao mesmo tempo a tese de que a resistência se manifesta como algo indissolúvelmente ligado ao médico - como uma oposição às suas sugestões -, isto é, na relação transferencial. Como examinaremos adiante, Freud faz numerosas considerações que apóiam a presente leitura de seus textos.]

Por outro lado, supor que a força atuante é a mesma que originou a doença, mantém a essência do método catártico, isto é, a necessidade de que a correção seja feita enquanto repetição da cena originária. Temos uma nova condição a ser satisfeita pela postulação da relação transferencial: ela deve garantir a repetição que ocorria quando se usava a hipnose. Por conseguinte, a transferência deve preencher dois requisitos distintos que, todavia, satisfazem-se mutuamente. O fato da transferência expressar-se como resistência às sugestões do médico [ou seja, porque ela leva ao aparecimento, através da relação médico-paciente, da mesma força que deu origem ao sintoma] faz com que ela seja uma repetição da cena originária; e inversamente, como ela é uma repetição dessa cena, ela presentifica a mesma força originária na relação médico-paciente.

Feitas essas considerações, vamos procurar mostrar o por quê dos obstáculos serem inevitáveis, da influência assinalada decorrer simultaneamente do tratamento e da neurose, e, finalmente, dela ser no mínimo uma condição necessária para o tratamento. O procedimento freudiano visa tor-

nar consciente uma representação patogênica. Para aplicá-lo, o médico insiste com o paciente que ele pode recordar alguma coisa ligada à emergência do sintoma. Contra a insistência, surge uma resistência no paciente. Segundo Freud, desenvolve-se entre os dois um jogo de forças, em que o terapeuta procura "iludir" a atenção do eu para apoderar-se do material reprimido. É inútil assegurar ao analisando que aquilo que irá surgir estará relacionado com a origem do sintoma. Isto não é suficientemente forte para vencer a resistência. É preciso recorrer a um novo procedimento que, como já assinalamos, baseia-se numa certa leitura freudiana dos experimentos que ele presenciou na clínica Bernheim sobre efeitos pós-hipnóticos. A técnica consiste em exercer uma pressão sobre a fronte do paciente, antecedida de proferimentos do tipo 'você vai lembrar-se', 'você deve procurar dizer tudo o que lhe ocorre sem exercer qualquer censura de qualquer tipo'. Tal forma de agir garantiria que o paciente libertar-se-ia do seu pensamento intencional consciente e adquiriria uma atitude de observação completamente objetiva. (p. 281 e p. 271) [A atitude objetiva não indica que o paciente faria uma introspecção, mas que ele não exerceria nenhuma censura sobre o material que lhe ocorresse.] O tratamento transforma-se, portanto, em uma arena onde se confrontam dois adversários: a insistência do médico aliada à força da representação patogênica contra a resistência oposta pelo eu do sujeito, que se expressa como um obstáculo à comunicação da representação. É contra tais sugestões feitas pelo médico que o paciente resiste. [A sugestão não é, como era antes, um meio para a remoção do sintoma, porém uma forma de atingir a origem do sintoma, na medida que a força presente na resistência é teoricamente a mesma que originou o sintoma.] A técnica da pressão funciona, por conseguinte, como um engodo, um chamariz, um truque (*ein Kniff*), para o processo de defesa. (p. 280)

Este produz efeitos na fala do paciente, permitindo a sua correção quando ocorrem. Em outros termos, a técnica cria condições para a produção de novos sintomas. [As alterações de sentido são produzidas, assim, por uma força que se opõe à recordação da representação patogénica. O grau de distorção é medido pela quebra da normatividade presente na comunidade dos falantes. Freud explicitamente se refere a isto quando assinala: "Tem-se o direito de colocar, com efeito, para um histérico, e estendido também ao inconsciente, as mesmas exigências de ligação lógica e de motivação suficiente, que se impoem a um indivíduo normal. Um afrouxamento dessas relações não está ao alcance da neurose. Se as ligações de representação dos neuróticos e, em especial, dos histéricos, dão uma outra impressão, se aqui a relação das intensidades das diferentes representações parece inexplicável a partir apenas de condições psicológicas, já travamos conhecimento sobre a razão dessa aparência e sabemos que devemos atribuí-la à existência de motivos ocultos, inconscientes. Assim, poderíamos supor que tais motivos secretos estarão ali onde se comprovar um salto semelhante na concatenação, uma transgressão da medida normal de motivação legítima." (p. 293) Mais adiante, acrescenta: "A experiência mostra o contrário na histeria; quando se encontrou os motivos ocultos - que freqüentemente permaneceram inconscientes - e os levamos em conta, também nos histéricos, a ligação de pensamentos não é nem enigmática nem irregular." (p. 294) Em outras palavras, os sintomas histéricos são aparentes atos irracionais, dado que não está no poder da histeria destruir a racionalidade humana.] As representações que surgem em virtude da aplicação da pressão conduzem ou a uma cadeia de associações que termina na representação patogénica ou a uma cadeia que pode conduzir àquela. Quando se interrompe o fio da cadeia associativa, basta repetir o procedimento para obtê-lo de novo. Os resulta-

dos alcançados dão para Freud "a impressão enganosa da existência de uma inteligência superior fora da consciência do paciente, que mantém uma grande quantidade de material psíquico disposta para propósitos determinados e que fixou um arranjo conveniente para o seu retorno à consciência. Conjecturo, contudo, que esta segunda inteligência inconsciente não seja mais do que uma aparência". (p. 272)

Mais adiante, Freud irá mostrar que esta segunda inteligência não é nem enganosa, nem aparente quando afirma que "... os esclarecimentos, que se obtém por meio do procedimento da pressão, produzem-se de forma tão notável e em tais circunstâncias que tornam mais tentadoras a suposição de uma inteligência não consciente". (p. 276) Freud cede à tentação quando observa que "o material psíquico patogênico parece constituir o patrimônio de uma inteligência, que necessariamente não fica atrás da do eu normal". (p. 291) [Portanto, a inteligência - no sentido de um sistema de representações - apresentada inicialmente como uma ilusão, depois como uma suposição tentadora, adquire o estatuto de algo que realmente existe. A idéia de um sistema decorreu da observação da ordem apresentada pelo material no seu retorno à consciência. Podemos interrogar se tal ordem é apenas um sub-produto dos procedimentos utilizados ou já existia antes do tratamento, ou seja, aparece uma questão que não deixará de ser feita, repetidas vezes, à psicanálise: ela descobre uma organização ou ela a produz? A resposta freudiana será sempre a mesma: ele fez uma descoberta. No caso presente, ela toma a forma da suposição de que, dadas as condições de funcionamento do procedimento, o médico seria incapaz de acrescentar uma representação que já não estivesse presente no paciente. Toda vez que ele tentasse, os resultados seriam nulos, atestando que o método não pode

ser sugestivo. Tampouco seria possível desconsiderar qualquer material, ele retornaria inúmeras vezes, tantas quantas fossem necessárias, até ser apreciado pelo médico. Portanto, dado que Freud não pôde nem subtrair nem adicionar nada, a "inteligência" seria realmente fruto de uma descoberta.]

A descrição dessa "inteligência" é feita a partir de um modelo simplificado que vai considerar uma "histeria traumática monossintomática, semelhante a um organismo elementar, um ente unicelular em comparação com a estrutura complexa de uma neurose histérica severa, como encontramos em geral." (p. 291) A ordem do material pode ser descrita de três maneiras distintas: A_1 (temporal), A_2 (de acordo com a resistência) e A_3 (segundo o sentido). A_1 indica que o material apresenta-se sempre na ordem do mais recente para o mais remoto. (p. 292) A_2 parece tomar como exemplo o sistema solar, onde o sol faria o papel do núcleo traumático. Quanto mais perto do centro, maior a resistência oferecida pelo paciente. (p. 293) Como o material já esteve na consciência, o reprimido funciona mais como uma infiltração do que como um corpo estranho. (pp. 294-5) [É sempre arbitrário diferenciar o que pertence ao eu daquilo que constitui material da "inteligência".] A_3 é a mais interessante para os nossos propósitos porque designa a relação de conteúdo, ou seja, as relações de sentido presentes entre as representações. Freud descreve-as da seguinte maneira: "A conexão lógica não corresponde apenas a uma linha torcida, em ziguezagues, mas, pelo contrário, a um sistema ramificado de linhas e, de forma bastante especial, convergente." Logo em seguida, conclui: "É muito importante, para dizer com outras palavras, quão freqüentemente um sintoma é multideterminado, sobredeterminado". (p. 293-4) [Este último aspecto será salientado mais adiante; no entanto, já podemos assinalar os dois sentidos que ele apresenta: o

sintoma pode remontar a vários acontecimentos, portanto, ter várias referências (basta lembrar o sintoma de não ouvir de Anna O), como pode encerrar vários sentidos, ou seja, enquanto símbolo privado ele também é polissêmico.]

Este pequeno modelo da mente aparentemente obedece às condições necessárias para entender o sintoma como um ato acrático. T_1 é satisfeita porque o modelo supõe a existência de uma divisão na mente: o eu e a "inteligência". As representações presentes na segunda opõem-se de forma intencional àquelas que pertencem ao eu, ou seja, cada sistema tem suas intenções preferenciais (T_2). Estas intenções geram um conflito (T_3) cujo resultado é a produção de sintomas enquanto atos acráticos.

Entretanto, ele não explica a relação entre a fala e o princípio da constância. Ele apenas explicita a ordem pela qual o material é apreendido. Para estudar a relação, é preciso recordar que o procedimento da pressão é apenas um truque. Ora, qual é o agente terapêutico eficiente que permite que os símbolos privados sejam dissolvidos? Sabemos que a técnica inicia-se com um pedido por parte do médico: o paciente deve prometer obediência a certas regras: não exercer censura ^{sobre} o material que emergir, esperar que algo surja espontaneamente, falar o que vê ou o que lhe ocorre. Durante sua utilização, o paciente trai a promessa. Ele coloca objeções que decorrem diretamente das promessas feitas: não tem nada a falar porque o material que lhe ocorre é censurável, ou é imprestável porque não foi espontâneo, ou porque não vê ou não lhe ocorre nada. Por conseguinte, os obstáculos manifestam-se como oposição às regras estabelecidas pelo médico, ou seja, como resistência às sugestões recebidas. Assim, a relação

transferencial funciona como condição de possibilidade do tratamento. Se ela não existisse, seria impossível a repetição da cena originária. Em suma, os obstáculos são inevitáveis, mas, ao mesmo tempo, são as condições de possibilidade da análise. Só se pode estabelecer a correção das representações no aqui e no agora da relação médico-paciente. A técnica da pressão foi descrita como um truque porque ela funciona como um pretexto para dar uma sugestão ao paciente. É preciso que ele deixe influenciar-se o mínimo necessário para poder entrar no jogo da promessa. A partir daí, a quebra da promessa faz parte das regras estabelecidas; aliás ela é, sem que o paciente saiba, a principal regra. Em suma, a técnica da pressão é uma manobra para desviar as resistências para a relação analista-analisando que se revela como condição última e indispensável a todo tratamento.

A forma de funcionamento da defesa é descrita em dois registros distintos por Freud: um decididamente energético onde se diz que ela consiste na "transformação de uma representação intensa em representação fraca através da remoção do seu afeto"; e outro decididamente semântico onde se acredita que ela funciona pela passagem de uma linguagem verbal a uma linguagem imagética. Entretanto, também se pode formulá-la em um discurso misto: a passagem dá-se pela perda de valor afetivo da palavra. Há dois determinismos: um fixado pelo princípio da constância e relacionado à excitação sexual e outro determinado pelo uso da palavra em contextos de interação. Para assinalar o último, basta recordar uma citação já estudada em *Zur Psychotherapie der Hysterie*: quando abandonamos as representações intencionais conscientes, o pensamento passa a ser dominado pelas representações intencionais não conscientes. A defesa contra estas representações aparece a partir do eu do agente. O conflito psíquico expres-

sa-se como uma oposição entre uma representação afetiva de conteúdo sexual e uma representação que Freud, um pouco mais tarde, chamará de representação moral. Podemos assistir a sua repetição na relação transfe-rencial. Esta permite que o paciente transfira para o médico a representa-ção patogênica sob a condição de percebê-la como nova e atual. A trans-ferência acarreta, como já foi indicado, o aparecimento de um novo sintoma. A tarefa do analista é mostrar que a representação que emergiu nem é nova nem se refere propriamente a ele, mas que se trata de uma repeti-ção. No entanto, o esquema presente em Zur Psychotherapie der Hys-terie não consegue articular teoricamente fala e quantidade. Foi com es-te objetivo que Freud começou, em setembro de 1895, a escrever um ma-nuscrito que permaneceu inédito até 1950 e é conhecido como Entwurf einer Psychologie.

- ① não ficou claro p/ mim o porquê do percurso histórico, i.e., em que a comparaç. of Breuer, Charcot e Berheim é importante p/ a tese
- ② não entendi o que se chama de linguagem e que é o núcleo do capítulo
- ③ apesar do "fracasso" p/ rel. fala e quant. é mostrado que o esquema de Davidson já funciona - neste caso, é 1 t. cient. apesar do "fracasso"?
- ④ f. quer dizer: a sexualid. é 1 substância?

Capítulo 2

O *Entwurf* foi escrito com um objetivo explícito: fundamentar as descobertas clínicas que Freud havia descrito em *Zur Psychotherapie der Hysterie*. O capítulo teórico de Breuer, como já assinalamos, era insatisfatório, na medida em que conduzia a investigação para um fundamento fisiológico, o estado hipnóide. Apesar do tom neurológico das primeiras proposições, não é difícil discernir que a expressão "estados quantitativos" remete à "intensidade afetiva" e "partículas materiais" ao termo "representação". Assim, uma "representação afetiva" expressa-se em uma psicologia científico-naturalista, [*eine naturwissenschaftliche Psychologie*] como "partícula material que está em um certo estado quantitativo". O objetivo de tal psicologia é mostrar que todo e qualquer processo psíquico, em especial o conflito, tal como é descrito na teoria da sedução, pode ser expresso como uma diferença quantitativa que justifica os efeitos produzidos na fala de pacientes que apresentam sintomas decorrentes de neuroses de defesa.

1. A arquitetura de uma máquina fictícia

O capítulo anterior mostrou a existência de numerosas referências indiretas e diretas à noção de quantidade, anteriores ao *Entwurf*. Por exemplo, no verbete *Hysterie* estudamos a tese de que "a histeria baseia-se total e completamente em modificações fisiológicas do sistema nervoso, e caberia expressar sua essência através de uma fórmula que levasse em conta as relações de excitabilidade das diferentes partes do sistema ner-

voso". (pp. 72-3) Em *Quelques Considérations pour une Étude Comparative des Paralysies Motrices Organiques et Hystériques*, a ambição explicativa adquire um teor menos vago: "Cada acontecimento, cada impressão psíquica é dotada de um certo montante afetivo (Affektbetrag), descarregado pelo eu ou pela via da reação motora ou por um trabalho psíquico associativo". (p. 54) Mas, no final de *Die Abwehr-Neuropsychosen*, Freud referiu-se a uma hipótese auxiliar, pela qual: "... cabe diferenciar algo nas funções psíquicas (cota de afeto, soma de excitação) que tem todas as propriedades de uma quantidade - embora não tenhamos nenhum meio de medi-la -, algo capaz de aumento, diminuição, deslocamento e descarga, espalhada sobre os traços de memória de representações, algo como uma carga elétrica sobre a superfície de um corpo." (p. 74) [Indicamos, no capítulo anterior, que a idéia de uma carga elétrica será substituída pela de substâncias químicas.]

Em 1944, Bernfeld publicou, em *The Psychoanalytic Quarterly*, Freud's Earliest Theories and the School of Helmholtz, (vol. XIII, p. 341-62). O interesse do artigo reside na tentativa do autor de mostrar como o termo 'excitação' é usado no sentido de "estar em funcionamento", ou seja, que se trata de um termo descritivo, qualitativo, denotando apenas "resultado ou indicativo de trocas de energia". (p. 343) Evidentemente, ele ignorava o *Entwurf* e a correspondência trocada entre Freud e Fliess. Seu ensaio foi baseado, na sua quase totalidade, no capítulo teórico escrito por Breuer. Entretanto, quando Strachey escreveu o apêndice ao *Entwurf* sobre a natureza da quantidade, ele estava de posse de todos documentos necessários. Apesar da referência explícita ao texto de 1894, citado acima, ele conclui: "não há em nenhum lugar do *Project* uma palavra que sugira

que tal idéia [analogia com qualquer coisa de natureza elétrica] estivesse presente na mente de Freud. Ao contrário, ele enfatizou repetidamente o fato de que o 'movimento neuronal' é desconhecido por nós". (S.E., vol I, p. 393) Isto, contudo, não impediu que Pribam & Gill, em 1976, observassem: "Em suma, subscrevemos a idéia de que Freud, o fisicista, estava tentando, de fato, uma lei de Ohm da função neural mas, como não dispunha de dados quantitativos para fazê-lo, absteve-se de escrever realmente a equação". (O Projeto de Freud, p. 27). Os autores tomam a diferença entre quantidade dinâmica, ou seja, enquanto quantidade em fluxo, e quantidade estática, isto é, como altura do nível de ocupação de um neurônio, para pensar o primeiro termo como corrente elétrica e o segundo como diferença de potencial. [A lei de Ohm expressa que a diferença de potencial é o resultado da resistência multiplicada pela corrente.]

Se não nos entregarmos a exercícios de ficção hermenêutica e procurarmos ler o texto, antes de corrigi-lo, veremos que quantidade é definida como modificação de um estado: uma diferença entre repouso e movimento. Se a quantidade for igual a zero, não haverá mudança de estado. Se ela for diferente de zero, uma de duas coisas ocorrerá: ou ir-se-á de um estado de movimento para um de repouso, ou, ao contrário, de um de repouso para um de movimento. A lei geral do movimento é, assim, a lei da inércia, ou seja, um corpo tende a conservar a sua quantidade de movimento enquanto não for perturbado por outro corpo. Por conseguinte, as propriedades acima assinaladas podem ser apresentadas na nova linguagem proposta. O aumento quantitativo descreve a passagem de um estado de menos movimento para um estado de maior movimento. A diminuição descreve a passagem inversa. Deslocamento quantitativo indica a passagem de um estado de

movimento de um local, de um lugar, para outro. Descarga denomina a passagem de um estado de movimento para um estado de ausência de movimento. Em suma, todas as noções envolvendo quantidade são puramente qualitativas e não quantitativas. Inércia não se refere a um zero absoluto, mas apenas a um estado de ausência de diferença na quantidade de movimento. A escala de medida, se quisermos falar em medidas, é uma escala ordinal, ou seja, além da relação de equivalência (=), ela também inclui relação de ordem (>), mas de nenhuma maneira somos capazes de exprimir diferenças entre duas quantidades. A oposição entre uma quantidade em fluxo e uma estática serve, como veremos adiante, para diferenciar processos não inibidos de processos inibidos.

O neurônio exprime uma materialidade, onde pode manifestar-se uma certa diferença entre atividade e repouso. Freud procura durante o decorrer deste texto descrever também o neurônio em termos quantitativos, na medida em que ele supõe inicialmente a identidade neuronal. Portanto, toda diferença de função, de modo de funcionamento, só poderia ser quantitativa. Contudo, adiante, ele será obrigado a supor um tipo de neurônio, o neurônio ω , que será diferente dos outros dois, ϕ e ψ .

As observações clínico-patológicas presentes em *Studien über Hysterie*, especialmente nas observações feitas em *Zur Psychotherapie der Hysterie*, mostraram a necessidade de conjecturar que a normatividade e a coerência, impostas pela racionalidade humana, não eram transgredidas, mesmo no caso das neuroses de defesa; indicando, assim, o contexto intencional da análise freudiana. Contudo, eram feitas repetidas referências à intensidade das representações. As perturbações nas intensidades

devem relacionar-se de alguma maneira com as ligações entre as representações de forma semelhante às que ocorrem na fala. Ora, era justamente isto - explicar as perturbações na fala - que Breuer buscava ao escrever o capítulo teórico de *Studien über Hysterie*, mas ele fracassou. Assim, a aposta freudiana é bastante ousada: dar conta das relações de intencionalidade no contexto de uma psicologia científico-naturalista. [No capítulo 5, mostraremos que um certo texto de J. Stuart Mill foi a inspiração para certas noções de *Entwurf*. Neste sentido, a tentativa freudiana refaz, em outro contexto e contra os seus objetivos explícitos, a tese de J. A. Giannotti em *John Stuart Mill: O Psicologismo e a Fundamentação da Lógica*, segundo a qual as relações de intencionalidade não podem ser apreendidas no interior de uma psicologia quantitativa.]

Apesar de encontrarmos uma referência indireta de Freud ao ensaio de Exner, *Entwurf zu einer physiologischen Erklärung der psychischen Erscheinungen*, de 1894, sua investigação pode ser descrita como a tentativa de generalizar as descobertas feitas em *Studien*. Nas suas palavras: "A Parte I deste projeto continha o que se podia derivar *a priori* das suposições fundamentais, modelado e corrigido de acordo com diversas experiências factuais." (p. 438) O projeto freudiano parte do princípio da inércia, segundo o qual o "neurônio aspira a libertar-se de quantidade." (p. 388) A aspiração envolve manter inalterada a diferença entre repouso e movimento, ou seja, manter constante a quantidade de movimento presente. "Quantidade igual a zero" é equivalente a "ausência de qualquer variação na diferença entre repouso e movimento". Se a quantidade de movimento for nula, isto é, se o neurônio não estiver ocupado (*Besetzung*), libertar-se da quantidade será conservar-se em repouso; se a quantidade for constan-

te, significará manter a diferença movimento/repouso constante. A lei da inércia não deve ser entendida como tendência ao repouso; caso contrário, todos os objetos do mundo estariam em repouso e não haveria choques entre eles. Mas o princípio da inércia, suposto por Freud, exprime não apenas ausência de variação na velocidade dos objetos, ou seja, de acelerações, isto é, de forças, mas também de qualquer movimento. Em outras palavras, o princípio da inércia formula um estado peculiar da lei da inércia: aquele onde a diferença entre repouso e movimento é nula.

A arquitetura do sistema nervoso primitivo [trata-se de uma ficção freudiana porque este sistema, diferente de qualquer outro objeto existente, estaria em repouso] é feita no sentido de manter a quantidade nula. O aparelho psíquico tem uma direção privilegiada que vai da parte sensorial - que recebe a variação da quantidade de movimento, logo, o impacto de um objeto que altera sua quantidade de movimento -, para a parte motora, onde aceleração imprimida é anulada, zerada, de modo a retornar ao repouso. O sistema nervoso primitivo - que descreve um estado onde ainda não existiria vida -, apresenta as mesmas propriedades que os neurónios ϕ , responsáveis pelas sensações no modelo de sistema nervoso que leva a vida em conta. Neles, a quantidade também é nula, pois conservam seu estado de imobilidade. O desempenho de um neurónio é compreendido como capacidade de conservar a quantidade de movimento. O princípio da inércia expressa a tendência do sistema nervoso primitivo para evitar a ação de forças que o levariam a sair de seu estado de repouso. Toda vez que aparecesse uma alteração na quantidade de movimento, ela seria devida a um choque com um corpo externo. A força que age sobre a parte sensorial do sistema é descarregada pela parte motora. Recepção de quantidade indica ocorrência de

choques. Cessão de quantidade assinala que os choques foram anulados, ou seja, que deixou de existir a modificação entre repouso e movimento causada pelo aparecimento de um objeto externo. Ou, em outros termos, a aceleração induzida pelo choque foi anulada pela parte motora, de modo a preservar o sistema nervoso de qualquer alteração. Até este momento, toda variação só pode ter origem externa. O termo 'motivo' é usado para referir-se à direção do movimento. Ele propaga-se da parte sensorial para a motora. A função primária do sistema nervoso é manter a diferença entre repouso e movimento nula, evitando a ação de qualquer força sobre o sistema nervoso, portanto, impedindo que ele saia do repouso. Em resumo, o sistema nervoso primitivo funciona como um sistema reflexo: tudo que entra, sai. [Freud usa a distinção entre reflexo e inibição, noções comuns em todos os tratados de fisiologia de sua época, para traçar uma outra diferença, muito mais relevante para seus propósitos: a existente entre sensação e memória.]

Como no mundo externo só há massas em movimento, todos os corpos tendem a manter constante sua quantidade de movimento. Assim, se um deles se chocasse com o sistema nervoso primitivo, supondo que isto fosse possível, ele também tenderia a anular a variação imprimida na sua quantidade de movimento pelo choque. A única diferença entre ele e qualquer outro corpo residiria no seu estado de repouso absoluto. [Esta é a razão de vários comentadores tentarem encontrar já em *Entwurf* a noção de princípio do Nirvana, na medida em que o sistema nervoso primitivo expressaria um estado inorgânico da matéria. Entretanto, isto é despido de sentido, pois ele não denota nenhum objeto existente, seja ele inorgânico ou não.] Os caminhos - através dos quais é anulada a força produzida pelo encontro

com corpos estranhos -, são conservados e tornam-se prioritários. Eles são caminhos de descarga. A função primária do sistema nervoso é mantê-lo imóvel; a função secundária está ligada à conservação de caminhos de descarga. Mas a referência à conservação de caminhos indica que abandonamos a ficção de um sistema nervoso primitivo.

A necessidade (*die Not*) da vida introduz carecimentos (*das Bedürfnis*) como a fome, a respiração, a sexualidade. (p. 389) Dizer que eles violam o princípio da inércia, é dizer que eles impõem o abandono da imobilidade, mas não da conservação da quantidade de movimento. [Os três estímulos internos desempenham papéis teóricos distintos: a fome é a pulsão que organiza o aparelho psíquico normal; a respiração está ligada ao modelo da angústia, mas dado que, para se respirar, não se necessita da presença de outra pessoa, ela não tem nenhum destaque especial em *Entwurf*; a sexualidade, dado que está ausente na infância, não pode organizar o aparelho psíquico. No entanto, seus possíveis efeitos nocivos serão destacados no estudo das psiconeuroses, objeto da Parte II deste ensaio de Freud. Entretanto, podemos recordar que o modelo a ser apresentado sobre a fome é totalmente pensado a partir do esquema sexual, exposto no manuscrito G da correspondência Freud-Fliess, onde se descreviam as neuroses que mais tarde, 1898, seriam assinaladas como neuroses atuais, entre elas, a neurose de angústia.]

A variação de movimento introduzida pelos estímulos endógenos não pode ser desfeita pela própria variação. No caso de estímulos externos, o sistema nervoso podia permanecer em repouso porque transmitia toda quantidade de movimento recebida para o objeto externo. Agora é preciso man-

ter o sistema nervoso em movimento, mantê-lo com uma certa quantidade de movimento que não seja nula. Ela tornou-se necessária para poder executar a ação específica. A expressão 'ação específica' designa inicialmente uma ação, ou seja, séries ordenadas de movimentos no mundo externo que devem interromper temporariamente uma variação na relação repouso/movimento. Freud ressalta que a energia gasta para sua realização no mundo externo é superior à produzida pelo estímulo endógeno; assim, o sistema nervoso real não pode permanecer no estado de repouso, ele tem de permitir um certo armazenamento, isto é, uma certa quantidade de movimento, diferente de zero. O que, de imediato, suscita duas questões: uma relativa à origem da quantidade de movimento, e outra sobre a possibilidade de guardá-la, de retê-la. A "necessidade da vida" indica o caráter ficcional do sistema nervoso primitivo, que, no entanto, serviu para ressaltar, entre outras coisas, uma diferença fundamental que atravessa todo o texto de Freud: a existente entre estímulos externos e estímulos internos. Pois é através dela que se exprimem as grandes distinções nos modos de funcionamento do sistema nervoso. [A crença maior de Freud de que todos os processos psíquicos podem ser explicados ou a partir de uma diferença nula entre repouso e movimento (quantidade em fluxo) ou através da conservação dos caminhos de descarga (quantidade estática), ou seja, pelo modo como a quantidade de movimento é conservada, está presente em todos os detalhes iniciais do *Entwurf* e permite formular dois dos seus pressupostos fundamentais: (P₁) identidade neuronal - todas as partículas materiais são idênticas -, e (P₂) - todas as diferenças são quantitativas. Entretanto, Freud, ao se referir à possibilidade de que exista uma diferença de calibre no interior do neurônio (p. 390), está admitindo a possibilidade de que haveria opções na escolha dos caminhos preferenciais, portanto, na constituição

de uma memória; isto é, tudo se resolveria a partir de um jogo entre vivências e elementos inatos, dado que calibres maiores, todo o resto permanecendo idêntico, tenderiam a ser escolhidos em detrimento de calibres menores.]

O recebimento da energia faz-se pelos prolongamentos celulares e sua cessão, pelo cilindro do eixo. Assim, cada neurônio tem a mesma organização que o sistema nervoso, funcionando sob o esquema reflexo. Com a introdução da necessidade da vida, o sistema torna-se complexo. É preciso reter os caminhos através dos quais os estímulos endógenos são descarregados. Por conseguinte, é imperioso dotar o sistema de uma memória. Por P_2 , todas as diferenças são quantitativas. A exigência de uma memória traduz-se como exigência de uma diferença quantitativa. Mas a própria conservação de uma certa quantidade de movimento só pode ser feita se for encontrada uma forma de reter quantidades. Para resolver o problema, Freud supõe a existência de barreiras de contato nos neurônios, ou seja, de resistências que se oporiam à passagem de quantidades. Logo, dentro de certos limites, os neurônios podem manter uma quantidade de movimento não nula, mas que também não é idêntica em todos os seus prolongamentos: ela depende do contato sobre o qual ela recai. No início, o único fator decisivo para a passagem está na diferença de calibre existente entre as terminações de um mesmo neurônio. Mas há um fator determinado pela experiência. Os caminhos percorridos mais vezes tornam-se mais permeáveis, portanto, mais propícios a uma nova passagem. A diferença que permite estabelecer a memória dos caminhos de descarga fixa-se através das vivências sofridas pelo sistema nervoso, ou seja, pelo estabelecimento de diferenças de permeabilidade. Em consequência da concepção de caminho preferencial surge a

necessidade de postular a existência de uma memória, que tem como propriedade distintiva sua alteração permanente por um processo único. Para existir uma memória de X, é preciso que haja no sistema nervoso um delegado de X.

O sistema nervoso primitivo, regido pelo princípio da inércia, não carecia de memória. Era suficiente um sistema que recebesse estímulos externos e os descarregasse pela via motora. A necessidade da vida impôs a criação de uma memória, de uma organização que conservasse os traços mnemônicos da ação específica. Breuer, no capítulo teórico, já havia indicado que essas duas funções não podiam ser executadas por um mesmo sistema (*Theoretisches*, p. 247-8). Freud retoma a diferença sob a forma de "células perceptivas" e "células recordativas". Mas tem de resolver o problema causado pela suposição de duas classes distintas de células, pois a divisão contraria de imediato P_1 e P_2 . Para mantê-los, Freud considera que os neurônios perceptuais, os neurônios ϕ , são idênticos aos neurônios da memória, os neurônios Ψ . A diferença entre eles recai sobre a quantidade a que estão submetidos.

Portanto, é necessário introduzir uma terceira proposição fundamental. O espaço do aparelho psíquico é função exclusiva da relação repouso/movimento (P_3). As diferenças são tão menores quanto mais penetra-se no interior do aparelho psíquico e maiores no mundo externo. O neurônio ϕ está sujeito a uma magnitude tal que ele nada retém, ou seja, passado o estímulo, ele retorna ao repouso. Desta forma, ϕ obedece ao princípio da inércia. Por sua vez, o neurônio Ψ é atravessado por uma diferença repouso/movimento aproximadamente idêntica a sua barreira de contato. Logo, ele

conserva certa quantidade de movimento e, assim, obedece ao novo princípio introduzido pela necessidade da vida, o princípio da constância. A manutenção dessa quantidade assegura sua possibilidade de exprimir a memória. [Os neurônios ϕ , Ψ de 'φύσις' (natureza) e Ψ de 'ψυχή' (psíquico), apontam para cinco diferenças fundamentais: oposição entre estímulos externos e estímulos internos (os primeiros são dotados de uma quantidade de movimento muito superior a dos segundos), percepção e memória (Freud usa a diferença reflexo/inibição para diferenciar os dois processos), princípio da inércia e princípio da constância, função primária e função secundária, alucinação e pensamento. Dizer, como Freud, que os neurônios Ψ são "portadores da memória e, assim, provavelmente dos processos psíquicos em geral" (p. 392) é acreditar que os processos psíquicos seriam fundamentalmente processos da memória. Em outros termos, todo processo psíquico seria na sua essência um processo mnemônico e não da consciência, como ocorria nas concepções iniciais, descritas no nosso primeiro capítulo.]

Observar que haveria uma "super-aprendizagem com base na memória" (p. 392) indica que a passagem freqüente por um determinado caminho de Ψ vai ampliando sua faculdade condutiva, ou seja, tornando-o cada vez mais permeável, portanto, mais próximo do neurônio ϕ . [Veremos como esta concepção leva Freud a pensar a relação percepção/memória como o inverso da proposição empirista que concebe a memória como percepção atenuada, ou seja, ele supõe a percepção como memória intensa.]

'Grau de facilitação' indica a oposição que a barreira de contato oferece à mudança de sua quantidade de movimento. Conjecturar que a memória é representada pela diferença no grau de facilitação é equivalente a

mostrar que a própria memória expressa-se como diferença quantitativa. Mas também aponta para um outro fato importante: se o grau de facilitação de Ψ atingir um máximo, ele se transformará em ϕ . Ou seja, influenciado por Darwin, Freud considera a memória como resultado de um processo evolutivo. A necessidade da vida, isto é, a existência de estímulos endógenos - no caso, a fome -, exigiu a realização de uma ação específica (de uma modificação apropriada no mundo externo). Ela obriga o organismo a abandonar a inércia e a conservar uma quantidade de movimento diferente de zero; por conseguinte, ela exige neurônios impermeáveis, os neurônios Ψ . Assim, a necessidade da vida implica no aparecimento da memória, a transformação de certos neurônios ϕ em neurônios Ψ . [O fenômeno da alucinação pode, então, ser entendido como um fenômeno regressivo, ou seja, Ψ regride ao estado de ϕ , comporta-se como ele.]

A memória é definida como "poder da efetividade contínua de uma vivência" (p. 393); ou seja, as vivências prolongam seus efeitos - que são contínuos -, enquanto memórias. Toda vivência traz em si o poder de agir sobre o devir psíquico. Como elas se organizam? [A questão é importante porque a organização não é dada nem pela percepção, nem pela consciência, nem está no mundo externo; são os caminhos de descarga que organizam o psíquico e todo o resto.] A resposta é encaminhada através da observação de que tais efeitos são em última análise função da quantidade envolvida (frequência e grandeza não apontam para outra coisa que não seja a quantidade), isto é, do grau de facilitação criado. Ele estabelece os caminhos preferenciais de descarga. As vivências mais poderosas, portanto mais intensas, serão as que fixarão, em última análise, os caminhos de descarga.

Mas a existência de caminhos de descarga, de memória, é também uma maneira, embora atenuada, de manter o sistema nervoso afastado de grandes variações na sua quantidade de movimento. Facilitar é permitir a redução da diferença entre repouso e movimento, portanto, aproximar o sistema do repouso, ou seja, realizar a função primária. Um neurônio ocupado é um neurônio preenchido com uma certa quantidade de movimento, diferente de zero.

Já havíamos assinalado que a crença na existência de diferenças inatas de calibre criava condições para facilitaões distintas no interior de um dado neurônio. O fator inato acrescido das vivências determina os caminhos a serem percorridos dentro de um mesmo neurônio. Se não houver nenhuma diferença nos graus de facilitação, não se poderá construir a memória, e perderia qualquer sentido a expressão "caminho preferencial". Os receptores no interior de um neurônio são inúmeros, mas o órgão de descarga, o cilindro do eixo, é único. A recepção do estímulo realiza-se nos receptores com melhor facilitação. Dado que cada neurônio é um modelo do sistema nervoso, tanto ao fixar preferencialmente a direção S-M (sensorial-motor) como ao apresentar prolongamentos com diferentes graus de facilitação, o caminho é determinado em função da quantidade presente em determinados prolongamentos. O motivo é, na verdade, o que resulta da relação que uma certa quantidade apresenta quando comparada com todas as outras simultaneamente presentes. 'Facilitação' significa 'escolha de caminhos'; caminhos através dos quais a quantidade fluiu, e não aqueles que impediram sua passagem. Se a facilitação for entendida como podendo substituir a quantidade, ela não será de modo algum idêntica a ela. Facilitação não é uma diferença entre repouso e movimento, mas o resultado de uma modificação na relação repouso/movimento; ela será total quando chegar a

um estado que não oponha mais nenhuma resistência a quaisquer modificações. Neste caso, a barreira de contato estará completamente facilitada.

[Freud usa o termo 'explicar' de forma bastante singular. Explicar biologicamente um processo é apontar seu valor de sobrevivência para a espécie humana. Por exemplo, o processo que levou parte dos neurônios ϕ a se transformar em neurônios Ψ ocorreu porque foi útil para a sobrevivência da espécie. Ele permitiu abandonar o estado de repouso e conservar uma diferença não nula entre repouso e movimento com o objetivo de constituir uma memória dos caminhos de descarga. Explicar mecanicamente um processo é descrevê-lo não em termos evolutivos, mas em função das quantidades presentes. Assim, P_3 explica o por quê de ϕ ser mais permeável do que Ψ . Em nenhum momento procura-se explicar um acontecimento enquanto instância particular de uma lei. O próprio princípio da inércia e o da constância são hipóteses que têm valor heurístico: trata-se de um modelo rigorosamente hipotético-dedutivo. Por exemplo, a arquitetura do sistema nervoso, enquanto formado por dois sistemas, é de tal ordem que procura manter afastada qualquer variação entre repouso e movimento, seja de origem externa ou interna. Sua função, isto é, seu modo de funcionamento, visa sempre estabelecer a menor diferença possível entre repouso e movimento. Logo, arquitetura e função do sistema nervoso são conseqüências deduzidas a partir do princípio da inércia e da constância. Procuram conservar a quantidade de movimento do sistema. No caso de ϕ , manter o repouso (princípio da inércia); no de Ψ , a menor diferença necessária entre repouso e movimento (princípio da constância).]

2. Máquina e consciência: um novo modelo

Há ocasiões em que um estímulo externo - seja porque age diretamente sobre as terminações de ϕ , seja devido a sua grande magnitude -, pode causar o fenômeno da dor. Ele é entendido por Freud como o protótipo normal de processos patológicos. [Assim, cabe esperar que sua análise possa evidenciar características sobre tais processos que, caso contrário, permaneceriam desapercibidas. Encontramos uma explicação anterior sobre a dor na parte VI do manuscrito G da correspondência Freud-Fliess, de 7 de janeiro de 1895, onde se lê o seguinte: "Ora, como se pode explicar os efeitos da melancolia? Melhor descrição: *inibição psíquica com empobrecimento pulsional e dor a respeito dele.*" Mais adiante: "Os neurônios associados tem de ceder sua excitação, o que produz dor. Pois o abandono de associações é sempre doloroso." (p. 102) Em outros termos, a dor explicada é a dor psíquica, dor suscitada pela perda de algo. A dor, explorada no *Entwurf*, é a dor física. Adiante iremos traçar alguns paralelos entre elas.]

Um dos efeitos da dor é tornar Ψ permeável, portanto, semelhante a ϕ . Em outros termos, na dor, a memória tende a se transformar em percepção. Ou o que é o mesmo, a dor aproxima Ψ de ϕ , ou seja, imprime uma regressão ao sistema nervoso. Mas, se Ψ se tornar permeável, isto é, se todos os caminhos se tornarem igualmente facilitados, como será possível existir uma memória da dor? Por outro lado, a psicologia freudiana, essencialmente quantitativa, não explicou como o ser humano é capaz de atribuir qualidades aos objetos. Para tanto, é necessário introduzir outra noção, a de consciência. O que coloca de imediato dois problemas: explicar como ela

conhece algo e o por quê dela não saber nada sobre neurônios e quantidades. Em relação ao último problema, é notório que uma psicologia científico-naturalista, como a proposta aqui, rejeita a identidade entre o psíquico e o consciente. Ela, ao utilizar-se de uma linguagem neurológica, abre caminho para fundar-se uma psicologia baseada em processos psíquicos inconscientes. Contudo, não se trata só da trivialidade de apontar que certos processos psíquicos podem ser tão inconscientes como o funcionamento de outras partes do corpo. Dada a descrição de Ψ , estão também criadas as condições para acreditar-se na existência de processos mnemônicos não conscientes. Até o momento, de qualquer maneira, eles têm sido tratados como se fossem exclusivamente fenômenos fisiológicos. O uso do termo 'inconsciente' refere-se claramente ao domínio de processos fisiológicos e serve para qualificá-los, ou seja, o termo é empregado como adjetivo.

Freud procura mostrar, de acordo com P_2 , que a consciência pode ser pensada de uma forma quantitativa, ou seja, como diferença quantitativa. A consciência fornece qualidades. Através dela, diferenças quantitativas no mundo externo são expressas sob a forma de duas séries qualitativas: prazer e desprazer e as qualidades sensoriais em geral. Todo problema reside no fato banal de que uma qualidade não é uma quantidade, ou seja, ela não é idêntica a uma diferença entre repouso e movimento. Mas antes de enfrentá-lo, é preciso resolver duas questões: (a) como se originam as qualidades, ou seja, como diferenças quantitativas, apesar de se reduzirem a uma diferença repouso/movimento, transformam-se em qualidades? (b) em qual sistema neuronal dá-se a transformação, isto é, onde se localiza a consciência?

Como já foi indicado, o mundo externo é um mundo formado por massas em choque contínuo, portanto, isento de qualidades. Estas são uma espécie de criação humana, não totalmente arbitrária. Tampouco é possível colocar a consciência em ϕ , porque ela deve ser alocada em níveis mais elevados. No entanto, ela apresenta algumas propriedades em comum com ϕ : o retorno ao estado inicial após a passagem de um estímulo; logo, não há uma memória da consciência. Em outros termos, ela obedece ao princípio da inércia. Assim, a qualidade também não pode se formar em Ψ . Conclusão: os traços retidos em Ψ são guardados sem qualidade. Eles só a adquirem ao serem contemplados pela consciência. Se um determinado traço for retido em um momento t_1 , ele o é sem qualquer qualidade, embora, evidentemente, para a consciência, naquele momento, ele seja dotado de qualidade. Mas se, mais tarde, a consciência contemplá-lo em um tempo t_2 , é naquele instante que ela confere-lhe uma qualidade que ele poderia não possuir em t_1 . [Em outras palavras, os traços de memória, por serem privados de qualquer qualidade, não sofrem de nenhuma maneira a menor influência do tempo; este não pode alterar a natureza dos traços de Ψ . É somente a consciência que tem o poder de dotá-los de uma qualidade que até aquele momento poderia ser completamente insuspeita. O fenômeno da posterioridade (*Nachträglichkeit*) deve ser entendido neste contexto. Por conseguinte, se um traço de memória referir-se a um acontecimento sexual, mas em uma época pré-sexual, a consciência irá dotá-lo de tal característica a partir da puberdade.]

A saída freudiana para o problema da consciência é ter a "coragem" (*So schöpft man Mut zur Annahme,...*, p. 401) de criar um terceiro sistema neuronal, os neurônios ω ; fato que responde à questão (b). [A letra

' ω ' estaria justificada pela semelhança entre o ω grego e o ω gótico de *Wahrnehmung*.] É necessário ter coragem porque há três exigências difíceis de serem atendidas: (I) por P_1 , os neurónios ω teriam de ser idênticos aos neurónios ϕ e ψ ; (II) por P_2 , as qualidades deveriam ser equivalentes a diferenças quantitativas; (III) por P_3 , a quantidade a que eles devem estar submetidos é muito menor do que a ψ , apesar de precisarem ter propriedades semelhantes às de ϕ .

Se a arquitetura do sistema nervoso for de tal forma que ela contenha dispositivos para transformar quantidades em qualidades, ainda assim nenhuma das três exigências será satisfeita. [Dos pressupostos iniciais, serão conservados, com modificações, P_2 e P_3 ; P_1 será abandonado.] Por P_3 , a quantidade em ω será menor ainda do que em ψ . Ora, como será possível que ω exiba propriedades semelhantes (às) de ϕ , por exemplo, retorno ao estado inicial após a passagem de um estímulo, na medida em que esta propriedade dependia da permeabilidade, portanto, de uma quantidade superior a das barreiras de contato de ϕ ?

Para responder às três indagações, Freud supõe que a qualidade seria produzida quando a quantidade estivesse em um máximo de interrupção, numa região de indiferença entre prazer/desprazer, portanto, onde a diferença repouso/movimento fosse a mínima possível. Neste caso, a quantidade seria igual a uma constante. Contudo, os neurónios ω não estão em repouso. Pois se este fosse o caso, não haveria descargas e, assim, deixaria de existir a geração de signos de qualidade para ψ . Dado que ainda conservam certa quantidade de movimento, eles também aspiram à descarga total. No retorno ao estado de repouso, desaparecem quaisquer diferenças entre

suas barreiras de contato. Destarte os neurônios ω , portadores da consciência, possuem o mesmo tipo de propriedades que os neurônios ϕ . Os dois obedecem ao princípio da inércia. Elas contrastam de forma decisiva com as propriedades dos neurônios ψ . No aparelho psíquico, os neurônios apresentam-se de duas formas: uma permeável, ligada ao princípio da inércia; outra impermeável, vinculada ao princípio da constância. Todo o problema em relação a ω reside em explicar uma facilitação que não decorre da quantidade e, ainda assim, tentar manter a validade de P_1 .

A saída freudiana consiste em associar a todo movimento uma característica temporal, o período. Para este, não haveria barreiras de contato, ou seja, todo neurônio em relação a esta característica temporal estaria sempre completamente facilitado. Já no início de *Entwurf* encontramos: "... o que dá uma oposição muito acentuada com o comportamento de uma matéria que deixa passar um movimento ondulatório e a seguir retorna ao seu estado inicial". (p. 391) O movimento ondulatório é utilizado para descrever as propriedades da consciência em oposição à memória, onde o tecido nervoso é alterado permanentemente.

[Mas mesmo a suposição de um período não é suficiente para conservar P_1 . A exigência da identidade neuronal (I) não pode ser sustentada, desde que ω , diferentemente do que ocorre com ϕ e ψ , é capaz de traduzir períodos em sensações conscientes qualitativas. Mas também P_2 deve sofrer uma modificação. Freud não consegue explicar a consciência a partir de uma diferença quantitativa entre repouso e movimento (II), mas através de uma diferença entre períodos. Em suma, é necessário acrescentar um novo elemento, enquanto termo primitivo à teoria: 'a consciência'. Mas um modelo cons-

truído com neurônios, quantidade e consciência não pode ter mais pretensões realistas. No seu lugar passa a vigorar um modelo que deve funcionar segundo o princípio do "como se" ("als ob"). A cada propriedade que a psicologia conhece a respeito da consciência, Freud conjectura uma certa alteração nos neurônios ω . E como o leitor atento constata, Freud não propõe mais testes para sua teoria, como ocorria quando se discutia apenas ϕ e ψ . (Sem dúvida, alguém poderia observar: "no entanto, Freud está de novo em um solo onde é possível falar de quantidade e de linguagem.") Por outro lado, P_3 é conservada se nos limitarmos a pensar que a quantidade é função do espaço do aparelho psíquico (III). Entretanto, também ela é afetada pela hipótese de que o período é monótono em ϕ e ψ , ou seja, o espaço não é heterogêneo em relação à quantidade, ele também o é em relação ao período. De qualquer maneira, a consciência enquanto afecção pela periodicidade do movimento é uma propriedade única dos neurônios ω .]

Os órgãos do sentido, externos ao sistema $\phi \psi \omega$, agem como telas e crivos, reduzindo a quantidade que chega ao sistema nervoso e só deixando passar movimentos dotados de certo período. A aplicação de P_2 ao período já permite inferir que as diferentes qualidades serão fruto de diferenças entre períodos, fato que responde à questão (a).

A relação entre ψ e ω , ou seja, entre memória e consciência, é estudada a partir da contribuição que a segunda faz à primeira. [Há uma grande diferença entre apresentar a memória por meio de diferenças nas barreiras de contato de ψ e, a consciência através de diferenças de periodicidade decodificadas pelos neurônios ω . No primeiro caso, a memória é traduzida integralmente em termos quantitativos. No segundo, a tradução nem

é tentada.] A descarga dos neurônios ω tem a função de fornecer um signo de realidade para Ψ , ou seja, para os processos psíquicos.

Cada vez que ocorre um movimento motor, há consciência da sua existência, mas não de sua origem. A consciência fornece, como já assinalamos, duas séries qualitativas: a das diferenças sensoriais qualitativas [Muito complexa porque supõe, no caso do ser humano, como veremos, a linguagem.] e as sensações de prazer e desprazer. [No caso do prazer, temos a passagem de uma diferença no sentido movimento/repouso, enquanto desprazer dá-se no sentido oposto, isto é, repouso/movimento. As diferenças nas quantidades não se originam em ω , embora seu resultado sejam sensações conscientes de prazer e desprazer. Na verdade, as duas séries parecem indicar, mais uma vez, a dicotomia fundamental presente em *Entwurf*: princípio da inércia/princípio da constância. Ela aqui se exprimiria pelo par imagem/palavra. Mas há uma assimetria marcante entre prazer e desprazer, devida ao princípio da inércia: se este permite estabelecer imediatamente uma identidade entre evitar desprazer e tendência para a inércia, ele torna difícil pensar certos fenômenos como, por exemplo, "evitar o prazer".]

Os neurônios Ψ dividem-se em neurônios do núcleo (em contato com estímulos endógenos) e neurônios do manto (em contato com ϕ - portanto, com estímulos exógenos -, com Ψ do núcleo - logo, com estímulos endógenos -, e com ω). Tal concepção indica que não pode haver consciência de estímulos endógenos do núcleo, só de estímulos do manto. De qualquer maneira, pode ter-se uma sensação consciente de prazer ou desprazer. Mas tê-la, não custa insistir, não implica em conhecer sua origem. Isto só se dá a partir de processos do pensar que ocorrem em Ψ . Assim, a consciência está

reduzida a um mero papel indicativo de processos anímicos, sendo totalmente ignorante sobre suas determinações. [Em outros termos, Freud constrói um modelo da mente que implica em descrições em terceira pessoa.]

Com o sistema formado por ϕ , Ψ e ω é possível dar uma idéia da totalidade de seu funcionamento. Se os estímulos que o atingem forem externos, eles serão reduzidos [não podemos esquecer que arquitetura e função do sistema nervoso são erigidas sob a égide do princípio da inércia] a uma magnitude de uma ordem grandeza que é ainda maior do que a de partículas intercelulares. Se eles fossem da mesma magnitude, ϕ já seria impermeável. Mas não é apenas a quantidade que opera dentro de certos limites (ou seja, a variação 'movimento-repouso' deve se situar dentro de tais limites sob pena ou de gerar dor ou de não ser levado em conta), há também crivos que selecionam os períodos. Estes não estão ligados a uma variação movimento-repouso, mas a uma série de variações que determinam as diversas qualidades.

A quantidade do mundo externo expressa-se em Ψ por complicação, isto é, por uma maior área afetada. Não há, portanto, uma representação da quantidade externa em Ψ que não seja pela ocupação de um maior número de caminhos. [Assim, a dor provoca a ocupação de grandes áreas em Ψ , na medida em que cria muitos caminhos de facilitação.] A qualidade se exprime em Ψ por tópicos, isto é, Freud supõe que os órgãos do sentido se comunicam através de ϕ apenas com alguns neurônios Ψ . Embora possam existir ligações diretas do interior do corpo com ϕ , ou seja, embora ϕ possa ser submetido a estímulos endógenos, o efeito decisivo destes estímulos será sempre sobre Ψ . A razão é simples. ϕ obedece ao princípio da inércia, ele é

permanentemente permeável devido à influência constante de estímulos externos. Por conseguinte, ϕ não pode organizar os estímulos de nenhuma maneira. Ψ é impermeável, logo, capaz de fixar uma ordem. Os estímulos endógenos, produzidos pela necessidade da vida, acarretam em Ψ do núcleo, devido à ausência de proteção contra quantidades, um efeito que Freud denomina de mola pulsional. A única pulsão que age desde o início é a fome. A sexualidade só aparece na puberdade, e a respiração não exige nenhuma modificação no mundo externo. Uma vez que a carga endógena requer a passagem para outro princípio, o princípio da constância, a quantidade é armazenada em Ψ do núcleo.

A tese da organização do espaço segundo a quantidade, P_3 , reza que os estímulos endógenos sejam de magnitude intercelular. A necessidade da vida manifesta-se incessantemente; portanto, os estímulos endógenos devem ser gerados continuamente. Só serão descarregados após uma certa acumulação. Vencida a resistência entre o interior do corpo e Ψ do núcleo, eles se tornam estímulos psíquicos. A partir deste momento, agem continuamente, com intensidade crescente, gerando em ω desprazer. Se forem descarregados, a quantidade não retornará a zero, ou seja, ao repouso, mas a Q necessária e exigida pelo princípio da constância. [A constante é precisamente a constante fixada pelo princípio da constância. Ou seja, em Ψ do núcleo deve ser armazenada uma quantidade tal que seja igual em valor ao da constante da resistência que se opõe a sua passagem. Qualquer valor acima cria uma situação de facilitação.] Entretanto, na fronteira entre Ψ do núcleo e o interior do corpo, a resistência é retomada. A descarga não interrompe a geração de estímulos endógenos, apenas restaura provisoriamente a resistência entre Ψ do núcleo e o interior do corpo. O armazena-

mento quantitativo no núcleo de Ψ , a partir do interior do corpo, gera o impulso para toda atividade psíquica. Ele expressa-se como vontade, entendida como derivada da pulsão.

Se a dor tornar Ψ permeável, como será possível que ainda reste uma memória da dor? A resposta freudiana consiste em supor que a impermeabilidade valha para o sistema Ψ como um todo. Desta forma, após a passagem de uma certa quantidade, a resistência é diminuída segundo sua magnitude. O resultado é a criação de um caminho mais facilitado, ou seja, a memória. Mas esta consiste precisamente nisto: conservação dos caminhos de descarga.

3. As vivências fundamentais

Há duas vivências fundamentais que organizam o aparelho psíquico, ou seja, Ψ . A primeira é a vivência de satisfação. Ela se constitui em um estado de carência por parte do agente. Para aliviar a quantidade que se acumula a partir de Ψ do núcleo, ele grita, agita-se. A expressão de emoções funciona como válvula de escape para o acúmulo quantitativo nos neurônios nucleares. Todavia ela só restaura momentaneamente a barreira entre Ψ do núcleo e o interior do corpo. É preciso realizar uma ação específica sobre o mundo externo - provisão de alimento - para que a resistência seja restabelecida. Dado que o ser humano é incapaz de produzir, por si só, a ação específica, ele é auxiliado por um outro, atraído pelos gritos, pela agitação motora, etc. Estes, ao atraírem a atenção da pessoa prestativa, tornam possível que ela infira a partir dessa manifestação

externa, produzida por descarga interna, um sentido. Haveria um caracimeto a ser preenchido. A atribuição de sentido faz com que a manifestação externa passe a desempenhar o papel de portadora de sentido e sirva, agora, à função de comunicação. Na situação originária de auxílio, Freud vê a origem de todos os motivos morais. Há, por assim dizer, um aprendizado da conduta a ser adotada, decorrente do desamparo inicial do ser humano. [Aparentemente, o modelo elaborado por Freud encaminha-se na direção de pensar um conflito entre a pulsão - que se manifesta como vontade -, e a moral que decorre do auxílio prestado pelo outro. É como se a pulsão produzisse um desejo que seria ao mesmo tempo interdito. Entretanto, estamos ainda muito longe de tal solução.]

A vivência de satisfação descreve a origem do desejo no ser humano. [Não se pode esquecer que no presente texto o desejo está vinculado à fome e não à sexualidade.] A vivência originária de satisfação encerra, no mínimo, três momentos: (1) uma vez realizada a ação específica pelo outro, é restabelecida, através de movimentos reflexos, a resistência entre o interior do corpo e Ψ do núcleo; o aumento quantitativo em Ψ produziu em ω uma sensação de desprazer; o abaixamento de tensão exprime-se agora como prazer; (2) em Ψ do manto são registrados todos os acontecimentos; portanto, são ocupados neurônios que correspondem à percepção do objeto, isto é, da pessoa prestativa que realizou, pelo sujeito, a ação específica; (3) é também registrada a interrupção do processo de somação.

Entre estes três registros, pulsão, objeto e interrupção, há um estado de facilitação, ou seja, criou-se um caminho preferencial de descarga. A ordem de constituição do caminho é precisamente pulsão-objeto-in-

terrupção. Todos esses acontecimentos deixam em Ψ um registro indestrutível. A associação por simultaneidade é a forma fundamental de associação entre os neurônios Ψ . Pode-se explicá-la da seguinte maneira. Uma vez que a vivência de satisfação tenha estabelecido uma facilitação entre neurônios nucleares e certos neurônios do manto, ela gera um caminho preferencial, e está dada a condição para que, numa próxima situação de tensão Ψ nuclear, o caminho seja de novo ocupado, na medida em que a quantidade percorre sempre o caminho mais facilitado. A associação por simultaneidade exprime apenas essa preferência pelo caminho mais facilitado. Por outro lado, ela ocupa de forma simultânea aquilo que foi ocupado primordialmente de forma sucessiva, por contigüidade temporal. Em outras palavras, a simultaneidade suprime a ordem de ocupação estabelecida, comportando-se como se esta não tivesse existido, negando o tempo decorrido entre cada uma das etapas. [Desta maneira, Freud acredita que a vivência de satisfação forma uma organização no interior de Ψ . Ela pode ser denominada de desejo, pois este nada mais é do que um circuito de representações formado, no mínimo, pelas seguintes representações: de pulsão, de objeto de desejo e de notícia da descarga da carga endógena. A diferença entre percepção do objeto de desejo e alucinação do mesmo será explicada, como veremos a seguir, pela diferença entre processo primário e processo secundário.]

A segunda vivência fundamental é a dor. Do mesmo modo que a de satisfação, a vivência de dor também está articulada em três momentos: (1) no lugar da ação específica, há uma ação externa ao sistema nervoso, provocada pelo objeto hostil, que, por aumentar a quantidade em Ψ , é sentido em ω como desprazer; (2) o aumento de quantidade produz uma inclinação à descarga, ou seja, à constituição de caminhos de descarga; (3) cria-se uma

forte tendência a desocupar a imagem recordativa, ou seja, a imagem que corresponde à imagem perceptual existente naquele momento (algo como uma alucinação negativa) do objeto hostil; fenômeno que recebe o nome de defesa primária. Em outras palavras, a defesa age no sentido de negar a existência do objeto. No caso da vivência de satisfação, tínhamos uma alucinação positiva, isto é, criava-se um objeto sem correspondente na realidade.

A dor, quando recordada, é apenas desprazerosa. Por conseguinte, não é idêntica ao desprazer. Estudamos que no caso de um sistema nervoso primitivo, totalmente regulado pelo princípio da inércia, a diferença introduzida na quantidade de movimento pelo impacto é anulada. A necessidade da vida impôs a necessidade de uma memória. Contudo, isto acaba por gerar um problema para a teoria freudiana: como se forma uma memória da dor? A primeira solução apresentada consiste em observar que na recordação da dor há desprazer e defesa (tendência a desocupar a imagem recordativa do objeto hostil), porém não há dor porque não há estímulo externo. Qual a origem da quantidade que gera desprazer em ω ? Não pode ser mais a quantidade externa. Ela foi descarregada após a ocorrência da própria vivência de dor. Portanto, deve surgir de uma mudança que se produz no interior do aparelho psíquico. Freud define afeto como qualquer irrupção repentina de quantidade. Assim, na repetição da vivência de dor, comparecem estados afetivos, responsáveis pela geração de desprazer, mas que não podem decorrer da diferença gerada nas barreiras de contato de Ψ através da recordação, na medida em que a quantidade liberada é ínfima. A solução freudiana consiste em aproximar a vivência de satisfação da recordação da vivência de dor e conceder à última uma fonte interna de quantidade endógena. Para

tanto, Freud supõe a existência de neurónios "secretores", chamados de neurónios chave, que agiriam sobre o interior do organismo como estímulo, levando à liberação de quantidades. Para explicar seu modo de funcionamento, basta supor que eles só operariam a partir de uma certa diferença entre repouso/movimento; por conseguinte, a que se produz na vivência de dor. Em suma, o desprazer sentido durante uma vivência de dor tem dupla origem: externa, produzida pelo objeto hostil, e interna, gerada pelos efeitos dos neurónios secretores. Estes funcionam da mesma maneira que os nucleares na vivência de satisfação. Na recordação da vivência da dor, em consequência do estado facilitado que se estabeleceu entre imagem do objeto hostil e neurónio secretor, haveria uma nova liberação de quantidade, originando a sensação de depração. [A dor, como já indicamos, é o protótipo de processos patológicos. Em *Zur Psychotherapie der Hysterie* estudamos a concepção freudiana de que a substância sexual deve ser adequadamente manipulada, sob pena de gerar efeitos nocivos. O nexo entre a vivência de dor e a vivência sexual patológica é duplo: como a primeira, a segunda origina-se de um fator externo e na sua recordação leva à liberação de substâncias. A idéia de que há uma substância sexual, formada de produtos químicos distintos, está também na origem da tese sobre a bissexualidade (ver Manuscrito D da correspondência Freud-Fliess). No presente texto, ela é descrita da seguinte maneira: "Simultaneamente se impõe a conjectura de que estímulos endógenos consistiriam, aqui como lá, de *produtos químicos*, cujo número pode ser considerável". (p. 414)]

Uma única vivência 3 Q, portanto uma vivência que pode ser de dor, tem um efeito facilitador muito maior do que uma vivência Q repetida três vezes. Em outros termos, o trauma tem um efeito profundo sobre o siste-

ma nervoso, na medida em que cria muitos caminhos de descarga. Aprendemos anteriormente que uma quantidade maior expressa-se em Ψ por um número maior de caminhos.

Na vivência de satisfação, o aumento da tensão quantitativa dá-se por somação (os estímulos endógenos, devido a sua pequenez, somam-se); na vivência de dor, em certos afetos, o aumento da tensão quantitativa dá-se por liberação imediata (os estímulos externos agem por impacto). Na reprodução alucinatoria da vivência de dor, o neurônio chave age sobre o interior do corpo de modo a liberar quantidades que ocupam a imagem do objeto hostil, criando condições para sua alucinação positiva, para logo em seguida desocupá-la totalmente: é o processo de defesa. A quantidade gerada a partir da vinculação entre neurônio secretor e representação do objeto é sentida em Ω como desprazer. Assim, na reprodução alucinatoria da vivência de satisfação, a somação produz apenas uma alucinação positiva do objeto. Na reprodução da dor, o objeto hostil também é alucinado positivamente no início, e, em seguida, negativamente. Embora, de fato, ele possa não existir na realidade naquele momento. O neurônio chave funciona como se fosse o representante de uma pulsão, como fonte de quantidades endógenas para a imagem recordativa hostil que é, então, imediatamente descarregada de toda quantidade. Na liberação, diferentemente da transferência de quantidades que se dá entre neurônios, há ligação com glândulas, músculos, etc.

As duas vivências deixam atrás de si uma compulsão para repetir a mesma situação originária, seja ela de satisfação ou de dor. A existência da compulsão fornece os dois motivos fundamentais para o sistema nervoso: atração pelo objeto de desejo e defesa primária (aversão pelo objeto hos-

til). A manutenção dos caminhos preferencias, logo, dos caminhos de descarga faz-se ou pela ocupação da imagem desiderativa ou pela aversão a ocupar a imagem hostil. [A vivência de satisfação cria condições para que haja uma forte tendência para ocupar intensamente a imagem recordativa desejada, ou seja, para aluciná-la. A explicação freudiana da reprodução da vivência de dor é feita de modo a aproximá-la da vivência de satisfação. A razão profunda desta tentativa é relacionar desejo e defesa primária. (O desejo não nasce do objeto, mas da vivência de satisfação. A representação de pulsão é cega, ou seja, ela não visa nada. Mas com a sua inserção no circuito desiderativo, começa a existir uma forte facilitação entre ela e a representação do objeto de desejo. Neste sentido, o objeto é visado pela pulsão e, assim, torna-se apetitoso. Em outras palavras, as propriedades que tornam o objeto apetitoso não emanam dele, mas do circuito desiderativo. Por outro lado, a sensação de dor trivialmente não é intencional. Mas sua repetição, enquanto recordação, faz com que seu delegado, o neurônio chave, dê uma meta a todo o processo: evitar o objeto hostil. De novo, o que dota este de características de hostilidade é sua associação com o neurônio chave.) Se Freud tiver êxito, estará mostrando que o sintoma é gerado a partir de um conflito intencional. A vontade, derivada da pulsão, está subordinada à vivência de satisfação, isto é, ela perde qualquer conotação biológica, na medida em que depende do outro para sua realização. A moral, gerada pelo desamparo humano, também é intencional. O objetivo de Freud é mostrar que o mecanismo de defesa é intencional e não automático. Para tanto, será preciso construir uma articulação entre desejo e repressão.]

4. A misteriosa origem do eu

Um sistema Ψ dotado com as características dadas por Freud pereceria em pouco tempo se vivesse em um estado de permanente alucinação. Uma vez constituídos os caminhos de descarga a partir das duas vivências fundamentais não há como evitar sua repetição. Ela funciona de modo reflexo, ou seja, opera de acordo com o princípio da inércia. Portanto, para inibir a repetição, será introduzida uma organização no interior de Ψ : o eu. Não é preciso um longa e tortuosa reflexão para conceber que ele já estaria presente desde a introdução do princípio da constância. Na medida em que surgiram os carecimentos, devido à necessidade da vida, foi necessário armazenar quantidade no sistema nervoso que tornasse possível a execução da ação específica. O eu é exatamente esta organização, responsável pela existência de um portador de armazenamento, exigido pela função secundária, isto é, pela conservação de caminhos de descarga ligados à interrupção de estímulos. Portanto, a retenção de tais caminhos torna necessária sua existência. [A pergunta mais ingênua que pode ser feita é: por que Freud se esforça tanto por mostrar que o eu tem uma gênese? A primeira resposta, igualmente cândida, seria: porque o eu tem uma função referencial, aglutinadora.]

O eu é uma organização de extensão variável. Dado que ele se define como um conjunto de neurónios de ocupação constante (a parte constante é formada pelos neurónios nucleares, e a parte variável, pelos neurónios do manto), o núcleo do eu parece coincidir com a representação da pulsão. [Em termos "evolutivos", seria possível dizer: onde estava a pulsão

da fome deve se sobrepor o núcleo do eu. A sobreposição das duas não é viciosa porque está fixada uma direção quantitativa, do núcleo para o manto, nos dois casos. Em outras palavras, não é possível nem recuar a consciência até a representação da pulsão ou ao núcleo do eu. Estes são eternamente inconscientes.]

Não se deve confundir o eu com a consciência em nenhum sentido. Esta é formada pelos neurônios ω e fornece apenas a série das qualidades sensoriais e as sensações de prazer e desprazer. O eu, por sua vez, é um sistema de tamanho variável, mas de ocupação constante. Sua forma de agir consiste essencialmente em inibir o processo alucinatorio, ou seja, em evitar, no caso da repetição da vivência de satisfação, que a representação de objeto desejado seja ocupada de tal forma que adquira uma vivacidade alucinatoria; no caso da repetição da vivência de dor, que o neurônio chave seja ocupado a ponto de provocar uma defesa primária. Nos dois casos, o resultado é idêntico: alucinação. A inibição é produzida pela constituição de ocupações laterais que funcionam como desvios e impedem a ocupação de certos neurônios que, caso contrário, provocariam efeitos alucinatorios. No caso da repetição da vivência de satisfação, a alucinação do objeto de desejo. Na repetição da vivência de dor, o surgimento da defesa primária. Esses processos alucinatorios são denominados de processos primários, em contraposição aos processos inibidos pelo eu, chamados de processos secundários. [Em outras palavras, a não existência do eu produziria caminhos de descarga que não levariam em conta as condições do mundo externo. Ora, a necessidade da vida, apesar de ter uma origem interna, impõe a observância de condições externas. Assim, devemos corrigir o que dissemos antes: a memória dos caminhos de descarga para ter êxito - para levar à descarga de

quantidade -, supõe a existência do eu. Mas a constituição dos próprios caminhos de descarga parece prescindir de sua presença. Nisto reside o dilema freudiano: se o eu existir desde o início, o estabelecimento das duas vivências não poderia gerar condições para sua repetição alucinatória porque o eu inibir-as-ia. Em outros termos, a formação das duas vivências exige a ocorrência efetiva e real de todos os seus elementos. O problema da alucinação só se coloca na repetição. Portanto, Freud teria que supor que a alucinação é uma virtualidade que se efetivaria quando o eu, por alguma razão, falhasse. Se o eu não estiver presente desde o início, então a questão desloca-se para a explicação de sua gênese, na medida em que estabelecido o império da alucinação não haveria como sair dele. Todo elemento diferenciador seria inevitavelmente alucinado. Entre as duas possibilidades, Freud preferiu arriscar a segunda, embora a primeira fosse perfeitamente aceitável. Por outro lado, não podemos esquecer que o *Entwurf* foi escrito em três partes, enviadas a Fliess tão logo eram terminadas. Assim, Freud não revisou a primeira parte, após as considerações feitas na terceira. Em resumo, elas devem ser lidas como três trabalhos, cronologicamente distintos. Por exemplo, na Parte III, ele retoma a questão da origem do eu: "Assim atingimos de forma totalmente inesperada o problema mais obscuro: a origem do "eu", isto é, de um complexo de neurônios que retém suas ocupações que, portanto, por curtos espaços de tempo, (é) um complexo de nível constante." (p. 459) A solução desenvolvida ali consiste em conjecturar que a parte constante existiria desde o início. O problema desloca-se para saber como se constituiu a parte variável. Entretanto, a solução oferecida (tentativa e erro, indicada pelo critério prazer/desprazer) também não parece ser muito satisfatória.]

De qualquer maneira, o eu inibe processos primários através do mecanismo de atenção. Por meio de ocupações laterais, o eu evita ocupar seja a imagem desiderativa seja a imagem do objeto hostil. Se falhar, haverá a produção de processos primários no seu interior. [Cumprir assinalar que toda diminuição quantitativa é prazerosa. Por conseguinte, a consequência da defesa primária é gerar prazer; paradoxo que Freud parece não ter levado em conta neste texto. Há três elementos que devem ser destacados. Como o prazer supõe uma passagem do movimento para o repouso, é necessário na repetição da vivência de satisfação que a resistência entre os neurônios nucleares e o interior do corpo seja restabelecida. Não há prazer na ausência de passagem movimento-repouso, ou seja, (1) para que a sensação de prazer seja despertada é necessário um aumento quantitativo anterior, ou seja, desprazer. Na produção da vivência de dor, (2) a interrupção da dor é prazerosa. Apenas em processos inibidos pelo eu, a sensação prazer/desprazer parece estar atenuada (3). Também podem ocorrer processos no eu seguidos de prazer e desprazer. A diferença estaria na intensidade das quantidades envolvidas. A distinção fundamental entre processos patológicos e não-patológicos é dada pela magnitude da diferença repouso/movimento.]

O eu é entendido como a organização que garante a obediência ao princípio da constância. Se, por alguma razão, o mecanismo de atenção falhar e for ocupada a representação de objeto de desejo, teremos uma "representação de fantasia", que no contexto denota apenas a ausência do objeto na realidade. (p. 420) [A noção de fantasia é posterior, ver Capítulo 3 do presente trabalho]. A observância do princípio da constância exige um critério de distinção entre percepção e representação. [A diferença entre as duas no interior de Ψ é quantitativa. No que se segue, torna-se evidente

que a construção freudiana é feita de modo a conceber a percepção como uma representação intensa. Em outros termos, o que se percebe é função do sistema de memória, enquanto organização fundamentada nas vivências de satisfação e de dor.]

A exigência de diferenciação não se modifica na repetição da vivência de dor. Também aqui é preciso distinguir representação de percepção. Caso a vivência de dor seja repetida sem inibição, o objeto hostil também será alucinado. Na vivência de dor originária, o neurônio secretor só era ocupado no caso da existência real do objeto hostil, após a quantidade ter atingido certa magnitude. A necessidade da vida impôs uma observância às condições externas. É preciso, portanto, supor a existência de um signo que permita diferenciar percepção de representação. Toda vez que ocorrer uma percepção de algo externo - externo ao sistema nervoso -, haverá uma excitação em ω , ou seja, será provocada uma diferença na direção do movimento em ω . Devido à tendência à inércia, o movimento cessará através de uma descarga quantitativa. A interrupção do movimento, como expressa uma diferença, deixa atrás de si um registro em Ψ , na medida em que todos acontecimentos são registrados em Ψ . A interrupção do movimento em ω torna-se um signo de qualidade ou realidade para Ψ . [Qualidade porque as qualidades são dadas por ω . O signo passou a existir desde que houve contato com objetos externos a Ψ . Mas ele só tem a função diferenciadora quando já existe um eu. Caso contrário, ele também seria alucinado na repetição de qualquer uma das duas vivências fundamentais. Em outras palavras, não é o critério externo (ele é apenas condição necessária) que fornece a distinção representação/percepção, mas a existência de uma organização no interior de Ψ , o eu. O signo de qualidade ω só pode ser usado quando o eu inibe o processo

primário. Freud construiu uma máquina alucinatória que só pode ser anulada pela presença do eu.]

Inibição por parte do eu significa impedir a existência de grandes diferenças entre repouso e movimento. Caso elas existam, Ψ alucinará signos de qualidade, ou seja, objetos. A tentativa de Freud é mostrar como se gerou no interior de Ψ uma estrutura como o eu. Mas, como já indicamos, haveria duas soluções possíveis. Quando se explicou a passagem de ϕ para Ψ , ou seja, de neurónos permeáveis para impermeáveis, recorreu-se à hipótese de que a necessidade da vida exigiu um certo armazenamento de quantidade, portanto, o abandono do princípio da inércia. Ora, o armazenamento requer certa conservação da quantidade de movimento, que a diferença entre repouso e movimento mantenha-se dentro de determinados limites. Mas esta constante é dada pelos neurónios nucleares de Ψ , pela parte constante do eu. Portanto, não poderia existir uma gênese do eu. Este teria sido formado no mesmo instante em que surgiram os neurónios Ψ . Como, então, entender a argumentação freudiana? Acreditando que haveria uma tendência no próprio neurónio Ψ a retornar ao estado inicial ϕ . Em outras palavras, o processo alucinatório nada mais seria, neste sentido, do que um retorno de Ψ a ϕ . [Mas não custa insistir, bastava crer que a alucinação seria conseqüência de um processo primário no interior do eu. Entretanto, Freud deseja apontar para uma origem, uma vez que o eu vai ter uma função referencial, indicada pelas relações entre o eu (a parte constante e nuclear) e o não-eu (a parte variável e localizada no manto). Apontar a origem é revelar a referência que justificaria as modificações constatadas na fala do sujeito. O *Entwurf* mostra como a quantidade (elemento referencial) é responsável pelos curto-circuitos da fala. Como a quantidade depende do eu, é a parte

nuclear dele, chamada de "coisa" (*Das Ding*) que cumpre o papel de referência.]

5. Pensar é desejar

Todos os acontecimentos que se dão em Ψ ou repetem a vivência de dor ou a de satisfação. Suponhamos que em um estado de anseio, mas com inibição por parte do eu, apareça um signo de qualidade proveniente de uma descarga de ω . Se a representação correspondente à percepção for do objeto de desejo, ocorrerá a realização de desejo, ou seja, será ocupada a representação de desejo, uma vez que o objeto existirá externamente, e ω despertará uma sensação de prazer. [Em outros termos, o agente está sempre procurando realizar duas coisas: fugir do objeto hostil e reencontrar o objeto de desejo. Portanto, a percepção é sempre fruto de uma antecipação por parte do agente. É por isso que observamos que a percepção é uma memória intensa.]

Todavia uma representação não é nunca formada por um único neurônio, mas por vários. Suponhamos que ela seja formada por dois neurônios: um nuclear \mathcal{A} , chamado de "coisa", e outro do manto \mathcal{B} , denominado de "predicado da coisa". Freud acredita que todo ato perceptual é feito com o objetivo de reencontrar o objeto desiderativo. Sempre que o ato ocorrer, haverá em Ψ duas ocupações: uma correspondente ao objeto de desejo, por conseguinte, ao par $\mathcal{A}-\mathcal{B}$, e outra referente ao objeto percebido. O juízo é definido como a comparação entre o par $\mathcal{A}-\mathcal{B}$ e a representação que corresponde à percepção, ou melhor, ao registro da descarga de ω . Se hou-

ver coincidência entre elas, não se pensará. O pensar é algo que resulta da não coincidência entre o par $\alpha-\beta$ e o registro da descarga de ω .

Se a identidade for parcial, onde o elemento α é comum, e β e γ são, por exemplo, díspares, será desencadeado o processo do pensar, que só terminará quando se estabelecer um caminho que leve de γ para β . O pensar resulta, portanto, da forma de realização de desejo que se dá através do processo secundário. Ele é desencadeado por um julzo proveniente da dessemelhança entre ocupação de desejo e ocupação perceptual. Uma vez que tenha sido encontrado um caminho entre as partes díspares, efetua-se a descarga, cuja existência torna-se um sinal biológico para que o ato de pensar cesse. [Quanto maior o número de predicados identificados como sendo do mesmo objeto, maior o conhecimento que se tem sobre ele. Isto está de acordo com a noção de representação de objeto definida em *Zur Auffassung der Aphasie*: uma representação complexa, organizada pela imagem visual, e indefinidamente aberta. O exemplo dado por Freud de objeto de desejo é o seio materno. Como ele supõe que não haja sexualidade na infância, o seio é objeto para a pulsão da fome. Se ele for o objeto da primeira vivência de satisfação, qualquer ato psíquico visa, em última análise, sempre reencontrar o seio. Mas dadas as condições de representabilidade expostas por Freud, parece não existir nada externamente que seja o correspondente do objeto constituído internamente. (Ver Capítulo 5.) Além disso, pode ocorrer que não haja sequer coincidência parcial entre o complexo representativo e o complexo perceptual, ou seja, a coisa também não coincida. Aqui temos duas possibilidades. Supor que a coisa, do mesmo modo que os predicados, seja um complexo, logo, formada por mais de um neurônio; neste caso, a continuação do processo de reconhecer o objeto pode

levar a uma identidade, ou seja, descobre-se que se tratava do mesmo objeto, portanto, que a referência era a mesma (entretanto, nada no texto freudiano parece indicar essa possibilidade). A outra saída seria admitir a existência de várias coisas, por conseguinte, de múltiplas referências, ligadas aos diversos carecimentos, impostos pela necessidade da vida. Por exemplo, suponhamos que um objeto só consiga despertar na consciência uma determinada qualidade, ou seja, haja apenas um reconhecimento parcial. Pode ter ocorrido uma coincidência entre predicados, mas não entre as coisas. Dado que a referência é fixada pela coisa, a *meta* determinada pelo objeto de desejo estaria ausente. Em outros termos, a representação do objeto permaneceria no eu, porém com uma referência indireta. O caminho descoberto seria determinado só pela ligação $c-b$, e a de b com a . Mas a parte desconhecida, por exemplo, a referência sexual, permaneceria oculta. Ela seria revelada apenas no início da puberdade; explicando, como veremos adiante, o aparecimento de sintomas. Portanto, a última hipótese parece ser a mais provável.]

A meta de todo e qualquer processo de pensamento é estabelecer a identidade, ou seja, realizar desejo. A vivência de satisfação fixou um caminho de descarga. A meta de todo pensar é encontrar este caminho, todavia, em um estado de inibição por parte do eu. Em resumo, os caminhos de descarga podem ser percorridos de duas maneiras: ou segundo a seqüência associativa primária (ou seja, por simultaneidade) ou como resultado da luta entre as facilitações consolidadas e as ocupações mutáveis (isto é, em um estado de ligação feito pelo eu). No segundo caso, o processo é inibido e leva em conta as percepções existentes no momento.

Mas a vivência de dor também tem um papel no pensar: uma função indicadora. Se, ao tentar estabelecer um caminho entre \hat{b} e c , houver uma sensação de desprazer, o mecanismo de atenção desviará, através de ocupações laterais, a corrente quantitativa. A vivência de satisfação não pode levar à produção de desprazer. Os dois circuitos são completamente distintos.

Freud considera a seguinte possibilidade: "Suponhamos que o objeto que (a) percepção) forneça seja semelhante ao sujeito, isto é, um *primário*. Então o interesse teórico também se explica pelo fato *deste* objeto ser ao mesmo tempo o primeiro objeto de satisfação e, além disso, o primeiro objeto hostil, assim como o único poder auxiliar." (p. 426) [O sujeito prestativo, o próximo, tem três funções distintas. Em primeiro lugar, é objeto de satisfação, sua representação faz parte do circuito da vivência de satisfação; portanto, de toda atividade primária e a secundária. O pensar tem como meta reencontrá-lo. Sabemos desde *Zur Auffassung der Aphasien* que a representação de objeto é indefinidamente aberta. Toda atividade de julgar consiste em estabelecer se a percepção presente coincide ou não com o próximo. Em segundo lugar, é objeto hostil. Sua representação faz parte da vivência de dor; portanto, enquanto tal, está ausente do pensar, uma vez que sua ocupação geraria desprazer. Em terceiro lugar, é o único poder auxiliar e, por isso, fonte de todas as motivações morais. Em outras palavras, do ponto de vista externo, trata-se sempre do mesmo objeto. Mas, em Ψ , ele transforma-se em três protótipos distintos: o desejado, o odiado e o modelo.]

Reconhecer significa reencontrar o objeto de desejo, mas também

implica em reconhecer a si mesmo. Tal reconhecimento forma-se a partir do sujeito prestativo. Freud considera que as feições (*seine Züge*) dele são incomparáveis, mas alguns movimentos, por exemplo os movimentos da mão, são comparáveis. (p. 426) O que poderia significar em termos da teoria do *Entwurf* estas considerações? Acreditamos que ele esteja ratificando a tese de que é impossível encontrar sempre uma coincidência completa entre o complexo perceptivo e o complexo que emana da própria visão do agente de seu rosto. [Alguém poderia se basear nisto: "E assim se divide o complexo do próximo em dois elementos, um dos quais impressiona por uma estrutura constante e permanece reunido como *coisa*, enquanto o outro é *compreendido* através do trabalho recordativo, ou seja, enquanto pode ser rastreado até uma notícia do próprio corpo." (pp. 426-7) para traduzir *Das Ding* como 'coisa do mundo'. Não obstante, em primeiro lugar, não se deve pensar que a coisa tenha características visuais, pois Ψ do núcleo não apresenta nenhuma relação com ω , portanto, não pode ter nenhuma qualidade sensorial. A observação de Freud é explícita: "als *Ding*", ou seja, como coisa. Em outras palavras, o outro funciona como referência para o agente, mas ele não é coisa; para o propósito assinalado, ele funciona como coisa. O agente reconhece a si mesmo tomando o outro como referência. Além disso, como está no próprio trecho citado, alguns movimentos são reconhecidos, e é por meio deles que o agente aprende a reconhecer-se. É como se através do processo de comparação constante com o outro fosse formada uma auto-imagem do agente. De forma muito sutil e elíptica, Freud parece sugerir que reconhecer o próprio corpo é uma forma de realizar desejo, ou seja, que o próprio corpo pode se tornar objeto de desejo a partir das relações que ele estabelece com o corpo do outro. Contudo, já sabemos que a imagem corporal não vai apresentar nenhum traço reconhecível de sexua-

lidade, na medida em que não haverá nenhum modo de reconhecer o corpo do outro como dotado de sexualidade. Ela é pensada como características sexuais secundárias e, portanto, só aparecem no corpo do agente na puberdade. Nas palavras de Freud: "Assim, por exemplo, - e isto será importante no que se segue (Parte II) - todas as experiências sexuais não exteriorizarão nenhum efeito enquanto o indivíduo não conhecer sensação sexual, ou seja, em geral, até o começo da puberdade." (p. 428) Em suma, Freud está longe de conseguir articular desejo com sexualidade; esta parece relacionar-se apenas com a vivência de dor, isto é, com a repressão.]

6. A alucinação cotidiana

Há ocasiões em que o mecanismo de atenção pode falhar. A consequência imediata é a produção de processos primários no interior do eu. Já estudamos que a caracterização de processos psíquicos como patológicos reside na ausência de diferenciação entre percepção e representação. O que caracteriza os processos primários que acontecem no eu é o fato de que eles prescindem da irrupção de quantidades externas. A quantidade, responsável pela produção de alucinações, é sempre de origem endógena tanto no sonho como no sintoma. [A quantidade necessária para provocar um processo primário no eu origina-se de algo que ocorre no interior do próprio eu. O sonho tem como protótipo a reprodução da vivência de satisfação. Neste sentido, sonhar é uma realização de desejo.]

A questão inicial, sobre a qual se debruça Freud, é localizar a origem da quantidade que gera o fenômeno onírico, isto é, durante o estado

de sono, ocorrem processos primários que não foram suprimidos. [O que não significa que o seu resultado, o sonho, seja idêntico a um sintoma. Entre eles há apenas uma relação de semelhança. De acordo com a hipótese freudiana, o estado infantil representa um momento da história de funcionamento do aparelho psíquico. Estes três elementos, sonho, sintoma e infantil são justapostos para estabelecer um ponto comum entre eles. Em todos, o resultado é o mesmo, alucinação.]

Uma das condições do sono é a ausência de estímulos endógenos e exógenos agindo sobre Ψ . ("*A condição essencial do sono se reconhece claramente na criança. Ela dorme enquanto não é atormentada por nenhum carência ou estímulo externo (fome e frio devido à umidade). Dorme com satisfação (no seio). Também o adulto dorme facilmente *post coenam et coitum*. (p. 431)) No estado de sono, há oclusão dos órgãos do sentido, passivos de sofrerem esse efeito; portanto, o agente procura isolar-se dos estímulos externos. Mas eles não estão completamente afastados. Não são removidos porque suas fontes de excitação não são anuladas, elas independem do agente. A única fonte que pode ser extinta é a constituída pelos estímulos endógenos. Não se devem fazer percepções no estado de sono, porém este dever não implica na sua inexistência. Significa apenas que o eu retirou o mecanismo de atenção, isto é, ele não está voltado para os sinais de descarga provocados pelas descargas ω . Se os estímulos endógenos forem igualmente inoperantes, o aparelho retornará à condição de inércia, ele dispensará quase totalmente o armazenamento necessário de quantidade para a execução da ação específica. [A inação em relação ao mundo externo também explica o fato do sonho não ter sido suprimido. As quantidades que percorrem as vias de Ψ são demasiadamente pequenas para introduzir modi-*

ficações nas vias iniciais, ou seja, elas não podem falsear a realidade. Como se está afastado do mundo externo, de suas impressões, logo, não há o risco devido a objetos externos; isto é, inexistem vivências de dor no estado de sono. Assim, não há pressão biológica, ao contrário do que se passou com as repetições alucinadas das vivências de dor e satisfação, para extinguir o sonho.]

Estudamos que o eu é o portador da quantidade exigida pelo princípio da constância. No estado de sono, a descarga necessária para a produção do processo primário é uma descarga da quantidade armazenada pelo eu. Portanto, a diferença entre repouso e movimento - a descarga repentina (uma liberação quantitativa) que define um afeto -, é financiada pelo eu. [Que parte do eu é a responsável pelo sonho? Ele decorreria da parte variável do eu, ou seja, da ação de estímulos exógenos, ou da parte constante do eu, isto é, de estímulos endógenos? Para responder é preciso levar em conta algumas das características do eu: ele é um sistema de neurônios de ocupação constante (embora isto não implique que a altura quantitativa tenha de ser a mesma em todos os neurônios; se ela fosse, o eu não poderia ser um sistema de memória, na medida em que a memória se define pelas diferenças de ocupação entre os neurônios), dividido em uma parte constante (núcleo de Ψ) e uma variável (manto de Ψ).]

Dado o caráter de descarga imediata, a carga do núcleo de Ψ parece ser responsável pelo fenômeno onírico, o que nos leva a acreditar que se esses estímulos realmente não agissem no estado de sono, não se sonharia, ou só haveria sonhos no início do estado de sono. [No estado de sono, há duas tendências que se reforçam mutuamente. O mecanismo de atenção não

se volta para os signos de descarga de ω e as percepções, quando ocorrem, estão geralmente abaixo do limiar de consciência. Freud observa que: "Também caberia abordar aqui o enigma do hipnotizar. A aparente inexcitabilidade dos órgãos do sentido baseia-se nessa retirada da ocupação de atenção." (p. 41) Basta lembrar a substituição da hipnose pela técnica de pressão para descobrir a função que ela reteve da primeira, a função de imobilizar o mecanismo de atenção e criar, assim, circunstâncias adequadas para o fenômeno transferencial. Em outras palavras, a condição para ocorrência de alucinações, como veremos, está sempre na neutralização do mecanismo de atenção.]

Da mesma forma que na vigília o mecanismo de atenção está constantemente voltado para os signos de descarga de ω ; no estado de sono, ele estaria ausente. Deixariam de existir ocupações laterais e, com isso, o curso Ψ seria percorrido sem inibição. Pois, no sonho "domina a *compulsão associativa*, como primariamente na vida psíquica em geral. Duas ocupações *têm* de ser, aparentemente, colocadas em conexão. Tenho reunido exemplos cômicos sobre o domínio dessa compulsão na vigília." (p. 433) [O seu resultado é tornar as ligações entre os elementos oníricos diferentes da maioria das ligações representativas presentes na vigília, uma vez que elas também ocorreriam nos chistes. Antes de examinar o papel conferido à fala, já é possível observar que a quantidade determina o destino das ligações entre palavras.] Freud procura explicar essas distorções através de uma descrição do destino das representações no processo primário. Dito de outra maneira: o que faz com que as ligações entre as representações no estado de sono produzam contra-sensos? Qual a origem da compulsão associativa?

A compulsão é explicada pelo fato de que tudo que foi ocupado simultaneamente em um determinado momento, será de novo ocupado. Sabemos que o processo primário apresenta essa tendência para a ocupação simultânea. Agora, somos informados de que ela produz como efeito disparates, ou seja, ela tem conseqüências inequívocas sobre a fala do indivíduo. As condições de distribuição das quantidades geram efeitos lingüísticos que se caracterizam como perda de sentido. No processo secundário, a simultaneidade é substituída pela sucessão, e os efeitos sobre a fala são imediatos. No lugar de contra-sensos, as palavras serão, agora, portadoras de sentido. Assim, no *Entwurf* as condições econômicas determinam se a fala tem ou não sentido.

Freud descreve as ligações entre as partes do sonho como sendo em parte imbecis e insensatas (p. 433) porque foram esquecidas certas vivências ocorridas durante o sonho. A razão do esquecimento está numa suposta insuficiência de ocupação de certas representações devida ao processo primário. Se o eu estivesse totalmente ocupado, todas as vivências seriam recuperadas e as ligações entre as partes do sonho perderiam seu caráter de imbecilidade e insensatez. Mas o que há nessas vivências que levam ao seu esquecimento? Há dois fatores. As experiências biológicas que inibem o processo primário geralmente são esquecidas, e o eu no estado de sono é apresentado como uma memória lacunar. Parte-se da suposição de que este último fator explique o primeiro. Em outros termos, aparentemente, o esquecimento não se deu por conta do conteúdo das representações. [Freud só consegue dar ao sonho a função de realização de desejo, embora ele precise mostrar a existência de repressão. Caso contrário, não haverá nenhuma articulação possível entre desejo e repressão, e os efeitos de es-

quecimento não resultarão de um conflito intencional.]

À falta de sentido não decorre apenas da simultaneidade, decorre também do esquecimento de certas experiências biológicas. Se houvesse uma descarga completa do eu, não haveria sonho porque nenhuma memória seria evocada. Sonhar é uma forma de recordar. A recordação do sonho é vivida pelo sonhador como algo que está ocorrendo naquele momento. Sonhar é sempre vivenciar algo no presente. Memória e consciência são excludentes. Freud enfatiza mais uma vez o caráter do seu sistema psíquico quando observa: "Fecham-se os olhos e alucina-se, abrem-se e pensa-se em palavras." (p. 434) [Fecham-se os olhos, criam-se as condições para o processo primário, processo de natureza alucinatória. Abrem-se os olhos, o eu segue as descargas provenientes de ω e pensa-se em palavras. O pensar é sempre uma repetição controlada do alucinar. Ambos referem-se a um mesmo caminho de descarga, a uma mesma recordação. A alucinação durante o sonho é explicada pela suposição de que existiria uma corrente retrogradativa de Ψ para ϕ . As conexões entre os órgãos dos sentidos seriam de novo reocupadas e ω captar-as-ia como se fossem provenientes de ϕ . A crença em uma corrente de ϕ para Ψ é dada pela magnitude das quantidades externas; estas impedem o fluxo no sentido inverso. Mas se ϕ estiver inoperante pelo fechamento dos órgãos dos sentidos passíveis de oclusão, a carga liberada em Ψ pelo eu seguirá na direção de ϕ . A quantidade liberada por Ψ não vai na direção da motilidade (não deve haver descarga motora durante o sono), porém na direção de ϕ , invertendo o sentido ϕ - Ψ , dominante durante a vigília. Antes da existência do eu, a repetição de uma vivência biológica envolvia sempre alucinação. Resta determinar a natureza da vivência biológica. Se ela decorreria de uma vivência de satisfação, de dor, ou de ambas.]

Estudamos como uma ocupação intensa de uma representação produz alucinação, transformando representação em percepção. Freud acredita que isto ocorra porque a quantidade gerada é descarregada na direção de ϕ e produz os mesmos resultados que os órgãos do sentido. Assim, haveria no sonho uma regressão não apenas formal - a alucinação leva o sistema Ψ a comportar-se como se fosse ϕ -, como também uma regressão topológica. A quantidade vai de Ψ para ϕ e não de ϕ para Ψ como nos processos normais. São necessárias condições especiais para que a corrente inverta seu sentido. No caso presente, ela é dada pela oclusão dos órgãos dos sentidos no estado de sono. [Se este for a única razão, todo o processo onírico será não-intencional, e resultará de mecanismos quantitativos automáticos. A explicação sobre a relação fala/quantidade recairá sobre o segundo fator. Apesar de Freud sugerir que o sonho seria uma forma de pensar, semelhante a que ocorre no chiste, ele não poderia justificar teoricamente que o sonho é um ato acrático porque, dado o automatismo do processo, ele não afastaria o Princípio de Medéia.]

No sonho, quanto maior for a ocupação de uma representação, maior será sua vivacidade alucinatória. Assim, o que determina o grau de alucinação é a quantidade que ocupa a representação. Na vida de vigília, o mecanismo de atenção pode tornar uma percepção mais nítida, mais clara. Todavia, não pode alterar seu caráter quantitativo. [As quantidades de uma dada percepção expressam-se em Ψ por complicação; o mecanismo de atenção exprime apenas o estado ligado do eu, ele não pode alterar a vivacidade de uma representação, ou seja, sua intensidade.]

Quando Freud assinala que os sonhos, pelo menos dos normais, são

realizações de desejo, "processos primários segundo as vivências de satisfação" (p. 435), ele determina a natureza das experiências biológicas. [Ora, não há nada na vivência de satisfação que seja responsável pelo esquecimento dos sonhos. Portanto, o sonho não pode ser pensado como formação de compromisso entre desejos antagônicos. Esquecemos dos sonhos porque a ligação entre suas representações é diferente da presente na vigília; isto é, o eu não ocupa todas as representações presentes, omitindo algumas. Resta apontar como a omissão é efeito da quantidade, e não de intenção, para demonstrar a impossibilidade de pensar o sonho como ato acrático.]

Com o objetivo de explicitar a natureza lacunar do sonho, Freud recorre a um exemplo: "R. deu uma injeção de *propil* em A., então vejo diante de mim *trimetilamina* com muita vivacidade, aluci(nada) enquanto fórmula." (p. 436) A análise freudiana do sonho parte da suposição de que existam lacunas no sonho. Contudo, elas seriam facilmente preenchidas. [Não haveria no sonho nenhum processo de defesa. Aliás, recordemos que a defesa primária pertence à vivência da dor e não desempenha nenhum papel no sonho. É por isso que só pode existir uma analogia entre sonho e sintoma; não há identidade entre eles.] De fato, a explicação concentra-se sobre o fato da ligação entre elementos oníricos ser imbecil, insensata, sem sentido. Ela decorre de duas teses: (a) a existência de caminhos adequados para expressar a ligação de pensamento [O caminho é um caminho no eu. Ele exprime, como todo pensar, uma realização de desejo; portanto, pensa-se no eu, porém o eu não pensa.]; (b) o caminho não é completamente percorrido; o sonho é de natureza lacunar. As lacunas explicam-se através de um jogo quantitativo. [Não há nenhum processo de defesa contra qualquer representação, apenas o predomínio do jogo associativo primário que dota certos

elementos representacionais de maior vivacidade alucinatória, na medida em que eles formam o elemento de ligação entre dois caminhos simultaneamente presentes. Tampouco há qualquer motivo especial que impeça o aparecimento do elemento mais apropriado para revelar o pensamento. Certamente, haverá sonhos mais ou menos inteligíveis conforme desenvolva-se o jogo das quantidades presentes. Em suma, o que é excluído do pensar é vítima de forças cegas, de um jogo não tencionado entre quantidades. Não há nenhum propósito de dissimulação.]

A fórmula da trimetilamina apareceu com vivacidade alucinatória porque era o elo de ligação entre duas cadeias de pensamento simultaneamente presentes: (C₁) a paciente tem uma doença de natureza sexual e nelas há certas substâncias que exercem um efeito tóxico como, por exemplo, a trimetilamina; (C₂) R deu uma injeção de propil à paciente e o propil, enquanto substância química, evoca uma discussão com Fliess sobre o quimismo sexual, onde foi destacado o papel da trimetilamina. [Nas duas séries, a trimetilamina aparece como elemento de convergência. Esta é a única razão concebida por Freud para explicar seu aparecimento.]

Podemos inferir de C₁ que o desejo expresso pelo sonho seria de que as doenças sexuais fossem causadas por substâncias químicas, e de C₂ que a doença de A fosse de natureza sexual. Entretanto, Freud não explicita qual a relação que esses dois desejos guardam com a realização de desejo da vivência de satisfação originária, ou seja, como elas se relacionariam com o bico do seio da mãe, o único exemplo dado de desejo originário.

Por que alguns elementos do sonho ficaram excluídos? A explicação anterior baseada na simultaneidade das duas ordens de pensamento explica a vivacidade do elemento comum, mas não a exclusão dos outros. Freud crê que ela se encontra no fato deles serem quantitativamente inferiores. Em outros termos, também não é resultado de nenhuma censura, repressão. [O mecanismo de deslocamento, comum tanto ao sonho como ao sintoma, também não fornece o elo buscado por Freud entre desejo e repressão. O termo 'deslocamento' é usado para descrever a transposição de quantidade de um lugar para outro. No caso do sonho, ele ocorre devido à retirada do mecanismo de atenção; no sintoma, a causa é outra.]

7. A alucinação como resultado da defesa

A análise da histeria inicia-se pelo exame da compulsão histérica. São casos onde: "aparece algo como uma representação especialmente frequente na consciência sem que o curso o justifique; ou o despertar dessa r(e)presentação) está acompanhado de conseqüências psíquicas que não se compreendem." (p. 439) [Quando o processo psíquico é secundário, o trabalho do pensamento encontra uma justificativa, um estado mental, que funciona como causa para um determinado comportamento. Evidentemente, os juízes da sua adequação são todos aqueles que participam da mesma comunidade lingüística. No caso da compulsão histérica, a razão oferecida como causa é inadequada, inapropriada frente aos critérios de racionalidade dados pela comunidade. Esta não compreende as conseqüências que acompanham a representação compulsiva. O próprio agente, enquanto membro comunitário - reconhece Freud -, considera extravagante o estado de coisas.]

O domínio das representações superintensas não se estende apenas aos casos patológicos. Elas também aparecem na vida normal. Contudo, são compreensíveis porque conhecemos "seu desenvolvimento genético (educação, experiências) e seus motivos." (p. 439) Mas, no caso da histeria, parecem ser "arrivistas, usurpadoras e, por isso, risíveis. A *compulsão histérica* é pois: 1. *incompreensível*, 2. *insolúvel por trabalho de pensar*, 3. *incongruente* em sua estrutura." (p. 439) [Há um ponto de ligação com os sonhos. Também aqui o resultado é uma seqüência de elementos despídos de sentido, verdadeiros contra-sensos. Podemos suspeitar, como ocorre com o chiste, de uma compulsão a associar que produz efeitos cômicos. A incompreensibilidade é fruto da comunidade dos falantes e não um resultado teórico. O que se espera da teoria é uma justificativa sobre a existência da compulsão a associar na histeria. Assim, ela mostraria o porquê da comunidade não entender o que ocorre com a histérica. O fato da compulsão não ser solúvel pelo trabalho do pensar - que parece ser inicialmente fruto de uma observação clínica -, tornar-se-á uma necessidade teórica quando Freud conseguir mostrar que a determinação da compulsão está fora do eu, portanto, fora do alcance do pensar. Por conseguinte, a descrição possível do agente é sempre feita em terceira pessoa. A introspecção está definitivamente afastada. A incongruência estrutural é mais uma evidência de que o resultado do processo primário é produzir estruturas semânticas incongruentes, semelhantes às encontradas nos sonhos e chistes.]

O que diferencia uma compulsão histérica de uma compulsão neurótica simples? Se examinarmos os três critérios, veremos que, em relação à compreensibilidade, a neurótica é compreensível porque conhecemos sua origem. [Freud faz sempre o sentido depender da referência.] Em ambas é

inútil o trabalho do pensar. A neurótica também é congruente - a relação entre os termos é adequada [Mas aqui o sentido depende de uma relação interna aos termos, e não de correspondência como no primeiro critério.] -, ao contrário da histérica.

O parágrafo seguinte é extremamente esclarecedor sobre a posição freudiana com relação a uma teoria da verdade, ou seja, se Freud vai optar por uma teoria da consistência interna ou por uma teoria da correspondência: "Ora, resulta de nossas análises que a compulsão histérica é imediatamente *solucionada* se ela for *esclarecida* (se ela se tornar compreensível). Estes dois caracteres são, portanto, em essência um." (p. 440) [Solucionar e compreender são em essência idênticos. A tese freudiana de que um evento mental possa ser aceito como razão pressupõe que seja possível mostrar que ele está na *origem* da compulsão e implica em dotar a compulsão de um sentido eminentemente público. Isto é equivalente a solucionar o segredo da compulsão histérica, mas deve ser pesado contra as seguintes considerações: (a) em termos teóricos significa colocar algo que estava fora do eu no seu interior; a incorporação ao eu permite solucionar o sintoma; (b) em termos práticos, não é explicitado se a entrada no eu é possibilitada pela simples revelação para o agente da origem da sua compulsão. Por tudo o que foi dito, especialmente em *Zur Psychotherapie der Hysterie*, a simples revelação deve ser bastante insuficiente para dar a palavra ao afeto, ou seja, para incorporá-lo ao eu.]

Freud compara a compulsão histérica à formação de símbolos privados: "Antes da análise *A* é uma representação superintensa que irrompe muitas vezes na consciência e que todas as vezes leva ao choro. O indivíduo

não sabe o por quê de \mathcal{A} lhe levar a chorar, acha isso absurdo, mas não pode impedi-lo." (p. 440) [A análise permite revelar o por quê da falsa ligação ser responsável pela aparência de absurdo e incongruência, mas, em todos os casos, trata-se de uma aparência que acaba por ter a mesma referência que o simbolizado. Uma vez que o agente desconhece que formou um símbolo, ele é incapaz de impedir o choro. Enquanto membro da comunidade de falantes, ele também acredita que a relação entre chorar e a representação \mathcal{A} seja absurda. Entretanto, esta atividade do pensamento não impede que \mathcal{A} produza o choro. Em outras palavras, a compulsão não pode ser solucionada pelo pensar.]

"Após a análise, descobriu-se uma representação \mathcal{B} que com direito leva ao choro, que com direito repete-se muitas vezes, enquanto um certo desempenho psíquico complexo não for realizado contra ela pelo indivíduo. O efeito de \mathcal{B} não é absurdo, é compreensível para o indivíduo, e até pode ser combatido por ele." (p. 440) [A análise revela que \mathcal{B} satisfaz os critérios de compreensibilidade e congruência, ou seja, de racionalidade. Entretanto, para que o trabalho do pensar seja eficaz contra \mathcal{B} é necessário que ocorra um complicado processo no eu. Aqui, podemos resgatar uma promessa feita páginas atrás: a comparação entre a dor física e a dor psíquica. O trabalho do eu é semelhante ao que ocorre no segundo caso de dor, onde é preciso fazer um luto pela perda da associação. O mecanismo explicativo da perda é semelhante ao que ocorre na repetição da vivência de dor, no sentido de dor física. A análise pode ser pensada como um processo por meio do qual o comportamento do agente passa do controle por \mathcal{A} para o controle por \mathcal{B} . O ganho na passagem reside na adequação existente entre \mathcal{B} e seus efeitos.]

"*B* tem uma relação determinada com *A*. Isto é, existiu uma vivência que consistiu de *B+A*. *A* era uma circunstância acessória, *B* era apropriada para exercer aquele efeito duradouro. A reprodução desse acontecimento como recordação tomou agora a forma de como se *A* tivesse ocupado o lugar de *B*. Daí a incongruência, *A* é acompanhada de consequências que ela não parece merecer, que não se ajustam a ela." (p. 440) [A passagem de B para A não é arbitrária ou fruto de uma sugestão feita por Freud. Ao contrário, ele procura mostrar que existiu um acontecimento B+A que tem duas funções: (I) afastar a hipótese de tratamento sugestivo porque ele funciona como uma referência que justifica a substituição de *B* por *A*; (II) operar como elemento organizador do psíquico. O fenômeno patológico traduz-se pelo fato de *A* tornar-se símbolo de *B*, sem que o agente conheça a relação entre *A* e *B*.]

Freud retoma, portanto, a linha desenvolvida em *Étude comparative des paralysies motrices organiques et hystériques* onde eram descritas formações de símbolos não patológicas. Mesmo nos casos mais patéticos - "o soldado que se sacrifica por um farrapo multicolorido posto em um pau" -, a relação entre símbolo e simbolizado é clara. Nunca o símbolo é capaz "de substituir totalmente a coisa." (p. 441) [Mais um exemplo que favorece o argumento de que o termo 'coisa' é usado para assinalar uma referência. O símbolo histórico toma como sendo sua todas as propriedades do simbolizado. No eu todas as associações com *B* são substituídas por associações com *A*, marcando o caráter holista que o mental apresenta na abordagem freudiana. Como *A* não se adequa a elas, o resultado suscita espanto, risos, etc.]

Freud conclui o estado da natureza da compulsão histérica observando que: "A análise deu o resultado surpreendente de que a toda *compulsão* corresponde uma repressão, a toda intromissão excessiva na consciência, uma amnésia." (p. 441) [Assim, B foi submetida a um processo de defesa. Em outras palavras, ela foi excluída da consciência. Já sabemos que se trata de consciência verbal. Logo, *B* está ligada a um processo primário que emana de uma vivência semelhante a uma vivência de dor. São as vivências de dor que suscitam, na sua repetição, o processo de defesa primário. O sintoma, assim como o sonho, é uma forma de recordar, embora o recordado seja despido de sentido para o agente, pois na consciência aparece apenas um símbolo privado.]

Em termos quantitativos, o princípio da constância mantém sua validade. A quantidade que sai de uma representação (o simbolizado) ocupa outra (o símbolo). Este deslocamento, contudo, tem uma origem diferente no sonho, ali havia concomitância de várias séries associativas, de vários caminhos do pensar. Aqui, ao contrário, ele decorre de um processo de defesa, da repressão. Ali, buscava-se realizar desejo; aqui, procura-se evitar o desprazer. [Se isto for confirmado, Freud não terá conseguido elaborar teoricamente a almejada articulação entre desejo e repressão, e o sintoma não poderá ser entendido como ato acrático.]

São quatro as questões que devem ser respondidas: (I) como é possível que um processo primário no eu tenha como consequência a produção de símbolos privados? (II) qual a relação entre repetição da vivência de dor (repressão) e formação de símbolos privados? (III) qual a origem da quantidade que permite a realização desse processo primário?(IV) qual o destino

das representações que correspondem ao símbolo e ao simbolizado?

A segunda questão, graças a dois ensinamentos retirados da clínica, pode ser encaminhada. As representações patogênicas são aquelas que "despertam no *eu* um afeto penoso (desprazer); ... representações advindas da vida sexual". (p. 442) A conexão com a vivência de dor reside na vinculação do processo de formação de símbolos privados, nos dois casos, com representações que produzem desprazer no eu. Em outras palavras, podemos esperar que, como no caso da dor, exista na origem do fenômeno um elemento externo que propicie, na sua repetição, o aparecimento de um representante interno que libere indiretamente substâncias sexuais. [A terceira questão pode ser reformulada nos seguintes termos: qual a origem das substâncias sexuais liberadas que permitem criar condições para a ocorrência de um processo primário?]

Se a repressão for devida ao desprazer, permanecerá sem explicação a diferença que existiria com o pensar, onde o desprazer tem apenas efeito de sinalização, mas não leva a um processo primário. Freud assinala que *ℒ* é facilmente acessível à consciência, mas não à atividade do pensar. (p. 443) [Podemos, por conseguinte, inferir que: (a) é impossível apagar memórias, só é possível separá-las do eu; (b) se a resistência para pensar em *ℒ* for uma medida da compulsão exercida por *ℒ*, dizer que "*ℒ* está reprimida" seria equivalente a dizer que "*ℒ* está afastada de associação com o núcleo do eu"; no entanto, estar ligada com o núcleo do eu, com a parte constante do eu, é estar associada com todas as outras representações que se encontram na mesma situação; (c) a resistência, como já estava presente em *Zur Psychotherapie der Hysterie*, é também um efeito do

processo de defesa que separou \mathcal{R} do núcleo do eu, portanto, de sua referência; (d) a distinção fundamental de *Entwurf* reside na diferença entre processo primário e processo secundário, e não entre consciente e inconsciente. \mathcal{R} pode ser facilmente trazida à consciência, mas, devido à ação do processo primário, está afastada do eu, portanto, do processo de pensar.]

Os processos primários que interessam são os que podem ocorrer no interior do eu, e não antes ou durante sua constituição. Em outras palavras, o que resulta de uma repressão histérica é diferente de uma defesa primária [quando o eu ainda não inibia os efeitos da recordação da vivência de dor] ou de uma defesa normal [onde a ação do eu, através de ocupações laterais, limita o desprazer liberado a um mínimo necessário], pois não se trata apenas de evitar desprazer e agir contra \mathcal{R} . [Na repressão histérica não se investe contra \mathcal{R} , mas contra seu símbolo. O termo 'repressão' designa esvaziamento, retirada, desocupação quantitativa de neurônios, e 'deslocamento' expressa transposição de quantidade, portanto, transposição de uma diferença. O problema reside em saber qual dos dois fenômenos deve ser explicado. Sem dúvida, a formação de símbolo é devida ao deslocamento, também presente no sonho; comprovando que, para Freud, neste momento, o deslocamento caracteriza o processo primário no eu, em oposição ao processo secundário que supõe ocupações laterais, por conseguinte, um estado de ligação entre os neurônios. Mas o deslocamento é independente da existência de repressão. Por exemplo, no sonho não há repressão e, no entanto, existe deslocamento. Na histeria, para que ele ocorra, a repressão é necessária.] Como todos os caminhos se relacionam no eu [ele exprime a natureza holista do mental], não é difícil supor que toda nova percepção

crie uma conexão com a representação \mathcal{A} , geradora de desprazer. E \mathcal{A} reaparece, torna-se compulsiva, todas as vezes em que se criar uma associação entre uma percepção nova e \mathcal{A} . Embora o fator quantitativo seja relevante, ele não é suficiente para a formação do símbolo. A determinação deve ser procurada em alguma característica da sexualidade que justifique o funcionamento da repressão.

Em relação às quatro questões colocadas anteriormente, podemos concluir que o núcleo da resposta comum a todas vai consistir em indicar o nexo entre sexualidade e repressão. Mas seria absurdo, pondera Freud, achar que a sexualidade possa gerar mais desprazer do que outras fontes. Entretanto, a clínica mostrou que só as representações sexuais estão submetidas à repressão. A título de exemplo, ele recorre ao seguinte caso clínico: "Emma está atualmente sob a compulsão de que não pode ir *sozinha* a uma loja. Como fundamentação da mesma, há uma recordação de quando tinha doze anos (pouco depois da puberdade). Foi a uma loja para comprar algo, viu os dois balconistas - um dos quais recorda -, rindo entre si, e fugiu tomada de certo *afeto de terror*. Isso despertou pensamentos de que os dois riram de seu vestido, e de que um deles lhe agradara sexualmente." (p. 445)

A origem apontada (ou seja, a sensação de terror seria consequência dos acontecimentos narrados por Emma) é insatisfatória, inadequada, para dar conta dos efeitos produzidos: a compulsão de que não pode entrar em uma loja desacompanhada. Os fatos assinalados por Emma são impróprios, inapropriados, enquanto razão que possa ter causado a compulsão assim como sua permanência.

À análise descobre uma outra cena mais remota: "Quando criança, aos oito anos, foi duas vezes sozinha na loja de um merceeiro (*Greisler*) para comprar gulodices. A nobre figura (*Der Edle*) beliscou-a nos genitais por sobre o vestido. Apesar da primeira experiência, voltou uma segunda vez. Após a segunda vez, não foi mais." (p. 445) [Freud encontra um trauma sexual na origem do sintoma. Por que ele não chama sua teoria de "teoria da violação", por que ele usa a expressão "teoria da sedução"? Por outro lado, como se comprova facilmente, a teoria é incapaz de dar conta do retorno de Emma. Ela teria que explicar o porquê de Emma ter reprimido o prazer do retorno. Como ela pôde voltar após um trauma? Se Emma manifestamente se coloca em posição de sujeito no retorno, ou seja, se ela parece desejar um novo atentado, a teoria desenvolvida aqui também é incapaz de explicá-lo. Aliás, como qualquer leitor facilmente comprova, Freud nem refere-se, nas suas considerações, ao que teria determinado o estado de "má consciência opressiva" (*drückenden bösen Gewissens*, p. 445).]

Tudo se passa como se certos elementos da cena II - gargalhada do merceeiro, estar sozinha em uma loja - permitissem criar uma ligação associativa com a cena I, riso dos balconistas e estar sozinha na loja. O processo inicia-se como um processo secundário inconsciente, como um pensar recognitivo, um pensar que visa reencontrar uma vivência de satisfação do próprio sujeito. Também podemos supor que o beliscão do merceeiro poderia ter despertado desprazer porque foi semelhante a uma vivência de dor. [No entanto, ele não poderia desencadear nenhum processo primário no eu porque já teria sido dominado pelas ocupações laterais.] A resposta está no novo sentido, um sentido sexual, que o beliscão adquiriu com o advento da puberdade. Mas não é o beliscão o fator primordial, ele reside em uma ou-

tra recordação, ligada a primeira, a recordação de uma liberação sexual ocorrida na cena II, em uma época pré-sexual. Na cena I também há liberação sexual que, devido à condição púbere de Emma, já pôde ser convertida em angústia. Como a angústia precisa estar ligada a um objeto externo, ela o encontra nos balconistas, e Emma foge da loja.

Os sintomas de Emma derivam de dois processos sucessivos ocorridos no interior de Ψ . Um processo secundário de pensar propiciou o surgimento de um processo de defesa primário. Mas como é possível uma defesa primária no interior do pensar? Como é possível que a recordação de um objeto semelhante a um objeto hostil não esteja isolada por ocupações laterais? [Antes de responder, cabem duas observações: (a) parece implícito que toda vez que houver uma liberação sexual a consciência captará tal estado como estando vinculado a um objeto, como se o desejo emanasse dele; (b) da mesma maneira que no sonho também se pode dizer que no caso Emma há uma recordação fragmentada. Se todos os elementos estivessem reunidos, ou seja, com as lacunas preenchidas com os elementos originais, conseqüentemente, com as referências corretas indicadas, a justificativa "não ficar sozinha em uma loja devido ao medo de um atentado" seria e é adequada. A quebra dos elos associativos rompe qualquer possibilidade de compreensão. Seu preenchimento com outro material, devido às exigências de normatividade, presentes em todo ser humano, resulta em contra-sensos.]

Diferentemente do sonho, onde apenas faltam certas representações, no caso da compulsão, além da ausência, há substituição e acréscimos produzidos por ligações falsas. Os elementos presentes na cena II, 'alguém vende algo em uma loja', 'riso', 'vestido' e 'liberação sexual' tomam

um novo sentido na cena I porque perderam qualquer referência ao atentado sexual. No seu lugar aparecem duas ligações falsas: 'os balconistas riem do seu vestido' e 'ela se sente atraída sexualmente por um deles'. Se a referência for recuperada, isto é, se os elementos acessórios do atentado sexual forem repostos pelo próprio atentado, teríamos: 'um merceeiro atentou sexualmente contra Emma' no lugar de 'os balconistas riem do seu vestido' e 'ela desejou que o merceeiro repetisse o atentado' por 'ela sentiu-se atraída sexualmente por um dos balconistas'. A ausência da referência sexual acarreta, portanto, perda de sentido, ou melhor, produção de contra-sensos.

Freud assinala que o elemento que sofre maior ocupação e, por conseguinte, destaca-se, é 'vestido'. Contudo, isto não ocorreu porque ele estaria no cruzamento de várias linhas de pensamento, como no sonho, mas devido a uma intenção de disfarce. Foi escolhido o elemento mais afastado das linhas de pensar que passam pela sexualidade. [Como isto é possível? Ou melhor, como isto se explica teoricamente? De qualquer maneira, deve estar claro que considerações puramente econômicas são insuficientes. A questão está em saber como a quantidade pode escolher um elemento. Que não seja escolhido o próprio simbolizado, é totalmente compreensível porque o processo de defesa incide justamente sobre ele. Mas Freud está assinalando outra coisa. O elemento acessório substituto do símbolo não é fruto do acaso, ele 'desperta interesse'. (p. 447)]

Tem início aqui uma das razões, se não for a principal, de Freud ter chamado esta teoria de "teoria da sedução". Não é o atentado sexual que causa o fenômeno histórico. [Como parece pensar, por exemplo, Laplanche

em *Wie et Mort en Psychoanalyse*, onde tece as seguintes considerações sobre a cena II: "Uma cena, portanto, que não tem efeito sexual imediato, que não produz excitação, que não provoca defesa..." (os grifos são meus, p. 67), contra o texto freudiano onde se lê: "... e de quem em parte se pode supor que uma liberação sexual precoce está presente em sua disposição" e um pouco adiante, "Mas no que deve consistir o significado da *precoceidade* na liberação sexual?" (p. 448) Aparentemente Laplanche partiu da seguinte indicação freudiana: "A recordação desperta o que naquela época certamente não podia: uma *liberação sexual* que se converte em angústia." (p. 446) Entretanto, isto não está negando a existência de liberação sexual pré-sexual, mas, como o texto deixa patente ("essa liberação sexual deu-se *precoceamente*.") (p. 449), a possibilidade da sua conversão em angústia, na medida em que ela não dispunha ainda de mecanismos psíquicos para compreender sensações sexuais. Em outros termos, ela não podia formar afetos sexuais (ver Manuscrito E da correspondência Freud-Fliess).] Há duas liberações sexuais. Uma produzida durante o atentado sexual, que, todavia, não se liga ao atentado, e outra gerada na cena I e atribuída ao outro (o balconista que ria). Agora se torna evidente o porquê de se pensar a vivência de dor como protótipo do patológico. A recordação da liberação sexual precoce funciona como um neurônio chave durante a cena I. No entanto, diferente da dor, a substância endógena liberada é de natureza sexual, uma nova liberação sexual, algo produzido por glândulas sexuais. É contra tal acúmulo repentino, imediato, que se desenvolve um processo de defesa primária. [Em outras palavras, a recordação da liberação sexual precoce só induz a efeitos patogênicos quando o agente reconhece sensações sexuais. Neste caso, a quantidade gerada na recordação é maior do que aquela que ocorreu na vivência, invertendo, por conseguinte, a relação

percepção/recordação.]

'Teoria da sedução' e não do 'atentado sexual' porque o efeito patogênico instaurou-se a partir do próprio sujeito: uma liberação sexual que só se tornou patogênica com posterioridade (*nachträglichkeit*), ou seja, enquanto recordação ativada em uma época onde já havia compreensão do sexual. O nome deste fenômeno é 'proton pseudos'. [Tudo se passa como se Emma raciocinasse em termos de um silogismo: ela chegou a uma conclusão falsa porque partiu de uma premissa falsa, a *proton pseudos*. Não estamos, portanto, caminhando na direção de pensar o sintoma como ato acrático?]

O retardo da puberdade, enquanto característica universal das representações sexuais, permitiu uma inversão no sentido ϕ - Ψ , ou seja, a descarga proveniente de Ψ foi tão intensa que acabou por ocupar ϕ e ω . Assim, Emma tem uma liberação sexual mais intensa na cena I do que cena II. Como o processo é inconsciente - a consciência só se apodera de alguns elementos -, ela acaba por atribuir predicados que pertencem à cena II à cena I.

Aparentemente há dois fatores para explicar a precocidade sexual: um contingente - masturbação -, e um constitucional, hereditário; mas os dois são responsáveis por liberação sexual precoce. Do ponto de vista da quantidade, eles se reduzem a um só: liberação sexual precoce. Portanto, o fator determinante é a hereditariedade. [Freud desejaria afastá-la, mas é obrigado a aceitá-la porque, caso contrário, todos os seres humanos trariam dentro de si o germe da histeria. (p. 448)] A ênfase, de qualquer modo, recai sobre a precocidade, pois nem toda liberação sexual leva à repressão.

A liberação sexual precoce é condição necessária, porém não suficiente para a repressão.

Todos os caminhos que, de alguma maneira, podem levar ao desenvolvimento de quantidades são esquecidos através da constituição de ocupações laterais. Assim, o curso associativo original é substituído por um ligado que inibe liberações quantitativas repentinas, ou seja, afetos. Portanto, o processo patológico está de certo modo prefigurado nos estados afetivos: em ambos manifesta-se uma tendência a percorrer velhos caminhos de descarga, a ignorar os desvios construídos pelas ocupações laterais. [Passar pelos velhos caminhos, sem inibição, acarreta falar de forma incoerente, inconsistente, engraçada. Levar em conta o eu, ou seja, os caminhos do eu, é falar de forma coerente, consistente. Em suma, a via quantitativa determina o destino da fala.] O estado ligado do eu produz possibilidades de escolha, de lógica e de conveniência. [Escolha significa a possibilidade de escapar a disposições cênicas. No caso de Emma, bastou que alguns elementos cênicos comuns surgissem para que o comportamento adequado à cena do atentado reaparecesse em um contexto que o tornou sem sentido. Ou, em quadros não patológicos, como o caso narrado por Freud, onde ele, por causa do estado afetivo em que se encontrava, não recorreu ao telefone, recentemente instalado em sua residência. (p. 449) A ação mais adequada e racional foi deixada de lado. Lógica significa racionalidade da ação, a normatividade irremovível dos atos humanos. Conveniência expressa adequação entre palavras e ações que parece desaparecer nos estados afetivos normais e nas neuroses de defesa.]

A articulação entre sexualidade e repressão é explicada, em última

análise, pela precocidade da liberação sexual (limitada aos portadores de neuroses de defesa). Esta, devido ao atraso da sexualidade, permite que haja uma inversão quantitativa na relação entre vivência e recordação. Por conseguinte, a produção de símbolos privados decorre de processos primários póstumos. (p. 451) [A defesa decorre de dois fatores. O primeiro é universal (o atraso da sexualidade) e o outro é hereditário (a liberação sexual precoce), portanto, limitado a alguns agentes. A repressão provoca o esvaziamento de certos complexos representativos e o deslocamento para outros complexos, que passam a ser símbolos privados dos primeiros. Duas coisas devem ser destacadas sobre a repressão: (1) ela ocorre no eu; (2) ela não resulta de uma ação do eu. Portanto, o processo de defesa, apesar das descobertas clínicas, não é teoricamente fruto de um conflito. A repressão age de forma automática a partir de certa intensidade quantitativa, gerada por uma representação que foi reforçada com o aparecimento da puberdade, que, por sua vez, criou condições para que existisse uma liberação maior de sexualidade do aquela ocorrida durante o atentado. Em outras palavras, apesar de todo empenho freudiano, o sintoma não pode ser pensado como ato acrático. A repressão atua como uma força cega.]

No eu, o mecanismo de atenção tem a tarefa de inibir processos primários. Ela é desempenhada através da construção de ocupações laterais que impedem que as velhas facilitações de afeto sejam novamente ativadas. [A comparação da dor física com a dor psíquica pode ser mais detalhada. A última, por decorrer do abandono de associações, exige um trabalho de luto. Em termos de *Entwurf*, afetos só podem ser neutralizados por meio de ocupações laterais. (O tempo que decorre para construí-las aparece para o agente como responsável pela mitigação de afetos. Mas o tempo é só

uma dimensão onde se dá o fenómeno de construção.) Caso contrário, tenderão a provocar o mesmo efeito que tiveram quando da sua ocorrência. Em resumo, se os afetos não forem isolados, eles comportar-se-ão como a recordação não-inibida da vivência de dor, gerando intenso desprazer.]

O mecanismo de atenção supõe duas condições: (a) a existência de ocupações laterais em torno da representação que é herdeira de uma vivência de dor; (b) o aparecimento de uma percepção que poderia evocá-la. Escapar ao mecanismo de atenção é violar, portanto, uma das duas condições. No caso das neuroses de defesa, nenhuma das duas condições é preenchida. (a) não é satisfeita porque a representação da liberação sexual precoce não podia ser compreendida pelo pensar reprodutor enquanto não havia sexualidade; assim, ela não podia estimular a liberação de quantidades, não sendo, portanto, fonte de desprazer. Logo, ela não foi isolada por ocupações laterais. (b) é violada porque a percepção que induz a representação da liberação sexual a liberar substância sexual através das glândulas sexuais não é controlada pela atenção, na medida em que a própria representação não está dotada de qualquer significado para o eu, ou seja, ela não havia se transformado em um sinal biológico, como ocorre com as representações de objetos hostis.

A defesa histórica tem conexões com a defesa primária, logo, com a repetição da vivência de dor. Contudo, não guarda nenhum parentesco com a vivência de satisfação. Nada mais afastado teoricamente do que a vinculação entre desejo e repressão. O resultado é a impossibilidade de justificar a crença de que tanto o sonho como o sintoma são atos acráticos.

Capítulo 3

Freud não precisou de muito tempo para compreender que as soluções oferecidas em *Entwurf* eram insatisfatórias. Em 15 de outubro de 1895, portanto, dez dias após ter enviado o último segmento deste texto, a Parte III, ele escreve para Fliess: "Minha correspondência é inacreditável, não é verdade? Por duas semanas estive com febre de escrever e acreditei que já tinha o segredo, agora sei que ainda não o tenho..." Mais adiante, lemos: "Já compartilhei com você verbalmente ou por escrito o maior segredo clínico? A histeria é consequência de um *sobressalto* sexual pré-sexual. A neurose obsessiva é consequência de *prazer sexual* pré-sexual." (p. 147)

O segredo havia sido comunicado, por carta, na semana anterior, em 7 de outubro, na qual Freud também reconhece qual era o problema com *Entwurf*: "O que para mim não se articula não é o mecanismo - serei paciente em relação a isto -, mas o esclarecimento da repressão, cujo conhecimento clínico, aliás, fez grandes progressos." (p. 146) Em outras palavras, a clínica havia mostrado que se tratava de um conflito intencional, mas não consciente, entre uma representação sexual e as representações morais. No entanto, como revelou a análise de *Entwurf*, a repressão funciona de forma automática, por conseguinte, não intencional. Por outro lado, a grande descoberta relativa à neurose obsessiva, a repressão de prazer, era impossível de ser explicada através das noções propostas ali. O processo de repressão envolve, do mesmo modo que a geração de prazer, uma inversão na direção repouso/movimento, ou seja,

ambos supõem que algo que estava na direção repouso/movimento passou para um estado de movimento/repouso; logo, não é possível explicar, em termos puramente quantitativos, o que seria uma repressão do prazer.]

Uma outra maneira de descrever as limitações de *Entwurf* é recordar que, apesar do empenho de Freud, foi impossível estabelecer entre sonho e sintoma uma relação de identidade. A crença na existência de uma mera analogia entre os dois é insatisfatória porque é equivalente a separar desejo e defesa. No sonho realizar-se-ia desejo, mas não repressão. [Dado que a pulsão da fome seria responsável pelos velhos caminhos de descarga, o deslocamento - presente no sonho -, não seria devido à defesa.] O sintoma, por sua vez, resultaria da repressão. Contudo, não se pôde apontar ali nenhum desejo ou intenção. [O deslocamento dever-se-ia a um mecanismo que entraria em funcionamento automático a partir de um certo nível quantitativo.] Nos 14 meses seguintes, Freud esforçou-se para encontrar uma articulação entre desejo e repressão. Para os nossos propósitos, é suficiente detalhar as alterações expostas em três missivas enviadas a Fliess nesse período. Elas descrevem as etapas decisivas das reformulações teóricas de Freud que buscavam repensar as relações entre quantidade e fala.

1. Uma nova ordem para o aparelho psíquico

A carta de 16 de outubro faz um balanço da situação teórica: "Eu ainda estou muito confuso. Estou quase certo de ter encontrado a solução do enigma da histeria e da neurose obsessiva com as fórmulas do so-

bressalto sexual e do prazer sexual infantis, e estou igualmente certo de que ambas as neuroses são *de forma bastante geral* curáveis, não somente os sintomas, mas, acima de tudo, a disposição neurótica." (p. 148) [A última observação corrige um pressuposto bastante antigo. O método catártico só era eficaz contra os sintomas, ele não alterava a disposição patológica, atribuída à hereditariedade. Com isso, Freud está afastando completamente a herança genética enquanto fator explicativo dos mecanismos das neuroses e concedendo um papel decisivo à história do agente na formação de sintomas. Em compensação, terá de explicar, a partir de fatores puramente contingentes, por exemplo, o por quê da histeria apresentar um mecanismo de conversão e a neurose obsessiva de transposição de afeto.]

No final desta carta, ele faz menção a uma série de três aulas sobre a histeria. A primeira, ele havia dado dois dias antes, e as seguintes estavam programadas para 21 e 28 de outubro. Na última, considerou que: "A doutrina do futuro terá de referir-se à identidade entre representações históricas e representações oníricas assim como à disposição exclusiva da infância". (*Nachtragsband*, p. 337) O tom profético das observações explica-se pelo otimismo das descobertas feitas e comunicadas a Fliess em 20 de outubro: "Tudo parece encaixar-se, as engrenagens ajustam-se, tive a impressão de que agora a coisa seria efetivamente uma máquina e logo também funcionaria sozinha. Os três sistemas de neurónios, os estados livre e ligado de quantidade (Q_n), os processos primário e secundário, a tendência principal e de compromisso do sistema nervoso, ambas as regras biológicas da atenção e da defesa, os signos de qualidade, de realidade e do pensar, o estado dos grupos psicosexuais - as condi-

ções sexuais da repressão, por fim as condições da consciência enquanto função de percepção - tudo estava e continua certo!" (pp.149-150) Entretanto, no dia 31 do mesmo mês, o entusiasmo deu lugar a incertezas: "Comecei a colocar em dúvida a solução baseada em prazer/dor, anunciada com tanto alarde, para a histeria e neurose obsessiva. Os elementos são inquestionáveis. Mas não tenho a posição correta das cartas (*Beduldspiel*)". (pp. 151-2) [A primeira tentativa freudiana de resolver o jogo de paciência, no qual ele se envolveu, será desfazer a oposição entre quantidade externa/quantidade interna. Tudo se passa, em um primeiro momento, como se bastasse removê-la do sistema para desaparecer quaisquer barreiras que se entrometiam entre o desejo e a repressão.]

Apesar de prometer que colocaria "a Psicologia" de lado até 1896, carta de 8/11/95 (p. 153), em 8/12, ele interroga Fliess: "Já lhe escrevi que as representações compulsivas são em todos os casos *repraesentões* (*Horwürfe*), enquanto que na histeria há sempre na origem um *conflicto* (do prazer sexual com o desprazer provavelmente concomitante)? É uma nova forma de expressar a solução clínica." (p. 160) [Evidentemente, as noções trabalhadas em *Entwurf* são incapazes de dar conta da nova forma que Freud encontrou. Ela pressupõe um sistema que seja capaz de expressar oposições intencionais, presentes tanto na histeria como na neurose obsessiva. Assim, na histeria haveria prazer devido à descarga sexual, mas seguida imediatamente de desprazer devido ao acúmulo de substância sexual. Ou seja, toda descarga é prazerosa, mas se ela não se exteriorizar, gerará desprazer.] Para exemplificar, tomemos o caso descrito no Manuscrito J. (pp. 161-4) A paciente tem 27 anos, casada há três meses. O marido, caixeiro viajante, partira há algumas semanas,

logo depois do casamento. Ela tivera uma formação de cantora lírica. Certa vez, após a partida do marido, sentara-se ao piano. Sentiu, então, uma série de sintomas de neurose de angústia, seguida da impressão de que tinha sido envenenada. Depois de ouvir da criada que uma antiga moradora havia enlouquecido, foi presa da obsessão de que ela também poderia ficar louca.

Freud parte do sintoma, isto é, da ocasião que propiciou o aparecimento do sintoma. Ela cantava a ária da Carmem chamada "Près des remparts de Séville". (*Carmen*, I, 9). [Vale a pena reproduzir alguns trechos para ajudar a memória do leitor: "Oui, mais toute seule on s'ennuie. Et les vrais plaisirs sont à deux; Donc, pour me tenir compagnie, J'emmènerai mon amoureux! Mon amoureux! . . . Il est au diable! Je l'ais mis à la porte hier! Mon pauvre coeur, très consolable. Mon coeur est libre comme l'air! J'ai des galants à la douzaine, Mais ils ne sont pas à mon gré, Voici la fin de la semaine: Qui veut m'aimer? Je l'aimerai! ")] Segundo a teoria, a angústia é resultado da sensação sexual liberada. Portanto, a paciente deve ter tido um orgasmo enquanto cantava. ("Certamente não poderia ser outra coisa que uma sensação na parte inferior do corpo, uma câimbra e uma inclinação súbita para urinar. Ela confirmou isso. A insinceridade das mulheres começa desta maneira: elas omitem de seu estado os sintomas indicativos sexuais. Portanto, efetivamente tratava-se de uma *paluço*." (p. 163) Mas não foram gerados apenas sintomas de angústia. A formação de obsessões sugere que algo foi reprimido. Em outras palavras, o medo de enlouquecer deve ser um símbolo privado. Para descobrir sua referência, o simbolizado, é preciso encontrar uma outra cena, cronologicamente anterior. As razões oferecidas pela paciente - saudade das carícias sexu-

ais do marido -, são insuficientes e inadequadas para explicar a obsessão. A análise prossegue e é encontrada uma segunda cena. Ela contém, como era esperado, claras referências sexuais. Versava sobre um atentado sexual. Um tenor da companhia havia colocado a mão sobre o seu seio. Interrogada se fora por cima do vestido ou sobre a pele nua, ela hesitou. (p. 164) [Independente dos traços pitorescos que esse caso clínico exhibe, é inegável a manutenção de algumas teses, já presentes em *Entwurf* (uma formação de símbolo privado que se deve à perda da referência sexual, sempre localizada em atentados sexuais), ao lado de outras que exigem uma mudança radical: como explicar teoricamente a presença inequívoca do desejo sexual? De qualquer maneira, aqui como em vários outros textos, parece haver uma pequena confusão entre razões e causas. A razão para a formação de símbolos privados é a perda de uma referência que, por sua vez, é consequência de um processo de defesa que altera a distribuição quantitativa. Passa-se de um registro, o da normatividade, para outro, o quantitativo, como se não houvesse nenhum problema. Mas ele existe e para resolvê-lo é preciso abandonar a primazia conferida, até este momento, à quantidade.]

O panorama começa a modificar-se a partir da carta de 1 de janeiro de 1896. Após confessar seu desejo de compreender os seres humanos por meio da filosofia, Freud altera os pressupostos de *Entwurf* radicalmente (p. 165) [No capítulo 5, apontaremos a filosofia que serve de fonte de inspiração e de vocabulário para certas noções básicas de Freud.] A ordem $\phi \Psi \omega$ dá lugar a ordem $\phi \omega \Psi$. [À primeira vista, uma pequena mudança. Mas isto é só aparência, pois não há mais nenhuma pretensão de que o modelo seja realista. Os argumentos para colocar ω depois de Ψ eram ana-

tômicos. Agora, eles foram completamente abandonados. Os postulados P_2 (todas as diferenças são quantitativas) e P_3 (o espaço psíquico é função da quantidade) são descartados.] A partir desse momento, a memória é retida com qualidade. A consciência das representações é sempre *a posteriori*, ou seja, os processos Ψ são todos inconscientes. Só se tornam conscientes posteriormente, através de ligações com as representações motoras da fala, denominada por Freud de "consciência artificial". (p. 166) [Assim, os atos e percepções são sempre acompanhados de descarga motora e são, portanto, conscientes.] A consciência dos conteúdos mnemônicos é possível de duas maneiras: através da fala (as representações motoras da fala) e de alucinações. "Uma descarga ω , necessária na minha outra apresentação, torna-se desnecessária [A descarga fornecia um sinal de qualidade para Ψ indicando a existência externa do objeto. A representação de objeto já é dotada de qualidade. Por exemplo, se o objeto faz parte da vivência de satisfação, ele está associado à qualidade prazer. A questão desloca-se agora para explicar porque em uma outra situação ele pode estar ligado ao desprazer.]; a alucinação cuja explicação sempre foi cercada de dificuldades, não é mais uma retroação da excitação na direção de ϕ , mas apenas na de ω . [A retroação é apenas qualitativa e não quantitativa. A quantidade, como já foi observado, é totalmente endógena.] A regra da defesa, que não vale para percepções apenas para processos Ψ , hoje é de compreensão muito mais fácil." (pp. 166-7) [Dizer que o processo de defesa dá-se no interior de Ψ não é uma novidade. A observação freudiana visa o mecanismo de atenção, ele não está mais voltado para os sinais de descarga de ω , como ocorria na recordação da vivência de dor.]

"A sensação, ao contrário, não traz nenhuma quantidade (Q) para Ψ ,

a fonte de energia Ψ são as conduções orgânicas." (p. 167) [Desapareceu a oposição quantidade externa/quantidade interna. A quantidade depende agora apenas de Ψ nuclear, ou melhor de Ψ , na medida em que a própria divisão no interior de Ψ perdeu sua razão de ser. As excitações provenientes de ϕ são tão-somente qualitativas.] No parágrafo seguinte, Freud conclui: "A partir do conflito entre a condução orgânica puramente quantitativa e os processos *excitados* em Ψ pela sensação consciente eu explico também a liberação de desprazer, que necessito para a repressão nos casos de neuroses sexuais." (p. 167) [A chave para a compreensão do mecanismo da repressão está em conseguir relacionar quantidade com fala (sensação consciente), mas de uma maneira distinta daquela presente em *Entwurf*. Antes de estudá-la, vamos investigar como se dava a relação entre fala e pensamento em *Entwurf*.

2. Fala, pensamento e ação em *Entwurf*

A fala aparece como signo de qualidade para o pensar. A "associação lingüística" consiste "na ligação dos neurônios Ψ com neurônios que servem às representações acústicas, e elas mesmas têm a associação mais íntima com imagens motoras lingüísticas." (p. 455) [Ou seja, o signo de qualidade, que permite determinar se um pensamento existiu (como o signo de qualidade de ω é indicativo de que ocorreu uma percepção), é a representação sonora da palavra, sua imagem acústica. Um pensamento só pode tornar-se consciente por meio da associação com representações acústicas.]

As representações acústicas servem a duas funções: criam as con-

dições para consciência de um pensamento e permitem saber que ele existiu. Mas, dado que o pensar nada mais é do que realizar desejo, qual a relação entre desejo e fala? Para responder, Freud pede que investiguemos a origem da associação lingüística. Em *Entwurf*, encontramos: "A inervação lingüística é originariamente uma via de descarga que age como um tipo de válvula para Ψ , a fim de regular oscilações de quantidade, um fragmento da via para *alteração interna*, que apresenta a única descarga enquanto a *ação específica* não for encontrada. Esta via ganha uma função secundária, na medida em que chama a atenção do indivíduo prestativo (geralmente o próprio objeto de desejo) para o estado de apetite e necessitado da criança, e serve a partir daí à *compreensão*, estando, portanto, incluída na ação específica. No início do desempenho de juízo, quando as percepções interessam devido a sua possível relação com objeto de desejo, e seus complexos (como já foi descrito) dividem-se em uma [parte] inassimilável (a coisa), e em uma, conhecida pelo eu por sua própria experiência (propriedade, atividade), que se chama *compreender*, resultam para a expressão lingüística duas ligações. Inicialmente se encontram objetos - percepções -, que fazem *gritar* porque excitam a dor e ganha uma importância enorme esta associação de um som (que também incita imagens próprias de movimento) com uma percepção, aliás composta, que realça o objeto enquanto *hostil* e que serve para guiar a atenção para [a] p[ercepção]. Como, aliás, a partir da dor, não se produzem bons signos de qualidade, a *própria notícia do grito* serve como característica do objeto. Portanto, essa associação é um meio para tornar as recordações que excitam *desprazer* conscientes e objeto da atenção: foi criada a primeira classe de *recordações conscientes*. Ora, não é preciso muito para inventar-se a linguagem. Há outros objetos que

produzem constantemente certas fonias, portanto, um som desempenha um papel em seu complexo perceptual. Em virtude da tendência de *imitação*, presente no julgar, pode encontrar-se, para uma imagem sonora, a notícia de movimento. Também essa classe de recordações pode tornar-se agora consciente. Todavia resta ainda associar sons deliberados com as percepções, então as recordações, através da atenção aos signos de descarga sonora, tornam-se conscientes como as percepções e podem ser ocupadas a partir de Ψ ." (pp. 456-7)

Essa longa citação permite, em primeiro lugar, inferir que só podemos tornar-nos conscientes de uma representação de duas maneiras: ou através de uma imagem visual ou por meio de uma fonia. [Trata-se da oposição alucinação/palavra, descrita no Capítulo 2.] Desde *Zur Auffassung der Aphasien*, sabemos que o primeiro termo refere-se à representação do objeto e o segundo, à representação de palavra. Mas a primeira palavra não é propriamente uma palavra, ela é algo que se transforma em ação, *o grito*. No primeiro instante, ele funciona como uma válvula, como meio de descarga para o acúmulo de quantidades produzido em Ψ do núcleo, mas não restabelece a resistência entre este e o interior do corpo. Produz um alívio momentâneo por ser um processo meramente mecânico que não altera as condições externas. Contudo, o grito é aproveitado para uma função secundária, atraindo a atenção para o indivíduo que realizará a ação específica. Por isso, o grito passa a fazer parte de uma ação. Ao gritar, a criança (sem tencionar) revela, ao outro, intenções. O grito é decodificado como portador de intenções. [Reside nessa atribuição o fato do grito repetir-se como intenção. Uma vez realizada a ação específica, o grito passa a fazer parte do circuito do desejo. Ele

presentifica-se no desejo enquanto *comunicação*.]

Que é compreender? É estabelecer a conexão entre a coisa e seu predicado. Parte do predicado é dado pelo grito. Ora, em relação à vivência de dor, o grito desempenha também uma função muito importante ao permitir que se torne consciente, para o agente, o desprazer excitado pela recordação. Mas, dado que o indivíduo prestativo fala, a recordação da sua fala, por imitação, ou seja, por vinculação entre palavra ouvida e palavra falada, permite que o agente tome consciência de suas representações. Em suma, a palavra ouvida faz parte do circuito de desejo e do circuito criado pela vivência de dor. [Esse caráter duplo da palavra - o poder de participar de opostos -, será posteriormente explorado pela teoria freudiana.] Mas por que a linguagem, ao dotar o pensamento de realidade, não o falsifica?

Freud acredita na validade das seguintes proposições: (L₁) o pensamento diferencia-se da linguagem; (L₂) o pensamento só pode ser apresentado por meio da linguagem [portanto, há pensamentos conscientes]; (L₃) o pensamento que não se apresenta através da linguagem é inconsciente. Na teoria esboçada em *Entwurf* a sexualidade está ausente da infância. O exemplo de vivência de satisfação, como vimos, referia-se à busca do seio materno. Portanto, o circuito do pensar é orientado para reencontrá-lo. A diferença entre pensar e agir, como todas as diferenças no aparelho psíquico, exprime-se por uma diferença quantitativa. Não há no pensar uma descarga motora tão grande quanto aquela que ocorre na ação que se transforma em ato. Contudo ainda assim o pensar deixa atrás de si pequenas descargas que não se originam dele, mas das descargas

motoras dos neurônios da fala, intimamente ligados aos neurônios que formam as imagens acústicas.

Mas por que eles não distorcem a realidade? A primeira pista parece estar no fato do ser humano imitar fonias, ouvidas na situação de ação específica, e produzidas pelo indivíduo prestativo. Em outros termos, a garantia de não falseabilidade da realidade recai sobre aquilo que é dito nessa situação. [Permanecem restos verbais, fundamentais para tornar um pensamento consciente. O não falsear do pensar estaria, por conseguinte, ancorado na palavra do outro.]

Mas a palavra desde seu início está aberta a, no mínimo, duas fontes de erro: adequação da palavra do outro à situação de ação específica e adequação de sua tradução [relação pensamento/palavra]. O estudo dos erros lança alguma luz sobre essas questões. Freud constata a possibilidade de sua ocorrência e interroga-se sobre a sua natureza: "Além disso, levanta-se a questão, como a partir do caminho do pensar pode originar-se o erro? Que é o erro?" (p. 473)

Os tipos de erro descritos por Freud são inúmeros, mas iremos limitar-nos a explorar apenas um, o motivado por falha lógica. Sabemos que o pensar é uma espécie de ação que não se traduz imediatamente em atos. Ele possibilita premeditação por parte do agente. Quando se fala em erro do pensar, Freud tem em vista as consequências práticas do pensar. O pensar que leva a atos que resultam em desprazer é o pensar em que ocorreu um erro. Contudo, no caso de falhas lógicas, o desprazer é gerado pelo próprio pensamento. De acordo com Freud: "o desprazer intelectu-

al da contradição, diante do qual se detém o curso do pensar examinador, é, portanto, nada mais do que o desprazer acumulado para proteção de regras biológicas, ativado pelo processo de pensar incorreto." (p. 476) [A descoberta da contradição gera desprazer, na medida em que é liberado o desprazer acumulado para proteção das regras biológicas. A primeira regra biológica está ligada à defesa primária (ao processo primário) e a segunda ao mecanismo de atenção (ao processo secundário). Para Freud, "*a existência de tais regras biológicas comprova-se justamente a partir do sentimento de desprazer no caso de falhas lógicas.*" (p. 476)

Dado que em *Entwurf* as regras biológicas surgem de considerações práticas - elas próprias são a expressão dos princípios da inércia e da constância -, a vinculação entre regras e falhas lógicas sugere a tese de que a lógica estaria ligada à ação. Que é ação? É "a ocupação completa daquelas imagens de movimento que foram realçadas no processo de pensar, talvez ainda daquelas que (se houve um estado de expectativa) pertenciam à parte voluntária da ação específica". (p. 476) Assim, há uma relação muito próxima entre ação, pensar, vivência de satisfação e lógica. Se o pensamento for adequado, ele poderá gerar uma ação que resultará em prazer e será por isso mesmo racional.

O pensar teórico, considerado como a forma mais evoluída de pensamento, é acompanhado de sinais de qualidade e, por conseguinte, da linguagem. Deve existir uma classe de ações que decorra precisamente do pensar teórico. Freud acredita na sua existência: ela seria formada pelo conjunto das ações científicas e justificadas pelo discurso racional, ine-

rente a elas. [Mas, no dia-a-dia, não nos comportamos como cientistas e estamos sob o domínio do princípio do desprazer. E, ainda assim, nossa ação pode ser adequadamente compreendida pelo outro, sugerindo que não transgredimos certas regras de uso da fala. Portanto, está presente em Freud a crença de que o outro não usa a fala de forma inadequada na ação específica. O que se torna mais verossímil quando atentamos que as ações "não são associadas com representações de palavras, antes servem elas mesmas em parte a essa associação." (p. 477) Ou seja, as ações servem às palavras e não as palavras às ações. As representações de palavra fornecem signos qualitativos para o pensar. Este é um agir sem motilidade, isto é, sem a desocupação de imagens motoras. O complexo formado por representações de movimento e orientado para um meta auxilia o vínculo entre representação de objeto e representação de palavra. A ação deve impedir que a fala falseie a realidade. Portanto, o sintoma pode ser pensado como um certo tipo de erro: aquele em que um dos caminhos do pensar sofreu uma espécie de curto-circuito e a realidade foi, portanto, falseada. Mas as marcas de sua inadequação refletem-se na fala. Por outro lado, Freud deveria ter mostrado que a repressão é intencional, dado que ela interdita uma fala que realiza desejo. Mas a explicação puramente quantitativa de *Entwurf* impediu esta conclusão. As modificações introduzidas podem ser vistas como uma tentativa de chegar a esses resultados.]

3. Contos de Fada Natalinos

Com esse título, Freud comunicou a Fliess a aplicação do seu novo

esquema teórico, escrito na época do Natal, a três quadros patológicos, histeria, neurose obsessiva e paranóia. Todas elas entendidas como neuroses de defesa e aberrações patológicas de estados afetivos normais: conflito (histeria), repreensão (neurose obsessiva) e ofensa (paranóia). A hereditariedade teria apenas um efeito facilitador e amplificador mas, como já indicamos, ela não determinaria a escolha da neurose.

As neuroses de defesa dependeriam em uma primeira análise de três condições: (C₁) dos elementos que governam o aparecimento de estados afetivos normais [Por exemplo, o conflito presente na histeria parece supor uma oposição intencional.]; (C₂) de uma ou mais vivências sexuais precoces, ou seja, de situações onde ocorreu liberação sexual anterior à puberdade; (C₃) de uma recordação da liberação após a puberdade. Freud denomina C₂ de "condições da *sexualidade*" e C₃ de "*infantilismo*". (p. 169)

A tendência à defesa manifesta-se apenas em relação a representações que obedecem às condições ditadas por C₂ e C₃. Em qualquer outro caso, as ocupações laterais do eu impediriam que os complexos representativos criassem condições de alucinação. Mas se uma liberação sexual precoce for ativada depois da puberdade, ela propiciará o aparecimento de uma nova liberação sexual, gerando desprazer e acionando o processo de defesa. Naturalmente, Freud interroga-se sobre a ocorrência de defesa e não da imoralidade, da perversão. [Se vivências sexuais precoces forem viáveis e suficientemente freqüentes, o resultado deveria ser a perversão e não a neurose. Em outros termos, Freud precisa explicar o por quê de "escolher-se" a neurose em detrimento da perversão.]

O núcleo do problema continua o mesmo: entender como o desprazer é gerado pela estimulação sexual precoce. Em *Entwurf*, a explicação recala sobre a nova liberação produzida quando da recordação da primeira liberação. Mas, como estudamos, o mecanismo de repressão agia de forma automática e não conseguia exprimir o conflito intencional. Agora, Freud oferece duas explicações alternativas. A primeira recorre à proximidade entre os órgãos sexuais e os órgãos excretórios para observar que a sexualidade seria propícia para despertar sentimentos de vergonha, moralidade e repugnância. Contudo, a solução é imediatamente descartada por ser muito relativa. Basta lembrar contextos sociais que impediriam o surgimento desses sentimentos. (pp. 170-1) [Todavia, a tentativa freudiana de expressar o sintoma sob a forma de oposições entre representações sexuais e representações antitéticas merece ser retida.]

A segunda alternativa é mais uma descrição do problema a ser resolvido que propriamente uma solução. Freud parte da seguinte série de observações: quando a libido é intensa, a moralidade é facilmente superada; a origem da vergonha deve ter ligações profundas com vivências sexuais. Portanto, é preciso encontrar uma fonte independente de liberação de desprazer na vida sexual, uma fonte que reforce a repugnância e a moral. (p. 171) [A fonte tem, por conseguinte, uma dupla obrigação. Ela deve ser ao mesmo tempo origem da sexualidade e da oposição à sexualidade. A sua dupla face foi inspirada, segundo Freud, no mecanismo da neurose de angústia, onde é constatável uma perturbação que se insere entre a esfera sexual somática e a esfera sexual psíquica, impedindo a transformação da primeira na segunda. Isso sugere que o desprazer gerado nas neuroses de defesa decorreria de algo na esfera psíquica (por exemplo a mo-

ral) impedir que a liberação sexual tivesse um destino apropriado; seu acúmulo geraria a sensação consciente de desprazer. Se as duas alternativas forem combinadas, poderíamos ter a concepção de zonas erógenas, enquanto fontes de representações sexuais e de representações antitéticas. Mas será preciso esperar ainda um pouco para chegar a essa solução.]

As neuroses de defesa diferenciam-se pela maneira de agir da repressão. Em todas elas podemos distinguir cinco fases: (I) série de vivências sexuais precoces; (II) aparecimento da repressão e formação de um sintoma primário; (III) aparente saúde, só resta o sintoma primário; (IV) retorno do material reprimido e formação de novos sintomas; (V) um estado ou de equilíbrio ou de subjugação ou de cura imperfeita. (pp. 171-2) [Freud está pressupondo que a neurose de defesa exibiria uma etapa infantil, onde a neurose adulta seria o retorno da neurose infantil.]

Pode-se descrever as cinco fases em relação à neurose obsessiva. Em um primeiro momento haveria uma vivência sexual acompanhada de prazer. Ela seria ativa entre meninos e passiva entre meninas. [Por C₂, uma liberação sexual anterior à puberdade.] Mais tarde, em um segundo momento, a recordação da vivência seria acompanhada de desprazer e um estado mental de repreensão. [O problema de Freud é explicar o desprazer, na medida em que ainda não se chegou à puberdade.] A pessoa repreender-se-ia pela vivência. [Por C₁, haveria uma oposição intencional entre um ato realizado e a recriminação por tê-lo feito.] O resultado da defesa seria o surgimento de um sintoma contrário à motivação do ato realizado na vivência, de um *Gegensymptom*, que no caso presente tomaria a for-

ma da escrupulosidade. O desprazer seria decorrente da recordação de uma cena anterior à vivência prazerosa. Em todos os casos de neurose obsessiva, Freud comprovou a ocorrência de uma vivência sexual passiva e desprazerosa. A descoberta clínica levou-o a propor a seguinte fórmula: desprazer-prazer-repressão. (p. 173) A associação entre desprazer e prazer explicaria a repressão do prazer. [Pois, certamente, é um mistério explicá-lo só em termos quantitativos. Embora a própria fórmula proposta também seja de difícil entendimento, dado que seria necessário mostrar a origem da quantidade sexual liberada.]

A terceira fase seria de relativo sucesso da defesa permanecendo apenas o sintoma primário, a escrupulosidade. Na etapa seguinte, haveria o retorno do reprimido. Podemos supor que ela corresponda a C₃, a recordação de uma liberação depois da puberdade. Esta leva a um sentimento de culpa que apresenta uma organização semelhante a da formação de um símbolo privado. Ele é construído a partir de um duplo deslocamento: temporal e temático. Pelo primeiro, uma ação presente ou futura toma o lugar da ação passada, correspondente à vivência sexual prazerosa. Um elemento acessório passa a representar a vivência originária a partir de uma relação de analogia. Podemos entender o sintoma como formação de compromisso no sentido de conter elementos corretos - afeto e categoria -, e falsos, deslocamento temporal e substituição por um análogo. (p. 173)

A última fase é caracterizada pela defesa contra os sintomas gerados quando do retorno do reprimido. A defesa secundária age sobre os sintomas anteriores tomando a forma de ruminação obsessiva, compulsão a acumular, dipsomania, etc. (p. 174) A cura da neurose obsessiva é possível

desde que se consiga retornar até a repreensão primária e à vivência que lhe deu origem. [Não custa insistir na novidade introduzida aqui. O sintoma de escrupulosidade é resultado da oposição entre dois termos: uma atividade sexual pré-sexual e uma norma moral que se opõe a ela. Resta mostrar que a atividade sexual decorre de um desejo para que se encontre a articulação entre desejo e repressão.]

As mesmas cinco fases podem ser descritas em relação à paranóia. A primeira etapa é desconhecida por Freud. Ele consegue apontar apenas as seguintes. O desprazer gerado na segunda fase é projetado para um outro semelhante ao agente. [Por C_1 , há um conflito, mas o agente desloca-o para o outro, não permitindo que a repreensão apareça.] O sintoma primário é a desconfiança em relação a outras pessoas. [Cabe considerar uma distinção entre o afeto e o conteúdo da representação. Estudamos no Capítulo 2 que o afeto caracteriza-se por uma irrupção quantitativa.] Se apenas o afeto for projetado, no retorno do reprimido, serão alucinadas vozes que acusarão o agente.

Da mesma maneira que na neurose obsessiva, o sintoma também pode ser assimilado à construção de símbolos privados. Contudo, as lembranças que retornam sofrem apenas uma distorção temporal, referindo-se a situações presentes. Mas o conteúdo permanece o mesmo em sua essência: é uma repreensão. As alterações recaem inicialmente sobre o tema, de modo a torná-lo suficientemente vago a ponto de adquirir o tom de ameaças. O tema é vinculado ao sintoma primário, à desconfiança, e não às cenas primárias. Uma vez que o problema tem uma origem externa para o agente, o eu procura resolvê-lo, dando origem a delírios assimilatórios. (p.176) Os

sintomas secundários, resultantes da última fase da patologia, podem ser melancolia, megalomania.

Na histeria, a primeira fase é constituída por uma vivência sexual passiva. Com a repressão do depraizer, aparece o sintoma primário, "*a exteriorização de sobressalto*, acompanhada de uma *lacuna* psíquica." (p. 177) Na quarta fase, a do retorno do reprimido aparece uma "representação fronteiriça", assim denominada porque ela fica no limite entre o eu e o não-eu. Diferente da neurose obsessiva, esta representação não se forma a partir de analogia, mas por simultaneidade temporal. Ela pode expressar-se corporalmente, tornando-se o primeiro símbolo do reprimido. (p. 178)

As novidades clínicas são retomadas em um texto publicado no princípio de 1896, *Weitere Bemerkungen über die Abwehr-Neuropsychosen*. A questão da repressão do desprazer é abordada em uma longa nota e explicada pelo fato da cena sexual infantil gerar uma excitação somática que se converte em excitação psíquica. Na puberdade, esta libera uma excitação muito maior do que a original, desencadeando o processo de repressão. (p. 384) [Apesar de certas diferenças em relação a *Entwurf*, não se altera a forma automática de ação do processo de defesa. Não adianta observar, como Freud, que "*Os traumas da infância agem com posterioridade como vivências recentes, embora inconscientes*." (p. 384) Seria preciso mostrar a existência de uma intenção no mecanismo de defesa; ele não pode ser apenas o resultado de princípios econômicos.]

O abandono da hereditariedade como fator explicativo dos mecanismos das neuroses de defesa leva Freud a sugerir que eles estariam "ligados a relações *cronológicas* do desenvolvimento da libido." (p. 386) [Este tema será estudado, mais adiante, no tópico "Escolha das Neuroses".] A repressão é atribuída a inclinações presentes no eu (p. 388), e a obsessão é descrita como formação de símbolos privados. Para tornar as considerações atuais mais precisas - assim como as descritas em um conto de fadas natalino -, tomemos um exemplo dado por Freud em nota de rodapé, na página 390.

Um menino de 11 anos desenvolveu um ritual que deve ser executado antes de deitar-se. Pela teoria desenvolvida, o ritual deve ser um sintoma secundário, derivado da repressão do sintoma primário, uma repreensão devida a uma vivência sexual precoce. Portanto, podemos interrogar-nos sobre o conteúdo da repreensão. Para apreendê-lo, é preciso inicialmente descrever o ritual. Ele consta de quatro partes: (a) contar à mãe todas as vivências diurnas; (b) o tapete do quarto deve estar completamente limpo; (c) a cama tem de estar colocada contra a parede e cercada por três cadeiras, os travesseiros devem estar em uma certa posição; (d) antes de dormir deve com as costas deitadas sobre a cama chutar com ambas as pernas e dormir de lado. Todos os atos estão relacionados com uma cena de sedução ocorrida anos antes. Em outros termos, cada um dos atos é uma forma de prevenir a própria recordação do atentado e, assim, o surgimento da repreensão. De qualquer maneira, é inequívoca a presença do desejo. [O caso poderia ser pensado como uma oposição entre A e B, cujo resultado é a produção de não-B. Temos em todas as neuroses de defesa estudadas os mesmos três fatores: uma vivência sexual pré-sexu-

al, uma liberação sexual maior na puberdade, uma diferença cronológica em relação à época de ocorrência da cena.]

4. A escolha da neurose

Em carta de 30 de maio de 1896, Freud pretende resolver a questão da etiologia das neuroses de defesa. O esquema é montado em torno de uma polaridade excesso de sexualidade/defesa. As diversas neuroses de defesa seriam função desses dois fatores. No caso da histeria somática pura estaria presente apenas o primeiro fator, por conseguinte, uma cena sexual pré-sexual muito remota. Em contraposição, a paranóia seria uma neurose quase que exclusivamente de defesa, uma neurose da maturidade, prescindindo dos fatores infantis, mas não de um excesso de sexualidade. [O excesso da sexualidade, na maioria dos casos, parece resultar da recordação de vivências infantis pré-sexuais depois da puberdade. Haveria um contínuo em relação à sexualidade que variaria desde a infância até a vida madura.]

Freud diferencia cinco pontos temporais que correspondem às cinco fases de uma neurose, descritos anteriormente. O ponto Ia marca o período anterior aos quatro anos. Dado que a determinação da neurose é função da época da primeira ocorrência da cena de sedução, e não do momento em que se deu a repressão, as cenas até Ia determinam o aparecimento da histeria. Como nesta época não há linguagem, a coisa sexual não pode ser traduzida em palavras e é convertida em sintoma somático. Se a cena ocorrer no ponto Ib, período entre 4 e 8 anos, o excesso de sexua-

lidade já pode ser traduzido em imagens verbais, dando lugar à formação de obsessões. O ponto A (entre 8 a 10 anos) marca o surgimento da segunda fase das neuroses, a presença da repressão, sendo responsável pela constituição dos sintomas primários.

O ponto II (entre 10 a 14 anos) assinala a época da cena que leva à criação das precondições dos sintomas paranóicos. Também indica a terceira fase, a de aparente cura, das outras duas neuroses. O ponto B (entre 13 a 17 anos) marca uma nova irrupção da repressão. No caso da histeria e da neurose obsessiva haveria a repressão do retorno do reprimido com a formação de novos sintomas, a quarta fase dessas duas neuroses. Em relação à paranóia, ele assinala o aparecimento do sintoma primário.

O ponto III (após os 17 anos) demarcaria a última fase da neurose obsessiva e da histeria, a produção de sintomas secundários. Caso as cenas não ocorram em nenhuma das fases, a defesa seria normal e o excesso de sexualidade converter-se-ia em angústia. (p. 199) Freud acredita que o tornar-se consciente suponha três coisas: "1. que para as recordações ele consista, em sua maior parte, em consciência de *palavras* pertencentes a elas, portanto, no acesso às representações de palavra associadas [O tornar-se consciente depende, assim, do estabelecimento da relação entre representação de palavra e representação de objeto. Se faltar a primeira, como no caso da histeria, o resultado será uma lacuna na consciência.]; 2. que ele não esteja ligada exclusiva e inseparavelmente nem ao chamado domínio inconsciente nem ao chamado domínio consciente, de modo que esses termos parecem ser reprováveis [O tornar-se consciente é possível tanto no processo primário como no processo secundário.

Esta divisão, como ensinou *Entwurf*, é mais fundamental do que consciente/inconsciente.]; que é determinado por *compromisso* entre os diferentes poderes psíquicos, que no caso das repressões entram em conflito. [O tornar-se consciente é uma formação de compromisso onde a consciência não desempenha nenhum papel articulador. Este é conferido inteiramente à memória. A consciência não acompanha todos os nossos atos, ela só registra alguns resultados. Se eles têm a forma de um chiste, são estranhos, inadequados, e testemunham a presença de processos primários.]" (p. 199)

No parágrafo seguinte, Freud observa: "Cabe estudar minuciosamente esses poderes e adivinhá-los a partir de seus resultados. São: 1. a *força quantitativa específica* de uma representação [Esta força depende da sua referência sexual.] e 2. uma *atenção* livremente deslocável, atraída segundo certas regras e repelida pela regra de defesa [O processo de defesa dá-se no eu. São ocupadas as representações que fazem parte dessa estrutura e repelidas aquelas que originam um processo primário no interior do eu.] Os sintomas são quase todos em seu conjunto *formações de compromisso*. (p. 199) [O sintoma surge quando no interior de um processo secundário irrompe um processo primário. O sintoma é o que resulta da interação entre os dois processos.]

Todo esforço de Freud reside em demonstrar que o processo de defesa tem uma natureza intencional. Para tanto, recorre, mais uma vez, à concepção do sintoma como a conclusão de um silogismo: "Cabe constatar uma diferença fundamental entre processos psíquicos de *pensar não-inibido e inibido*. A partir do conflito entre ambos originam-se os

sintomas como compromisso, que abre um caminho para a consciência. No caso da neurose, cada um dos dois processos é correto em si mesmo, o não-inibido é monoideista, unilateral, o resultado de compromisso é *in-correto*, análogo a um erro de pensamento." (p. 199) [Um dos processos é o processo secundário, ou seja, o pensar. Como todo pensamento ele busca realizar desejo. Por isso Freud classifica-o de monoideista, unilateral. O outro processo é a defesa contra uma representação que adquiriu vivacidade alucinatória. Todos os dois são corretos em si mesmo, ou seja, eles são inteligíveis, mas como o segundo aparece no interior do primeiro, o resultado é semelhante a um erro do pensar. Uma das premissas, a formada pelo sintoma, é falsa porque ela se refere a uma outra cena, a cena de sedução. De qualquer maneira, os termos do problema estão colocados: de um lado o desejo (o processo secundário de pensar) e do outro a repressão (o processo primário que irrompe no eu). Mas é preciso, para avançar, resolver de modo satisfatório a relação entre repressão e prazer, quantidade e fala.]

5. Uma solução quase perfeita

Em 6 de dezembro de 1896, Freud comunica a Fliess que finalmente conseguiu resolver vários dos enigmas que impediam a justificativa teórica de diversas descobertas clínicas. O esclarecimento decorre da suposição de que o "mecanismo psíquico originou-se através de estratificação, na medida em que de tempos em tempos o material existente de traços de recordação experimenta uma *reordenação* de acordo com novas relações, uma *retranscrição*. A novidade essencial de minha teoria é, por-

tanto, a opinião de que a memória não existe de forma simples, mas múltipla, registrada em diferentes tipos de signos. Algum tempo atrás (afasia), opinei sobre uma reordenação semelhante para as vias vindas da periferia. Não sei quantos registros assim existem. No mínimo três, provavelmente mais." (pp. 217-8) [O mecanismo psíquico designa os processos que se dão em Ψ . Em *Entwurf* a memória é concebida de uma forma simples, sem qualidade. Freud, poucos dias depois do envio da última parte desse texto, inverteu a ordem do aparelho psíquico para ϕ (ω) Ψ . Agora, ele constrói Ψ como uma série de sistemas de memória. Os traços mnemônicos são retidos de diferentes maneiras. A metáfora para descrever os sistemas é de uma estratificação. Portanto, cada sistema de memória apoia-se sobre o anterior como uma série de camadas geológicas. Cada um deles retém traços de vivências organizados segundo relações distintas. Quando se deposita uma segunda camada, os traços retidos na primeira e mais profunda são transcritos na nova. Como os traços são guardados com qualidade, o processo de transcrição tem de levar em conta a nova qualidade que um determinado traço possa apresentar em relação a sua inscrição inicial. Por isso podem ocorrer novas reordenações do material. Suponhamos que uma vivência sexual seja retida em um momento em que a sexualidade ainda não exista. Quando ela for transcrita em um novo sistema, em uma época já sexual, receberá uma qualidade que ainda não possuía. Isto pode ter influência sobre a geração de desprazer. A referência a *Zur Auffassung der Aphasien* indica que a hipótese de Hughlings-Jackson é usada. Segundo ela, a camada mais recente realiza uma série de funções que poderão ser feitas pelas camadas anteriores, caso ela sofra algum dano.]

Freud descreve três sistemas: "Wz (signos perceptuais) é a primeira inscrição das percepções, completamente incapaz de tornar-se consciente e unida por associações de simultaneidade. Ub (inconsciente) é a segunda inscrição, ordenada segundo outras relações, talvez causais. Os traços-Ub corresponderiam talvez a recordações conceituais, igualmente inacessíveis à consciência. Uv (pré-consciente) é a terceira inscrição, ligada a representações de palavra, correspondendo ao nosso eu oficial. Às ocupações a partir desse Uv tornam-se conscientes de acordo com certas regras, e na verdade esta *consciência de pensar* secundária é posterior no tempo e, provavelmente, está ligada à ativação alucinatória de representações de palavra, de modo que os neurônios da consciência seriam de novo neurônios perceptuais e em si mesmos sem memória." (p. 218)

Os três sistemas de memória estão intimamente ligados às três patologias examinadas anteriormente. Sem dúvida, no futuro a teoria da memória como uma multiplicidade de instâncias revelar-se-á profícua, apesar de estar baseada em uma cronologia das neuroses de defesa completamente equivocada. Mais tarde, ela será devidamente corrigida. [No capítulo 5 veremos que a ordem de constituição apropriada é paranóia, neurose obsessiva e histeria.]

O sistema dos signos perceptuais é anterior à linguagem porque a ausência desta justifica a natureza somática dos sintomas histéricos. Poderíamos pensar que as representações presentes são apenas representações de objeto. A associação por simultaneidade - presente na repetição alucinatória das vivências de satisfação e de dor em *Entwurf* -, indica aqui apenas o caráter de desprazer associado à representação da cena de

sedução passiva.

O sistema inconsciente retém traços associados à vivência sexual prazerosa. As relações que os unem podem ser causais apesar de alguns deles serem recordações conceituais. [Mais uma indicação de que haveria uma confusão entre causa e razão. Para resolvê-la, podemos conjecturar que a representação de coisa funciona como causa. Mas a perda dessa relação ou sua substituição por outra representação provoca algo semelhante a um erro lógico, um equívoco conceitual. No capítulo 5 pretendemos oferecer uma resposta mais precisa e global.]

O sistema de memória mais recente, o pré-consciente, desempenha um papel semelhante ao eu de *Entwurf*. As relações entre suas representações são governadas pelas representações de fala que, como estudamos no Capítulo 2, funcionam de modo a fornecer uma memória para o pensar. É o único sistema onde as representações podem vir à consciência, seja enquanto processo secundário (no pensar), seja enquanto processo primário, como na ativação alucinatória das representações verbais presentes na paranóia. [Embora, ela seja uma patologia mais devida ao eu (o processo de defesa ocorre no eu) do que a vivências sexuais precoces.]

Freud está convicto de que construiu uma nova psicologia, diferente daquela presente em *Entwurf*. A distinção essencial reside na relação entre fala e quantidade, completamente invertida. Os efeitos de tradução de um sistema para outro determinam o destino da quantidade. Assim, "Onde falta a transcrição posterior [Quando um traço de um sistema não consegue ser transcrito no sistema seguinte.], a excitação é re-

solvida de acordo as leis psicológicas que valem para o período psíquico anterior [O destino da quantidade é função do processo de transcrição.], e por caminhos que estavam naquele tempo à disposição. [Por exemplo, se for possível transcrever a cena de sedução passiva no sistema inconsciente, a quantidade (a excitação) tomará o destino ditado pela lei de associação por simultaneidade e será convertida em sintoma somático. Na esfera psíquica, o resultado será a formação de uma lacuna que corresponde à falta da transcrição.] Permanece desta forma existindo um anacronismo, em uma certa província valem ainda os "fueros"; os "*fora de moda*" tem êxito. [Os elementos que não são transcritos não deixam de existir e continuam ativos. São anacrônicos em relação aos sistemas mais avançados. Contudo, prontos para irromperem no interior do pré-consciente, dando origem a sintomas.] (p. 219)

Freud indica com clareza a nova relação entre fala e linguagem quando observa que: "A falta de tradução é o que se chama clinicamente de 'repressão'. O motivo da mesma é sempre uma liberação de desprazer que poderia originar-se da tradução, como se esse desprazer provocasse uma perturbação de pensar que não permitisse o trabalho de tradução." (p. 219) [Se a tradução fosse realizada, seria gerado desprazer. Para evitá-lo - é a tendência do aparelho psíquico -, ela não ocorre. A repressão é concebida como um processo intencional e não como uma força cega que age a partir de uma certa elevação quantitativa. Podemos pensar o sintoma como um ato acrático porque as três condições estão preenchidas: (T₁) a mente está dividida em vários sistemas; (T₂) em cada sistema há uma forma diferente de organizar registros (uma vez que desde *Entwurf* os circuitos representativos são circuitos de desejo, podemos dizer que 'or-

ganizar registro' é equivalente a 'organizar desejo'; (T₃) os sintomas são formações de compromisso que resultam da interação entre os sistemas.]

A repressão pode dar-se entre os sistemas de memória e não no interior de cada um deles, onde a defesa é normal. A comparação entre o esquema proposto na carta de 30 de maio (p. 198) e o atual (p. 218) sugere que, se a repressão acontecer entre o sistema dos signos perceptuais e o inconsciente, poderemos ter ou sintomas histéricos ou obsessivos, dependendo da época em que ocorrer a cena de sedução. Pois, "a condição da defesa patológica (repressão) é, portanto, *a natureza sexual do acontecimento e sua ocorrência em uma fase anterior*". (p. 220) Entretanto, Freud havia diferenciado entre cenas acompanhadas de prazer (neurose obsessiva) e de desprazer (histeria). Com a nova teoria, ele crê que "quando uma vivência sexual é recordada numa fase diferente, ela origina compulsão no caso de liberação de prazer, e repressão no caso de liberação de desprazer. Em ambos os casos, a tradução nos signos da nova fase parece ser inibida. (?)" (p. 220) [O sinal de interrogação aparentemente aponta para uma dúvida de Freud. A recordação da vivência em uma nova fase é equivalente a uma cena real, ela comporta-se como se estivesse ocorrendo naquele momento. Se ela liberar prazer, ela tenderá a ser repetida; caso contrário, será reprimida. Mas em qualquer um dos casos, que tipo de registro ela deixa? À primeira vista, não pode ser uma mera transcrição do original, na medida em que este, ao ser recordado, converteu-se em uma cena real. Assim, há apenas uma possibilidade, a nova cena é transcrita. Destarte, passam a existir dois registros que não são idênticos e nem referem-se rigorosamente a mesma coisa. O registro inicial é uma inscrição da cena de sedução, e o segundo registro é uma

inscrição da cena de sedução alucinada, ou seja, de um sintoma.]

"Ora, a clínica coloca-nos em contato com três grupos de psiconeuroses, histeria, neurose obsessiva e paranóia, e ensina que as recordações reprimidas estão filiadas à cena atual no caso da primeira, entre 1 ano e 1/2 a 4 anos de idade; no da neurose obsessiva, entre 4 a 8 anos de idade; no da paranóia entre 8-14 anos de idade. Mas antes dos quatro anos de idade não há nenhuma repressão, portanto, os períodos de desenvolvimento psíquico não coincidem com as fases sexuais." (p. 220) [O período de desenvolvimento psíquico compreende quatro etapas: Ia, Ib, II e III. O período sexual apenas I, II e III. A aparição de cada novo sistema é acompanhada da repressão. No caso da histeria se colocarmos lado a lado os dois períodos, teremos o seguinte resultado. A cena de sedução passiva, sofrida até os quatro anos, é inscrita no sistema dos signos perceptuais. Assim que se formar o sistema inconsciente, o registro da cena tenderá a receber uma nova transcrição. Mas no momento em que ele vai ser inscrito no inconsciente, ele comporta-se como se fosse uma cena atual e não uma representação. O seu efeito é gerar prazer e despertar uma compulsão. Quando do aparecimento do terceiro sistema, o pré-consciente, a inscrição da cena originária, caso fosse realizada, resultaria em um aumento quantitativo, por conseguinte, em desprazer. A repressão retém o registro da vivência apenas no sistema de signos perceptuais, no sistema contemporâneo à vivência da cena. O produto da repressão é duplo. Há o surgimento de sintomas somáticos baseados em relações de simultaneidade e produção de uma lacuna no pré-consciente. No caso da neurose obsessiva, a vivência originária, a cena sexual acompanhada de prazer, é contemporânea do sistema inconsciente. A tentativa de transcrevê-la para o pré-consci-

ente também geraria desprazer. Logo, a inscrição é reprimida no inconsciente, e as idéias obsessivas constituem o sintoma.]

5. Sintoma como perversão repudiada

Resolvida a articulação entre desejo e repressão através de uma nova relação entre fala e quantidade, nosso interesse volta-se para o estudo da natureza do desejo e da repressão. Para tanto, é preciso explicar inicialmente o por quê de algumas vivências sexuais darem lugar à repressão, enquanto outras levam a compulsões. Ou, em outros termos, qual o fator determinante de uma vivência sexual que conduz a uma neurose ou a uma perversão? Qual o critério de escolha entre os dois destinos? Nas palavras de Freud: "Cabe explicar por que as vivências sexuais enquanto atuais produziram prazer, e enquanto recordadas com diferença de fase produzem desprazer em alguns [indivíduos] e em outros permanecem como compulsão. Nos primeiros casos elas evidentemente devem liberar mais tarde um desprazer que não foi liberado no início" (p. 221) [A solução inicial para a repressão do prazer é apontar para o fato de que a repressão age sobre a transcrição e não sobre o primeiro registro da vivência de prazer. Na tradução de uma fase para outra o prazer é reprimido, ficando sem delegado no sistema seguinte.]

A diferença entre neurose e perversão é dada pela teoria da bissexualidade, criada por Fliess. "Portanto, tento introduzir uma substância masculina de 23 dias, cuja liberação em ambos os sexos dá uma sensação de prazer, e uma de 28 dias, cuja liberação é sentida como despra-

zer." (p. 221) [Freud também procurou fundamentar a diferença entre o período psicológico e o período sexual a partir da teoria dos períodos de Fliess. No entanto, devido ao fracasso da tentativa e de sua falta de relevância para o desenvolvimento futuro da psicanálise, limitar-nos-emos a estudar o papel da bissexualidade na escolha da neurose.] "Para a distinção, perversão ou neurose, ajuda-me a bissexualidade de todos seres humanos. No caso de um ser puramente masculino haveria em ambas as barreiras sexuais [os dois momentos da repressão] um "excesso" de liberação masculina, portanto originariam prazer, e com isso perversão; no caso de um ser puramente feminino, um excesso de substância desprazerosa nessas épocas. Nas primeiras fases ambas as liberações seriam paralelas, isto é, resultariam em um excesso normal de prazer. Disso decorreria a preferência das mulheres verdadeiras pelas neuroses de defesa." (pp. 222-3) [A hipótese da bissexualidade supõe que ambos os sexos apresentem uma mistura de substâncias sexuais masculina e feminina. A primeira estaria ligada à liberação do prazer e a segunda, do depraizer. Logo, sendo todas as condições iguais, a opção pela perversão seria causada pelo excesso de substância masculina; a preferência pela neurose, pelo acúmulo de substância feminina. A quantidade, desde *Entwurf*, já era pensada como substância. Agora a novidade está em dividi-la em dois tipos, associando a cada um deles um destino diferente frente ao seu excesso. Essa teoria, nas próprias palavras de Freud, faz parte dos fundamentos orgânicos (*Organgrundlage*) da sua teoria. Mais tarde, serão realizadas tentativas de traduzi-los em termos metapsicológicos.]

A teoria da sedução adquire contornos mais nítidos e precisos para Freud. A perversão do pai é responsável pela histeria da filha. "A histeria

aparece cada vez mais como conseqüência da *perversão* do sedutor; a hereditariedade *cada vez mais* como sedução pelo pai. Portanto verifica-se uma alternância de geração: 1ª geração - perversão. 2ª geração - histeria, e então esterilidade. 'Às vezes há uma metamorfose na mesma pessoa: perverso durante a idade ativa, e então passado um período de angústia, histérico. A própria histeria não é sexualidade repudiada, mas melhor dito *perversão repudiada*." (p. 223) [O estudo da repressão do prazer levou a um interesse pela perversão e a uma modificação no aparelho psíquico. Freud passa a supor que a sexualidade reprimida não é a sexualidade genital, mas a sexualidade perversa. Abriu-se, destarte, caminho para pensar a sexualidade perversa como sexualidade infantil e resolver parte do enigma colocado pela teoria das neuroses. Podemos comprovar o acerto da leitura proposta pela continuação do texto freudiano: "Pois, por trás disso está a idéia de *zonas erógenas* renunciadas, isto é, as liberações sexuais na infância extraídas de muitos lugares do corpo, que mais tarde só teriam a capacidade de liberar a substância de angústia-28 e não as outras. Nessa diferenciação e limitação (repousaria) o progresso da cultura, tanto o desenvolvimento moral como o individual." (p. 223) [Freud anuncia de uma só vez a possibilidade da sexualidade infantil como algo que emana de várias partes do corpo do agente e sua repressão como condição da cultura. Temas que desenvolverá em *Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie* (1905) e *Totem und Tabu* (1912-3).]

Mas da intuição ao conceito há uma longa estrada a ser percorrida. Em 3 de janeiro de 1897 Freud comenta: "Dê-me mais dez anos e terminarei as neuroses e a nova psicologia..." (p. 231) O estudo das perversões continua pagando bons dividendos: "A concordância com as perversões descritas

por Krafft é uma prova nova e apreciável da realidade." [A sexualidade - que interessa a Freud e que ele constata nos sintomas de seus analisandos -, é a sexualidade perversa.] Oito dias mais tarde, ele retorna ao tema: "As perversões desembocam regularmente na zoofilia e tem um caráter animalesco. Não são explicadas através do funcionamento de zonas erógenas posteriormente renunciadas, mas pelo efeito de *sensações* erógenas, que mais tarde perdem esse poder. Em relação a isso, pode recordar-se que o sentido predominante (também para a sexualidade) nos animais é o olfato, que no caso do ser humano é atenuado. Enquanto predominar o olfato (o paladar), a urina, as fezes, toda a superfície do corpo e também o sangue terão um efeito sexualmente excitante. Provavelmente, o aumento do olfato na histeria esteja ligado a isso." (p. 236) [Freud raciocina como se a sexualidade emanasse das zonas erógenas. No entanto, ele ainda acredita piamente na teoria da sedução e nos atos perversos cometidos pelo sedutor. Em consequência, não estende a sexualidade à vida infantil.]

Em 24 de janeiro, Freud corrige uma suposição sobre a escolha da neurose. Antes o fator determinante era a época em que ocorria a cena primária. Agora, ele acredita que seja o período em que a repressão efetiva-se. (p. 229) [A nova opinião provocará uma enorme reviravolta na seqüência cronológica das neuroses. Se elas forem pensadas como momentos regressivos, a histeria será agora a menos regressiva de todas. Acreditar que o momento em que a repressão ocorre é decisivo para a escolha da neurose, é supor a existência de uma formação psíquica que atualiza tanto o impulso sexual como a repressão.]

6. A noção de fantasia

A primeira menção à noção de fantasia surge em 6 de abril. Freud descreve que existe uma nova fonte de produção de material inconsciente: "Quero dizer as fantasias histéricas que, como vejo, retrocedem regularmente a coisas que as crianças anteriormente ouviram e só posteriormente compreenderam." (p. 248) [Há dois aspectos que devem ser ressaltados. Em primeiro lugar, dado que a fantasia surge a partir de algo ouvido, ela não precisa mais corresponder a nenhum estado de coisas existente no mundo. Em outros termos, se a referência para a produção de um sintoma for uma fantasia, a própria referência terá mais a natureza de um sentido - de algo interno à linguagem -, do que a de um significado, envolvendo a relação com um objeto. Em segundo lugar, a emergência da fantasia pode estar associada a um impulso sexual decorrente da sua produção, permitindo que Freud trabalhe melhor o fenômeno da sexualidade, dado que, apesar de ter recuado o momento de sua aparição cada vez mais, não reconhece ainda sua presença na infância.] O tema da fantasia é retomado em 2 de maio: "As fantasias descendem do *ouvido e posteriormente* compreendido, são naturalmente em todo seu material autênticos. São estruturas protetoras, sublimações de fatos, embelezamentos dos mesmos. Talvez sua origem accidental venha de fantasias de masturbação. Um segundo conhecimento importante informa-me que a formação psíquica que na histeria é afetada pela repressão não são propriamente as recordações, pois ninguém se entrega sem razão à atividade recordativa, mas *impulsos* que derivam de cenas primordiais." (p. 253) [A autenticidade do material só pode estar ligada à tese de que a palavra ouvida foi efetivamente ouvida. Freud não tem como garantir que a palavra ouvida tenha

um referente no mundo. A insistência nessa autenticidade só pode decorrer de certas teses filosóficas adotadas por ele. (ver Capítulo 5). Por outro lado, a fantasia aparece como uma formação defensiva, como produto de um conflito psíquico entre desejo e repressão. Sua função é embelezar a cena primordial, a cena de sedução. Entretanto, a fantasia não surge da recordação da cena, mas da repressão do impulso sexual motivado pela sua recordação.] A noção de fantasia pode ser generalizada para outras neuroses: "Agora me dou conta de que todas as três neuroses, histeria, neurose obsessiva e paranóia, apresentam os mesmos elementos (ao lado da mesma etiologia), ou seja, os mesmos fragmentos de recordação, *impulsos* (derivados das recordações) e *ficções protetoras*, mas a irrupção na consciência, a formação de compromisso, portanto, a formação de sintoma, ocorre no caso delas em diferentes lugares; na histeria são as recordações; na neurose compulsiva, os impulsos perversos; na paranóia, as ficções protetoras (fantasias) que penetram na normalidade sob a forma de distorções de compromisso." (p. 253) [A noção de fantasia realiza, assim, a síntese pretendida por Freud entre desejo e repressão. Do lado do desejo, ela traz o impulso despertado ou pela recordação ou pelo impulso perverso ou pela ficção protetora. Do lado da repressão, ela mascara a cena primordial (*die Urszene*). Apesar de feita com pedras legítimas, a construção não remete diretamente a nada no mundo, ela não tem representante no mundo.]

O Manuscrito M, que acompanha a carta de 25 de maio, traz uma série de considerações sobre a fantasia, indicando a importância crescente que a noção adquiriu na investigação freudiana: "As fantasias originam-se através da união inconsciente de coisas vivenciadas e ouvidas de acordo

com certas tendências. Essas tendências tornam a recordação do sintoma inacessível, recordação esta que pode dar origem a novos sintomas. A formação de fantasia decorre por fusão e deformação análogas à decomposição de um corpo químico combinado com outro. [A metáfora química assinala os dois aspectos presentes na formação de um símbolo privado: ele tem algo em comum com o simbolizado, mas é escolhido por ser aquele que menos associações apresenta com este. Destarte, o resultado da repressão é estabelecer a via de pensamento mais insólita e rara. A fantasia também tem a mesma estrutura de um sintoma. O interesse da noção é apontar para um fenômeno que constantemente se produz e reproduz, atualizando sempre o conflito primordial.] O primeiro tipo de deformação é justamente a falsificação da recordação através de separação, onde são negligenciadas precisamente as relações temporais. (A correção temporal parece depender da atividade do sistema da consciência.) [O efeito sobre a narrativa da fantasia é a produção de saltos temporais.] Um fragmento da cena vista junta-se na fantasia a um fragmento da cena ouvida, enquanto o fragmento que se tornou livre entra em uma outra ligação. Com isso a conexão primordial torna-se impossível de encontrar. [Já em *Entwurf* estudamos que um dos efeitos da defesa era a fragmentação de uma cadeia associativa. Aqui, onde tudo gira ainda em torno da cena primordial, a cena de sedução, a fantasia junta fragmentos sem levar em conta as relações de contigüidade temporal. O resultado é a impossibilidade de encontrar a referência, ou seja, a cena de sedução.]" (pp. 263-4)

Os tipos de deslocamento, presente na formação das fantasias, variam de acordo com a patologia. Freud acredita que possa associar deslocamento associativo, conceitual e causal com histeria, neurose obsessiva e

paranóia respectivamente. (p. 264) [Tais características não combinam mais com o modelo proposto para a divisão de Ψ em três sistemas de memória. Por exemplo, as relações conceituais e causais eram atribuídas ao sistema inconsciente.] Por outro lado, o estudo das fantasias caminha rapidamente para uma tipologia das mesmas que permitiria não só estabelecer um diagnóstico de cada quadro patológico, como explicar o seu próprio processo de formação.

Em 31 de maio, no Manuscrito N, Freud está próximo de acreditar que os "impulsos hostis contra os pais (desejo de que morram) são igualmente uma parte integrante das neuroses". No parágrafo seguinte: "Ao que parece, é como se esse desejo de morte nos filhos fosse dirigido contra o pai e nas filhas, contra a mãe." (p. 267) Também é afirmada pela primeira vez a tese que o sintoma é como um sonho: "Recordar nunca é um motivo, mas apenas um caminho, um modo. Segundo o tempo, o primeiro motivo para a formação de sintoma é a libido, portanto, o sintoma é como o sonho uma *realização de desejo*." (p. 268) [Está presente no sintoma desejo e repressão; mas no sonho só há desejo. Será preciso abandonar a teoria da sedução e admitir a sexualidade infantil para que a identidade possa finalmente ser estabelecida.]

Em 21 de setembro, Freud anuncia que abandonou a teoria da sedução. [O abandono não é completo nem tão decisivo. Basta recordar a carta de 12 de dezembro, onde se lê: "Minha confiança na etiologia paterna aumentou muito." (p. 312) Entenda-se por 'etiologia paterna', teoria da sedução.] Os termos utilizados são significativos: "Agora lhe confiarei imediatamente o grande segredo que nos últimos meses comecei a descortinar

vagarosamente. [As oposições imediatamente/vagarosamente, confiar um segredo/descortinar um segredo dão uma idéia do estado anímico de Freud. Por outro lado, revelam a extensão das mudanças que foram sendo introduzidas na teoria a partir do final de *Entwurf*.] Não acredito mais na minha Neurótica. [O termo 'Neurótica' designa, sem sombra de dúvida, a Teoria das Neuroses.] Provavelmente isso não é compreensível sem explicações; pois você mesmo considerou digno de crédito, o que lhe pude contar. Portanto, começarei historicamente, a partir de onde vieram os motivos para descrença. [Fliess também defendia a etiologia sexual. A disputa entre os dois será sobre o papel dominante que a teoria dos períodos teria sobre a teoria da sexualidade.] Os desapontamentos contínuos nas tentativas de levar uma análise a uma conclusão efetiva [Pela teoria da sedução, uma vez encontrada a cena primordial, a análise terminaria com cura completa dos sintomas.], a fuga de pessoas que, por algum tempo, estiveram em minhas mãos, a falta de êxitos totais que eu calculara, a possibilidade de explicar-me de forma habitual os outros êxitos parciais, este é o primeiro grupo [de motivos]. [Este grupo inicial refere-se basicamente ao desencontro entre teoria e prática clínica. A hipótese sobre a cena de sedução como núcleo das neuroses de sedução implica uma série de conseqüências que não foram verificadas. Alguém poderia observar que o fracasso na análise seria igual à falsidade da teoria.] Então a surpresa de que na coleção dos casos em que se tem de acusar o *pa/* enquanto perverso, o meu próprio não estaria excluído; o discernimento da freqüência inesperada de histeria em que a mesma condição permanece inalterada, ao passo que uma tal disseminação da perversão contra crianças seja, no entanto, pouco provável. (A perversão tem de ser imensuravelmente mais freqüente do que a histeria, pois a doença surge apenas onde os aconte-

cimentos acumularam-se e onde contribuiu um fator que enfraqueceu a defesa.) [O argumento baseia-se no seguinte silogismo: "Se a histeria fosse causada pela perversão paterna, então deveriam existir mais perversos do que histéricos. Ora, há mais histéricos do que perversos. Logo, a histeria não pode ser causada pela perversão dos pais."] Então o terceiro [motivo], o correto discernimento de que no inconsciente não há um signo de realidade, de modo que a verdade não pode diferenciar-se de uma ficção ocupada com afeto. (Destarte, restaria a solução de que a fantasia sexual apodera-se regularmente do tema paterno.) [A teoria, desde *Entwurf*, supõe que fora do eu não haja signos de realidade. Com a reformulação introduzida pela divisão tripartite de Ψ , apenas o pré-consciente - herdeiro conceitual do eu de *Entwurf* -, apresenta signos de realidade. Na falta de signos de realidade, todas as representações têm o mesmo valor afetivo; sendo, portanto, indiscerníveis. No caso presente, do ponto de vista do sistema inconsciente, a representação da cena de sedução tem o mesmo valor que a representação da fantasia da cena de sedução. Em outras palavras, os efeitos de tradução sobre o pré-consciente seriam os mesmos nos dois casos. Evidentemente o problema desloca-se agora para saber o que forma a fantasia sexual que toma como tema os pais.] Quarto [motivo], a consideração de que na psicose mais profunda não transparece a recordação inconsciente, de modo que o segredo da vivência infantil também não se deixa ver nem no delírio mais confuso. Se virmos que o inconsciente nunca supera a resistência da consciência, então cai por terra também a expectativa de que no tratamento o inverso possa ocorrer, até o ponto do inconsciente ser completamente domado pela consciência." (pp. 283-284) [Na psicose, o conteúdo inconsciente relativo à cena de sedução deveria aflorar. Contudo, ele não aparece. Este

argumento questiona o anterior, ou seja, no inconsciente não deve existir nem a cena de sedução nem a sua fantasia. Conclusão: tudo poderia ser fruto de uma sugestão de Freud.]

7. 'Oedipus Rex' como fantasia paterna

A carta de 3 de outubro mantém o tom pessimista da de 21 de setembro, mas Freud crê que sua auto-análise fornecerá os elementos para aparar todas as arestas. Através dela descobre o papel desempenhado na sua neurose pela babá - "uma mulher feia, idosa mas esperta, que muito me contou sobre o Deus amado e sobre o inferno e que me insuflou uma alta opinião sobre as minhas próprias capacidades" -, pela mãe - "minha libido foi despertada para a *matrem* ... ao vê-la *nudam* ..." -, pela morte de um irmão mais novo, e pelo companheiro de aventuras, um sobrinho um ano mais velho. (pp. 228-9) Ele também constata que há um desejo de permanecer neurótico, que age como uma resistência contra a análise. (p. 289)

Doze dias depois revela que sua auto-análise é "de fato a coisa mais essencial que tenho no momento." (p. 291) Após expor com detalhes como um sonho havia modificado alguns fatos relativos à babá e confirmados posteriormente pela sua mãe, confessa que apenas uma idéia que lhe ocorreu tem validade universal: "Descobri também no meu próprio caso a paixão (*Verliebtheit*) por mamãe e o ciúme contra papai e agora os tomo por um acontecimento universal da infância mais remota, mesmo que não seja tão remota como no caso das crianças que se tornam histéricas."

Mais adiante ao referir-se à peça de Sófocles: "Cada espectador foi uma vez em germe e em fantasia um Édipo assim, e cada um recua horrorizado diante da realização do sonho aqui transplantado para a realidade com toda a cota de repressão que separa o seu estado infantil do estado atual." (p. 293) A introdução do chamado Complexo de Édipo não modifica algumas teses de Freud. Por exemplo, ele continua acreditando que os neuróticos têm uma sexualidade mais precoce. Por outro lado, o Édipo permite sustentar uma tese que em *Entwurf*, apesar de sugerida, teve de ser deixada de lado, a de que todos os homens portam em si o germe da histeria. Sem dúvida, muitas respostas precisam ainda ser dadas, mas está aberto o caminho para mostrar como a normalidade também passa pelo Édipo e coloca-se entre a perversão e a neurose. Para precisar um pouco mais o papel que essa nova estrutura psíquica desempenha na teoria, estudemos com a devida atenção um pequeno texto publicado por Freud em 1899, sob o título de *Über Beckeninnerungen*.

O texto trata aparentemente das recordações infantis. Estas não são retidas como unidades, mas sob a forma de fragmentos. Algo bastante eigmático, dado que as impressões dos primeiros anos têm uma grande importância psicológica e deveriam deixar traços indeléveis. Contudo, os que restam são escassos, sem importância e duvidosos. [Como toda investigação freudiana, também aqui o ponto de partida é um enigma.] Na idade adulta, há uma relação constante entre a importância de um acontecimento e a sua retenção na memória. Quanto mais algo provocar em nós uma impressão profunda, mais seremos capazes de conservá-la na memória. Se as vivências infantis são muito importantes, se retemos aquilo que nos impressiona, deveríamos ter recordações precisas e abundantes da vida in-

fantil. Contudo, descobrimos que ou recordamos as coisas superficiais ou não nos lembramos de nada.

Ora, há certos estados patológicos, como a histeria, em que também somos incapazes de reter os acontecimentos significativos. [O segundo momento da investigação é partir de uma analogia para poder construir uma identidade estrutural.] Talvez nos dois casos estejam operando os mesmos fatores. A suposição de que a atividade psíquica seria rudimentar na infância deve ser afastada como sendo pouco provável.

O estudo realizado pelos Henri (p. 533) revela que a memória das vivências infantis em alguns dos adultos estudados era tal que eles recordavam os eventos mais insignificantes, mais banais, esquecendo aqueles que foram importantes, como a morte de um ente querido. Os Henri observam que tais casos são raros. Freud, apesar da sua experiência basear-se no estudo de neuróticos, considera-os bastante freqüentes. (p. 535) [A psicanálise descobriu que o indiferente é símbolo do relevante. Se isto for de novo confirmado, a tese de que nos recordamos sempre das coisas que nos impressionaram será verdadeira. Contudo, nunca retemos nada de uma maneira clara e distinta.]

Mostrar que o indiferente é símbolo do relevante é ser capaz de provar que: (I) o relevante foi reprimido; (II) o indiferente tomou o lugar do relevante; (III) há uma relação significativa entre os dois termos. Para Freud, todo fenômeno psíquico é uma formação de compromisso onde estão presentes duas forças: uma que visa tornar o relevante consciente e outra que procura impedir seu acesso à consciência. Assim, o indiferente é

uma formação de compromisso, todavia a simples investigação do seu conteúdo é incapaz de revelar as intenções que se confrontam.

As relações possíveis entre o indiferente e o relevante podem ser de duas naturezas, associação por contigüidade temporal ou por espacial. [A repressão do relevante é acompanhada por algo que lhe é próximo, seja no tempo, seja no espaço.] Para entender o presente fenômeno é preciso relacionar a amnésia infantil com a amnésia histérica. [Sabemos, através da leitura da correspondência com Fliess, que Freud estabeleceu uma diferença entre o visto e o ouvido. Memórias visuais referem-se a coisas vistas em épocas primordiais e aparecem nos sonhos; memórias auditivas decorrem de fantasias. (carta de 10/3/98; p. 330)]

O caso estudado por Freud em *Über Deckerinnerungen* é retirado da sua própria vida pessoal. Este "paciente" descreve três tipos de memórias infantis: (a) cenas descritas pelos pais [podemos perguntar: são referentes a coisas efetivamente vividas ou a coisas ouvidas, narrativas domésticas sem nenhuma correspondência com a realidade?]; (b) cenas vividas e não descritas [Portanto, submetidas aos mesmos mecanismos presentes nas neuroses de defesa.]; (c) cenas indiferentes, mas com conteúdo sensorial. [São as lembranças encobridoras.]

O objetivo de Freud é examinar o último caso de modo a exhibir sua estrutura de símbolo. A primeira memória tem os seguintes personagens: um primo, uma prima, uma camponesa com uma grande faca e um pedaço de pão, e o próprio agente. A lembrança evoca uma cena onde três crianças colhem flores amarelas, dotadas de um amarelo de grande intensidade.

Em seguida, os dois meninos arrancam as flores da prima e correm na direção da camponesa. Ela corta com uma grande faca um pão negro delicioso, muito delicioso. [Há, assim, dois elementos na recordação dotados de uma vivacidade sensorial quase alucinatória.]

A segunda lembrança - que data da recordação da primeira -, tem como personagem o agente aos 17 anos e uma jovem que traja um vestido amarelo. Ele se apaixona imediatamente por ela e anseia por viver ao seu lado no campo. O elemento comum entre as duas lembranças é a cor amarela, ainda que o amarelo das flores seja mais claro do que o amarelo do vestido.

Por fim, há uma terceira lembrança que fornece o elo significativo entre as duas memórias. O agente gostava de escalar montanhas. Na base as flores eram de um amarelo igual ao das flores da primeira recordação. No topo as flores adquiriam uma tonalidade semelhante a do vestido da jovem. A partir desses dados, Freud constrói duas identidades: (I₁) 'pão delicioso' = 'vida confortável' e (I₂) 'arrancar as flores' = 'deflorar a jovem'. As lembranças simbolizavam dois desejos: "Poderia casar com a jovem se tivesse riquezas". [As lembranças exprimem o desejo de ter relações sexuais com uma mulher e o desejo de ter riquezas.] Mas encobrem outros dois desejos que podemos expressar no vocabulário da própria recordação: "Poderia deflorar a jovem se eu pudesse devorar o pão delicioso."

A análise freudiana supõe que, quando o jovem de 17 anos pensou que poderia casar-se com a jovem desde que tivesse riquezas, este pen-

samento foi atravessado por um outro, reprimido e emanado do inconsciente - "eu poderia ter mamãe se eu tivesse o falo." A conjunção das duas séries, uma ligada ao processo secundário e a outra ao processo primário, construiu uma recordação infantil, uma formação de compromisso, que se expressava do seguinte modo: "eu arranco as flores da menina e como o pão delicioso". Em suma, tanto desejo como sua contrapartida são organizados pelo Complexo de Édipo. Ele é a referência que garante o sentido proposto por Freud para essas recordações infantis.

O mesmo tipo de constatação é possível ser feito em um outro escrito de Freud de 1919, *Ein Kind wird geschlagen*. Uma fantasia que se enuncia sob uma fórmula simples - uma criança é espancada -, é exageradamente freqüente tanto em analisandos histéricos como em obsessivos. E talvez esteja presente até em pessoas que não façam análise. A fantasia está ligada ao prazer, seja ela atual ou remonte ao passado. Sua característica reside em que no climax da situação encontra-se quase sempre uma satisfação masturbatória. Ela inicia-se como um exercício da vontade, mas termina como uma obsessão. (p. 231)

A fantasia durante a análise é confessada com hesitação. O analisando não sabe indicar com precisão quando ela teve início. Neste sentido, ela assemelha-se a uma lembrança encobridora. A vergonha e a culpa agem contra sua recordação. [Sabemos (ver Capítulo 5) que no período compreendido entre a fase anal e a fase genital estão presentes três forças anímicas que se opõem às pulsões parciais: sentimento de culpa, repugnância e vergonha. Elas aparecem respectivamente entre a fase anal precoce e a anal tardia, entre a anal tardia e a fálica, e entre esta e a genital.

Portanto, a fantasia descrita deve ser encontrada entre histéricos, obsessivos, e provavelmente entre paranóicos.]

As fantasias aparecem por volta dos cinco, seis anos. A vida escolar não as cria, apenas reforça a fantasia, podendo modificar seu conteúdo. A leitura de certos livros também pode influenciá-la. Seus traços mais marcantes são: um alto grau de prazer e uma satisfação auto-erótica. Mas se o agente presencia uma cena real, ele sente repugnância, derivada da mobilização de um processo de defesa. [Dada a força antitética despertada, a repugnância, podemos inferir que o desejo em jogo gira em torno do par dominar-ser dominado, característico da fase anal tardia.]

Deve existir uma relação entre ser espancado e a parte do corpo que é alvo da agressão. Enquanto não conseguirmos decifrá-la, podemos, pelo menos, suspeitar que ela parece emanar do desejo do agente de espancar alguém. Quando se interroga o analisando sobre quem era a criança que apanhava, sobre quem batia, se era um adulto, se era ela própria, a única resposta obtida é: "Uma criança era espancada". (p. 233) [O caráter lacônico da resposta mostra a ação da resistência. O agente é tão ignorante quanto nós sobre o sentido da fantasia.]

A pergunta sobre o sexo da criança também não traz nenhum esclarecimento. Só se pode garantir que não há nenhuma correlação entre o sexo de quem fantasia e o sexo da criança espancada. O analisando, ao ser interrogado, respondia sempre: "*Das weiß ich nicht.*" [Não sei nada sobre isso.] ou "*Das ist gleichgültig.*" [Isso me é indiferente.] Após muitos esforços descobre-se que o bumbum é a parte do corpo visada no

espancamento. [A descoberta já era esperada, desde que a zona erógena em questão é o ânus.]

Dada a escassez de informações, torna-se difícil para Freud estabelecer se a fantasia é sádica ou masoquista. [Contudo, já podemos inferir que, dado o prazer que ela gera, provavelmente resulte de uma atividade do agente. Não podemos saber ainda se ela é masoquista ou sádica porque ignoramos o papel desempenhado pelo agente na fantasia. Seria ele um ator ou um espectador? Ativo ou passivo? Por fim, à primeira vista, a fantasia parece decorrer de algo visto e não ouvido, na medida em que o analisando narra: "Vê-se uma criança sendo espancada." Portanto, ela deve estar relacionada a algo primordial.]

Todo o suspense construído por Freud prepara o terreno para que possa expor o que realmente lhe interessa salientar: mostrar essa fantasia como um derivado do E'dipo, ou, em outros termos, como uma pulsão parcial, responsável pelo comportamento perverso, também deriva da mesma fonte. A presente fantasia, como toda recordação infantil, também é uma lembrança encobridora.

A primeira hipótese de Freud para resolver o enigma proposto é acreditar que a fantasia seja resultante de um componente sexual que se separou precocemente da pulsão genital. (p. 233) O destino da pulsão parcial pode ser triplo: repressão, substituição por formação reativa e sublimação. Em qualquer um dos casos, o agente fixou-se em uma fase do desenvolvimento da libido, ou seja, fixou-se na infância. [A idade de 5 a 6 anos, assinalada anteriormente, indica, para Freud, a "entrada" no E'dipo.

Não devemos entender "entrada" como algo que negaria o papel organizador prévio da estrutura edipiana. Indica tão-somente alguns traços que até aquele instante eram impossíveis de serem exibidos pelo agente.]

Se o componente for sádico, então "através de uma repressão posterior dessa componente ocorrerá uma disposição para a neurose obsessiva." (p. 234) O trabalho de análise visa a remoção da amnésia infantil. Se o analisando fala sempre sobre o presente, cabe ao analista dar voz ao passado. (p. 235) [A fantasia "bate-se em uma criança" é usada por Freud como um modelo, um protótipo, para toda uma série de formações psíquicas semelhantes. Ele deseja mostrar o modo como se forma e o por quê dessa fantasia ter uma freqüência tão grande.]

O primeiro passo é entender que uma fantasia é sempre uma construção do agente. Desde *Über Deckerinnerungen* sabemos que as recordações infantis são reconstruções, que elas não se referem a situações ocorridas no mundo, embora possam usar os mais variados tipos de material, inclusive impressões recentes. A fantasia tem, portanto, uma história de desenvolvimento, "no curso da qual a maior parte dela muda mais de uma vez sua referência (*Beziehung*) à pessoa que fantasia, seu objeto, conteúdo e sua significação (*Bedeutung*)." (p. 235)

Quando examinamos o relato de analisandas descobrimos que a criança que apanha é sempre outra. Logo, a fantasia certamente não é masoquista. Também descobrimos que o agressor é o pai. "Portanto, a primeira fase da fantasia de espancamento pode ser traduzida completamente pela sentença: '*O pai espanca a criança*.'" (p. 236) [Vamos considerar a se-

guinte expressão "(x) espanca (y)", onde 'espanca' é a função, a expressão não saturada, e (x) e (y) são os argumentos. O primeiro valor dado à função é V (verdadeiro) quando os argumentos são respectivamente 'pai' e 'criança'. Vamos chamar de F1 a expressão "(pai) espanca (criança)".] Não podemos traduzir pela sentença: *'O pai espanca a criança que eu odeio.'* Essa sentença poderia ser possível desde que a criança que apanha fosse uma rival. [Alguém poderia indagar se estamos diante de acontecimentos vividos ou desejados. A resposta freudiana é clara: não interessa, não é importante. Pois o referente tanto para a cena real como para a cena imaginada seria o mesmo: o Complexo de Édipo.]

A segunda fase da fantasia pode ser expressa da seguinte maneira: *"Sou espancada pelo pai."* [A expressão tomaria agora a seguinte forma, F2 = "(pai) espanca (o próprio agente)".] Aqui ela assume um caráter inequivocamente masoquista. Mas, segundo Freud, F2 é uma pura reconstrução psicanalítica. Ela é necessária no sentido teórico. Contudo, não tem nenhum correspondente em nada que tenha sido consciente um dia para o agente. Pode-se dizer que ela nunca teve existência real. (p. 237)

A terceira fase da fantasia apresenta uma série de mudanças. O pai é substituído por alguém que funciona como seu delegado. A pessoa que narra a fantasia não está presente. Ela comenta: "Provavelmente não estou olhando." (p. 237) No lugar de uma criança, várias crianças são espancadas. O próprio espancamento pode ser substituído por formas mais refinadas de humilhação. A fantasia dá lugar a uma grande excitação sexual e proporciona enquanto tal satisfação masturbatória. O sexo das crianças que sofrem é invariavelmente o masculino. [No terceiro caso, a própria

função 'espancar' pode ser substituída por outras funções. O argumento (x) é um delegado do pai e o argumento (y) são sempre grupos de meninos. Podemos considerar: F3 = "(delegado do pai) humilha (meninos)".]

À história de desenvolvimento da fantasia apontou para três fantasias, onde F1 e F3 são passíveis de serem conscientes e F2 é uma fantasia originária, constitutiva do agente, portanto, tão acessível à consciência quanto era Ψ do núcleo em *Entwurf*. Freud acredita que possa mostrar os elos entre F1 e F2. Existiria uma F'1 que teria a forma "pai espanca a criança que eu odeio". Podemos desmembrá-la em duas sentenças: "pai espanca a criança" e "eu odeio a criança". Aqui existe uma identidade entre 'espancar' e 'odiar'. [Seja F'1 = "(pai) espanca (criança que odeio)". Se a dividirmos em duas funções, teremos: "(pai) espanca (criança)" e "eu odeio (criança)". Numa forma mais geral: "(x) espanca (y) e eu odeio (y)". A fantasia intermediária ente F1 e F2 é construída por duas funções que devem ter o mesmo valor para o argumento (y). Há uma identidade inconsciente entre as duas funções 'espancar' e 'odiar'. Assim, fazendo as devidas substituições obtemos: "(x) odeia (y) e eu odeio (y).]

À questão final toma a forma de saber se a fantasia deriva da sexualidade ou do sadismo. Provavelmente de uma fonte que contenha ambos. Esta certamente é anterior à masturbação. Todavia conhecemos agora o conteúdo da fantasia. Ela resulta de uma mescla de pulsões sexuais e pulsões do eu. Seu significado é expressar o desejo de ser o único objeto de amor do pai. À entrada na fase anal precoce, na sua vertente ativa, exprime-se como o desejo de destruir. Por conseguinte, (x) espanca (y) e eu odeio (y) é equivalente a (x) odeia (y) e eu odeio (y). No caso da meni-

na, o argumento x é 'pai' e o argumento y, 'mãe'. Temos então: (pai) odeia (mãe) e eu odeio (mãe). A consequência é o sentimento de culpa. (p. 238)

Com a entrada no Édipo e o acirramento da tensão produzida pelas substituições acima assinaladas, o sentimento de culpa pode levar a uma formação reativa. Os valores da função acima transformam-se em pai espanca a menina. Entretanto, o termo 'espancar' torna-se equivalente ao termo 'amar'. Logo, "o pai espanca a menina" significa o pai ama a menina. [Nesse contexto, não é de admirar que Freud tenha saudado os trabalhos de Abel sobre a origem antitética das palavras. A fantasia "bate-se em uma criança" ilustra de maneira admirável o jogo que as palavras podem desempenhar. Ela é masoquista porque reflete a natureza essencialmente passiva em relação ao pai. A relação amorosa com ele é fantasiada de uma tal maneira que se expressa a partir de um determinado momento sob a forma da masturbação.

O conteúdo da masturbação é dado pelo aparecimento de uma fantasia, agora consciente, portanto encobridora, que se exprime pela função "(x) espanca (y), (x) ama apenas (z)". Temos ainda dois problemas para solucionar. Apenas a primeira função é passível de tornar-se consciente. E 'espancar' pode ser substituído por 'dominar', 'odiar', 'castrar', etc. A função "(x) ama apenas (z)" é inconsciente. Por que a forma é sádica e a satisfação é masoquista? Porque o inconsciente do agente dá o mesmo valor para os argumentos 'y' e 'z', ou seja, ele próprio. Só os meninos são espancados porque a relação envolve, no fundo, a relação com o falo.

Para entender como o Édipo pode exercer essa função de referência

universal para todas as produções do inconsciente, vamos estudar *Idem und Tabu*.

Capítulo 4

Totem und Tabu é uma coleção de quatro ensaios, escritos entre o início de 1912 e maio de 1913. Para muitos comentadores, Freud teria tentado de forma canhestra aplicar a psicanálise à análise antropológica. Nossa leitura parte de outro pressuposto. Segundo ele, estaríamos diante da primeira grande tentativa metapsicológica de responder a uma das questões mais fundamentais da investigação psicanalítica: qual a referência última que seria responsável pelos deslocamentos de sentido, presentes, por exemplo, em todas as neuropsicoses de defesa, em todas as fantasias?

* porque FT

Com o abandono da teoria da sedução, por volta de setembro de 1897, Freud não tinha mais como explicar a forma pela qual as pessoas parecem selecionar elementos para formar símbolos privados. A concepção baseada na existência de uma cena originária de sedução havia sido descartada como produto de uma fantasia. Embora, a noção de fantasia estivesse ligada a uma estrutura considerada universal, o Complexo de Édipo, não havia, até aquele momento, 1912, nenhuma tentativa de justificar sua existência. Neste sentido, *Totem und Tabu* pode ser descrito como a necessidade de recorrer à hipótese filogenética com o objetivo de construir uma série de estruturas que deviam funcionar como se fossem *a priori*. Algo razoável, dado o fato de que em vários trabalhos anteriores, em especial, no sétimo capítulo da *Traumdeutung*, esteve sempre presente a crença de que o inconsciente deveria ser compreendido como uma hierarquia de diferentes sistemas de memória, cada um deles determinando uma maneira específica de registrar impressões sensoriais.

porque FT

1. A transferência como "falso reconhecimento"

Para tornar nossa hipótese um pouco mais verossímil, partiremos de um texto praticamente contemporâneo ao aparecimento do primeiro e do segundo ensaio de *Totem und Tabu*, *Zur Dynamik der Übertragung*.

Aqui, Freud tem como objetivo explícito mostrar que a transferência é necessariamente produzida durante o tratamento psicanalítico sem ser sua prerrogativa, além de ressaltar o papel que ela desempenha durante o processo analítico. A forma de conduzir a vida erótica seria função de dois fatores: a disposição inata e as influências sofridas durante os primeiros anos de vida. Assim, todo agente estabelece condições afetivas como as pulsões a satisfazer e os objetivos a cumprir. Freud descreve tais determinações como clichê. (Klischee) [Termo usado por Lorenzer, em diversas obras, para designar a representação de uma situação de interação, constantemente repetida.]

Por conseguinte, sob esses conceitos aparecem dois aspectos que nos interessam: o clichê fixa uma forma de apreensão do que ocorre ao mesmo tempo que encerra uma compulsão a repeti-la. Ele é determinado por duas partes da libido do indivíduo, uma dirigida para a realidade, outra bloqueada que, contudo, só pode expressar-se através de fantasias. [Todos nós nos aproximamos de um objeto a partir de um clichê. Na relação analítica, esse fenômeno é explorado: o analisando repete com o analista o clichê que o determina.]

Para entender as características da transferência é preciso exami-

nar a neurose, uma vez que aquelas decorrem desta. Ora, a neurose está ligada à regressão, ao retorno a um clichê constituído na infância. [Não nos interessa discutir aqui, o que é central no artigo freudiano, que toda resistência ao tratamento manifesta-se enquanto transferência e dá, portanto, as condições para sua correção. Mas sim a noção de clichê no seu triplo aspecto: enquanto forma de apreensão, enquanto forma que se repete e enquanto momento regressivo.]

A neurose surge quando há regressão a uma forma anterior de apreensão da realidade que adquire, assim, caráter de eternidade, uma vez que se repete à revelia do sujeito. [A descrição freudiana continua, como aliás em toda a obra, em terceira pessoa.] Sabemos que os clichês se devem tanto a fatores inatos como a acontecimentos infantis. Que significa exatamente 'inato'? [Freud era partidário das teses de Huxhings-Jackson, segundo a qual haveria uma hierarquia no funcionamento do sistema nervoso, determinada pela época de sua construção. Em caso de dano ao sistema mais complexo e, portanto, mais recente, a mesma função seria desempenhada por um outro sistema mais primitivo e formado anteriormente. Em carta a Abraham, de 26/7/1907, Freud comenta: "Para uma parte dos esquizofrênicos, este fator (o auto-erotismo) seria, portanto, a *predisposição que procuramos* no desencadeamento posterior da doença, e isso concordaria perfeitamente com as idéias gerais sobre a patologia, segundo as quais o desencadeamento da doença significa sempre um passo para trás na evolução". (p. 13) Ou, para aqueles que preferem se deter sobre os últimos fragmentos deixados pelo mestre de Viena: "Com os neuróticos é como se estivéssemos em uma paisagem pré-histórica - por exemplo, no Jurássico. Os grandes sáurios ainda

estão vagando; uma cavalinha crescendo tão alta quanto uma palmeira." (12/7/1939; S.E. XXIII, p. 299). Portanto, 'inato' parece designar uma forma a priori, estabelecida durante a "história" da espécie humana.

2. Antecedentes de *Totem und Tabu*

O problema explícito de *Totem und Tabu* é o exame das origens da religião ("totem") e da moralidade ("tabu"). [No fundo, acreditamos que a intenção de Freud seja mostrar que as duas origens estão intimamente relacionadas.]

O primeiro lugar em que encontramos uma referência à temática de *Totem und Tabu* aparece no Manuscrito N de 31 de maio de 1897: "O horror ao incesto (infame) baseia-se em que, em consequência da comunidade sexual (também na infância), os membros da família permanecem continuamente juntos e tornam-se incapazes de entrar em contato com estranhos. Portanto, ele é anti-social - a cultura consiste nessa renúncia progressiva". (p. 269) [Freud sustentava a tese de que haveria um antagonismo entre comunidade sexual e cultura, onde a última implica a renúncia à primeira. Mais tarde, em 12/12/97, escreve a Fliess: "Você consegue imaginar o que sejam "mitos endopsíquicos"? São o último produto de meu esforço mental. A tênue percepção interna do próprio aparelho psíquico estimula ilusões do pensamento, que naturalmente são projetadas externamente e de forma característica no futuro e para um além. A imortalidade, a recompensa, o próprio além são estas formas de apresentação do nosso interior psíquico. Doidice? Psicomitologia". (p. 311) Freud sugere, assim, que a utilida-

de da religião está em fornecer indícios sobre o interior psíquico. Ela é uma forma de apresentação desse interior.]

Já no prefácio de *Totem e Tabu*, Freud pretende contribuir para os estudos de *Völkerpsychologie* (psicologia social ou etnologia), manifestando sua dívida para com Wundt e Jung. [Antes de passar ao exame de tal débito, para poder precisar o que ele significa, atentemos para os propósitos manifestos do autor: deduzir o sentido original do totemismo, isto é, determinar qual o sentido da religião, e dar um tratamento exaustivo sobre a questão do tabu, isto é, examinar a moral, dado que o *tabu* não difere em sua natureza psicológica do *imperativo categórico kantiano*, uma vez que opera de uma forma compulsiva e rejeita motivos conscientes. Portanto, uma tentativa de dar conta da religião até onde for possível e uma pretensão de esgotar a questão da moralidade. Antecipando um pouco as coisas, parece que a "história" do Édipo vai simultaneamente instituir a moral e dar origem, como subproduto possível, ao sentimento religioso.]

Retornando às fontes da inspiração freudiana, mas tendo em mente o contexto anterior a *Totem und Tabu*, veremos que elas servem mais como um ponto de localização para o discurso freudiano do que como um manancial onde a psicanálise se teria banhado. [Em relação a Wundt, basta recordar que ele dividia a psicologia em duas esferas: psicologia experimental e psicologia social. A primeira utiliza-se da introspecção e da experimentação e estuda os fenômenos mentais que podem ser afetados por influências físicas. (Dados os seus métodos - uma descrição em primeira pessoa -, ela não tem nenhum interesse para Freud.) A segunda recorre à interpretação e abrange os processos mentais elevados, requerendo o estudo

dos produtos culturais, ou seja, da linguagem, dos costumes, das crenças, das tradições, das instituições sociais. Por conseguinte, é no espírito da última que Freud realiza seu estudo. Trata-se de investigar as origens da religião e da moral para dar conta dos processos mentais envolvidos, isto é, do inconsciente.]

No que se refere a Jung a coisa é um pouco mais complexa, mas muito esclarecedora para a relação entre mito e psicanálise. Em carta de 13/8/1908, Freud diz a Jung: "Uma coisa aqui e outra ali dirigiram os meus pensamentos para mitologia e estou começando a suspeitar que neurose e mito tem um núcleo comum" (p. 169). [Ter um núcleo comum' significa 'ter uma mesma referência'; crença que o leva a desfazer a oposição indivíduo-sociedade, ou seja, tanto um como o outro são capazes de formar símbolos privados pelas mesmas causas.] Praticamente um ano depois, em missiva datada de 9/8/09, Freud escreve, "No curso de uma excursão interessante em arqueologia, concebi algumas idéias sobre a natureza do simbolismo, mas elas ainda não são suficientemente claras". (p. 245) [Uma teoria do símbolo é a chave para a compreensão das produções humanas.] O tema da primeira carta retorna em outra de 17/10/09: "Estou contente pelo Sr. partilhar minha crença de que devemos conquistar todo o campo da mitologia." (p. 158) [É a psicanálise que, segundo Freud, vai dominar a mitologia e não o contrário, como em Jung. Por conseguinte, a teoria freudiana exhibirá o nexo entre neurose e mitologia, assim como entre simbolismo e arqueologia.]

A menção feita a Jung no prefácio é mais um gesto de cordialidade do que qualquer outra coisa. A rota de Jung está, desde o início, fixada na direção da hipótese de um inconsciente coletivo, como permitem entrever,

por exemplo, as seguintes passagens retiradas de suas cartas a Freud. Em 8/11/09, encontramos, "São veios ricos abertos para a base filogenética da teoria das neuroses" (p. 258); em 30/11/09, "Sinto cada vez mais que uma compreensão completa da psique (se for possível) virá apenas através da história ou com o seu auxílio. Assim como uma compreensão da anatomia e da ontogênese só é possível a partir da filogênese e da anatomia comparada" (p. 269); em 25/12/09: "Tornou-se bastante claro para mim que não resolveremos os segredos últimos da neurose e da psicose sem mitologia e história da civilização, pois a *embriologia* caminha lado a lado com *anatomia comparada*, e sem a última a primeira é apenas uma anomalia da natureza cujas profundezas permanecem incompreendidas" (p. 279); e, finalmente, em 17/10/11: "... com outras observações que me forçaram a concluir que as assim chamadas 'memórias iniciais da infância' não são memórias individuais mas filogenéticas". (p. 450) [Para Jung, a mitologia funciona como uma embriologia sem a qual a anatomia comparada - a psicanálise -, é impotente para resolver os problemas que coloca; em outros termos, a teoria freudiana precisa apoiar-se no estudo de mitos e religiões. As investigações de Jung partiram da tese freudiana de que a teoria da libido seria o caminho real para a mitologia e para o problema da neurose (carta de 20/12/10) e acabaram na tese inversa: a mitologia tornou-se a via real para a compreensão da teoria da libido. Freud no terceiro Congresso Internacional de Psicanálise em 1911, em Weimar, afirmou "[Essas observações] podem servir para mostrar que Jung tem razões excelentes para sua hipótese de que as forças mitopoéticas da humanidade não estariam extintas, mas que até hoje dão lugar nas neuroses aos mesmos produtos psíquicos como nas épocas mais remotas". (p. 443) [Enunciado perigoso, na medida em que depende do lugar sobre o qual recai a ênfase: força mitopoética ou produtos psíquicos.

Ele pode resultar, segundo Freud (carta de 10/1/12), no seguinte: "sua demonstração da hereditariedade inconsciente no simbolismo equivale à demonstração da existência de 'idéias inatas'." (p. 480) O que significava, na visão de Freud, ir além dos limites originais da psicanálise. A última coisa que ele poderia desejar seria desenvolver uma teoria das idéias inatas. O problema envolvia encontrar uma origem, mas não a origem da psicanálise.]

Em carta de 11/11/09 ele manifesta a Jung: "Espero que o Sr. irá concordar logo comigo que, com toda a probabilidade, a mitologia centra-se sob o mesmo complexo nuclear que a neurose". (p. 260) [Por 'complexo nuclear' entenda-se 'o Édipo'.] Mais tarde, em missiva de 19/12/09: "A propósito da mitologia: o Sr. observou que as teorias sexuais das crianças são indispensáveis para a compreensão do mito?" (p. 276) Seis dias depois: "Ocorreu-me que a base última da necessidade do homem por religião é o *desamparo infantil*, muito maior no homem do que nos animais". (pp. 283-4) E em 2/2/10: "Na verdade, o que o Sr. escreve agora é apenas uma pista, mas na direção que eu também estou procurando, ou seja, *regressão arcaica* que espero dar conta através da mitologia e do *desenvolvimento da linguagem*." (p. 291) [A ênfase recai sobre os mecanismos responsáveis pelos produtos psíquicos como a força mitopoética, as teorias sexuais infantis, o sentimento religioso, moral, etc. A tese do desamparo, presente em *Entwurf*, retorna. A referência à linguagem deve dizer respeito ao trabalho de Freud sobre o sentido oposto das palavras primitivas, escrito na mesma época. Em resumo, ele quer construir o Édipo como uma forma *a priori* em cada ser humano, como um conjunto de relações e não enquanto idéia inata para poder concluir que (carta de 21/3/12): "A fonte do tabu, e assim também da consciência (moral), é a ambivalência." (p. 495)

Em carta de 12/2/11, Freud anuncia que começou *Totem und Tabu*, sem especificar do que se ocupava; era apenas uma "longa síntese". (p. 391) Em missiva de 1/9/11, revela o conteúdo: "... meu trabalho nestas últimas semanas tratou do mesmo tema que o do Sr., ou seja, a origem da religião." (p. 441)]

3. A identidade de quatro termos

No primeiro capítulo, Freud procura estabelecer os parâmetros que lhe permitem construir uma identidade entre quatro termos: criança, neurótico, homem selvagem e homem pré-histórico. Mas em que sentido poder-se-ia tomá-los como iguais? A resposta - do ponto de vista do desenvolvimento sexual (ou seja, todos estariam fixados em um estágio do desenvolvimento psicosexual) - requer um exame minucioso. [Como veremos, trata-se, para poder desenvolvê-la, de examinar aquilo que organiza o desejo, isto é, de encontrar o fundamento do próprio desenvolvimento psicosexual.]

Na psicanálise, o desejo infantil foi reconstruído a partir do desejo neurótico. [A teoria mostrou que o sintoma neurótico era o negativo da sexualidade perversa e que esta era sexualidade infantil, pré-genital.] Não é de estranhar que Freud procure elucidar o desejo do homem pré-histórico a partir dos desejos do homem primitivo e do neurótico. As informações sobre o primitivo decorrem da antropologia e as sobre o neurótico, da psicanálise. Mas, como Freud declara em carta a Ferenczi de 30/11/11: "O trabalho sobre Totem é bestial. Estou lendo livros grossos sem estar realmente interessado neles, uma vez que já conheço os resultados". (Jones,

Sigmund Freud, II, p. 394) Ou seja, a antropologia vai ser iluminada pela psicanálise e não o inverso. A esse respeito, basta recordar uma carta escrita para Jung no mesmo dia¹⁰ que a primeira: "O que me preocupa mais com a senhorita Spielrein é que ela quer subordinar o material psicológico a considerações *biológicas*; essa dependência não é mais aceitável do que a dependência em relação à filosofia, fisiologia, ou à anatomia cerebral. A *¶x* *fara da se*". (p. 469) Portanto, a leitura freudiana da antropologia consiste em tomá-la como sintoma de algo. Quem estuda o belo texto de Freud sobre Leonardo da Vinci, descobre que o primeiro passo da investigação é exhibir algo como enigma. [A justificativa para ler a antropologia como sintoma fundamenta-se no fato da "psicologia dos povos primitivos", apresentada pela *Völkerkunde*, estar submetida àquelas restrições presentes em todas as abordagens sobre o homem que não se utilizam da psicanálise, ou seja, ela também ignora a sexualidade infantil.]

O primeiro fato que a antropologia oferece consiste em acreditar que os povos mais selvagens submetam seus instintos sexuais às restrições mais severas. Para explicá-las, a antropologia recorre ao fenômeno do totemismo, uma vez que ele "ocupa o lugar de todas as instituições sociais e religiosas" que eles (os selvagens) não possuem". (p. 296) Freud deseja saber o por quê dos homens primitivos adotarem totens. (p. 297) [A resposta é dada apenas no quarto e último ensaio. Mas já podemos esclarecer algo sobre o método freudiano. No texto sobre Leonardo, ele, ao comentar as memórias infantis, havia feito um paralelo com o modo pelo qual a historiografia teria surgido entre os povos da antigüidade. Em uma primeira época, a dos heróis, não haveria espaço para o historiador. Então, posteriormente, veio a época da reflexão. Como resultado da defasagem temporal, a história

dos primeiros tempos tornou-se uma expressão das crenças do presente e não um quadro fiel do passado. Em outras palavras, existiu um primeiro momento que foi o da ação e um segundo, que foi o da representação. A diferença temporal entre ação e representação implica na impossibilidade desta ser uma imagem fiel daquela. A representação esquece certas coisas, distorce outras, interpreta erroneamente de modo a adequar-se ao presente. Devemos abandoná-la por isso? Não, se conseguirmos entender as forças que estão em jogo. Será através delas, ou melhor, por meio da remoção de seus efeitos que recuperaremos o sentido original, ou seja, a *verdade histórica* nunca está perdida, ela pode ser recuperada por trás do relato lendário, mítico. (pp. 110-1) Entretanto, a leitura freudiana opera em duas frentes ao mesmo tempo: ela pretende decodificar o relato antropológico e o relato do selvagem. Ambos são vítimas de distorções e ilusões porque são sempre produzidos por seres humanos. O totem pode ser visto como um tipo de símbolo que deve ser decifrado, um símbolo coletivo que, diferente de outros, só pode expressar-se de uma forma que causa espanto, risos, etc. Como já nos ensinaram outros textos freudianos, trata-se de mostrar qual o desejo de natureza sexual que o organiza; é preciso esclarecer aquilo que o totem, por trás do seu relato mitológico, efetivamente simboliza. Em outras palavras, parece impossível remover a referência sexual, sem abandonar a teoria da sexualidade infantil.]

A atenção de Freud é atraída pelo fato do sistema totêmico estar ligado à exogamia. Temos, assim, o primeiro enigma: por que isso ocorre? Pois, "não há nada no conceito ou atributos do totem até agora mencionados que nos leve a antecipá-lo". (pp. 297-8) Sabemos que a proibição não se relaciona com preocupações de natureza biológica ou de ordem prática. Ela

interdita relações incestuosas entre mãe e filho e entre este e suas irmãs. O resultado do sistema totêmico é colocar no lugar de relações de sangue relações totêmicas. Isto acarreta um excesso de interdição por parte do sistema, que se manifesta no próprio uso da linguagem: os termos usados pelos primitivos designam relações sociais e não biológicas.

Alguns antropólogos procuram explicar o fato recorrendo à idéia de que teria existido um casamento primitivo que se dava de forma grupal e não individual. Portanto, o excesso presente enquanto casamento individual desapareceria se o casamento fosse pensado como grupal. Teríamos, assim, mais um exemplo de uma sanção que seria justificável para uma determinada situação, mas inadequada para a seguinte. De qualquer maneira, o excesso evidencia-se ainda mais quando atentamos para a estrutura de casamento; ela é mais complexa do que pensávamos, interditando de forma bastante restritiva o número de mulheres disponíveis.

O interesse da psicanálise é exatamente este: por que os selvagens temem tanto o incesto a ponto de terem estabelecido um excesso de proibições em relação a ele? A resposta é óbvia para Freud: um excesso de interdição é sinal de que há um excesso de desejo. (pp. 302-3) [A ponte entre o selvagem e nós, ou melhor, entre o antropólogo e o selvagem, é feita a partir do exame da relação entre genro e sogra. Os antropólogos dão as mais diversas explicações para sua interdição, mas devemos reconhecer, seguindo Freud, que também entre nós, embora não sujeita às mesmas restrições, ela é objeto de muita ambivalência. Se deixarmos de lado os motivos mais óbvios e recorrermos à psicanálise, descobriremos que há uma identificação inconsciente entre mãe e filha que leva a primeira a desejar o

filho 7.º

que a segunda deseja. Para afastar-se de tal desejo, a sogra troca-o pelos seus componentes sádicos. A perseguição da sogra não é mais do que o resultado da interdição do seu desejo pelo genro. Porém, do lado deste, a coisa também não é simples. A sogra ocupa o lugar de seus objetos iniciais que lhe são interditados: mãe e irmãs. (pp. 307-9) A ponte, criada por Freud, tem também a finalidade de permitir-lhe a aplicação do método psicanalítico: é preciso mostrar que a proibição totêmica dirige-se não a uma tentação real, que seria o caso se as relações envolvidas fossem de sangue, mas a uma tentação imaginada, a uma fantasia; ou seja, é enquanto fantasia inconsciente, enquanto produto do inconsciente, que Freud volta-se para o fenómeno do totemismo. Ao fazê-lo, ela poderá projetar uma nova luz sobre os fatos da *Völkerpsychologie*. Ela mostrará que o horror ao incesto dos selvagens nada mais é do que uma característica infantil: "A psicanálise ensinou-nos que a primeira escolha sexual do objeto de um menino é uma escolha incestuosa, e que estes objetos, a mãe e irmãs, são interditados. Também aprendemos sobre a forma pela qual ele se libera da atração incestuosa enquanto cresce. Mas um neurótico apresenta invariavelmente uma porção de infantilismo psíquico: ou ele falhou em libertar-se das relações infantis do seu desenvolvimento psicosexual ou retornou a elas. (Inibição no desenvolvimento ou regressão). (...) Chegamos assim a ver no anseio pelo incesto que domina a relação com os pais o complexo nuclear da neurose". (p. 310)]

A identidade criança = neurótico = selvagem = homem pré-histórico é estabelecida através do anseio pelo incesto. Não se trata de erigir um sentimento, um desejo, em organizador do sistema totêmico, pois, a investigação psicanalítica pretende mostrar exatamente como se organiza esse

desejo. É na sua explicitação que reside a resposta, e não no seu produto, o desejo. Freud não deixa de nos advertir que a resistência que possamos oferecer (à) sua explicação decorre do fato do mesmo desejo também estar presente em todos nós.]

4. Linguagem, Tabu e Obsessão

A identidade também supõe uma tese que se encontra em Jung: o que hoje é inconsciente, um dia foi consciente. Portanto, mesmo a linguagem atual guarda certos traços do passado, sendo que alguns deles podem ser considerados como perdidos. Em *Über den Gegensinn der Urworte*, a investigação freudiana encontra em Abel aquilo que lhe interessa. Por exemplo, a tese de que as línguas mais antigas repetem uma característica do sonho ao representar contrários através de um único objeto. Se ela fosse verdadeira, mostraria que a expressão do pensamento no sonho tem um caráter regressivo, arcaico. (p. 234) Ou, para usar uma afirmação de Jung, o que nós sonhamos hoje, os povos primitivos viveram. Mas Freud não aceita a explicação de Abel para o fenômeno da reversão de som, presente quando se inverte 'gut' em 'tug', enquanto duplicação da raiz da palavra. Para ele, ela deriva da censura. (p. 234) [Entretanto mais uma vez encontramos comentadores, no caso presente, lingüistas, como Benveniste (*Problemas de Lingüística Geral*), preocupados com a psicanálise, que se apressam em informar que os estudos de Abel não desfrutam de nenhuma credibilidade. Como se a teoria freudiana estivesse fundamentada em tais estudos! Por outro lado, Benveniste aponta para um problema sério: as aporias inevitáveis que decorrem em aceitar-se que origem tem o sentido de início e não

de princípio organizador. Considerando o contexto atual, podemos formular a seguinte pergunta: qual o princípio que organiza tanto os sonhos quanto a linguagem e que se manifesta pela ignorância do 'não'? Assim, Freud ao final desse texto observa: "nós psiquiatras não podemos nos furtar à suspeita de que entenderíamos e traduziríamos melhor a linguagem do sonho se soubéssemos mais sobre o desenvolvimento da linguagem". (p. 234) Não acreditamos estar falseando a letra freudiana se entendéssemos 'desenvolvimento' como 'aquilo que estabelece referências'. Em *Alice e a Metapsicologia* procurei sugerir que a única função da linguagem, para Freud, seria relacionar palavras e objetos (ver Capítulo 5).]

A palavra 'tabu' tem também sentidos opostos: designa o sagrado e o proibido. Portanto, na concepção freudiana, ela traz de imediato a marca do regressivo, do primitivo. As restrições tabu são "distintas das proibições religiosas ou morais" e, por isso, aparecem como enigmas, uma vez que não encontram justificativa em nenhuma ordem religiosa ou em algum sistema de regras. Temos, por conseguinte, reunidas as características de algo primitivo e enigmático. Freud precisa apenas salientar seu aspecto de ser igualmente excessivo para tornar a analogia com o sintoma neurótico mais persuasiva e justificar o uso da psicanálise em relação a esta produção peculiar dos povos selvagens: o tabu.

Há duas questões a serem elucidadas: por que estudar o tabu? E, se ele se refere a algo pré-moral e pré-religioso, como Freud o fundamenta? São também duas as razões que justificam o estudo: qualquer problema psicológico é interessante por si só, e o tabu não é tão afastado de nós como poderíamos pensar inicialmente. Há uma relação profunda que une

o tabu aos nossos próprios "imperativos categóricos". [Em outras palavras, Freud revela uma conexão que, ao mesmo tempo, esclarece as dúvidas suscitadas até agora em relação ao tabu e aponta para a origem de nossas próprias proibições morais.]

Para estudar a relação, é proposto o exame de alguns "fatos" descritos por Wundt. [O trabalho freudiano é feito em duas frentes: elucidar o sentido do tabu nos primitivos, mas também aquele que ele recebe dos antropólogos que se dedicaram ao seu estudo. Estes não estão menos iludidos do que os selvagens; talvez até mais ao pensarem que o estudo da psicologia deva coincidir com o da consciência.] Ele acredita que a origem do tabu estaria no medo de poderes demoníacos. Em um momento seguinte, a crença teria se separado do temor aos demônios e se transformado em um costume, para mais tarde se tornar lei. Freud considera a explicação de Wundt desapontadora por uma razão muito simples: demônios não existem, são uma criação da mente humana e não podem ser tomados como origem do tabu. Por conseguinte, o psicológico não pode servir de base explicativa, ele mesmo deve ser esclarecido. Com o objetivo de dar conta do duplo sentido de tabu, Wundt recorreu a uma teoria sobre o mito que interpreta o tabu como uma sucessão de dois estágios. No primeiro, haveria uma crença nos demônios; em um segundo, ela seria estendida aos deuses. Como o novo estágio não extinguiria o anterior [Uma crença cara também a Freud], o tabu acabaria por tomar a forma de uma ambivalência: veneração e horror. (pp. 315-318)

Alguém familiarizado com os processos inconscientes recorda de imediato que os pacientes obsessivos também apresentam várias das caracte-

rísticas encontradas no tabu. Freud interroga-se se não estaríamos diante de uma identidade puramente formal que não incluiria algo de essencial. Devem existir pontos de acordo entre o tabu e a neurose obsessiva. Antes de mais nada, o caráter aparentemente arbitrário das proibições e sua origem enigmática. [Tão logo sejamos capazes de estabelecer a identidade formal entre sintoma obsessivo e tabu, estaremos em condições de dar mais um passo em nossa investigação e apontar o responsável tanto pelo tabu como pelo sintoma.] (pp. 318-9)

A principal proibição no ato obsessivo e no tabu é contra o tocar, não apenas em sentido literal como também metafórico. O propósito da proibição pode ser óbvio em alguns casos, mas na maioria deles será sem sentido, inadequado, incompreensível. Outra característica comum é o efeito de contágio, ou seja, de deslocamento, como se o processo defensivo fosse sempre incapaz de dominar o desejo, interditando sempre um número crescente de objetos. Freud compara os tabus dos Moaris com os sintomas de uma paciente obsessiva. No caso dos primeiros, temos o exemplo de uma rede de relações que justifica o fato de um chefe maori não poder soprar o fogo com a boca. No segundo, a interdição propaga-se em torno de um nome. Em ambos há uma tendência à realização de atos que tomam a forma de rituais que visam expiar, fazer penitência, defender-se e purificar-se. (p. 320) [O que permite, portanto, estabelecer uma identidade formal entre o tabu e sintomas obsessivos é a falta de motivação adequada, a existência de uma necessidade interna, o deslocamento de um objeto para outro através de um efeito de contágio e a produção de atos cerimoniais. (p. 321) A identidade formal será o primeiro passo para a descoberta do mecanismo essencial e presente nos dois fenômenos. De novo, o interesse de Freud é

mostrar que se trata de uma repetição do mesmo. A comparação é feita a partir da psicanálise e não em direção a ela.]

A psicanálise descobriu certos traços nos neuróticos obsessivos, particularmente quando estudou um sintoma menor, a "fobia de tocar", também presente no tabu. A análise revela que na vida infantil do analisando existiu um forte desejo de tocar, organizado pelo desejo de tocar os próprios genitais e por uma forte proibição imposta pelos pais. O amor filial da criança fez com que a proibição fosse aceita, embora o desejo de tocar não tivesse sido extinto, apenas reprimido e, assim, inconsciente. A oposição entre os dois desejos, não tocar e tocar, determinaram uma fixação psíquica que teve como conseqüência a produção de uma ambivalência em relação a um certo objeto ou a atos relacionados com ele. A criança desejava inconscientemente tocá-lo mas, ao mesmo tempo, sentia repugnância em fazê-lo. (pp. 321-2) [A semelhança com a teoria da sedução reside na procura de uma referência sexual que torne os atos do agente coerentes. A novidade reside no aspecto intencional: o sintoma surge do conflito de desejos emanados de instâncias diferentes.]

Estão, por conseguinte, definidos os parâmetros em torno dos quais Freud irá propor sua análise do tabu. Devemos procurar, inicialmente, pelos desejos, ou melhor, pelas estruturas desiderativas que constituem o tabu. Ele é uma formação de compromisso. Contudo, resta saber a forma tomada por esse compromisso. Em segundo lugar, o sentimento de ambivalência não é visto como causa do tabu e sim como resultado de algo que o produz. Em outros termos, tanto o tabu como a ambivalência devem ser explicados. A solução proposta é de natureza metapsicológica; logo, para ser completa,

ela deve dar conta do aspecto topológico presente - até aqui sabemos que é algo que deriva de dois sistemas distintos, inconsciente e pré-consciente -, do aspecto dinâmico - a oposição entre desejos -, e do aspecto econômico - sugerido pela comparação entre o *instinto* e a carga elétrica, e a libido e esta. [As três teses, T₁, T₂ e T₃, parecem estar satisfeitas. O aparelho psíquico está dividido em dois sistemas, em cada um deles há uma forma particular de organizar o desejo e os atos acráticos derivam do conflito entre desejos, presentes nos diversos sistemas. Entretanto, não sabemos nada sobre o personagem que desempenharia o papel que corresponde, na história infantil, aos pais.]

O fato dos desejos estarem em sistemas distintos explica a perenidade do conflito e a disseminação de objetos sobre os quais ele é exercido. Todo ato aparece como uma forma de descarregar a tensão existente entre dois desejos. A transposição das descobertas sobre a neurose obsessiva para o tabu não é fácil. Estamos diante de situações diferentes, e o nosso objeto resulta de uma elaboração secundária, isto é, a ênfase dada ao tabu está deslocada em relação ao que poderia estar presente nas proibições originais. (p. 327)

O primeiro ganho com a aplicação do referencial psicanalítico ao fenómeno do tabu é reconhecer a falta de sentido de uma pesquisa que se limite a perguntar ao selvagem sobre as razões da existência do tabu, dado que estamos diante de uma produção do inconsciente. Portanto, só podemos oferecer uma reconstrução, feita a partir daquilo que a narrativa do tabu nos revela. [A psicanálise, a partir do paralelo com pacientes obsessivos, substituirá a vida infantil pela vida pré-histórica e a proibição externa dos

pais por aquele que se impôs a uma geração de homens pré-históricos; na verdade, pré-humanos.]

Para poder determinar esse ser, Freud parte do estudo sobre a natureza do desejo presente no tabu. Para tanto, ele interroga os dois tabus mais antigos e importantes, as duas leis básicas do totemismo: não matar o animal totêmico e evitar relações sexuais com membros do mesmo clã totêmico. (pp. 323-4) O desejo de tocar é gerado por uma estrutura de desejo anal e está sob o domínio da oposição entre dominar e ser dominado. A análise freudiana das relações de poder revela que elas estão ligadas à pulsão anal. Freud considera que "o tocar é o primeiro passo para qualquer tipo de controle ou para utilizar-se de um objeto ou pessoa". (p. 325) [O que nos leva a indagar sobre as condições que na vida primeva da humanidade teriam suscitado a necessidade de controle. Ou, em outros termos, esclarecer a natureza do desejo de controle que originou o tabu do selvagem. Quando nos interrogamos sobre os desejos constitutivos do tabu, dado que ele é uma formação de compromisso, desconhecíamos ainda a natureza dos desejos presentes. Agora podemos assinalar que um deles está ligado ao desejo de dominar e que deve existir um ser equivalente aos pais e relacionado ao desejo de dominar. Freud acredita que exista na pré-história uma luta pelo poder cujo sintoma, isto é, seus traços, estão presentes no tabu. De alguma maneira, a moral, ou melhor, o sentimento moral surgiria como resultado dessa luta entre desejos. A ambivalência presente no tabu decorre da presença de impulsos distintos na sua origem. Uma de suas conseqüências era produzir uma identificação com qualquer possível transgressor de um tabu, na medida em que haveria uma punição, por parte da comunidade, devido à identificação de cada um dos seus membros com o infra-

tor, motivada pela existência do mesmo desejo de transgressão.]

Em alguns casos é possível recuperar-se da violação de um tabu através de uma expiação, indicando que para Freud o agente deve nesse processo renunciar a algo desejável: o desejo de dominação. (p. 326) [Mais uma vez, podemos indagar: que desejo de dominar é este? Por que se deve renunciar a ele? Quem exigiu sua renúncia? A hipótese - o tabu originou-se de uma proibição primeva imposta por uma autoridade externa -, é inverificável. Apenas suas determinações psicológicas podem sê-lo, desde que se estabeleça a identidade entre tabu e sintoma. A investigação freudiana toma, portanto, o caráter inegável de uma reconstrução. Os sintomas obsessivos - que servem de termo de comparação -, revelam na sua origem, graças à psicanálise, impulsos distintos que concorrem entre si e que acabam por determinar a ambivalência. Para Freud, se formos capazes de mostrar que no tabu trata-se da mesma coisa (na verdade, o texto não deixa de enfatizá-lo), estaremos dando um passo a mais no sentido de demonstrar a identidade com o sintoma e de entender o motivo dessa ambivalência presente no tabu. (p. 327)]

Para compreender os desejos presentes, Freud escolhe três tipos de tabu: os referentes ao inimigo morto, aos chefes e aos mortos. Seu estudo revela uma ambivalência perene de impulsos: um amoroso e outro de hostilidade, onde é notória uma certa identificação com o objeto hostil.

O tabu em relação aos mortos introduz dois novos elementos na análise freudiana: as proibições em relação aos nomes - indicando que os selvagens tratam os nomes como se fossem coisas -, e o poder dos mortos.

Este é interpretado como decorrente de um desejo de matar por parte dos que permanecem vivos. Para a psicanálise, por trás de toda relação amorosa ronda um ódio inconsciente, caracterizando a ambivalência fundamental de todos os sentimentos humanos. A transformação do morto em demônio, operada pelos selvagens, é uma projeção do ódio dirigido ao morto. Para o sobrevivente resta apenas o amor, dado que o ódio está projetado sobre o "fantasma". [Portanto, o tabu é apenas uma estrutura simbólica de duplo sentido: expressa um desejo de luto e oculta a hostilidade em relação ao morto. Manifesta, assim, o desejo de matar o outro, tornando necessária uma proibição social que interdite o assassinato. Há o imperativo "não matarás" porque há o desejo de matar. Mas por que ele existe? Ele não pode ser justificado pelas faltas de um morto em particular. (pp. 328- 354)]

De acordo com Freud, o fundamento de cada ato psíquico é duplo: de um lado temos razões sistemáticas e do outro, razões reais, mas inconscientes. [O esquema dos dois silogismos mantém sua validade.] Logo, se o tabu for visto apenas pelo lado das razões sistemáticas, ele poderá de fato exibir uma certa lógica. [A normatividade presente no ser humano engendra continuamente razões; no entanto, elas acabam por parecer descabidas, deslocadas, usurpadoras...] Ela poderá ser reconstituída com alguma dificuldade devido à existência do outro conjunto de razões. [O resultado é uma formação de compromisso, onde o acento recai sempre no elemento errado.] O objetivo do analista é reconstruir o conjunto das razões reais. [O estudo da fantasia "bate-se em uma criança" deve ter deixado patente que o reconstruído jamais esteve na consciência do agente, dado o seu aspecto constitutivo.] O homem na sua evolução, em direção ao princípio da realidade, experimenta uma diminuição da ambivalência devida à repressão da parte

destrutiva. Mas isso resulta em um sub-produto, a consciência moral ('Gewissen'), sendo o tabu provavelmente sua forma mais primitiva.

5. Morte e Moralidade

Que é consciência moral? Segundo Freud: "a percepção interna da rejeição da excitação de um desejo particular presente em nós". (p. 358) A realização ou não de desejo é acompanhada de sentimento de culpa, como se, em algum sentido, fôssemos responsáveis pela sua realização. A culpa também testemunharia a favor da presença da ambivalência emocional, isto é, haveria um desejo consciente que se opõe a outro, inconsciente. A violação do desejo consciente é sempre acompanhada de culpa. Mas ela resulta em grande parte dos efeitos da realização do desejo inconsciente. [Desejo de quê? O texto mais de uma vez insinuou que seria um desejo de matar aquele que se relaciona de alguma maneira com o pai da vida infantil. Para precisá-lo, é preciso retomar a identidade entre neurótico e selvagem. A psicanálise descobriu nos obsessivos a existência de um profundo sentimento de culpa, que precisa ter sua origem investigada. Em segundo lugar, a aproximação entre culpa e angústia, conduz a uma investigação que deve revelar a razão de haver algo no inconsciente para ser reprimido e responsável pelo sentimento de culpa. (pp. 358-9)]

Se partirmos da idéia de que só se proíbe algo desejado, a investigação transforma-se. Ela parte do desejado, volta-se para o reprimido e termina pela análise das condições de geração de angústia e sentimento de culpa. A investigação descobre que em todos os elementos está presente a

mesma diretiva: não matar. Mas conscientemente não temos o desejo de matar e repudiamos a tentativa de explicá-lo dessa forma. [Contudo, ao rejeitá-la, estaríamos dando mais uma indicação da existência do desejo de matar.] Todavia, podemos prescindir de nosso consentimento consciente, pois há um outro local em que o desejo de matar aparece, nos nossos sonhos. A crença na existência desse desejo justificativa o fato do tabu e das sanções morais não serem supérfluas. (pp. 359-60) [Sabemos que a moral e o tabu estão sob o domínio da elaboração secundária, ou seja, que a ênfase está deslocada em relação às verdadeiras razões. Encontrá-la é apontar a causa originária, a cena primordial. Em carta a Abraham de 20/7/1908, Freud assinala que o essencial da elaboração secundária está no mau enfoque de todo o conteúdo. (p. 52) Portanto, deslocamento em relação ao objeto, pessoas, etc.]

Se totem e moral partilharem uma natureza comum - se em ambos estiver embutida uma defesa contra o impulso de matar -, haverá uma diferença psicológica relevante entre eles, que servirá para iluminar as relações indivíduo/sociedade. O desaparecimento do tabu deve ser atribuído a uma mudança na própria ambivalência, motivada pelo aumento da força repressiva. Para Freud, civilização é repressão. O impulso agressivo estaria cada vez mais afastado da consciência, e a repressão, inicialmente externa, torna-se interna. Todavia, ela ainda falharia nos neuróticos obsessivos, cujo estudo serviu para estabelecer a identidade entre sintoma e tabu. Mas não estaríamos ignorando o aspecto individual do sintoma em oposição ao fator social presente no tabu? Ou, para tornar a questão mais precisa: qual a diferença de princípio entre neurose e criação cultural?

Para dar início à resposta, Freud assinala que no tabu teme-se que o resultado da violação do mesmo recaia sobre o infrator, na neurose obsessiva que ela recaia sobre uma pessoa por quem o neurótico aparentemente manifesta um grande afeto. No primeiro caso, como estudamos, a identificação está fundada no mesmo desejo entre aquele que viola o tabu e a comunidade: as pessoas procuram puni-lo rapidamente porque cada uma delas defende-se contra o mesmo desejo de transgressão. (pp. 360-3)

Para a análise freudiana, não há a diferença entre o obsessivo e o violador do tabu, no início o temor do obsessivo também é em relação a ele próprio, sendo mais tarde deslocado para alguém que ele ama. Assim, o desejo original de que essa pessoa morra é substituído pelo temor de que ela possa vir a morrer. O neurótico é, portanto, tão egoísta quanto o violador do tabu. Aliás, em certo sentido, ele o é mais, na medida em que na neurose há um afastamento de qualquer consideração sobre o outro que não seja enquanto objeto sexual. (pp. 362-3) [Freud está sugerindo que a neurose é um afastamento da sociabilidade devido ao predomínio da pulsão sexual. A fobia do tocar na neurose está sempre relacionada a algo sexual, enquanto no tabu há uma mescla de componentes eróticos com egóicos. Portanto, a relação entre cultura e neurose expressa-se como uma transição que passa de uma mescla de pulsões para um crescente predomínio da pulsão sexual. A civilização caminha na direção da pulsão egóica, enquanto a neurose percorre a via da pulsão sexual. Nesses termos, a histeria representaria uma caricatura do trabalho artístico, a neurose obsessiva, da religião e a paranóia, de um sistema filosófico. (p. 363)]

6. O poder do desejo

No terceiro ensaio, Freud discute o poder do desejo, após ter enfatizado o papel do desejo de poder, a partir do estudo das três formas distintas de tabu. Começamos nossa reconstrução pelos termos presentes no título do terceiro ensaio: *Animismus, Magie und Allmacht der Gedanken*. 'Animismo' permite a discussão em torno do que teria sido a primeira forma de conceber o mundo por parte do homem. 'Magia' designa o instrumento utilizado para enfrentar o mundo concebido como anímico. Por fim, 'onipotência do pensamento' refere-se à forma mental que possibilitou a criação do animismo. [Freud confessa que as fontes externas à psicanálise só o interessam na medida em que contribuem para demonstrar suas teses: "minha própria contribuição é visível apenas na minha seleção tanto do material como das opiniões". (p. 364, n.1)]

No sentido estrito, 'animismo' significa a doutrina das almas. No sentido amplo, designa a doutrina dos seres espirituais. Pode referir-se também à atribuição do caráter de vida a objetos que consideramos inanimados. O animismo constitui uma visão geral do mundo, presente entre os selvagens, com o caráter de dotar o mundo de espíritos benéficos e maléficos que habitariam todos os objetos - desde os inanimados até os próprios homens -, e de tomá-los como causa de fenômenos naturais. [Para Freud, o animismo apresenta uma visão dualista das coisas, pois para cada objeto há uma parte visível e uma invisível, dada pelo espírito que a habita. Uma vez que o animismo nada mais é do que uma projeção da mente humana, a divisão interessa à psicanálise porque ela aponta para a distinção entre fenômenos conscientes e inconscientes. A oposição visibilidade/invisibilidade mani-

resta a existente entre consciente/inconsciente. Freud acredita que o animismo tome a distinção entre sono e vigília como seu fundamento. O primeiro termo, o sono, assemelha-se à morte. Por isso muitas autoridades entenderem o animismo como uma tentativa de responder à questão da morte. Na oposição morte/vida, o espírito apareceria como uma negação da morte. Mas Freud vê aí apenas uma outra característica do sistema inconsciente: seu desconhecimento do tempo.] De qualquer maneira, as autoridades, além de conceberem o animismo como uma visão de mundo, colocam-no como uma primeira etapa numa seqüência que tem como seus dois outros termos uma etapa religiosa a ser superada por uma científica.

A abordagem psicanalítica do animismo parte da idéia de que ele não é resultado de pura especulação, mas que também visa ao controle prático sobre o mundo. A causa seria sempre atribuída à ação de espíritos, que se deixariam influenciar através de bruxaria e magia. Freud, por razões que se tornarão patentes a seguir, insiste na distinção entre duas práticas mágicas, onde a segunda seria mais antiga do que a primeira. A bruxaria é definida como a "arte de influenciar os espíritos tratando-os da mesma maneira que tratamos os homens". (p. 367) Na primeira prática mágica, a forma de agir está baseada na similaridade entre o ato realizado e o resultado esperado. Por exemplo, um casal tem relações sexuais sobre um campo cultivado para que a colheita seja farta. Na segunda, o agir fundamenta-se na contigüidade entre ato mágico e objetivo desejado. Por exemplo, realizar certos atos sobre uma arma para obter resultados sobre o ferimento produzido por ela. (pp. 368-371) [Similaridade e contigüidade estão presentes na prática mágica. Freud sabia desde o *Entwurf* que ambos os tipos de relação também se presentificavam como modos de organizar representações. A

relação mais primitiva era a segunda. Aqui, ao descrever inicialmente a similaridade, Freud aponta para seu aparecimento posterior em relação à contigüidade. Mas isto poderia indicar mais a ordem do texto do que a razão da primeira ser posterior à segunda. A contigüidade aparecia em *Entwurf* quando, após a primeira vivência de satisfação, um novo estado de anseio levava a ocupar representações contíguas. O produto era um efeito de simultaneidade, pois o que foi contíguo na sua constituição aparecia inicialmente, enquanto recordação, como sendo simultâneo. A similaridade surgia da experiência de reconhecimento de um objeto, ou seja, no processo de pensar, quando o objetivo era estabelecer uma identidade entre representação evocada por percepção e uma outra referente ao objeto de desejo. Em outras palavras, a similaridade supunha contigüidade.]

A prática da magia é conseqüência, para Freud, dos homens serem agentes dotados de desejo. O poder do desejo faz acreditar que eles podem transformar as coisas por meios mágicos. (p. 372) A representação das coisas é mais importante do que as próprias coisas, sendo que a forma de tratar a representação repercute sobre aquilo que ela representa. Nas crianças o desejo envolve uma alucinação perceptual (o objeto de desejo é alucinado); mas, no selvagem, o próprio ato é alucinatório. Através dele o selvagem acredita estar influenciando sobre processos naturais, a vontade é tão-somente o impulso motor ligado ao circuito desiderativo. Por isso Freud descreve tais atos como alucinações motoras. Na proporção em que o homem evolui, a repressão também se desenvolve. [Aliás, é a evolução da força repressiva que produz a forma de repressão do homem.] A atitude do selvagem modifica-se. Ele passa a considerar não o efeito do ato, mas o próprio ato. A dúvida aparece como "expressão da tendência à repressão".

[Estaríamos assistindo a passagem do rito para o mito, pois não é suficiente a realização do ato, é preciso que ele seja acompanhado de crença. (pp. 372-4)]

Uma conexão importante entre a questão relativa ao desejo de poder, presente no segundo ensaio, e o poder do desejo, no terceiro, é estabelecida pela afirmação freudiana de que "os dois princípios de associação - similaridade e contigüidade -, estão incluídos no conceito mais abrangente de 'contato' ". (p. 374) [Estudamos que o contato é uma forma primitiva de obter poder sobre objeto ou pessoa. Agora, Freud nos informa que associação por contigüidade é contato no sentido literal, e associação por similaridade, no sentido metafórico. Ora, o desenvolvimento da linguagem não se dá pela passagem do literal para o metafórico, pelo menos, desde a publicação de *Studien über Hysterie*?]

O animismo manifesta a "onipotência dos pensamentos". A própria expressão decorre de um paciente de Freud, o Homem dos Ratos, para descrever o poder dos seus pensamentos sobre sua vida. Bastava que ele pensasse algo para que acreditasse que este algo se produziria no mundo externo. [A relação entre selvagem e neurótico é imediata: ambos tratam representações como se fossem coisas. Toda vez que houver interação entre representações, as coisas também deverão manifestar a mesma relação. Não podemos esquecer que o selvagem trata o nome de uma pessoa como se fosse coisa. Aqui ocorre o mesmo. A diferença está em que se substituiu representação de palavra por representação de objeto propriamente dita, ou seja, representação de coisa.]

A "onipotência dos pensamentos" não se manifesta apenas em relação à neurose obsessiva. Ela está presente em toda forma de neurose, pois, como já sabemos, toda neurose de defesa é representativa para Freud. [Na verdade, a onipotência vincula-se a toda forma de representação que não abandonou o princípio do prazer. A repetição do histérico relaciona-se não com acontecimentos vividos, mas com vivências imaginadas. Contudo, a fonte última da imaginação reside em acontecimentos reais, dado que é preciso existir uma vivência para que se organize a forma de registrá-la. Em outros termos, sem a luta pelo *phantas* não pode existir a forma de registro característica da histeria. Na neurose obsessiva, há um sentimento de culpa que não decorre de nenhum acontecimento, mas de um desejo de matar presente no agente. Todavia deve existir algo real que organize o sentimento de culpa da forma como ele se manifesta, pois se o desejo de matar se relaciona com o tocar, o que significaria pensá-lo de forma literal e metafórica? Embora a resposta não esteja explícita no texto, é possível encaminhá-la. No primeiro caso, é necessário descobrir como se organizou o desejo, dado que a literalidade está diretamente ligada à sua constituição; no segundo, o da metáfora, trata-se de revelar o que permite a transposição do desejo de um objeto para outro, ou seja, o que permite identificá-lo e reencontrá-lo. De qualquer maneira, é apenas na subordinação ao princípio da realidade que desaparece a "onipotência dos pensamentos". Se voltarmos à teoria dos três estágios culturais, veremos que, no primeiro estágio, a onipotência é atribuída ao homem, no segundo, aos deuses. Apenas no último, onde haveria subordinação ao princípio da realidade, tornar-se-ia possível abandonar qualquer idéia de onipotência e resignar-se à morte. O tabu pode aparecer, a partir dessas considerações, como forma de negar a morte. Mas por trás da recusa estaria, mais uma vez, a pulsão

sexual. (p. 376)]

Se nos voltarmos para a linha de desenvolvimento da sexualidade humana e a descrevermos desde o início, constataremos a existência de uma fase auto-erótica onde a sexualidade, isolada de qualquer outro impulso e motivada pela perda de um objeto externo em uma época onde ainda não há objetos, escolhe o corpo do agente. Ela é seguida de outra na qual existem objeto e união dos impulsos sexuais, mas o objeto é o próprio eu do agente, a fase narcísica, seguida, finalmente, pela fase genital. É possível estabelecer um paralelo entre esta teoria e a suposição de que a humanidade teria passado por estágios culturais. Estudamos que a diferença entre neurose e produção cultural residiria no fato de que na primeira há exclusividade sexual, enquanto na segunda estão presentes tanto impulsos do eu como sexuais. No primeiro estágio da humanidade, a manifestação cultural teria sido de natureza narcísica com uma grande sexualização do pensamento. Como consequência, este não se submeteria ao princípio da realidade e reinaria soberano: o mundo seria resultado de uma projeção do próprio homem. Não haveria lugar para dúvidas, a crença seria total. (O efeito é o mesmo que se produz no neurótico obsessivo, embora, nesse caso, ele se dê por regressão.) Na fase religiosa da humanidade, haveria uma repressão maior da sexualidade, apareceria a dúvida e a onipotência seria exteriorizada em deuses. (Ela seria equivalente ao que Freud mais tarde chamará de fase fálica, a fase da escolha objetal na relação entre criança e pais.) Finalmente a fase científica, a fase atual da humanidade, assinalaria o domínio do princípio da realidade e o abandono de qualquer onipotência. Ela só se expressaria através da arte (Correspondendo à fase genital.). (pp. 376-8) A psicanálise, ao fazer esse tipo de análise, pressupõe

que o animismo seja a transposição para o mundo externo das condições estruturais da mente selvagem. O objetivo de Freud é descrever cientificamente as mesmas condições estruturais. Assim, dado o que se sabe sobre a organização anal, ela deve supor a existência de um animismo onde ainda não haveria espíritos, visto que sua introdução assinalaria a presença de uma nova organização. A evolução, como indicamos anteriormente, é atribuída ao aumento da força repressiva que, por sua vez, é devida à ampliação do conflito psíquico entre impulsos amorosos e agressivos. A maneira de resolvê-los foi através da projeção desses processos no mundo externo, fato que justificaria a observação dos antropólogos de que os primeiros espíritos eram maus. A diferença entre eles e a psicanálise estaria, segundo Freud, na ênfase que a segunda concede aos fatores emocionais em detrimento dos intelectuais, uma vez que os últimos seriam uma forma daqueles exprimirem-se. Portanto, a criação de espíritos e do tabu originar-se-ia da mesma fonte: os impulsos presentes no homem. Eles surgiriam como o primeiro reconhecimento imposto pela necessidade ao narcisismo do homem, o reconhecimento da morte, mas de uma forma que a nega, pois a criação de espíritos seria uma forma de perpetuação, de recusa da morte. (pp. 380-1)]

Os espíritos também atestam a duplicidade inerente à vida mental humana: a existente entre inconsciente e consciência. Enquanto formação de compromisso, eles exibem características de ambos os sistemas. Do primeiro, retiram os traços de mobilidade, de serem voláteis, de deixarem o corpo e tomarem posse de outro de forma temporária ou permanentemente. [São as mesmas características do sistema perceptivo-consciente.] Do segundo, tomam os traços de serem indestrutíveis e imutáveis. [São características do sistema de memória. (pp.381-2)] Em suma, os espíritos nada mais são do que

o resultado da projeção pela mente da oposição entre inconsciente e consciente que, na teoria freudiana, se traduz pelas diferenças profundas entre memória e percepção/consciência, processo primário/processo secundário.]

Com o objetivo de expressar o caráter sistêmico do animismo, Freud toma o sonho para poder descrever as propriedades igualmente sistêmicas do inconsciente. Ao mesmo tempo, o sonho serve para exemplificar o que há no fenômeno mental de ordenado e de desordenado. O sonho manifesto é geralmente ininteligível e parece desafiar qualquer tentativa de ordenação. Contudo, o sonho latente aparece como algo perfeitamente descritível e sistemático. Mas como há uma tendência no ser humano a ordenar mesmo aquilo que não está ordenado [a força da normatividade], o sonho manifesto vai assumindo progressivamente um caráter de coerência, ou seja, ele vai sendo submetido à elaboração secundária. Porém, há aí uma consequência importante: a substituição de um sentido por outro; isto é, o sentido do sonho latente é resposto pelo sentido do sonho manifesto. [O sonho é um ato acrático. Podemos pensar que para cada um dos fenômenos dessa natureza, seja o sonho, seja a fantasia, seja o animismo enquanto sistema, há sempre duas motivações que resultam de conjuntos distintos de premissas. Um deles está ao alcance da consciência, embora possa ser formado de premissas ilusórias; o outro é oculto, mas efetivo e real. O homem não poderia deixar de ser racional. Pois mesmo quando aparentasse o contrário, bastaria encontrar a referência responsável pela distorção de sentido para mostrar o caráter ilusório da irracionalidade. (pp. 381-3) Por exemplo, seria ilusório acreditar que a superstição, a ansiedade, demônios, etc. deram origem ao animismo. Esses fatores nada mais seriam do que telas para ocultar

os elementos reais. A psicanálise supõe que civilização seja repressão, portanto, que teria ocorrido um aumento na repressão das pulsões envolvidas, e, assim, uma progressiva renúncia de uma delas em benefício da outra. O tabu em relação aos inimigos não seria o resultado de superstições, mas sim da renúncia pulsional. O agente não se deve entregar a seus impulsos agressivos e cruéis, ampliados durante a morte do inimigo. (pp. 384-6)]

7. Édipo: moral e religião

O último ensaio de *Totem und Tabu* introduz a noção de sobrede-//*
terminação para prevenir qualquer crítica sobre a unilateralidade da abordagem. Freud reconhece de bom grado que a origem da religião não pode ser reduzida a uma única causa, mas a psicanálise apresentará o seu ponto de vista, limitando-se a explorar uma única fonte. A resposta sobre a importância dessa fonte é deixada para outros investigadores. (p. 387)
[Mais adiante, Freud assinala que será impossível negar a contribuição de sua teoria. (p. 440, n.2)]

A primeira parte do quarto ensaio é uma rápida passagem pela literatura a respeito do totemismo para mostrar como há divergências profundas entre os investigadores do fenómeno. Se Reinach é abandonado, Frazer é aceite enquanto fonte de informação. [Como foi enfatizado no final do terceiro ensaio, o fenómeno do totemismo deve ser visto como produto da elaboração secundária; assim, a questão da fidedignidade das fontes, de diferenças lingüísticas entre tribos e relatos posteriores, apenas acrescenta uma pequena deformação àquilo que já era deformado. Trata-se para o

psicanalista de reconstruir o que existia antes da elaboração secundária; para tanto, ele deve ser capaz de apontar a organização que propiciou o totemismo, ou seja, o processo metapsicológico que está por trás dele. Ora, o primeiro ensaio deu uma resposta. Ele origina-se da intensificação entre os selvagens do horror ao incesto, presente primariamente como uma restrição contra a geração mais jovem. Mas para poder dar uma explicação mais completa e articular totem e tabu, o aspecto religioso e social, o não matar o totem com o não ter relações sexuais com mulheres do mesmo totem, Freud toma como sendo as características mais fundamentais do totemismo as seguintes: todos os totens são animais; os totens são vistos como ancestrais dos diferentes clãs; os totens são herdados através da linha materna; há uma proibição de matar o totem, ou pelo menos de comê-lo (está presente a identidade matar = comer); membros de um clã não podem ter relações sexuais entre si. (p. 393) Não é exagero assinalar que estamos em um nível mais primitivo ainda do que os ensaios analisados antes. Os quatro ensaios parecem ter sido escritos do ponto de vista da metáfora arqueológica. Eles vão progressivamente revelando as organizações mais primitivas para poder chegar à referência última de todos os sistemas de memória. Poderíamos supor, neste momento, uma oposição entre introjetar/projetar, marcando aquilo que mais tarde será denominado, por Freud, de fase oral. Matar é equivalente a comer, a identificar-se com o que se come, com aquilo que se incorpora. Assim, estamos próximos de descobrir a fonte de identificação.]

A segunda parte do quarto ensaio apresenta diferentes explicações sobre o fenômeno do totemismo, onde explicar significa determinar sua origem. [É uma constante da teoria freudiana: o termo 'explicar' é sempre

usado no sentido de encontrar a referência que justifica a mudança de sentido que aparece com caráter de enigma. Continua valendo a identidade entre explicar e solucionar, presente em *Entwurf*.]

As diversas teorias sobre o totemismo são agrupadas sob os rótulos de: teorias nominalistas - o totem inicia-se por um nome; teorias sociológicas - são as que recorrem a um instinto social; teorias psicológicas - o totem deve-se a alguma razão psicológica. [Antes de examiná-las, convém deter-se um pouco nas considerações freudianas sobre aquilo que seria uma compreensão adequada do totem: "ela deveria ser ao mesmo tempo histórica e psicológica". (p. 394) Histórica no sentido de informar sobre as condições históricas em que ela se desenvolveu; psicológica por esclarecer as necessidades psicológicas que ela exprime. As compreensões inadequadas são as demasiadamente racionais (não levam em conta o caráter emocional da matéria a ser explicada), as que desconhecem que a racionalidade é apenas uma forma da emoção expressar-se (ignoram a fonte pulsional da razão), as que recorrem a pressupostos que não são confirmados pela observação (ou seja, aquelas onde é impossível mostrar, através de contra-exemplos, sua inadequação), e as que se baseiam em material que poderia ser melhor interpretado (isto é, para as quais se pode dar uma interpretação mais global). (p. 395) Assim, pode-se esperar que a explicação freudiana não seja ingenuamente racionalista, na medida em que exhibe a motivação profunda que gera o fenômeno estudado; que ela consiga dar o alcance das diversas observações feitas pelos diversos estudiosos e que proporcione uma interpretação sistemática do material fornecido pelos antropólogos. Dado que nenhuma das teorias é aceita por todos - todo mundo critica todo mundo -, a natureza do exame freudiano é coletar material para poder

chegar a uma explicação satisfatória.]

A questão fundamental no estudo do totemismo é saber o por quê do selvagem dar a si mesmo nomes que derivam de animais, plantas e objetos inanimados. [A primeira tese freudiana consiste em supor que no início foram adotados nomes de animais. (p. 395, n.2)] As teorias nominalistas acham que o fato de se dar um nome surgiu da necessidade dos selvagens de diferenciarem os clãs entre si. Uma vez escolhido o nome, surgiu a idéia de que haveria uma conexão de parentesco com o referente do nome adotado. A principal objeção de Freud contra essas teorias está na sua impossibilidade de dar conta da importância conferida ao sistema totêmico. Contudo, um desses autores, ao introduzir dois fatores psicológicos (o esquecimento da origem dos nomes e a conexão criada pelo selvagem entre seu nome e a espécie animal denominada), teria aberto a trilha que leva à solução do enigma, ou seja, à solução freudiana. (pp. 397-8) [Surgem duas perguntas: por que se esqueceu a origem do nome e como se pode falar em laço de sangue se a relação totêmica parece não levar em conta as relações biológicas para estabelecer relações de parentesco?]

As teorias sociológicas, por sua vez, recorrem a um instinto social. Alguns dos seus adeptos procuram fundamentá-lo numa relação de troca que teria feito com que certas espécies tivessem um valor comercial. Freud desconsidera tais teorias por enfatizar^m excessivamente a fome como o único fator psicológico presente. Mas a explicação de Frazer, ou melhor, a segunda explicação proposta por ele, retém sua atenção. Ela está baseada em uma certa descrição dos Arunta. Para aquele autor, os Arunta apresentariam a forma mais velha de totemismo (dada a existência de um mito que

narra que os Arunta matavam seu totem e se casavam dentro do seu grupo totêmico) e desconheciam o vínculo entre ato sexual e reprodução. Como consequência, Frazer acredita que o totemismo surja como uma "organização prática para enfrentar as necessidades humanas mais naturais". (p. 401)

Freud apóia-se em outros autores para desconsiderar a explicação oferecida e vê nas características assinaladas por Frazer fantasias desejantes que projetam sobre o passado desejos atuais: matar o totem e ter relações incestuosas. (p. 402) [Também restam duas questões: quem é o totem e quem é o objeto das relações incestuosas?]

Por fim chegamos às teorias psicológicas, onde a explicação recai sobre algum temor ou crença. São consideradas insuficientes, dado que eles próprios devem por sua vez ser explicados. [A explicação satisfatória deve ser simultaneamente histórica e psicológica. Aliás, poderíamos dizer, é sua historicidade que vai instaurar o psicológico. Para dar um exemplo do que poderia ser uma análise detalhada do texto freudiano, vamos nos perguntar: por que Freud cita a observação de Wundt de que "o totemismo está diretamente conectado com a crença nos espíritos, ou seja, com o animismo"? (p. 405) Em primeiro lugar, já sabemos que os espíritos, sendo criações da mente humana, não podem servir de base explicativa. O espírito é uma tentativa de recusar a morte, a necessidade. O animismo surgiu como uma visão de mundo produzida por uma estrutura narcísica. Age-se frente ao mundo através magia, tanto sob a forma da contigüidade como da similaridade. A primeira, se pensarmos em termos da memória, da representação, é constitutiva do desejo, a segunda, do objeto de desejo. Elas foram descritas sob os termos 'literal' e 'metafórico'. Quando se relaciona, através

de Wundt, o animismo ao totemismo, está-se preparando o terreno para a introdução da questão relativa à origem do desejo e do objeto de desejo, visando o estudo da própria constituição do literal e do metafórico. Portanto, a referência a Wundt tem somente o papel de introduzir a questão que será tratada agora: a origem do desejo e assim, como veremos, a origem do humano.]

Também sobre a relação entre totemismo e exogamia, os diferentes autores sustentam crenças distintas que, no entanto, podem ser divididas em dois grandes grupos: os que acreditam que a exogamia é parte inerente ao totemismo como Durkheim (o tabu do totem surgiu para a produção da exogamia), Lang (que defende teorias contraditórias; segundo uma, a exogamia é anterior ao totemismo; segundo a outra, a direção é inversa), e os que defendem a opinião de que a relação é puramente contingente, como Frazer. De qualquer maneira, para a grande maioria, o totemismo seria mais velho do que a exogamia. [Freud quer ressaltar que a exogamia está ligada à prevenção do incesto, especialmente aquele que poderia ocorrer entre mãe e filho. Portanto, ele retoma o primeiro ensaio onde se observou que o totemismo surge como uma forma de enfrentar o horror ao incesto presente entre os selvagens. Evidentemente o horror não pode ser tomado como motivo, dado que ele próprio precisa ser explicado. (pp. 406-7)]

A tentativa de Westmarck/Ellis de atribuir ao horror ao incesto uma suposta aversão inata não encontra guarida junto a Freud que retoma as críticas de Frazer a essa mesma visão. Se fosse um instinto, não seriam necessárias leis contra o incesto. Se elas existem é porque há uma tendência para o incesto e não contra ele. Do mesmo modo devem ser rejeita-

das explicações que recorrem a um suposto conhecimento dos selvagens de que a endogenia traria danos genéticos. [É preciso explicar o por quê do horror ao incesto ser maior entre os selvagens do que entre nós, dado que para eles o incesto vai além das relações de sangue. (pp. 407-410)]

A conclusão freudiana é pela inadequação de todas as tentativas de explicação oferecidas. A pista para a solução do enigma - nunca será demais enfatizar que o ponto de partida da investigação psicanalítica é mostrar que algo aparece como um enigma -, está em algumas considerações feitas por Darwin. Este formulou uma hipótese sobre o estado social dos homens primitivos. [Será a partir de hipóteses darwinistas que Freud encontrará o "histórico", ou seja, os elementos para resolver a primeira parte do enigma.] Darwin deduziu do fato dos macacos superiores viverem em pequenos bandos, em hordas, onde um macaco dominante, o mais velho e mais forte, previne a promiscuidade sexual, que na pré-história da humanidade também deveriam existir pequenos bandos onde um homem interditava relações sexuais de suas esposas com outros homens mais jovens. (p. 411) [A hipótese da horda primitiva coloca que a exogamia é uma consequência da dominação de um homem sobre os outros. Portanto, a ordem lógica é a seguinte: dominação - exogamia. Já é possível responder a algumas das indagações formuladas nos primeiros ensaios. A luta pelo poder é travada em torno da posse de mulheres e seu resultado é a exogamia. Resta explicar a relação com o totemismo. Para tanto, Freud recorre a Atkinson para assinalar a passagem do preceito "não ter relações sexuais entre aqueles que dividem uma mesma moradia" para "não ter relações sexuais dentro do totem". (p. 411) Mas isso apenas desloca a questão, pois não sabemos como se passou da mesma moradia para o totem, ou seja, como se originou o tote-

mismo.]

A exogamia não pode ser a resposta, a explicação tem que ser procurada nas relações entre o macho dominante e os outros. E para esclarecê-la, é inevitável recorrer à psicanálise. [As considerações antropológicas servem tão-somente como um vocabulário do qual Freud se apropria para resolver a questão da referência última dos fenômenos de deslocamento.] Esta irá, por conseguinte, fornecer a necessidade psicológica que foi satisfeita pelo totemismo. [O caminho teórico é retomar a identidade inicial criança = selvagem. Através dela, descobriu-se que nas crianças é comum tomar os animais como iguais. A questão transmuta-se: quais são as necessidades psicológicas que a criança procura satisfazer quando toma o animal como seu igual? Qual o desejo que as organiza? A resposta permitirá tecer algumas considerações sobre as necessidades psicológicas que estariam por trás do totemismo. Por isso, Freud enfatiza que a forma mais primitiva de totemismo é aquela que toma animais como totens.]

Como o selvagem manifesta temor em relação ao totem, Freud enfoca a relação criança-animal pela perspectiva da fobia animal. [Para os que estão familiarizados com a teoria freudiana não é difícil dar-se conta de que o foco concentra-se sobre a oposição de desejos responsável pela fobia.] O animal temido seria um substituto do pai. Para justificar a tese, Freud recorre a alguns casos da clínica psicanalítica. O primeiro caso é do Dr. M. Wulff. A elucidação da fobia permitiu estabelecer certas traduções, como por exemplo "Querido cãozinho" = "Querido papai", "Não me morda" = "Não me castre" e "Eu serei bonzinho" = "Não me masturbarei". (p. 413) [O leitor atento pode ter a impressão de uma certa circularidade no raciocínio

freudiano. Se *Totem und Tabu* foi escrito exatamente para justificar que as traduções acima não seriam fruto do arbítrio, como é possível tomá-las como elementos para deduzir o Complexo de Édipo?]

O animal é decodificado como substituto do pai. Existe uma parte do corpo que não deve ser tocada. [Estudamos as duas formas de tocar, a literal e a metafórica. Dado que a primeira está ligada à formação do desejo, o tocar aqui deve ser entendido no sentido metafórico.] O segundo caso descrito é o caso Hans, cuja análise foi supervisionada por Freud. Constatou-se que o temor ao animal fora motivado por um desejo agressivo em relação ao pai, dado que ele era beneficiário dos favores sexuais da mãe. [O desejo sexual pela mãe e o desejo de morte em relação ao pai formam o que Freud denomina de 'Complexo de Édipo'. Podemos dar alguma precisão ao sentido da expressão "desejo sexual pela mãe". Para tanto, é preciso pensar em uma fase anterior ao narcisismo, na verdade, anterior ao próprio auto-erotismo. O desejo surge naquele momento em que a mãe se nega enquanto objeto da pulsão sexual. "Desejar a mãe" significa retornar àquele momento anterior à recusa materna; retorno que se dá em uma posição narcísica, portanto, objetal. A condição para entrar no complexo edipiano é o medo à castração. Essa aproximação já havia sido feito por Freud várias vezes, por exemplo, no texto sobre Leonardo onde ele identificou o bico do seio materno com o pênis. O problema teórico é mostrar como aquilo que aparece posteriormente, a relação com o pênis, condicionaria o que surge antes, o vínculo com o seio materno. Em outros termos, entender como seria possível que a referência ao seio seja organizada pelo pênis.] A relação com o pai não seria marcada apenas pela hostilidade, mas também pela admiração: amor e ódio. O ódio origina-se do fato do pai ser um rival, o amor,

da identificação com o pai. [Os mesmos elementos da relação com o totem estão presentes aqui: temor, amor, ódio. Todos se originando da mesma organização psíquica: o Complexo de Édipo.]

Há casos clínicos onde a relação com o animal é mais assemelhada com a do selvagem, onde o elemento de identificação (e, assim, o amor) é mais nítido. [Denominado de totemismo positivo em oposição ao caso de Hans, onde predomina o temor ao animal.] Por exemplo, o caso Árpard, analisando de Ferenczi, permite entender como se forma o medo à castração, condição essencial para o complexo de Édipo. Árpard, quando tinha dois anos e meio, teve seu pênis bicado ou viu uma galinha bicando. A incerteza não é relevante para o que se formou a seguir, na medida em que esse acontecimento não seria determinante para o sintoma. De qualquer maneira, um ano mais tarde, Árpard comporta-se como se tivesse transformado em uma galinha. Ele identifica-se com uma galinha de forma tão completa que ele abandona a linguagem humana e passa a cacarejar.

Aos cinco anos, é atendido por Ferenczi. Não cacareja mais, embora sua fala seja totalmente dirigida para tudo que diga respeito a galinhas. Há uma ambivalência completa em relação a elas: são amadas e odiadas até um grau extremo. [A primeira novidade do caso é a tradução, propiciada pelo próprio Árpard, da linguagem totêmica em linguagem cotidiana. Por exemplo, ele diz coisas como: "Meu pai é um galo" - "Agora sou pequeno, sou uma galinha, quando crescer um pouco serei um frango, e quando for grande serei um galo". "Vou comer 'fricasse' de mãe". (p. 416)]

A leitura de Ferenczi é a seguinte: a linguagem 'galinha' é um idio-

leto sobre as relações familiares. Se isso for verdade, Freud acredita que possa traduzir 'animal totêmico' por 'pai'. Segundo ele, isso não representa nenhum abuso, na medida em que o próprio selvagem nomeia o totem como ancestral comum e pai primal. [A impressão de circularidade parece inevitável. Os "fatos antropológicos" dissolvem-se em fatos psicanalíticos. A leitura de Ferenczi é feita a partir dessa ótica. Logo, ela não pode ser usada para fundamentar a si mesma.] A questão freudiana é saber como foi possível o estabelecimento dessa forma de representação, presente no primitivo e na criança. Que condição histórica deu origem a elas, visto que ambas podem ser entendidas como uma resposta psicológica a essa condição?

Se o totem for o pai, e os dois principais tabus forem "não matar o pai" e "não ter relações sexuais com uma mulher do mesmo totem", teríamos uma outra coincidência fundamental: uma identidade de conteúdo entre os dois tabus e os dois crimes de Édipo. De acordo como Freud, eles representam os dois desejos primais das crianças e constituem o núcleo de todas as neuroses. [A questão do último parágrafo pode ser reformulada nos seguintes termos: quais as condições históricas que deram origem a essas condições psicológicas fundamentais, na medida que são elas organizam os desejos mais primitivos do homem? A pergunta sobre o que era mais fundamental - o seio da mãe ou o pênis do pai -, pode ser refeita: que é mais básico, por conseguinte, mais primitivo, o desejo de matar o pai ou o desejo de possuir a mãe?]

As respostas vão ser construídas a partir da obra de William Robertson Smith, *Religion of the Semites*. O ponto de partida é encontrado em certas considerações de Smith sobre a origem e o significado do

ritual do sacrifício totêmico. [Parte-se do ritual porque ele é anterior ao mito, dado que a ação é anterior à representação.] Os animais são sacrificados porque o homem foi caçador antes de ser agricultor. Eles eram oferecidos como sendo literalmente a comida do deus. Com a perda de materialidade dos deuses, o sacrifício passou para os líquidos, o sangue da vítima, depois para o vinho. Com o advento do fogo, a consumação pelo fogo, pelo seu aspecto etéreo, resolveu o problema. Comer e beber marcariam uma identidade entre o grupo e o deus. Religiosidade e sociabilidade não se diferenciariam, ou melhor, a primeira fundaria a segunda baseada numa identificação grupal; não haveria indivíduos, só o grupo ao qual eles pertencem, seu clã. Os que comem e bebem juntos são do mesmo clã, solidariedade ancorada no totem enquanto ancestral comum. Dado que um homem só pode casar com uma mulher de outro clã e os filhos são considerados como membros do clã da mãe, o pai, em geral, não pode comer com os filhos, pois pertencem a clãs distintos. O sacrifício totêmico é algo que só pode ser feito pela comunidade e não pelo indivíduo isolado. Se o animal for morto por indivíduo, será considerado tabu, mas se o for coletivamente, reafirmará o vínculo que unifica o clã. O animal sacrificado é o animal totêmico. O sacrifício permitiria a identificação entre os membros do clã. [A identificação é entendida como partilha da responsabilidade pela morte e da culpa por tê-la cometido contra o totem, entendido como símbolo do pai. O mecanismo de simbolização por deslocamento não é um privilégio dos neuróticos, ele também está na origem de produções coletivas.] (pp.417-424)

O sacrifício totêmico é marcado também pela ambivalência, na proporção em que a morte do animal é acompanhada de lamentações profundas e seguida de uma demonstração de felicidade excessiva. Freud observa que,

como é comum a todas as festas, também aqui é celebrado o rompimento da lei; a essência de uma festa é comemorar a liberdade em relação às interdições. A alternância entre lamento e alegria, a mesma ambivalência que aparece em crianças e adultos, são explicada nos mesmos termos, a saber, pela relação com o pai. (pp. 424-5)

A fonte de ambivalência no vínculo com o pai estaria na convergência entre três hipóteses: a de Darwin sobre a horda primitiva, a psicanalítica de que o totem seria um símbolo do pai, e a de Robertson sobre o banquete totêmico. [Na verdade, a suposição freudiana comanda a articulação proposta. A resposta oferecida preenche as condições dadas inicialmente: uma explicação que exhibe as condições históricas e psicológicas geradas pela primeira, portanto, não completamente racionalista. Por isso mesmo engloba as observações feitas, sem ser desacreditada por nenhuma delas, unificando os vários elementos que se encontravam dispersos até então.]

O primeiro problema consiste em dar conta da transição entre um macho dominante que impede relações sexuais entre suas esposas e seus filhos - situação nunca observada pelos antropólogos -, e um grupo de machos com iguais direitos e submetidos ao sistema totêmico, constatada pela antropologia. A solução freudiana está em crer que em um determinado momento, na pré-história, os filhos, enquanto irmãos, uniram-se, mataram e devoraram o pai e, assim, destruíram a horda primitiva. O festim totêmico seria apenas uma repetição e uma comemoração desse acontecimento que teria fundado a humanidade, ou melhor, a humanização, visto que ele seria o começo da organização social, das restrições morais e da religião. [Finalmente é possível explicitar a base da identidade criança = neurótico

= selvagem: a existência de um mesmo universal nas três organizações representativas presentes nos três termos, o Complexo de Édipo. O próprio complexo é uma constelação de representações, ou seja, uma forma de organizar a memória, e, por conseguinte, a experiência. Freud assinala que não foi o pai vivo que se tornou determinante, mas o pai morto. (p. 427) Entretanto, não está resolvida a questão sobre a prioridade dos dois desejos.]

8. A referência última

A primeira pista para encontrá-la surge da observação freudiana sobre a não equivalência psicológica dos dois tabus básicos do totemismo. O "não matar o totem" está ancorado em razões puramente emocionais, isto é, leva em conta apenas os imperativos sexuais, ignorando o princípio da realidade porque o pai já está morto. O "não ter relações sexuais dentro do mesmo totem" obedece ao princípio da realidade, à necessidade no seu sentido forte. Se os irmãos fossem governados apenas pela pulsão sexual, todos eles tenderiam a tomar o lugar do pai. A necessidade de romper a luta de todos contra todos leva a instituir uma lei que é simultaneamente um contrato: "não tomar as mulheres do pai". (p. 427) Uma vez que Freud descreve as mulheres como o principal motivo para matar o pai, deveríamos inferir que o desejo pela mulher seria o mais primitivo de todos? Antes de tentar uma resposta, atentemos para duas observações extremamente elípticas de Freud: (O₁) os irmãos expulsos da horda desenvolveram sentimentos homossexuais e (O₂) as mulheres fundaram o matriarcado no vácuo de poder entre a morte do pai e o contrato dos filhos. (p. 428)

Em relação à (O₁), é notório que estamos diante de um segundo princípio para a exogamia e para a identificação. Segundo ele, os irmãos não se uniram apenas enquanto assassinos do pai. [Na verdade, o sentimento de culpa também desempenha essa função.] Antes de sua morte, eles poderiam ter-se identificado enquanto expulsos e ameaçados de castração pelo pai. Por conseguinte, a figura do pai é, no mínimo, condição necessária para o estabelecimento da exogamia tanto na primeira renúncia dos irmãos como na segunda. [Não é difícil entender o motivo de existir uma identificação com o pai baseada na interdição. O pai, ao impedir a relação dos filhos com suas mulheres, seria o primeiro representante do princípio da realidade. Ele estabeleceria o primeiro "não".]

O desejo do pai por suas mulheres está fora do processo de hominização. No entanto, o desejo dos filhos, enquanto desejo que se forma a partir do desejo do pai e estabelece a identificação, é o momento zero da hominização. O temor à castração, o temor de ser devorado pelo pai, organiza a primeira forma de socialização. É ao mesmo tempo a primeira forma de satisfazer o desejo do pai: não ter relações com suas mulheres. Portanto, a homossexualidade dos irmãos funda-se em um desejo do pai. Contra ele, há o desejo de ser como o pai, ou seja, de ter suas mulheres. O segundo desejo leva ao assassinato paterno. A destruição do pai realiza, mais uma vez, o desejo do pai, pois é enquanto identificados com ele que realizam o que o pai queria fazer: castrar os filhos. Podemos concluir que a luta entre os irmãos e o pai fixa-se em torno do *phallus* e que o medo da morte é o medo à castração. [Enquanto identificados com o pai, eles temem assumir o lugar paterno, na medida em que temem serem mortos pelos próprios filhos. O temor à castração conduz ao contrato: não matar o

pai e não tomar suas esposas. (O₂) assinala a crença freudiana, estudada por nós em *Alice e a Metapsicologia*, de que o feminino define-se sempre em termos negativos. Aqui ressalta o caráter associal da mulher. De qualquer maneira, nossas considerações foram feitas apenas no sentido de mostrar que a relação com a mãe está sempre mediada pela relação com o pai que, portanto, provisoriamente, tendo a acreditar que o desejo pelo seio é organizado pelo desejo pelo *phallus*. Desejo este que se expressaria no Édipo como desejo de matar o pai e ter relações sexuais com a mãe. Logo não haveria prioridade de um sobre outro, seriam duas faces de uma mesma moeda. Pênis e seio materno teriam como referência última o *phallus*.]

Após a morte do pai, surge o totemismo como marco cultural. Sua estrutura e de sintoma. De um lado expressa o desejo de que o pai fosse um protetor, de outro, o ódio pelo pai, manifesto no festim totêmico pela satisfação com a derrota paterna. A mensagem totêmica traduzida é a seguinte: se o pai fosse como o totem não o teríamos matado, como ele não o foi, nós o matamos, ou seja, ele foi responsável pela sua morte. (p. 428) Todavia, ela nos legou um sentimento de culpa. A partir do totemismo, todas as formas de religião seriam tentativas de resolver o problema da culpabilidade. Também a moral decorreria desse acontecimento primordial, seria a expressão da seqüência: 'não matarás o pai', 'não matarás o irmão', 'não matarás'. Em suma, a sociedade estaria fundada em um crime contra o pai e na cumplicidade dos irmãos. A religião seria um produto decorrente do sentimento de culpa gerado por essa morte. A moral procederia das exigências da sociabilidade. Ela seria um acordo contra a repetição do assassinato e uma reparação. Portanto, o totemismo e a exogamia, fundados no con-

trato, surgiriam ao mesmo tempo. Ambos derivariam do assassinato do pai. (pp. 427-430)

A penúltima parte do quarto ensaio trata da religião. Só nos interessam dois temas. O primeiro refere-se à forma pela qual Freud pretende demonstrar a identidade deus = pai. Ela é construída a partir de uma dupla identidade: deus = animal e animal = pai. A inicial está baseada nos estudos antropológicos enquanto a outra é estabelecida pela psicanálise. De acordo com a teoria freudiana, o fundamento de ambas, sem dúvida, está no assassinato do pai. O segundo tema refere-se à dupla representação do pai: deus e animal totêmico devorado. Ela deriva de dois significados cronologicamente sucessivos da cena primordial. A referência primária deriva do poder do pai; a referência secundária de sua derrota. O poder paterno é condição para sua derrota; sua representação como deus reafirma seu poder, enquanto o consumo do animal totêmico reproduz a vitória sobre ele. A partir desse momento, a história da religião seria o desenrolar de um processo crescente de repressão que culminaria na imagem do próprio deus matando o animal totêmico. [Encontramos nessas suposições a resposta para a pergunta sobre o aumento da repressão. A civilização progride na proporção em que se tomam medidas cada vez maiores contra a lembrança do assassinato do pai, contra o sentimento de culpa. A descrição proposta por Freud das diversas religiões deve para ser lida como um movimento crescente de defesas contra a culpa. Nesse sentido, a religião pode ser considerada como uma forma coletiva de neurose obsessiva. (pp. 430-7)]

A última parte de *Totem und Tabu* procura mostrar a amplitude das especulações freudianas e a necessidade de supor-se uma "vivência"

para poder constituir-se uma forma de percepção do mundo, ou seja, re-tornamos à questão da realidade psíquica. A amplitude é exemplificada por uma interpretação ousada que Freud faz da tragédia grega. Ele explica a relação entre o herói trágico e o coro como sendo uma representação da relação pai/filho. O herói encarna o pai que será morto e o coro a comunidade dos irmãos. Como a tragédia é um sintoma, ela apresenta a situação invertida, ou seja, a culpa é atribuída ao herói e não ao coro. O herói é responsável pelo seu destino na mesma medida em que o totemismo sugere que se o pai fosse bondoso - como o animal totêmico -, ele não teria sido morto. (pp. 438-9) Mas é a construção de uma vivência, explicitada pelo Complexo de Édipo, que merece ser examinada, visto que tudo decorre desse núcleo.

Há numerosas questões entrelaçadas aqui. Por exemplo, como mostrar que o Édipo atravessa a história? Como concebê-lo de forma a ser social e individual ao mesmo tempo? E, mais importante ainda, o Édipo refere-se a algo realmente vivido ou é apenas uma fantasia?

As três questões estão intimamente relacionadas. Se, como acreditamos, o Édipo constitui a estrutura básica da psique humana, a primeira pergunta toma a seguinte forma: como uma estrutura atravessa a história? A resposta freudiana consiste em recorrer à filogenia, enquanto meio para afirmar a universalidade do Édipo. Se ela for aceita, então a solução da segunda questão estará imediatamente formulada. Dado que o Édipo é comum a todos os seres humanos, a psique individual seria uma maneira de apresentação da forma coletiva, universal. No entanto, continuamos sem saber como se tornou possível a constituição de um conjunto de relações

que a filogenia repetiria. Uma saída viável seria observar que se trata de uma fantasia que surgiria da repetição das mesmas condições, ou seja, da existência da família. Na verdade, vários psicanalistas que recusaram as especulações filogenéticas de Freud tomaram essa via, sem se darem conta de que ao fazê-lo, estavam destruindo um dos seus mais belos resultados. Freud pretende ter demonstrado que a família nuclear não é a base das relações sociais. Para ele, o início do processo de hominização ocorreria no interior da horda primitiva, por conseguinte, dentro de condições muito diferentes das apresentadas pela família nuclear. Freud supôs a existência de um fator histórico, de uma ação, que teria instaurado essa estrutura fundamental. A fantasia neurótica depende da mesma estrutura, sem ela não seria possível nem a própria experiência humana. Contudo, permanece verdadeiro que a reconstrução da ação primordial deveu-se à necessidade de encontrar uma referência última que justificasse os atos acráticos do ser humano. Todavia, no interior da própria teoria freudiana há elementos para abandonar essa busca pela origem perdida.

Capítulo 5

Ácredito ter fornecido evidências suficientes para que o leitor esteja convencido da exatidão da seguinte descrição do modo de funcionamento da teoria freudiana dos atos aparentemente irracionais, sejam eles sonhos, sintomas, fantasias, produções culturais, etc. Trata-se de apontar a existência, através da linguagem [A única maneira de tornar complexos representacionais, o pensar - base de toda ação -, conscientes é pela vinculação com representações da fala.], de um desvio, ou seja, a ocorrência de saltos na concatenação dos pensamentos, de transgressões das exigências de ligação lógica e de motivação suficiente. A perturbação nas relações de sentido são neutralizadas quando é possível desfazer o mecanismo de deslocamento e reencontrar o sentido que estava até então encoberto, oculto para o próprio agente. Denomino este momento da investigação de Freud de questão da racionalidade. Entretanto, para ele, a garantia de que não se reconstruiu uma intenção qualquer, arbitrária, motivada por uma sugestão, de que a psicanálise seria uma teoria científica, é justificada teoricamente pela postulação [Freud, certamente, preferiria o termo 'descoberta'] de uma referência ao mesmo tempo sexual, moral e universal. Chamo este outro momento de questão da referência. Também creio ter dado evidência suficiente de que os dois momentos podem ser claramente diferenciados. A metapsicologia freudiana, em uma perspectiva histórica, preocupou-se cada vez mais com o segundo momento em detrimento do primeiro. Ela considerou que este estaria inequivocamente demonstrado pela própria prática clínica, onde a atenção volta-se sem cessar para as relações de sentido. O efeito sobre a comunidade dos psicanalistas foi o pior possível. Á

metapsicologia tornou-se objeto para outros estudiosos, como filósofos, sociólogos, críticos literários, etc. Widlöcher, em um projeto que só na aparência poderia recordar o nosso [Trata-se de uma investigação epistemológica que ainda insiste em partir da oposição - datada do século XIX -, entre explicar e compreender para definir uma separação entre representação e afeto, logo, entre uma energética e uma semântica no interior da teoria freudiana.], indica com precisão, em *Métapsychologie du sens*, o único papel que restou para a metapsicologia: "o papel de língua comum desde que as entidades descritas tenham relações apenas vagas com aquelas que dão a especificidade das diferentes correntes do pensamento." (p. 8) Portanto, uma função puramente indicativa de um tributo à figura do fundador.

Inicialmente, tentaremos mostrar as duas funções que a fala teve na análise a partir de sua herança positivista: uma função evocativa de estados emocionais e uma função descritiva. O próprio desenvolvimento teórico-prático levou Freud a considerar a fala como sintoma, e não mais como meio para expressar emoções represadas ou relatar situações em que os sintomas emergiam, ultrapassando os limites que ele mesmo havia imposto à fala. [Infelizmente, nossa reconstrução comporta um certo grau de repetição em relação aos capítulos iniciais, mas ela é inevitável.]

Para compreender o papel conferido às representações da palavra ouvida, é preciso retornar a *Zur Auffassung der Aphasien*. As noções de representação de palavra e de representação de objeto foram retiradas, por Freud, de dois textos de J. Stuart Mill, *System of Logic*, e especialmente de *An Examination of Sir William Hamilton's Philosophy*.

[Dada a raridade do último texto em sua totalidade, recorreremos, quando se mostrar necessário, ao trabalho de J. A. Giannotti, *John Stuart Mill: o Psicologismo e a Fundamentação da Lógica*.] *Zur Auffassung der Aphasien* também define um tipo de afasia - a parafasia -, que seria interessante tomar como paradigma no lugar da afasia assimbólica para descrever o sintoma histérico. Independente deste exercício de imaginação hermenêutica, Freud em vários lugares de sua obra recorreu ao critério de verdade como relação interna de consistência. Destarte, examinaremos *Eine Kindheits Erinnerung des Leonardo da Vinci*. Uma possível objeção contra a nossa abordagem poderia ser que desconsideramos a teoria da sexualidade freudiana. Para provar o contrário, tentaremos apresentá-la como uma teoria dos atos lingüísticos. Finalmente, proporemos que a teoria dos atos de fala de Austin, por estar livre dos preconceitos positivistas a respeito da linguagem, pode oferecer uma excelente alternativa como teoria do sentido para a psicanálise. O efeito da sua utilização seria criar um nexo novo entre a metapsicologia e a prática clínica, na medida em que aproxima fortemente a primeira da segunda.

1. Uma pequena história das funções da fala

Por exemplo, se um esposo dedicado comentasse: "Ágora que existe a AIDS, nós, maridos fiéis, entramos na moda", estaríamos diante de um caso exemplar de contra-senso. A razão é simples: se alguém é marido fiel, não pode "entrar na moda" no sentido mencionado. Todavia, se não é marido fiel, então o predicado "entrar na moda" não se aplica. A leitura freudiana veria nesse proferimento mais do que um chiste involuntário. Ela poderia obser-

var que o aspecto de disparate é apenas uma aparência, produzida por um compromisso entre desejos antagônicos. Em outras palavras, tomaria a fala como sintoma, produzido por desejos contraditórios.

Freud pretende que, dentro de certos limites, toda fala deve ser entendida como sintomática. Essa pretensão - na verdade, um dos pilares, ao lado da transferência, da técnica da livre associação -, não surgiu da cabeça de Freud como Atenas da de Zeus. Resultou, como foi mostrado nos capítulos de 1 a 3 de nosso trabalho, de uma longa elaboração teórico-prática, sendo o ponto nodal de uma vasta rede conceitual. Contudo, para os propósitos presentes, é suficiente reconstruir, tendo em vista as funções dadas por Freud à fala, o período 1890/97.

Inicialmente a fala foi vista como tendo uma dupla função. Ela era útil na medida em que possibilitava exercer uma influência psíquica, mais ou menos duradoura, sobre o paciente. São casos em que Freud recorreu à hipnose como forma de tratamento sugestivo. Em certas ocasiões - os casos de histeria de retenção -, era possível, através da hipnose, levar o paciente a evocar certos estados emocionais que se encontravam repressados. Outras vezes, o hipnotizador dava uma ordem que inibia o sintoma. Testemunham esse uso, por exemplo, *Psychische Behandlung* (1890), onde as palavras são referidas como a "ferramenta essencial do tratamento anímico" (p. 17), e *Ein Fall von Hypnotischer Heilung* (1892), onde, como vimos, desenvolveu-se a noção de representações contrastantes.

A fala do paciente também podia ser utilizada como meio para descobrir o trauma que se expressava enquanto sintoma. Era o tratamento ca-

tártico, inaugurado pelo caso Anna O. de Breuer. A exposição de sua essência encontra-se em *Vorläufige Mitteilung*, capítulo inaugural de *Studien über Hysterie*, onde Freud e Breuer assinalam que: "Descobrimos, pois, no início, para nossa enorme surpresa, que *sintomas individuais da histeria desapareciam imediatamente e sem reincidência, quando era possível despertar a recordação do processo causador com total clareza, e com isso evocar os afetos concomitantes, e quando o doente então descrevia o processo da forma mais completa possível e dava palavras ao afeto*". (p. 85)

Estão presentes três suposições que merecem ser aprofundadas: a crença na ocorrência do trauma (S_1), a capacidade evocativa da fala (S_2) e o poder terapêutico da palavra (S_3). Por S_1 , Freud acredita na realidade material de um trauma, pensado enquanto acontecimento datado. Entretanto, o trauma propriamente dito não é o agente eficaz, mas sim o afeto, isto é, a representação afetiva do trauma. O procedimento catártico supõe S_3 , logo a remoção do sintoma ocorrerá desde que, ao evocar o trauma, o paciente consiga dar palavras ao afeto (S_2). Freud e Breuer pensavam que havia três modos de privar o afeto de seu efeito patogênico: trabalho associativo, ações e palavras. Em todos eles, e não apenas no último, a linguagem está pressuposta. No trabalho associativo porque ele só pode ser realizado através da produção de representações contrastantes; exigindo, por conseguinte, uma semântica que permita estabelecer diferenças significativas entre os termos. No que se refere à ação, não é menor o papel da linguagem. Para os dois autores, uma pessoa normal seria capaz, em princípio, de justificar racionalmente suas ações. Conseqüentemente, uma ação adequada supõe sua compreensão pelo outro, e isto é algo que se dá ex-

clusivamente no campo lingüístico. [Acredita-se na normatividade das ações humanas.]

Todavia, os afetos não são esquecidos pelo histérico, apesar dessas representações perderem, aparentemente, sua função evocatória, ou seja, sua vinculação com a palavra. Em *Vorläufige Mitteilung* são destacadas duas causas para o não-esquecimento: a natureza das impressões psíquicas e o estado em que foi vivenciado o acontecimento traumático, pensado como origem do afeto. [A idéia de um estado peculiar - o estado hipnóide -, está ligada à concepção de Breuer; em última análise, ele acredita na existência de um fundamento fisiológico para a histeria. Freud, ao contrário, desde os textos inaugurais inclinou-se, como estudamos, por uma teoria psicológica que tomou o conflito intencional como seu ponto de referência.]

Na época de *Vorläufige Mitteilung* acredita-se na concretude de um trauma, relacionado ao sintoma através de uma vinculação não consciente estabelecida entre certo afeto e uma zona corporal. O papel evocativo da fala está presente, ela permite expressar um afeto estrangulado. Todavia, só é possível recuperar o trauma enquanto representação. A fala tem, portanto, também uma função descritiva, ela narra um estado de coisas. O efeito terapêutico do falar reside precisamente aí: a narrativa permite que se restaure o vínculo entre palavra (substrato material) e afeto (sentido). Mais precisamente, é necessário dar palavras ao afeto para que ele possa recuperar seu poder evocatório. Desta maneira, a função evocativa pressupõe a função descritiva da linguagem.

A utilização de um procedimento estritamente lingüístico na terapia

exige que se conceitue a tese da continuidade entre processos normais e patológicos, sob pena de não se conseguir explicar a própria função terapêutica da fala. No período sob análise, 1893, Freud procura desenvolvê-la, embora lhe falte ainda um universal que tome o lugar da hereditariedade na explicação do fenômeno histérico. Como ele acredita que a constituição do estado hipnóide é posterior ao trauma, estão dadas, pelo menos, as condições iniciais para conceber, na origem da histeria, a presença de um conflito psíquico. Destarte, a teoria da sedução, elaborada a partir de 1895, pode ser entendida como uma tentativa de alçar um conflito psíquico à universalidade e, conseqüentemente, substituir um fundamento fisiológico, o estado hipnóide, por um psicológico.

Parte dos problemas com a teoria tinha origem na dificuldade em definir a referência última para o fenômeno patológico. A cena de sedução tinha contra si o fato de não ser universal, de separar de forma absoluta o aparelho psíquico normal do patológico quando recorria à hereditariedade para explicar a liberação sexual precoce entre os histéricos (Ver Capítulo 2). Atentemos para a descrição freudiana da perturbação do pensamento pelo afeto em *Entwurf*: "Aqui não há p[ercepção], mas uma r[ecordação], que, de forma inesperada, libera desprazer, e o eu o experiencia demasiadamente tarde; permitiu um processo primário porque foi inesperado". (p. 450) Ao determinar o *proton pseudos*, Freud foi obrigado a sustentar que só nos histéricos haveria uma liberação sexual precoce. A referência sexual da representação, aliada à ausência da sexualidade na infância, acrescido do fator congênito, tornariam possível um processo primário póstumo. Seu efeito seria despir de sentido os proferimentos de Emma. Seus disparates tinham como correlato a perda de objetos sexuais. A compulsão histérica

foi delineada como "*incompreensível, insolúvel pelo trabalho de pensar e incongruente* em sua estruturação" (p. 439). Mas "é imediatamente *solucionável* quando é esclarecida (tornada compreensível)". (p. 440) Estudamos que torná-la compreensível era dotá-la de sentido. Contudo, o processo era inseparável da determinação de sua referência. Só esta permitia recuperar a função evocativa da fala, destruída pelo fenômeno da histeria. Solucionar e esclarecer um caso de histeria eram, em essência, a mesma coisa, uma vez que "através da análise viemos a conhecer também o processo através do qual se chegou a um estado de absurdez e *incongruência*". (p. 440).

Resumindo, no final de 1895, acredita-se que um trauma ocorreu - uma sedução na infância acompanhada de desprazer (S_1). A fala, na histeria, perde seu poder evocativo (S_2) e, por conseguinte, apresenta-se sob a forma de contra-sensos. Removê-los é recuperar o poder da fala de nomear a cena de sedução (S_3). Entretanto, como enfatizamos repetidas vezes, Freud é incapaz de articular desejo e repressão, normal e patológico. Logo, não consegue universalizar o conflito psíquico, produzido pela oposição entre sedução e moral.

Com a suposição de que a neurose obsessiva seria decorrente de uma cena sexual precoce acompanhada de prazer, Freud será obrigado a fazer modificações no aparelho psíquico construído em *Entwurf*. O novo sistema altera a ordem de $\phi \Psi \omega$ para $\phi \omega \Psi$ e considera que toda quantidade é interna. Em 30/5/96, Freud tenta relacionar a escolha da neurose com a época em que as cenas de sedução teriam sido vivenciadas. Um dos aspectos salientados foi a crença de que "os sintomas, na sua quase totalidade,

são *formações de compromisso*." (p. 199) Assim, os sintomas e não a fala seriam uma formação de compromisso. Em 6/12/96, Freud consegue dar conta da repressão do prazer e fundamentar a escolha das neuroses. Ele supõe que a memória não se constitui de um único aparelho, e sim de vários, que se formam no tempo; esse esquema será repetido no famoso capítulo VII de *Traumdeutung* como um instrumento óptico. Uma lembrança prazerosa, ao ser traduzida em um outro sistema de memória, torna-se desprazerosa. Portanto, a repressão é algo que se dá entre sistemas de memória. O interesse pelo prazer leva Freud a estudar as perversões e a concentrar-se progressivamente nos primeiros anos de vida de seus pacientes. Ele descobre mais um elemento, relevante para nossa reconstrução: as palavras ouvidas desempenham um papel na formação dos sintomas. Portanto, a fala começa a passar de um modo para conhecer o sintoma para tornar-se, ela própria, sintoma. A importância está na ligação que ela tem com as primeiras idéias freudianas sobre a noção de fantasia. Freud observa que: "... as fantasias histéricas ... regularmente ... recuam a coisas que as crianças ouviram precocemente e só compreenderam posteriormente". (p. 248, carta de 6/4/97)

Os elementos relevantes são dois. Em primeiro lugar, essa hipótese permite manter a crença de que o acontecimento traumático existiu, embora, reduzido a algo ouvido. No entanto, não é mais imperioso que este algo refira-se a alguma coisa que tenha realmente existido, embora Freud acredite na sua realidade. [Na verdade, recuar a origem até a palavra ouvida é equivalente a prescindir totalmente de qualquer referência a um suposto objeto externo que justificaria o deslocamento de sentido, portanto, o sintoma. Mas Freud parece insistir na sua existência. Por exemplo, em 2/5/97,

ele observa que: "As fantasias decorrem de *coisas ouvidas*, compreendidas *posteriormente*, elas são naturalmente, em todo seu material, autênticas". (p. 252)] Em suma, estariam dadas as condições conceituais para crer-se em uma realidade psíquica distinta de uma realidade material. Data precisamente desse período, a tese freudiana de que o sonho seria uma realização de desejo. Em segundo lugar, a hipótese sobre a fantasia explica de forma mais adequada o mecanismo de repressão. Ele não se dirige à recordação prazerosa propriamente dita e sim a seu retorno. O impulso sexual presente - produzido pela recordação e representado pelos seus delegados -, vai ser alvo do processo repressivo. A relação entre impulso e fantasia é objeto do Manuscrito N, anexo à carta de 31/5/97. Nele, Freud assinala que: "Recordar não é nunca um motivo, mas apenas um caminho, um modo. Segundo o tempo, o primeiro motivo da formação de sintoma é a libido, portanto, o sintoma é como o sonho uma *realização de desejo*." (p. 268) Para transformar a analogia entre sonho e sintoma em identidade é necessário engendrar uma articulação de natureza universal entre sexualidade e moral que deveria mostrar que há repressão no sonho porque este realiza desejos infantis que são de natureza sexual, perversa, não genital. Porém, antes de indicar os rumos tomados, após a postulação de uma sexualidade infantil, recapitulêmos o estado de coisas nas vésperas do abandono da teoria da sedução. Freud continua acreditando na existência de um trauma na histeria (S_1); no entanto, ele pode referir-se a uma representação verbal, à representação da palavra ouvida. Nos casos da neurose obsessiva, a referência última remete a uma representação prazerosa, logo, não há mais trauma. A fala mantém seu papel evocativo (S_2). Todavia, ela já pode apresentar-se como sintoma, como ocorre na fantasia, pensada como formação de compromisso. Quando se consegue desfazer essa formação, algo

que se realiza por meio da fala, os sintomas são removidos. Supõe-se que o processo patológico seja anulado quando o analisando consegue nomear a cena de sedução e, assim, dissolver o núcleo duro a partir do qual brotariam todas as fantasias (S_3). Dias mais tarde, após o abandono da teoria da sedução, Freud refere-se a vários detalhes de sua auto-análise e propõe uma interpretação de Hamlet enquanto histérico e passa a acreditar na sexualidade infantil. Porém, a transformação dessas intuições em conceitos é bastante lenta e solidária de dois esforços: sua auto-análise e a redação de *Traumdeutung*.

Algumas das etapas realizadas podem ser mencionadas a título de exemplo. Assim, em 22/12/97, observa em relação à neurose de compulsão que: "... a *representação de palavra*, e não o seu conceito anexo, é a localidade onde a repressão irrompe (mais precisamente, a recordação de palavra)". (p. 313) Desta maneira, a palavra passa a ser sintoma, não enquanto conceito que ela vincula, mas enquanto suporte para a pluralidade de sentidos que ela possa carregar consigo; ou seja, a representação de palavra transforma-se em alvo preferencial dos mecanismos de deslocamento e condensação. Em 10/3/98, novas considerações relevantes são feitas: "Biologicamente me parece que a vida onírica decorre, sem exceção, dos restos da época pré-histórica da vida (1 a 3 anos), a mesma época é fonte do inconsciente e contém sozinha a etiologia de todas psiconeuroses, época para a qual há normalmente uma amnésia análoga à amnésia histérica. Sugere-me a fórmula: O que é *visto*, na época pré-histórica, resulta em *sonho*, o que é *ouvido*, em *fantasias*, o que é *vivido sexualmente* em psiconeuroses" (pp. 329-330)

Em conclusão, a fala caminha na direção de ser entendida como fantasia ou, mais precisamente, como repetição de uma proto-fantasia, resultante da oposição entre sexualidade infantil e Édipo, pensados como elementos universais e garantindo, desta forma, a continuidade entre processos normais e patológicos, e a generalização da tese de que todos nós, incluindo os neuróticos, temos uma medida sobre o uso adequado da linguagem. Podemos sugerir que a fala vista como formação de compromisso, consequentemente como fundamento teórico para a utilização da associação livre, é solidária na teoria à reposição da realidade material pela realidade psíquica. No entanto, para que tal ocorra é necessário que a realidade psíquica seja apreendida a partir de uma teoria do sentido baseada na normatividade do ser humano e não em uma referência externa. Para entender o motivo que determina que essa via esteja aparentemente bloqueada é preciso retornar a *Zur Auffassung der Aphasien*.

2. Parafasia e Afasia Assimbólica

Nas duas teorias do conflito - representações contrastantes e teoria da defesa -, o sintoma histérico foi entendido como uma espécie de afasia assimbólica, onde se teria rompido a unidade entre representação da palavra e representação do objeto. [Por exemplo, na primeira teoria, a incapacidade da mãe para alimentar o filho decorria do enjôo ser um símbolo privado da representação contrastante "não serei capaz de amamentar meu filho".] Assim, na histeria haveria perda da capacidade de evocar justamente o acontecimento traumático. Mas as noções de representação de palavra e de objeto foram formuladas inicialmente em *Zur Auffassung der*

Aphasien.

Nesse texto, Freud considera que "para a psicologia, a unidade funcional é a 'palavra', um complexo de representação, que se manifesta como composto de elementos acústicos, visuais e cinestésicos." (p. 75) [Mais adiante tornar-se-á evidente o motivo de Freud dar à palavra o papel de unidade funcional.] Após ter descrito a forma pela qual se dá a aprendizagem da fala -"associação de uma imagem sonora verbal (*Wortklangbild*) com uma inervação impressiva da palavra (*Wortinnervationsgefühl*) -, da linguagem do outro, da soletração, da leitura, da escritura [(pp. 75-8)], ele considera que "cabe supor que nós mais tarde executamos as várias funções da fala por meio das mesmas trilhas associativas através das quais as aprendemos." Um pouco mais adiante, ele considera que no caso de lesões retonaríamos "às formas de associação primárias, securas, mais complicadas e que estivessem disponíveis." (p. 78) [O mesmo esquema foi usado na carta de 6 de dezembro de 1896, estudada no capítulo 3, p. 162].]

"A palavra é, portanto, um complexo de representações que consiste das imagens citadas [As imagens descritas no processo de aprendizagem do falar, escrever, soletrar, etc.] ou, para dizer de uma outra maneira, corresponde à palavra um processo complicado de associação onde os elementos citados de origem visual, acústica e cinestésica entram juntos." E na mesma página, sob a figura 8 do texto, Freud prossegue: "A representação de palavra aparece como um complexo fechado de representação; a representação de objeto, ao contrário, como uma aberta. [A razão desta ser aberta está ligada a certas considerações que Freud retira de J. Stuart Mill.] A representação de palavra não está ligada a partir de todas as su-

as partes com a representação de objeto, mas apenas a partir da imagem sonora. Entre as associações de objeto estão as visuais, que são delegadas do objeto de forma semelhante a que a imagem sonora é delegada da palavra. As ligações das imagens sonoras da palavra com outras associações do objeto além das visuais não estão assinaladas." (p. 79) [A imagem sonora é a delegada (*Vertreter*) da palavra, ou seja, ela representa a palavra. A partir de *Entwurf* a imagem sonora da palavra ouvida faz parte do circuito da ação específica, portanto, do desejo. Mais tarde, ela estará na origem da fantasia. O delegado do objeto é a imagem visual. Segundo Freud, a imagem visual, como estudamos logo acima, estaria na origem dos sonhos.]

Sem dúvida, o leitor atento deve ter suspeitado que a teoria da significação de Freud recorda a teoria augustiana da linguagem descrita nas proposições 1, 2 e 3 de *Philosophical Investigations* de Wittgenstein. Todavia *Zur Auffassung der Aphasien* transforma a suspeita em certeza: "Mas a palavra adquire sua referência (*Bedeutung*) através da ligação com a 'representação de objeto', pelo menos, quando limitamos nossas considerações aos substantivos." [Ora, toda a análise freudiana dos símbolos privados está sempre centrada sobre os nomes, ou seja, sobre os substantivos. Não é por acaso que em *Alice e a Metapsicologia* não encontrei muitas dificuldades para mostrar que a teoria da significação de Freud estaria baseada em definições ostensivas. Tampouco é casual que a palavra seja tomada como unidade de análise.]

A seqüência do texto torna as escolhas filosóficas de Freud muito mais transparentes: "Nós inferimos da filosofia que a representação de objeto não contém nada diferente além da aparência de uma 'coisa', sobre a

qual falam as diferentes 'propriedades' das impressões do sentido que nós recebemos de um objeto; todavia, admitimos a possibilidade de uma série maior de novas impressões dentro da mesma cadeia associativa. (J. S. Mill).¹⁾ A representação de objeto parece-nos, portanto, como uma que não pode ser fechada, como dificilmente capaz de fechamento, enquanto a representação de palavra parece-nos como algo possivelmente fechado, provavelmente capaz de ampliação." (p. 80)

A nota de rodapé - assinalada por Freud - indica dois trabalhos de J. S. Mill: "Logik I, Cap. III, und: An examination of Sir William Hamilton's philosophy." [Freud assim leu *System of Logic* em alemão e o outro texto no original. Estranhamente ele indica na primeira referência um mero capítulo de uma extensa obra e na segunda a totalidade dela.] Por outro lado, é notável a ausência na literatura psicanalítica de trabalhos que procurem investigar a relação entre certas idéias freudianas e as de J. S. Mill. [Nosso objetivo é apenas assinalar uma suspeita que deverá ser confirmada por pesquisas posteriores, uma vez que seu exame exaustivo foge ao escopo do presente trabalho.]

Por exemplo, Nassif em *Freud l'inconscient* confessa que: "Procuramos em vão no texto de J. S. Mill, referido por Freud, uma caracterização assim da representação de objeto. Este autor, aliás, evita falar em termos de 'representação', conceito a seu ver demasiadamente marcado pelo kantismo; e trata-se nele menos de 'associação' do que de dispor em série...", e um pouco, mais adiante: "Ora, se for preciso procurar na filosofia algum autor capaz de patrocinar tal concepção de representação de objeto, parece-nos que seria preciso pensar mais em Brentano do que em J. S.

Mill." (pp. 376-7) [Sempre fico fascinado com esses exercícios de interpretação de texto que ignoram as referências explícitas do autor e procuram outras mais adequadas a seus propósitos. A questão relevante é saber o motivo de Freud ter mencionado uma obra completa de Mill. Se fosse para simplesmente apontar um empréstimo, mesmo que apenas terminológico, ele teria indicado a página.] Por outro lado, Bercherie que procura fazer um levantamento das fontes conceituais de Freud, em *Génesis de los conceptos freudianos*, tampouco é esclarecedor: "Não nos surpreende achar, duas linhas adiante, a referência filosófica mencionada: trata-se exatamente de Stuart Mill, e assim ficamos sabendo que Freud leu suas duas principais obras filosóficas (a *Lógica* e o *Examen de la filosofía de Hamilton*)." (p. 300) [A investigação não vai além da pura constatação. Seria receio de que Freud fosse empirista e tivesse tido acesso ao idealismo alemão por meio da sua crítica inglesa? Não sabemos.] Mesmo os tradutores da Amorrortu, quando se referem ao mesmo texto, a *Zur Auffassung der Aphasien*, comentam que as expressões "eu" e "não-eu" são características de Fichte e que devem ser lidas nesta orientação filosófica, dado que "o texto freudiano nos foi inclinando para a tradição do pensamento alemão." (*Sobre la versión castellana*, p. 26) [Mas basta uma rápida consulta aos trechos publicados em português de *Um exame da filosofia de Sir W. H.*, para encontrar: "A diferença entre estes métodos [A referência é a diferença entre o "método introspectivo" praticado por Sir W. Hamilton e o "método psicológico" utilizado por Mill.] será agora exemplificada, mostrando como operam numa questão particular, a mais fundamental na filosofia, a distinção entre o Ego e o Não-Ego." (p. 263) Logo, acreditamos que se Freud desejasse recorrer a um filósofo alemão, ele o teria feito. Nada o impediria de citar Brentano, Kant ou mesmo Fichte.

No entanto, ele escolheu um texto de Mill. A opção talvez não seja tão obscura se atentarmos para o lugar em que a referência aparece no texto. Freud acabou de descrever os diversos modos de formação das associações lingüísticas. Como Giannotti em *John Stuart Mill: O Psicologismo e a Fundamentação da Lógica* indica: "... em vez de descrever os fatos mentais à procura dos mais primitivos, deve-se proceder ao exame de seus modos de formação, a fim de que não se corra o perigo de tomar por simples o fato composto cujos trâmites de produção foram perdidos. Portanto, todo fenômeno redutível a elementos mais simples, por estes modos de produção já estabelecidos, não será tomado como simples, ainda que a intuição assim nã-lo apresente." (p. 32) Em outras palavras, Freud empresta de Mill a análise psicológica que concebe os fenômenos como formando compostos. É preciso descobrir como eles formam-se para poder descrever suas características. Assim, para Freud, o patológico é sempre entendido como a dissolução de um complexo. Cada tipo de afasia funciona como um solvente onde se destaca um elemento. Após ter feito o inventário das formas de aparição do fenômeno afásico, é possível descrever como se constituem as associações lingüísticas, para em seguida descrever como seriam as representações de palavra e de objeto. Portanto, Freud não retirou de Mill uma concepção, mas um método de investigação do fenômeno mental.

As crenças da teoria desenvolvida por Mill, a partir do método psicológico, são as seguintes: (C₁) "A mente humana é capaz de 'expectativa'. Em outras palavras, que, após termos sensações reais, somos capazes de formar a concepção de sensações *passíveis*." [Em *Entwurf* está presente a mesma concepção: o pensar está voltado para o reconhecimento do objeto.]; (C₂) "Leis de associação de idéias" ... A contigüidade é de duas es-

pécies: simultaneidade e sucessão imediata". [São as duas leis presentes em *Entwurf*.]; (C₃) "Associações produzidas por contigüidade tornam-se mais exatas e rápidas por repetição". [As duas vivências fundamentais de *Entwurf* consistem em uma aplicação dessa crença, ou seja, tais associações produzem uma compulsão a repetir.]; (C₄) "Quando uma associação adquire este caráter de inseparabilidade ... coisas que somos incapazes de conceber separadamente parecem incapazes de existir separadamente." [Em *Entwurf* tal estado de coisas é denominado de crença e é descrito como o objetivo de todo pensar.] (pp. 264-5)

Segundo a teoria de Mill, um objeto externo: "não é mais do que a forma imprimida pelas conhecidas leis de associação sobre a concepção ou noção, obtida por experiência, de "sensações contingentes"; através das quais se significam as sensações que não estão em nossa consciência presente, e individualmente nunca estiveram de forma alguma em nossa consciência, mas que, em virtude das leis às quais aprendemos por experiência que nossas sensações estão sujeitas, sabemos que teríamos sentido sob circunstâncias supostas dadas, e sob estas mesmas circunstâncias deveríamos ainda sentir". (pp. 265-6) [Ora, Freud, na definição de representação de objeto descrita acima, refere-se às diferentes "propriedades" das impressões do sentido ("as sensações contingentes" de Mill) e à possibilidade de uma série maior de novas impressões dentro da mesma cadeia associativa (ou seja, as sensações que nunca estiveram em nossa consciência). Mas ele também observa que "a representação de objeto não contém nada diferente além da aparência de uma 'coisa'..." Talvez esteja aqui o desejado nexos com a filosofia kantiana através da concepção de coisa em si. Mas o referencial de Freud é Mill, e nele a 'coisa' traduz-se como *"possibilidade perma-*

mente de sensação". (p. 269) Mill recusa a idéia de coisa em si. Entretanto, relaciona a coisa com causa: "Assim o antecedente real de um efeito - o único antecedente que, sendo invariável e incondicional, consideramos ser a causa - pode não ser qualquer sensação realmente sentida mas somente a presença, naquele momento ou no momento imediatamente precedente, de um grupo de possibilidades de sensação." (p. 272) Se não estivermos errados em aproximar Freud da filosofia de Mill, a representação de coisa designa três propriedades em *Entwurf*: (I) ela representa a possibilidade geral de sensação; (II) ela desempenha um papel causal; (III) ela remete a um objeto externo.]

Em *Zur Auffassung der Aphasien*, Freud definiu parafasia como "uma perturbação da fala na qual a palavra apropriada é substituída por uma inapropriada, mas que sempre contém uma certa relação com a palavra correta. Podemos descrever aproximadamente essas relações com o apoio das investigações do filólogo Delbrück: faz parte da parafasia se a palavra falada coloca-se no lugar de outra de sentido semelhante ou devido à alta freqüência com a qual as duas palavras estão ligadas, por exemplo, se no lugar de 'lápiz', 'pena de escrever', de 'Berlin', 'Postdam'. Além disso, troca-se palavras de sons semelhantes, 'Butter' por 'Mutter', 'Campher' por 'Pamphlet'; por fim, quando se comete erro de articulação (parafasia literal), algumas letras são substituídas por outras." (pp. 22-3) [A parafasia fazia parte das perturbações da afasia sensorial, onde havia perda das imagens acústicas. Na nova concepção freudiana dos fenômenos afásicos, a afasia sensorial é substituída pela afasia verbal definida como um quadro clínico onde: "as associações entre os diversos elementos da representação verbal estão perturbados" (p. 80)] Ora, Breuer já havia assinalado em

Fr. Anna O a presença de parafasia (pp. 222, 224, 227 e 239). Por exemplo, na página 224, ele descreve: "Inicialmente se observou que lhe faltavam palavras, gradualmente isso se agravou. Então ela perdeu de sua fala toda gramática, toda sintaxe, a totalidade da conjugação dos verbos, finalmente usava apenas erradamente o infinitivo contruído principalmente a partir do particípio passado fraco e nenhum artigo." Mesmo Freud em *Zur Auffassung der Aphasien* havia descrito a parafasia de uma forma que a aproximava muito daquilo que mais tarde seria descrito como atos falhos: "Neste momento queremos apenas mencionar que no caso de pacientes a parafasia observada não difere em nada daquele equívoco e distorção verbais que a pessoa saudável pode observar em si mesma quando está cansada, com atenção dividida ou sob influência de afetos perturbadores, que ocorre, por exemplo, com nossos expositores tão freqüentemente e causa embaraço aos ouvintes." (pp. 13-4) [Sabemos que a imagem acústica é o delegado da representação verbal, que a parafasia, pelos exemplos alinhados acima, é uma perturbação no interior da representação de palavra, e que na histeria havia uma relação entre fala e produção de sintomas. Por que Freud tomou como modelo para o fenômeno histérico a afasia assimbólica [Ver *Sobre a concepção da afasia e da histeria: Notas sobre a relação entre anatomia e linguagem nos primórdios da teoria freudiana.*] e não a afasia verbal? Nossa suspeita recai sobre a influência exercida pelo nominalismo de Mill sobre as teses freudianas. [O trabalho citado de Giannotti mostra como a psicologia quantitativa de Mill é incapaz de expressar as relações de intencionalidade. Também indica indiretamente o motivo de Freud ter ancorado o *Entwurf* sobre as representações acústicas. Pois no sistema de Mill: "É ... essencial que, na constituição de um objeto exterior e até mesmo do próprio eu, apareça um invariante ligado ao

grupo de possibilidades de sensações que o ajude a se manter autônomo e emancipado, diante da fluidez da sensação atual. Este elemento auxiliar é a palavra, cuja relação com o objeto se, por um lado, é arbitrária na medida em que a cada objeto é possível associar qualquer complexo fonético, por outro, revela-se indispensável e essencial, pois o objeto não consegue autêntica perdurabilidade independente se não for unido a uma palavra que o exprime." (p. 108) Ela o teria levado na direção de buscar uma referência externa que justificasse as distorções de sentido, constatadas na clínica. Entretanto, Freud, mais de uma vez, recorreu a um critério de verdade como consistência interna e não como correspondência.

3. O caso Leonardo

Em 1910, Freud publica *Eine Kindheits Erinnerung des Leonardo da Vinci*. Contudo, em primeiro de dezembro de 1909, ele fez uma exposição sobre o tema para a Sociedade Psicanalítica de Viena. Vou recorrer a esta versão porque os argumentos são expostos de forma mais condensada. Freud não pretendia aventurar-se no gênero psicobiografia, mas, como ele explica, na versão publicada, "explicar as inibições de Leonardo na sua vida sexual e na sua vida artística". (p. 153) Como sempre, Freud parte de enigmas: por que Leonardo tornou-se um grande pesquisador? Por que ele não terminava suas obras? Por que as tratava mal? Por que sua sexualidade permanecia inibida? (*Les premiers psychanalystes*, vol. 2, p. 335).

Já estudamos no capítulo 3 que as recordações infantis são construções da vida adulta. Mas é preciso recorrer à vida infantil na medida em

que podemos encontrar as pistas que nos ajudarão a reconstruir o desenvolvimento sexual de Leonardo. A história da sua libido deve fornecer a solução para os enigmas propostos. O genial polímata italiano era filho ilegítimo de um senhor com uma camponesa; só teria ido viver com o pai aos cinco anos de idade. [Esta informação é de máxima importância para a reconstrução freudiana.] Leonardo, no seu tratado sobre o voo, narra uma recordação infantil: quando criança, um abutre teria voado até ele e aberto sua boca com a cauda, e batido com a mesma, numerosas vezes, entre os seus lábios. (p.335). [A recordação é uma reconstrução feita de coisas ouvidas e expressa um compromisso intencional entre desejos opostos.] A clínica psicanalítica ensina que essa fantasia é uma fantasia homossexual, um desejo de felação. Para decodificá-la, bastou estabelecer uma identidade entre cauda e pênis. Segundo Freud, ela está presente em numerosos idiomas, inclusive no italiano. Dado que o pássaro vem na sua direção, e não o contrário, o desejo é passivo. (p.335) O pássaro é um abutre. Ora, o hieróglifo egípcio para mãe é MUT (abutre), cujo som é muito próximo do termo alemão 'Mutter' (mãe), Freud propõe uma segunda identidade: abutre = mãe. A expressão "cauda do abutre", dadas as identidades sugeridas, pode ser substituída, sem mais, pela expressão "pênis da mãe". [A mitologia "privada" de Leonardo parece tê-lo levado a construir uma figura hermafrodita. Como ele poderia tê-la formado? A primeira resposta oferecida - a leitura de comentadores romanos e gregos sobre os egípcios -, não é essencial, nem satisfatória. (pp.336-337).]

Sem dúvida, a "explicação" freudiana torna-se cada vez mais espantosa. Ela efetua uma tradução, ela nos diz que a asa do abutre é o falo da mãe. Wittgenstein, certa vez, observou que, diante dessas "explicações

freudianas", temos duas possibilidades, ou Freud "quer explicar tudo quanto há de bom de uma maneira suja, dando a entender que se deleita com obscenidades" - o que ele exclui -, ou "as conexões que estabelece interessam imensamente às pessoas. Têm certo encanto. É encantador destruir preconceitos." (*Estética, Psicologia e Religião*, p. 48).

A explicação proposta deve satisfazer ao menos um requisito. Ela deve ser tal que permita individualizar Leonardo. Um dos desejos expresso na fantasia seria de ter uma relação perversa com a mãe, concebida como um ser hermafrodita. Mas este desejo não aparece apenas em Leonardo, na medida em que uma figura fálica feminina também está presente entre os egípcios - eles acreditavam que o abutre reproduzia-se através do vento. [Alguém poderia pensar que Freud pretenda explicar uma fantasia de um italiano do século XVI através da mitologia egípcia. No entanto, no capítulo 4, estudamos que a psicanálise elucida os mitos e não o contrário. O mito também é uma fantasia, embora coletiva. A identidade final - cauda do abutre é igual a mãe fálica -, é a primeira identidade no edifício conceitual da psicanálise; ou seja, qualquer que fosse o pássaro, ele seria tomado como equivalente da mãe. A teoria da libido informa-nos sobre a fantasia de Leonardo e sobre os egípcios, e não o contrário. Em outros termos, se o pássaro, por exemplo, for um milhafre (na verdade, é um milhafre) perdeu-se apenas um pouco da elegância da demonstração freudiana, a oportunidade de mostrar, por meio do mesmo pássaro, como a psicanálise ilumina a mitologia pessoal e coletiva. Aliás, a instância egípcia não perde nada de seu valor, pois o que está em causa é a defesa da universalidade do esquema freudiano. Se a mitologia é entendida como sendo tão-somente uma projeção da mente, a teoria da libido, por sua vez, sugere que deva ser encontrada,

em algum momento, em algum lugar, uma representação coletiva que se refere a um personagem feminino e, ainda assim, fálico.]

A fantasia de Leonardo expressa, para além do pássaro ser abutre ou não, uma tentativa de simbolizar com posterioridade algo que ele foi incapaz de fazer em um determinado momento da sua infância. Ele não teria tido meios para simbolizar a sedução materna. Segundo Freud, ela o teria beijado diversas vezes na boca. [A sexualidade materna estaria por trás da inibição de Leonardo. (pp.363-371).] No entanto, a "explicação" é no mínimo surpreendente. Ela exige uma total adesão à tese de que apenas o sexual é simbolizável. Toda reconstrução de Freud exige que Leonardo não tenha convivido com o pai desde o nascimento. Quando Freud escreveu o presente texto ele sabia da existência de versões que defendiam a hipótese contrária. Contudo, optou por ignorá-las e aceitar que o pai de Leonardo somente o admitiu em casa quando seu casamento mostrou-se estéril. Da Vinci teria caminhado na direção de tornar-se um grande investigador a partir do momento em que se debateu com a questão de saber por que ele não tinha um pai. Por não conseguir solucioná-la, uma vez que era demasiadamente prematuro no momento em que a formulou, adquiriu uma inibição que iria perdurar por toda a sua vida. Este seria o motivo de deixar suas obras incompletas. Ele as tratava como seu pai o tratou. Os sintomas traduziriam apenas a incapacidade crônica de Leonardo de simbolizar situações para as quais se encontrava sempre em estado de prematuridade. A ausência paterna também teria criado as condições para uma relação intensa com a mãe. [Se Leonardo efetivamente foi viver com o pai desde o nascimento, as condições para o estabelecimento de uma mãe fálica e para as suas primeiras indagações estariam comprometidas, e com elas, toda a decodificação pro-

posta. Pois se o sugar o seio materno é organizador do desejo presente na fantasia, sua versão homossexual é estabelecida pela fixação na figura materna e pela repressão desse amor.]

Supondo que a relação tenha existido nos termos propostos, "explica-se" o fato de Leonardo desconsiderar as suas obras através de uma identificação paterna: "Na busca pelo sorriso da mãe, ele sente-se, em certo sentido, masculino." (p.340). E ao se sentir assim, dedica à sua produção o mesmo tratamento que o pai lhe deu. Logo, é a vida sexual infantil do pintor e inventor italiano que "explica" a inibição de seus afetos. O operador de individuação, introduzido por Freud, consiste em mostrar que apenas uma pessoa que tivesse tido a vida sexual de Leonardo teria produzido as suas obras, ações, fantasias, etc. Em suma, a "explicação" apresenta-se como um quadro, uma *gestalt*, onde todas as particularidades arroladas encontram sua justificativa. O caso aparece como uma série de enigmas que devem ser resolvidos a partir de fragmentos. Toda a montagem visa reconstruir algo aparentemente impossível: o momento em que Leonardo formou a fantasia infantil. Freud, com a meticulosidade de um detetive, atento para os menores indícios - aliás, são estes os que contam -, leva-nos a uma solução. ["Explicar" significa, portanto, montar uma *gestalt* onde todos os elementos encontrem a sua razão de ser, formando uma narrativa sólida. O critério da consistência interna é usado porque não contamos com as associações de Leonardo. Assim, temos que tomar vários elementos que o cercam como se fossem sintomas e, a partir deles, indicar o que eles estariam simbolizando.] Entretanto, Freud certamente diria que o critério de consistência é secundário em relação à referência fornecida pela teoria da sexualidade infantil. Se ela não fosse levada em conta, seria inevitável tomar

toda a reconstrução freudiana de Leonardo como uma narrativa engenhosa, mas sem vínculos com a realidade. Portanto, torna-se necessário, para manter a viabilidade de nossa leitura, mostrar que a teoria da libido pode ser pensada como uma teoria dos atos lingüísticos.

4. A teoria da libido como uma teoria dos atos lingüísticos

No Capítulo 3 estudamos o novo aparelho psíquico proposto por Freud a Fliess na carta de 6 de dezembro de 1896. Comentamos que o modelo foi construído para explicitar as características das três neuroses de defesa estudadas naquele momento: histeria, neurose obsessiva e paranóia. À cada uma delas correspondia um sistema de memória, chamado respectivamente de signos perceptuais, inconsciente e pré-consciente. Também advertimos que a ordem de constituição das neuroses estava completamente errada, mas que o modelo era interessante visto que passava a subordinar as relações quantitativas a certas operações de sentido. A repressão decorreria de um defeito de tradução das inscrições de um sistema no seguinte. Não nos parece despida de interesse a tentativa de relacionar esse esquema com a teoria da libido, tal como ela foi descrita em 1924 por Abraham em *Esquisse d'une histoire du développement de la libido basée sur la psychanalyse des troubles mentaux*.

Antes de expor as diferentes fases da libido, é preciso afastar de imediato algumas possíveis objeções, na medida em que essa teoria é tida por muitos como uma abominável teoria psicológica do desenvolvimento, onde cada fase prefigura a seguinte. Destarte, é salutar assinalar que não se

trata de nenhuma maneira de ressuscitar qualquer projeto que visaria transformar a psicanálise em uma psicogênese das funções psíquicas. [Nosso interesse é propor uma alternativa ao esquema que toma a teoria da libido e o Édipo como referências últimas para os deslocamentos de sentido. Estamos procurando mostrar que a psicanálise, ou melhor, a metapsicologia até 1920 preocupou-se indevidamente com uma questão que deriva de certas opções filosóficas tomadas por Freud no final do século XIX. O positivismo freudiano leva-o a buscar uma fonte externa que seria responsável pelos aparentes atos irracionais do homem.] Na nossa compreensão, a teoria das fases não é uma teoria desenvolvimentista em nenhum sentido. Ela é uma teoria sobre as formas da fantasia, sobre a importância da palavra ouvida em certas situações de interação com o outro. Se é verdade que a teoria supõe certas condições biológicas, é inegável, como indicaremos a seguir, que estas não desempenham qualquer papel na sua constituição.

O primeiro sistema, S_{y_1} , relaciona-se com os objetos sob a forma monolítica da incorporação. Neste momento, o aparelho psíquico não faz nenhuma separação entre sujeito e objeto. As representações estão associadas entre si por relações de simultaneidade. Basta evocar uma para que todas as outras sejam igualmente recordadas, formando o circuito do desejo. Para S_{y_1} não haveria diferença entre percepção e representação. Se S_{y_1} fosse o único sistema de memória de um organismo, este viveria sob o domínio da alucinação e acabaria por perecer. A inibição das recorrentes alucinações é feita através da introdução de uma nova organização no seu interior, S_{y_2} . Com ele surge a primeira ambivalência no ser humano, que pode ser expressa pela fórmula devorar/ser devorado. Estamos na fase oral tardia, onde os objetos são inscritos sob a forma da introjeção. Haveria

uma primeira forma de pensar, introduzida pelo julgamento, pela ausência de concordância entre objeto de desejo e a percepção atual. As representações presentes em Sy_2 organizam-se, como em todos os sistemas que se formarão a seguir no aparelho psíquico freudiano, em torno de relações causais. Através do temor, do medo, do horror - as primeiras potências anímicas (*seelischen Mächte*) construídas contra a pulsão sexual oral -, e da ênfase social conferida à zona erógena anal em detrimento da oral, sedimenta-se Sy_3 sobre Sy_2 . O objeto inicial, o seio materno, dá lugar a um novo objeto, as fezes. Estas recebem um sentido inicial e são apreendidas como instrumento de agressão. A ambivalência em Sy_3 expressa-se pela oposição destruir/ser destruído. Como, em Freud, a percepção é sempre uma representação intensa, a realidade é constituída, agora, através do mecanismo de projeção. O controle do esfíncter, aliado à culpa - a nova potência anímica formada contra a pulsão sexual anal precoce -, leva à constituição de um novo sistema inconsciente, Sy_4 . As fezes adquirem o sentido de um presente, de uma dádiva. A ambivalência em relação ao objeto manifesta-se pela oposição dominar/ser dominado. A realidade é captada através do mecanismo de transposição. Por fim, a repugnância - a penúltima potência anímica a estabelecer-se, aliada a certas circunstâncias biológicas, leva à última organização pré-genital da libido, Sy_5 , à fase fálica, onde o objeto fundamental é dado pelo falo. A ambivalência revela-se pela oposição castrar/ser castrado. A realidade organiza-se em torno do mecanismo de conversão. Através do pudor - a última das potências anímicas descritas por Freud -, e determinadas condições biológicas, estariam dadas as condições para uma estrutura de desejo genital. Neste caso, a realidade em Sy_6 é inscrita por meio da linguagem. A ambivalência em relação ao objeto desaparece, e a única oposição presente é dada pelo par masculino-feminino. O

único obstáculo à pulsão sexual são, segundo Abraham, as prescrições sociais. (p. 309)

Com a ajuda dessas breves indicações sobre a teoria da libido, não é difícil revelar sua real importância. Ela não é - não custa insistir -, uma teoria do desenvolvimento infantil, como foi assinalado por inúmeros comentaristas. Ela é uma teoria dos atos lingüísticos que descreve os diversos tipos possíveis de fantasias, presentes tanto nas neuroses como nas psicoses. Tanto uma como a outra podem ser entendidas como perturbações na tradução das inscrições de um sistema para o seguinte. Os resultados dessas traduções podem ser vistos como constituindo as fantasias. Assim, se há uma perturbação na tradução de Sy_5 , o sistema da fase fálica, para Sy_6 , o sistema da fase genital [Correspondendo na primeira tópica ao pré-consciente.], o resultado será duplo: perda da capacidade comunicativa do sujeito e aparecimento de fantasias histéricas, que podem tomar a forma, por exemplo, de sintomas somáticos. [A primeira consequência decorre do fato da tradução ser incorreta, visto que a fala do sujeito sofre modificações na transcrição de uma representação de Sy_5 para Sy_6 . Com isso, produz-se uma alteração no sentido da fala do sujeito que a torna inadequada, imprópria e acompanhada de consequências indevidas. (Tudo isto resulta da lacuna que se produziu em Sy_6 pela ausência de tradução.) A segunda perturbação é produzida porque, para Freud, o aumento de quantidade, que decorreria caso a tradução fosse realizada, dissolve-se segundo a forma imposta por Sy_5 , portanto, por conversão. Também não se pode esquecer o efeito de posterioridade que a representação adquire no processo de transcrição. No momento da tradução ela perde a característica de ser um traço mnemônico e é alucinada.]

Essas indicações altamente abstratas tornam-se mais concretas quando são aplicadas a um caso clínico. Por exemplo, o caso da analisanda descrito por Freud em *Die Disposition zur Zwangsneurose*. Trata-se de uma mulher que deseja ter um filho, mas o marido recusa-se. A analisanda, em conseqüência, passa a apresentar sintomas típicos de uma histeria de angústia. O marido dá-se conta, inconscientemente, de que seria responsável pela doença da esposa, e, pela primeira vez, falha na relação sexual. Em decorrência, surgem novos sintomas na analisanda. Ela passa a exibir compulsões, como lavar e limpar a casa, além de tomar uma série de medidas protetoras e enérgicas contra injúrias severas que poderia fazer contra outras pessoas, em especial, contra seu esposo.

A história da libido da analisanda deve ser compreendida a partir das modificações sofridas pela oposição intencional de desejos que determina seu comportamento. Inicialmente, ela foi frustrada no seu desejo consciente de maternidade. Todavia, mesmo este desejo, não é nem simples, nem transparente. Ele simboliza outras coisas; logo, torna-se necessário desvendar o seu sentido. A analisanda deseja ter um filho, mas de quem? Segundo a teoria freudiana, o desejo de maternidade também é organizado pela relação edipiana. [Na nossa leitura, ele resulta de uma fantasia organizadora, cujo sentido será elucidado a seguir.] Vigora, para todos os desejos do ser humano, a mesma relação presente entre o desejo infantil e os diurnos na produção de um sonho: o desejo infantil é sempre o capitalista [Ele fixaria na leitura freudiana a referência última. Na nossa concepção, ele é um instrumento que produz certas modificações de sentido quando é usado.], enquanto os diurnos desempenham o papel de empreendedor [Ele determina o sentido usual, aquele que está em posse da comunidade lingüís-

tica, ou, para usar uma descrição já estudada, o processo secundário do pensar (o desejo diurno que aqui se revela como desejo de ter um filho do marido) é atravessado por um processo primário (a defesa contra o retorno do reprimido, o desejo infantil de ter um filho do pai).] O efeito do desejo incestuoso é demonstrado pelos efeitos produzidos, na analisanda, pela recusa do marido. Ela não reage de forma apropriada. [A repressão produz lacunas que são preenchidas por meio da elaboração secundária. O efeito sobre a fala da analisanda é apresentar causas mentais que não podem ser razões para os estados afetivos que ela exhibe; elas são, em última análise, risíveis.] Freud observa que o desejo seria na verdade expressão de um desejo de sedução que se manifestou com posterioridade. [Como o caso em análise é anterior a 1923, a angústia decorre da fantasia sexual incestuosa.] Sua falta de realização - sua frustração -, produz a angústia que se liga a um "repúdio de fantasias de sedução" (*Versuchungsphantasien*). A resposta do marido à angústia da mulher, sob a forma de uma impotência temporária, satisfaz a mesma fantasia, mas transcrita em Sy_5 , o sistema da fase fálica. [Só em Sy_6 as representações são passíveis de uma expressão verbal. Em todos os outros sistemas, elas manifestam-se sob a forma de sintomas.] Entretanto a satisfação da fantasia na versão Sy_5 é frustrante na perspectiva de Sy_6 , o sistema mais recente, o genital. O resultado desse desacordo, expresso pela equivalência prazer fálico = desprazer genital, é um compromisso que pode ser entendido como "formações reativas contra pulsões anais e sádicas". [A fantasia de Sy_5 é uma fantasia histérica, a fantasia de castrar o pai ou seu delegado, no caso, o marido. Sua realização produz o retorno do reprimido anal.] A fuga ao desprazer leva a fantasia a uma transcrição mais antiga ainda, a Sy_4 . [Para poder fugir ao conflito, o agente é levado a uma regressão maior, a um modo de expressão

mais primitivo, e, portanto, mais inadequado ainda do ponto de vista de Sy_6 , a fantasia de dominar.]

Freud considera o caso como sendo muito importante porque "... ele poderia reivindicar o valor de um documento bilíngüe e mostrar como um conteúdo idêntico pode ser expresso por ambas neuroses [histeria e neurose compulsiva] em linguagens diferentes." (p. 111) Vamos considerar, por hipótese, que o conteúdo comum seja o de ter um filho do pai. Como ele se inscreveria com posterioridade no último sistema? Através da linguagem ordinária pelo desejo de ter um filho do marido. Dado que este recusa-se, há uma regressão à fase fálica, e a fantasia [Esta resulta sempre da oposição intencional entre o desejo e as forças antitéticas, as representações morais.] agora se manifesta pela fantasia de ter o falo, equivalente à fantasia de castrar o marido. [A teoria supõe que o desejo por um filho é o desejo pelo falo. Na medida em que o marido nega-se, ela fantasia que poderá apoderar-se do falo que segundo sua crença é um objeto possuído pelo marido. Logo, ela constrói uma fantasia de castração.] A defesa contra essa versão arcaica de um mesmo desejo exprime-se sob a forma de angústia. Contudo, o marido inconscientemente satisfaz a fantasia de castração, igualmente inconsciente, da sua esposa, e falha na relação sexual. A realização inesperada da versão arcaica do desejo, a fantasia de castração, leva a uma ampliação da defesa contra o desprazer gerado pela sua tradução, e a uma regressão a uma fase mais primitiva, à fase anal tardia. [A teoria sempre supõe um conflito entre o recente e o arcaico, pois este apresenta-se sob a forma do retorno do reprimido.] A oposição castrar/ser castrado dá lugar à oposição dominar/ser dominado. Assim, o desejo de ter um filho (genital) traduziu-se numa versão arcaica, na fantasia de possuir

o falo (fálico). A defesa desencadeada contra ele produziu angústia.

Os proferimentos da analisanda são sempre função da interação entre os diversos Sy , concomitantemente presentes. O resultado, quando não prevalece o processo secundário, é a produção de contra-sensos. As expressões lingüísticas são substituídas por sintomas somáticos, idéias fixas, rituais obsessivos, alucinações visuais e auditivas, delírios, etc. Dado que o ponto de fixação dessa paciente localizava-se na fase anal tardia, e o desejo foi realizado na sua versão fálica - o marido comportou-se como se fosse castrado -, ela regride, devido ao desprazer gerado, a uma versão mais primitiva que se exprime em Sy_4 como desejo de dominar o marido. A defesa mobilizada contra a versão anal do desejo produz uma nova formação de compromisso, ou seja, um novo sintoma: a compulsão de limpar e as medidas protetoras contra algum mal que ela poderia causar. Tais medidas visam, em última análise, salvaguardar o objeto de amor da hostilidade a que ele está sujeito. [O desejo de dominar revela-se sob a forma de fantasias de dominação carregadas de componentes sádicos. A defesa contra esse sintoma são os rituais obsessivos que, como já estudamos, decorrem da repressão de sintomas.]

Como é notório, a neurose transitou pelas diversas traduções de um mesmo desejo no sentido inverso percorrido pela transcrição das instâncias. Partimos da versão genital e chegamos, no caso dessa paciente, até a sua versão anal tardia. O que nos impõe um novo esclarecimento: elucidar o que produz o desejo desde a sua versão mais remota, ou seja, desde Sy_1 . Antes de estudá-la, é conveniente observar o que Freud entendeu por "relação causal". As representações inconscientes são representações de ob-

jetos, onde alguns desses objetos podem ser representações de termos da linguagem. No caso dessa analisanda, a oposição entre a fantasia de castração e o pudor, levou a um desprazer que se resolveu de acordo com a estrutura de desejo anal, ou seja, através de transposição que se expressou pela formação de rituais obsessivos. O prazer gerado pela fantasia de dominar, de humilhar, dada a fixação da analisanda, é suficiente para contrabalançar a repugnância, mas não para torná-la perversa. Se a repugnância fosse maior, ela poderia regredir, para fugir ao desprazer, até uma organização anal precoce e desenvolver fantasias paranoicas. As fantasias de castrar (fálica) e de dominar (anal) expressam sempre a repressão de um mesmo desejo. A fala da analisanda também sofre modificações. A expressão verbal "quero ter um filho" transforma-se na estrutura fálica em angústia e na estrutura anal tardia, em rituais obsessivos. Todas as expressões verbais que acompanham os sintomas são fruto da elaboração secundária, destinada a preencher as lacunas criadas em Sy_6 pela falta de inscrição. No sistema formado pelos signos perceptivos, Sy_1 , encontra-se a forma mais primitiva e decisiva do circuito de desejo. O que significa esta forma? Tão-somente que, no primeiro sistema de memória, é inscrito o circuito constituído pelo desejo originário. Nele vigora uma relação de simultaneidade entre duas representações essenciais para todo processo psíquico: a de objeto e a de palavra ouvida, que, dadas as considerações feitas em *Das Unbewusste*, podem ser expressas como um vínculo entre representação de coisa e de palavra. Contudo, o que predomina é o aspecto sensorial dessas representações; em especial, seu elemento visual. [A representação de coisa designa, como vimos, a possibilidade geral de sensação, logo, ela não pode ser confundida com uma sensação de qualquer natureza. O aspecto sensorial só pode decorrer de Sy_6 e nunca de qualquer outro Sy_i . Todos

eles são completamente inacessíveis à consciência e podem apenas ser reconstruídos pela psicanálise. [Não podemos nos esquecer que desde *Entwurf* o aparelho psíquico freudiano é pensado como algo que visa instaurar a passagem da imagem para a palavra.] Quando a fase oral tardia surge, ou seja, quando Sy_2 é construído, este tem uma dupla função: transcrever as inscrições de Sy_1 e impedir que elas sejam alucinadas. [Estudamos que a recordação inserida no sistema mais primitivo é sempre alucinada no sistema seguinte. Portanto, a transcrição em Sy_2 é transcrição de fantasia. Sy_2 não impede a alucinação do material de Sy_1 , apenas daquelas lembranças que ele pode transcrever, isto é, da cena alucinada a partir de Sy_1 . Também se estabelece um nexó entre representação de coisa e representação da palavra ouvida. Mas como a coisa representada é diferente, tudo se passa como se aquilo que se exprimia em termos de "lábios" tivesse ser expresso agora em termos de "dentes". "Relação causal" designa a ligação construída entre representação de coisa e a da palavra ouvida. [A representação de coisa, em consequência da análise feita, teria uma tripla função: representar a possibilidade geral de sensação, ter um papel causal, remeter a um objeto externo. Ora, a noção de fantasia, como produto da palavra ouvida, prescinde tanto do papel causal (as relações poderiam ser pensadas como relações de sentido, como relações entre termos) como do objeto externo (as palavras ouvidas não precisam remeter a algo existente). Mas retém a função de representar a possibilidade geral de sensações, na medida em que cada zona erógena forma um tipo diferente de possibilidade geral de sensações e esta pode ser pensada como universal, como condições biológicas necessárias mas não suficientes para a construção das fantasias.] Mas por que, fora Sy_1 , não há nos Sy_1 restantes relações de simultaneidade? Porque estes têm como função precípua inibir a relação de

simultaneidade. Os vínculos estabelecidos por eles são de similariedade, ou seja, eles criam condições para determinar se o objeto diante deles é, ou não, idêntico ao objeto desejado. Quando da formação de Sy_3 teremos uma nova tradução que se pode descrever como a passagem das fantasias construídas sob a forma de falar "dentes" para as fantasias do tipo modo de falar "fezes". Assim, as diversas fases da libido expressam relações de tradução entre um X primitivo, oriundo do modo de falar dos "lábios" e a fala cotidiana, a de Sy_6 . [Evidentemente resta responder à questão sobre a origem do desejo, uma vez que ele se formaria em Sy_1 . A resposta mais apropriada dentro da leitura proposta seria considerá-lo como desejo pelo falo, desde que ele não seja de nenhuma maneira reificado ou seja objeto de uma pesquisa pela sua origem (em outros termos, ele não tem origem, ele é a fantasia organizadora do psiquismo humano e supõe as propriedades da linguagem humana para gerar efeitos de sentido) ou assimilado a algo tão especulativo como um 'significante'. Ele deveria ser o ponto terminal da pesquisa, ou melhor, o ponto inicial de uma psicanálise que tivesse abandonado seus preconceitos positivistas. A busca por uma referência é sua indicação mais nítida. Abandoná-la é definir novos parâmetros para a metapsicologia freudiana.] Todavia, entre elas, há uma série de modos de falar intermediários. [A diferença aparentemente irreduzível entre as sensações emanadas das diversas zonas erógenas influi de forma permanente sobre a própria linguagem natural. De certa maneira, a teoria freudiana confere um grande peso a partes e fluidos corporais. Estudamos como o desejo de ter um filho (estrutura genital) traduzia-se na fala fálica como a fantasia de ter o falo; na fala anal tardia, como a fantasia de dominar. Se a analisanda tivesse um ponto de fixação na fase oral tardia, o desejo poderia ter sido traduzido como fantasia de destruir e na estrutura anal precoce como

fantasia de devorar.]

Na metapsicologia clássica a última tarefa seria a de exhibir a origem do desejo em Sy_1 . Freud descreve três perdas no ser humano: a do seio materno, a das fezes e a castração. Uma leitura desenvolvimentista da teoria da libido não teria muita dificuldade em atribuir ao seio o papel de referência fundamental para todos os desejos posteriores. Segundo ela, a perda das fezes e a castração seriam terríveis para o ser humano porque repetiriam a perda originária do seio. Se isso fosse verdadeiro, poderíamos pensar que a organização das representações na memória é feita em torno dessa "perda estruturante". Contudo, estaríamos, ao mesmo tempo, poupando Freud de escrever *Totem und Tabu*. Não saberíamos o que fazer com suas hipóteses filogenéticas. Elas seriam perfeitamente dispensáveis. Nossa própria vida encarregar-se-ia de construir os diversos sistemas de memória. O desejo seria determinado pela perda do seio materno. Todo desejo seria sempre o desejo de reencontrar o seio perdido.

Uma outra leitura mais sofisticada, menos psicológica, construiria a referência básica a partir de outro, mais precisamente da sexualidade do outro. Não falaria em fase - esta noção carregada de psicologismo -, mas na prematuridade da criança para simbolizar a sexualidade do adulto. E para que a teoria ganhasse rapidamente ares de cientificidade, ela poderia autodenominar-se teoria da sedução generalizada. Ela exploraria também o aspecto da tradução entre os diversos momentos de tal maneira que não pudesse ser acusada de contrabandear a noção de regressão e tudo que lhe cerca. Daria uma ênfase merecida à noção de posterioridade, mas continuaria presa do preconceito freudiano de que é preciso encontrar uma re-

ferência externa. [Como o leitor advertido deve ter-se dado conta não recorreremos na nossa exposição a nenhum conceito aparecido depois de 1920. O artigo de Abraham é de 1924, mas não fizemos nenhuma alusão à nova tópicca ou às noções de pulsão de vida e de morte. O motivo desse silêncio é metodológico. Consideramos que a leitura proposta é razoável até a publicação de *Jenseits des Lustprinzips*. Com a introdução da noção de compulsão à repetição, a questão da racionalidade parece modificar-se radicalmente.]

5. A fala como ato falho

Torna-se necessário achar para a psicanálise uma teoria da significação que abandone a crença de que as palavras remetem a objetos. Mas isto só terá sentido se a teoria encontrada também recusar a tese de que a função principal e praticamente única da linguagem é descrever estados de coisa. [A outra função menos nobre - porque através dela os enunciados são despídos de significado (não são nem verdadeiros, nem falsos) - é a função expressiva ou evocativa da linguagem. Ela comunica ou motiva o aparecimento de estados emocionais.] A teoria de Austin dos atos de fala parece preencher todos os requisitos assinalados. Em *How to do Things with Words* ele considera uma terceira função para a linguagem: fazer algo. Assim, quando relatamos que "andamos", "contemplamos", "choramos", etc., estamos descrevendo ou constatando determinadas coisas, de modo que se de fato houver uma correspondência entre o estado descrito ou constatado e o mundo, os proferimentos serão verdadeiros, caso contrário, falsos. Austin define performativos por meio de exemplos, como "Batizo esse

navio de *Queen Elizabeth*' - quando proferido ao quebrar-se a garrafa contra o casco do navio.", ou "Aposto seis *pence* que vai chover amanhã." (p. 5) Ele observa que: "Nesses exemplos parece claro que proferir a sentença (certamente, dentro de circunstâncias apropriadas) não é *descrever* o ato que estaria praticando ao proferir meu ato ou declarar que o estou praticando: é fazê-lo. Nenhum dos proferimentos citados é verdadeiro ou falso: considero isto óbvio e não vou discuti-lo." (p. 6) Em *Performatif-Constatif*, publicado pelo Cahiers de Royaumont sob o título *La Philosophie Analytique*, Austin observa: "O proferimento constatativo tem, sob o nome de *asserção* a propriedade tão cara aos filósofos de ser verdadeiro ou falso. Ao contrário, o proferimento performativo nunca pode ser um ou outro: ele tem uma função própria, serve para efetuar uma ação." (p. 271)

Austin determina as condições que deveriam ser satisfeitas para que um performativo seja feliz (*happy*):" (A.1) Deve existir um procedimento aceito convencionalmente que tenha um certo efeito convencional e que inclua o proferimento de certas palavras, por certas pessoas em certas circunstâncias e além disso, que (A.2) as pessoas e circunstâncias em questão em um dado caso devem ser apropriadas para o procedimento particular invocado. [O tipo A.1 descreve situações em que não há procedimento ou não há procedimento aceito; o tipo A.2 onde as pessoas ou as circunstâncias são inapropriadas. Em ambos os casos, haveria más invocações, ou seja, os proferimentos não poderiam ter sido feitos, o ato de dizer é nulo.] (B.1) O procedimento deve ser executado por todos os participantes de modo correto e (B.2) completo. [Aqui o ato é prejudicado pela sua má execução, a conduta a ser seguida foi ou incorreta ou incompleta. Houve um erro de

participação.] (¶.1) Quando, como é freqüente, o procedimento é projetado para pessoas que têm certos pensamentos ou sentimentos, ou para a instauração de uma certa conduta correspondente por parte de qualquer participante, então o participante, ao invocar o procedimento, deve de fato ter aqueles pensamentos ou sentimentos, e os participantes devem pretender conduzir-se dessa forma, e além disso (¶.2) devem efetivamente conduzir-se assim subseqüentemente." [Não se trata de desacertos, mas de abusos, o agente ou é insincero no presente ou no futuro.] (*How to do Things with Words*, pp. 14-5)

Os dois últimos requisitos (¶.1) e (¶.2) merecem ser discutidos, se pretendemos recorrer à teoria dos atos de fala. Para Freud, a questão da sinceridade não pode ser colocada da forma singela apresentada por Austin. O analisando pode prometer [um caso exemplar de performativo] e com toda boa fé trair a sua promessa. Neste caso, o performativo seria infeliz. Mas é exatamente a idéia de que o analisando é um "especialista" em performativos infelizes que torna a teoria de Austin tão atraente para a psicanálise.

Para precisar o último ponto, vamos recorrer a outras distinções de Austin: as que ele estabelece entre os atos locucionários, ilocucionários e perlocucionários. Quando se diz alguma coisa, por exemplo, (I) "A Lua é o satélite da Terra" ou (II) "Prometo que entrego o meu trabalho dentro do prazo" estou fazendo dois proferimentos. O primeiro é constativo - a proposição é verdadeira -, e o segundo é um performativo, que pode ser feliz ou infeliz, mas não é nem verdadeiro, nem falso. Mas há algo comum a eles: são a realização de atos. Austin chama esses atos de atos locucionários.

(p. 94) Ao realizar atos locucionários eu pratico também outros atos, como promessas, alegações, questões, etc. Estes atos são denominados por Austin de atos ilocucionários. (p. 98) Cada proferimento locucionário é dotado de uma força ilocucionária, por exemplo, a força de uma promessa. Austin considera que: "Pode ser dito que durante muito tempo os filósofos negligenciaram este estudo, tratando todos os problemas como problemas de 'uso locucionário', e na verdade que a 'falácia descritiva' mencionada na Conferência I geralmente surge ao confundir-se o problema da primeira espécie com o da segunda. Ora, estamos agora saindo disso; há alguns anos nos damos conta cada vez com mais clareza de que a ocasião de um proferimento tem grande importância, e que as palavras usadas devem em certa medida ser 'explicadas' pelo 'contexto' para o qual elas são planejadas ou foram realmente faladas numa troca lingüística. Contudo, talvez ainda estejamos demasiadamente inclinados a dar essas explicações em termos do 'significado de palavras'. Admitimos que também podemos usar 'significado' com referência à força ilocucionária - 'Ele queria dizer uma ordem', etc. Mas quero diferenciar *força* de significado no mesmo sentido em que significado é equivalente a sentido e referência, assim como se tornou essencial diferenciar sentido e referência." (p. 100) [Em outras palavras, Austin está propondo no lugar da referência na análise do significado a noção de força ilocucionária. Assim, diante de um proferimento constativo desconsideramos sua força ilocucionária e atentamos apenas para as condições de verdade. Se o proferimento for performativo, deixamos de lado sua referência, ou seja, sua correspondência possível com os fatos, e atentamos apenas para sua força ilocucionária.]

Mas além da força ilocucionária, um ato locucionário pode ter uma

força perlocucionária. Isto ocorre quando o ato locucionário acaba por produzir efeitos sobre o outro. (p. 101). Podemos agora retomar o problema acima. Alguém procura uma análise porque falta força perlocucionária aos seus performativos. Uma maneira de identificar um performativo é verificar se "na frente do enunciado encontra-se um verbo na primeira pessoa do singular, no presente do indicativo, na voz ativa." (*Performatif-Constatif*, p. 273)

Se adotarmos a teoria dos atos de fala de Austin como teoria do sentido, teremos certas implicações sobre o *setting* analítico. De início, devemos considerar que toda fala do analisando sempre será ouvida pelo analista como exibindo as características do inconsciente. Portanto, ela será considerada como um relato verdadeiro [É impossível alterar os caminhos de descarga.], referente ao agente [As personagens que surgem são apenas fruto de identificações feitas ao acaso, o neurótico não consegue dizer nada sobre o outro, só sobre si mesmo.], formuladas no presente do indicativo [O inconsciente desconhece o tempo.]. Logo, as condições do contexto de análise criam condições para que todo proferimento do analisando seja entendido como um performativo que visa produzir efeitos sobre o analista.

Antes de examinar as condições totalmente *a priori* que a teoria dos atos de fala colocaria sobre a fala do analisando, vamos estudar as condições igualmente determinadas *a priori* quando se atribui à fala as duas funções descritas pelo positivismo.

Se a fala for entendida como tendo a função descritiva, teremos três possibilidades. Na primeira, o analisando estaria relatando estados sub-

jetivos, estados internos. [Uma vez que a psicanálise desde o seu início optou por descrever os estados mentais em terceira pessoa, ela desconsidera completamente a introspecção como método de investigação do psíquico.] Na segunda, o analisando expressaria seus estados emotivos. [Mas, como estudamos, a função evocativa, a função catártica da fala, pertence ao seu período mais antigo, a sua pré-história.] Na terceira, poder-se-ia pensar que o analisando narra estados de coisa, acontecimentos. [A fala, por razões teóricas, é sempre formação de compromisso. Neste sentido, ela é sempre verdadeira, contudo, pode ser adequada ou inadequada. A mentira seria o produto de um agente capaz de ter consciência de todos os seus atos. Não é o caso na psicanálise. A mentira é sempre vista como resultado da elaboração secundária, portanto, tão reveladora quanto qualquer proferimento julgado veraz pelo analisando. Assim, o analista parte do pressuposto de que este sempre fala a verdade, mesmo quando o analisando julga estar mentindo.]

A fala do analisando não é aprendida em função daquilo que os signos lingüísticos representam. A possibilidade deles serem portadores de significado é tão-somente um pré-requisito. A análise interessa-se pela forma como os signos lingüísticos são usados na sessão analítica. Através do monólogo do analisando - que para ele teria a estrutura de um diálogo - os termos vão adquirindo um sentido todo particular que permite desfazer os símbolos privados. Alguns analistas ainda teimam em encontrar um lugar na situação de análise para a expressão de emoções, para aqueles momentos de compreensão empática do outro, etc. Ora, convenhamos que a psicanálise não é uma psicologia, muito menos uma terapia de apoio. Não se busca ouvir o analisando por aquilo que a fala expressa - sentimentos, pensamentos -,

ou por aquilo que ela suscita no analista. [Permitam-me uma analogia brutal, mas esclarecedora. Quando a lei condena alguém à morte e o carrasco executa a sentença, a lei não se volta nem para os estados emotivos do condenado, nem do carrasco.] Desviar o interesse da psicanálise para estados emotivos é transformá-la em psicologia e conferir à linguagem o papel de função catártica e perder de vista o que realmente interessa, ou seja, as relações de sentido.

A proposição 421 de *Philosophical Investigations* parece ser extremamente apropriada: "Parece paradoxal para nós que deveríamos fazer tal confusão, misturando estados físicos e estados de consciência em um relato *simples*: 'Ele sofre de grandes tormentos e debeteu-se sem cessar.' É bastante comum; por que então o consideramos paradoxal? Porque desejamos dizer que a sentença lida ao mesmo tempo com coisas tangíveis e intangíveis. Mas você se preocuparia se eu dissesse: 'Estes três tirantes dão estabilidade à construção'? Três e estabilidade são tangíveis? Olhe para as sentenças como um instrumento, e para seu sentido como seu uso." (p. 126) A teoria dos atos linguísticos parte dos seguintes pressupostos: (1) os atos são propriedade da comunidade linguística; (2) a unidade de análise é o proferimento em contexto de interação e não a palavra como em Freud; (3) o sentido de um proferimento é o seu uso no contexto analítico; (4) o determinismo psíquico é outro nome da normalidade imposta pela comunidade linguística; (5) não há lugar para o psicológico na análise, só para o sentido.

Dado estes pressupostos, torna-se possível descrever as condições totalmente *a priori* que se colocariam para a escuta analítica se enten-

dermos a função da fala como produção de performativos. A fala do analisando seria o resultado de uma imposição do analista para falar. Na verdade, do único performativo perlocucionário que ele deve fazer durante toda a análise: "Fale-me." [A regra psicanalítica, na medida em que ela especifica as condições para o dizer, ela aumenta a probabilidade da elaboração secundária por parte do analisando. Portanto, ela deve ser reduzida a uma fórmula minimalista.] O convite do analista é explicitamente um convite para um diálogo, como se ele proferisse algo como: "Diga alguma coisa para mim." O analisando decodifica o performativo perlocucionário do analista como uma proposta de troca: "Se eu disser algo para ele, ele irá revelar algo sobre mim." Diante deste quadro, a fala do analisando sempre visará produzir efeitos sobre o analista e é por isso que podemos observar que ela tenta convencer o analista de algo. [Este algo enquanto conteúdo é irrelevante. Mas ele não o é enquanto modo de falar que ele utiliza (descrito por nós como a teoria da libido enquanto atos lingüísticos). A fala do analisando deve ser entendida todo o tempo como um performativo que se origina de um ou de vários dos sistemas de memória.]

A tática do analista é fazer com que os performativos do analisando fracassem. Ele pode fazer isto de várias maneiras. Por exemplo, ficar em silêncio. Ou, como Freud, utilizar a teoria psicanalítica. Para cada performativo do analisando, ele pode retrucar da seguinte maneira: "Na nossa teoria quando alguém se expressa assim é porque está ocorrendo tal e tal coisa." [Nestes casos, a relação transferencial acaba por dar-se entre o analisando e a teoria psicanalítica.] Também seria possível fazer intervenções irônicas. Mas elas são perigosas porque podem soar como performativos do analista e dar, por conseguinte, oportunidade ao surgimento de ela-

borações secundárias por parte do analisando.

Em conseqüência do contínua infelicidade dos seus performativos, a fala do analisando sofre um processo crescente de desagregação. [É importante observar que a procura de uma análise deu-se justamente pelo motivo dos performativos do analisando serem infelizes. Ele quer convencer alguém de que sofre, mas só consegue gerar risos. Ele diz para alguém que ama, porém o outro não o leva a sério. A diferença com a análise está na ausência de performativos por parte do analista. Caso contrário, a elaboração secundária impedirá que o agente tome consciência das razões da infelicidade de seus performativos.] Uma vez que a fala está sistematicamente falhada pela ausência de resposta por parte do analista, ela começa a adquirir a natureza de um ato falho. Ela entra em um processo de desagregação onde as fantasias dos diversos modos de falar começam a emergir. A teoria garante que o sentido é sempre o mesmo, não importa a aparência que ele tome. Todavia, como a fala agora apresenta-se esburacada, plena de lacunas, a intenção de convencer o outro torna-se patente. O sentido pode finalmente emergir, uma vez que a elaboração secundária foi removida. Ela caminha na direção de dissolver a relação transferencial. O analisando descobre o analista na da sabia sobre ele. Mas nesse longo processo ele toma posse, dentro dos limites fixados pela psicanálise [A transparência na comunicação com outro é apenas uma ilusão.], do sentido de seus proferimentos.

Quando o analisando recorre a um performativo ele imediatamente coloca o analista em um papel complementar. O ato de fala introduz de imediato a relação transferencial. Toda tentativa de responder ao perfor-

mativo do analisando é contra-transferencial e é impeditivo do trabalho de análise. [Esta teoria do sentido que pode ser explorada em várias direções - só oferecemos algumas de suas possíveis implicações - reaproxima a metapsicologia da prática clínica ao estabelecer algo como um protocolo para o analista. A sua atenção permanece flutuante justamente na medida em que ele não procura saber onde está o eu do agente, nem o valor de verdade de seus proferimentos. Ele explora apenas com os saltos na concatenação dos pensamentos, e a falta de motivação suficiente dos proferimentos.]

Conclusão

Lendo as páginas passadas fiquei com a impressão de que o presente trabalho nada mais seria do que uma enorme paráfrase de um aforisma de Wittgenstein: "Idéia de Freud: no delírio a chave não está destruída, apenas alterada; a chave velha não pode mais destrancar, mas uma chave diferentemente construída pode." (*Culture and Value*, p. 33) Uma chave distinta ainda é uma chave. O ato acrático não é imediatamente racional, mas construído diferentemente é. Acredito ter mostrado que Freud elaborou uma teoria do sintoma como ato acrático por meio da noção de simbolismo. Esta noção - devido a certos preconceitos herdados de Mill, até onde foi possível estabelecê-lo, assimilou toda a função lingüística à função de nomear objetos. Portanto, a pesquisa metapsicológico voltou-se para a busca de uma referência última que justificaria os desvios de sentido. Por outro lado, meramente como caminho possível, sugerimos a possibilidade de pensar a psicanálise a partir da noção de fantasia, logo da palavra ouvida, da palavra entendida como ato, onde ela deixaria de ser um meio entre o agente e o mundo, para transformar-se no próprio mundo do agente. Acredito que, além de ter alterado uma certa visão da teoria freudiana, abri diversas vias para diferentes pesquisas.

Nesse sentido, a conclusão é na verdade abertura para uma nova pesquisa que pretendo desenvolver. Pois ignoro o que ocorre com a questão da racionalidade após a postulação das noções de compulsão à repetição e pulsão de morte. Aparentemente, com elas, a busca por uma origem parece ter chegado a um fim. Impossível ir além dos fenômenos denotados por es-

ses termos. Mas é igualmente complicado aceitar que a noção de compulsão a repetir seja intencional. A morte é uma necessidade mais imperiosa do que a fome. Não há para ela nenhum sujeito prestativo que através de algum gesto pudesse interrompê-la.

Se essas duas noções são não intencionais e agem como forças cegas, então não há como escapar ao Princípio de Medéia. Logo, não haveria mais como resolver os sintomas, eles não poderiam ser mais dissolvidos na força normativa que nos comanda enquanto seres racionais. Teríamos que admitir um resíduo irremovível de irracionalidade, ou, numa posição mais extremada poderíamos nos interrogar se ainda há sentido em falar em racionalidade ou irracionalidade. Estas são questões a serem resolvidas.

Bibliografia

- Abraham, K. (1924) *Esquisse d'une histoire du développement de la libido basée sur la psychanalyse des troubles mentaux*, in: *Développement de la libido*, Paris: Payot, 1966.
- Aristóteles *Ética Nicomachea*, tradução de Marcello Zanatta, Milano: Biblioteca Universale Rizzoli, volume secondo, 1986.
- Austin, J. L. (1962) *How to do Things with Words* Oxford: Oxford Press, 1986
- Austin, J. L. Performatif-Constatif in: *La Philosophie Analytique*, Cahiers de Royaumont, Paris: Minuit, pp. 271-81, 1962.
- Benveniste, E. (1966) *Problemas de Linguística Geral* tradução de Maria da Glória Novak e Luiza Neri, São Paulo: Companhia Editora Nacional e EDUSP, 1976.
- Bercherie, P. (1983) *Génesis de los conceptos freudianos*, tradução de Jorge Piatigorsky, Buenos Aires: Paidós, 1988.
- Bernfeld, S. Freud's Earliest Theories and the School Of Helmholtz, in: *The Psychoanalytic Quarterly*, vol.XIII, pp. 341-62.
- Breuer, J. & Freud, S. (1893) *Vorläufige Mitteilung*, in: *Besammelte Werke*, Band I, Frankfurt: S. Fischer, 1977.

Breuer, J. (1895) Fr1. Anna O ..., in: *Gesammelte Werke*, Nachtragsband, Frankfurt: S. Fischer, 1987.

Breuer, J. (1895) Theoretisches, in: *Gesammelte Werke*, Nachtragsband, Frankfurt: S. Fischer, 1987.

Bouveresse, J. *Wittgenstein: La Rime et la Raison*, Paris: Les Éditions de Minuit, 1973.

Davidson, D. Paradoxes of irrationality in: *Philosophical Essays on Freud* (org.) Wollheim, R. Cambridge: Cambridge University Press, 1982, pp. 289-305.

Etcheverry, J. L. Sobre la versión castellana, in: *Obras Completas Sigmund Freud*, Buenos Aires: Amorrortu, 1981.

Eynine, S. *Donald Davidson* Cambridge: Polity Press, 1991.

Foucault, M. *Naissance de la Clinique*, Paris: PUF, 1963.

Freud, S. (1888) Hysterie, in: *Gesammelte Werke*, Nachtragsband, Frankfurt: S. Fischer, 1987.

Freud, S. (1889) Rezension von Auguste Forel, in: *Gesammelte Werke*, Nachtragsband, Frankfurt: S. Fischer, 1987.

Freud, S. (1890) Psychische Behandlung, in: *Studienausgabe*, Ergänzungsband, Frankfurt: 1982.

Freud, S. *Zur Auffassung der Aphasien*, Leipzig und Wien: Deuticke, 1891.

Freud, S. (1892) Bericht über einen Vortrag 'Über Hypnose und Suggestion', in: *Gesammelte Werke*, Nachtragsband, Frankfurt: S. Fischer, 1987.

Freud, S. (1892) Ein Fall von Hypnotischer Heilung, in: *Gesammelte Werke*, Band I, Frankfurt: S. Fischer, 1977.

Freud, S. (1893) Über den psychischen Mechanismus hysterischer Phänomene, in: *Gesammelte Werke*, Nachtragsband, Frankfurt: S. Fischer, 1987.

Freud, S. (1893) Charcot, in: *Gesammelte Werke*, Band I, Frankfurt: S. Fischer, 1977.

Freud, S. (1893) Quelques considérations pour une étude comparative des paralysies motrices organiques et hystériques, in: *Gesammelte Werke*, Band I, Frankfurt: S. Fischer, 1977.

Freud, S. (1894) Die Abwehr-neuropsychosen, in: *Gesammelte Werke*, Band I, Frankfurt: S. Fischer, 1977.

Freud, S. (1895) Über die berechtigung von der Neurasthenie einen bestimmten Symptomenkomplex als 'Angst-Neurose' abzutrennen , in: *Gesammelte*

Werke, Band I, Frankfurt: S. Fischer, 1977.

Freud, S. (1895) Obsessions et Phobies , in: *Gesammelte Werke*, Band I, Frankfurt: S. Fischer, 1977.

Freud, S. (1895) Studien über Hysterie, in: *Gesammelte Werke*, Band I, Frankfurt: S. Fischer, 1977.

Freud, S. (1895) Zur Psychotherapie der Hysterie, in: Studien über Hysterie, in: *Gesammelte Werke*, Band I, Frankfurt: S. Fischer, 1977.

Freud, S. (1895) Zur Kritik der "Angstneurose", in: *Gesammelte Werke*, Band I, Frankfurt: S. Fischer, 1977.

Freud, S. (1895) Zwei zeitgenössische Berichte über den dreiteiligen Vortrag 'Über Hysterie, in: *Gesammelte Werke*, Nachtragsband, Frankfurt: S. Fischer, 1987.

Freud, S. (1895) Entwurf einer Psychologie, in: *Gesammelte Werke*, Nachtragsband, Frankfurt: S. Fischer, 1987.

Freud, S. (1896) L'Hérédité et l'étiologie des névroses, in: *Gesammelte Werke*, Band I, Frankfurt: S. Fischer, 1977.

Freud, S. (1896) Weitere Bemerkungen über die Abwehr-Neuropsychosen, in: *Gesammelte Werke*, Band I, Frankfurt: S. Fischer, 1977.

Freud, S. (1899) Über Deckerinnerungen, in: *Gesammelte Werke*, Band I, Frankfurt: S. Fischer, 1977.

Freud, S. (1900) Die Traumdeutung, in: *Gesammelte Werke*, Band II/III, Frankfurt: S. Fischer, 1976.

Freud, S. (1905) Drei abhandlungen zur Sexualtheorie, in: *Studienausgabe*, Band V, Frankfurt: 1982.

Freud, S. (1910) Eine Kindheitserinnerung des Leonardo da Vinci, in: *Studienausgabe*, Band X, Frankfurt: 1982.

Freud, S. (1910) Über den Gegensinn der Urworte, in: *Studienausgabe*, Band IV, Frankfurt: 1982.

Freud, S. (1910) Über einen besonderen Typus der Objektwahl beim Manne, in: *Studienausgabe*, Band V, Frankfurt: S. Fischer, 1982.

Freud, S. (1912) Zur Dynamik der Übertragung, in: *Studienausgabe*, Ergänzungsband, Frankfurt: S. Fischer, 1982.

Freud, S. (1912-13) Totem und Tabu, in: *Studienausgabe*, Band IX, Frankfurt: 1982.

Freud, S. (1913) Die Disposition zur Zwangsneurose, in: *Studienausgabe*, Band VII, Frankfurt: 1982.

Freud, S. (1919) "Ein Kind wird geschlagen", in: *Studienausgabe*, Band VII, Frankfurt: 1982.

Freud, S. (1938) Findings, Ideas, Problems, in: *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*, vol. XXIII, London: Hogarth Press, 1964.

Freud, S. & Jung, K. *The Freud/Jung Letters*, London: Hogarth, Routledge & Kegan Paul, 1974.

Freud, S. & Abraham, K. *Correspondence 1907-1926*, Paris: Gallimard, 1969.

Freud, S. *Sigmund Freud Briefe an Wilhelm Flieg. 1887-1904* (org.) Jeffrey Moussaieff Masson e Michael Schröter, Frankfurt: S. Fischer, 1987.

Gabbi Jr, O. F. Notas sobre o conceito freudiano de símbolo, *Ciência e Cultura*, 48, n.º 12, 1988, pp. 1164-1167.

Gabbi Jr, O. F. Sobre a concepção da afasia e da histeria: notas sobre a relação entre anatomia e linguagem nos primórdios da teoria freudiana, in: *Filosofia da Psicanálise*, (org.) Prado Jr., B. São Paulo: Brasiliense, 1991.

Gabbi Jr, O. F. Exercícios em Psicomitologia, *Trans/Form/Ação*, vol. 14, 1991, pp. 1-44.

Gabbi Jr, O. F. Alice e a Metapsicologia, *Cadernos do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas*, nº 23, Campinas: Unicamp, 1992.

Giannotti, J.A. John Stuart Mill: O Psicologismo e a Fundamentação da Lógica, in: *Boletim* nº 269, São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, 1964.

Jones, E. (1955) *Sigmund Freud Life and Work*, vol. II, London: Hogarth Press, 1974.

Laplanche, J. *Vie et Mort en Psychanalyse*. Paris: Flammarion, 1970.

Meilhac, H. & Halévy, (1874) L. *Libreto de Carmen*, São Paulo: M.W. Editorial, 1989

Mill, J. S. Um Exame da Filosofia de Sir William Hamilton (excertos) in: *Os Pensadores*, tradução de Pablo Rubén Mariconda, São Paulo: Abril Cultural, 1979.

Mill, J. S. Sistema de Lógica (seleção) in: *Os Pensadores*, tradução de João Marcos Coelho, São Paulo: Abril Cultural, 1979.

Nassif, J. *Freud L'inconscient* Paris: Editions Galilée, 1977.

Nunberg, H. & Federn, E. (org.) *Les premiers psychanalystes*, Paris: Gallimard, 1978, vol, 2.

Pribam, K. & Gill, M. (1976) *O Projeto de Freud: um exame crítico*, tradução de Alvaro Cabral, São Paulo: Cultrix, s/d.

Strachey, J. Editor's Introduction in: Freud, S. *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*, vol. I, London: Hogarth Press, 1966.

Widlöcher, D. *Métapsychologie du sens*, Paris: PUF, 1986.

Wittgenstein, L. (1953) *Philosophical Investigations* Oxford: Blackwell, 1972.

Wittgenstein, L. (notas de Smythies, Rhees & Taylor) *Estética, Psicologia e Religião*, tradução de José Paulo Paes, São Paulo: Cultrix, 1970.

Wittgenstein, L.(1937) *Culture and Value* Oxford: Blackwell, 1980.